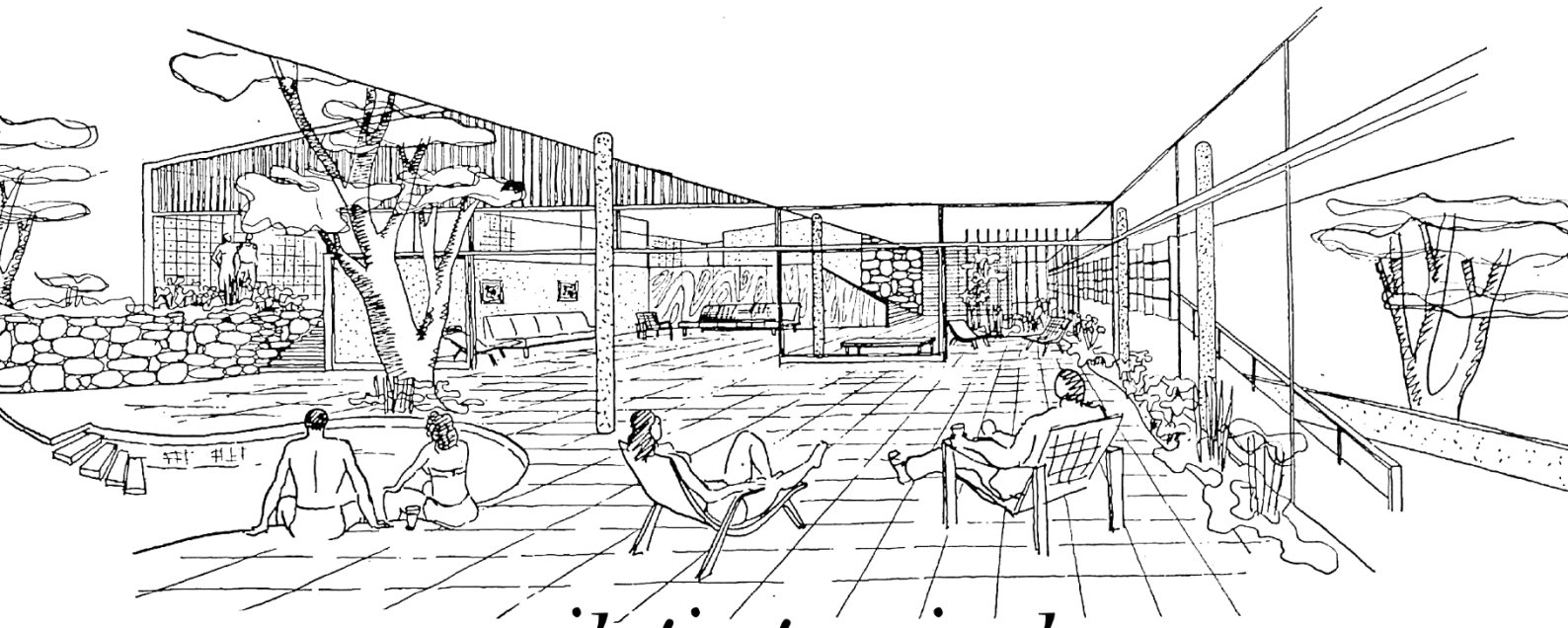
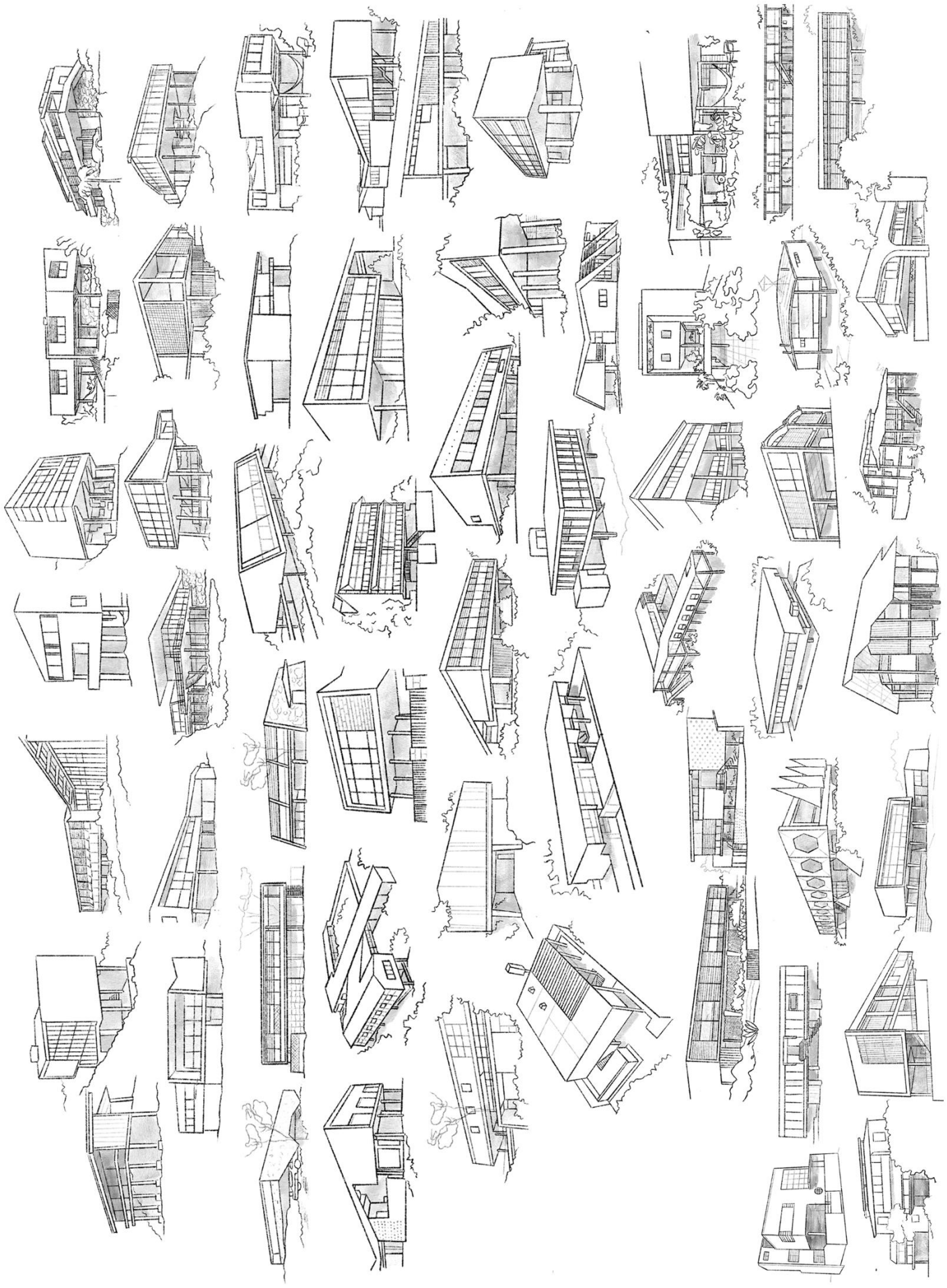
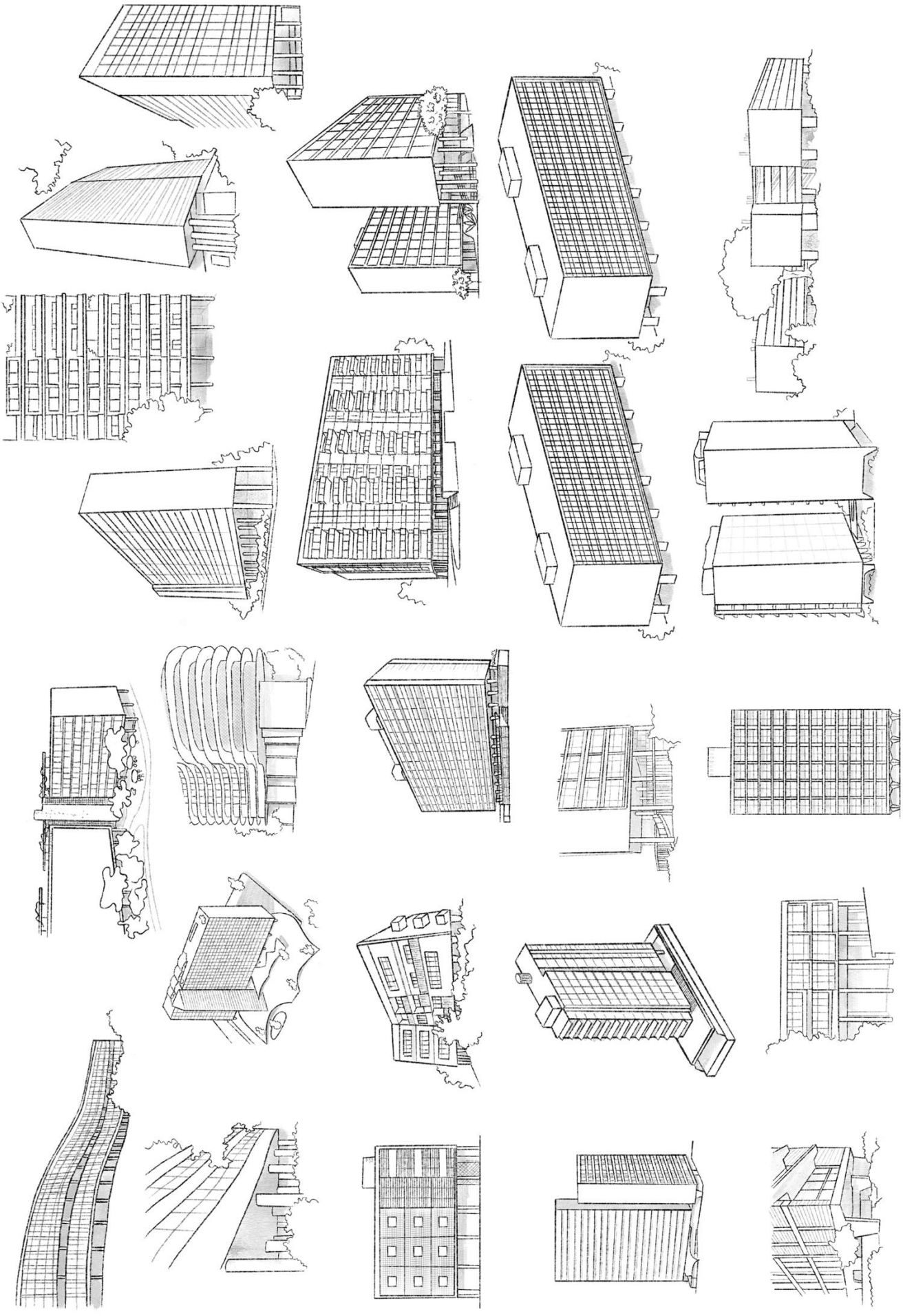
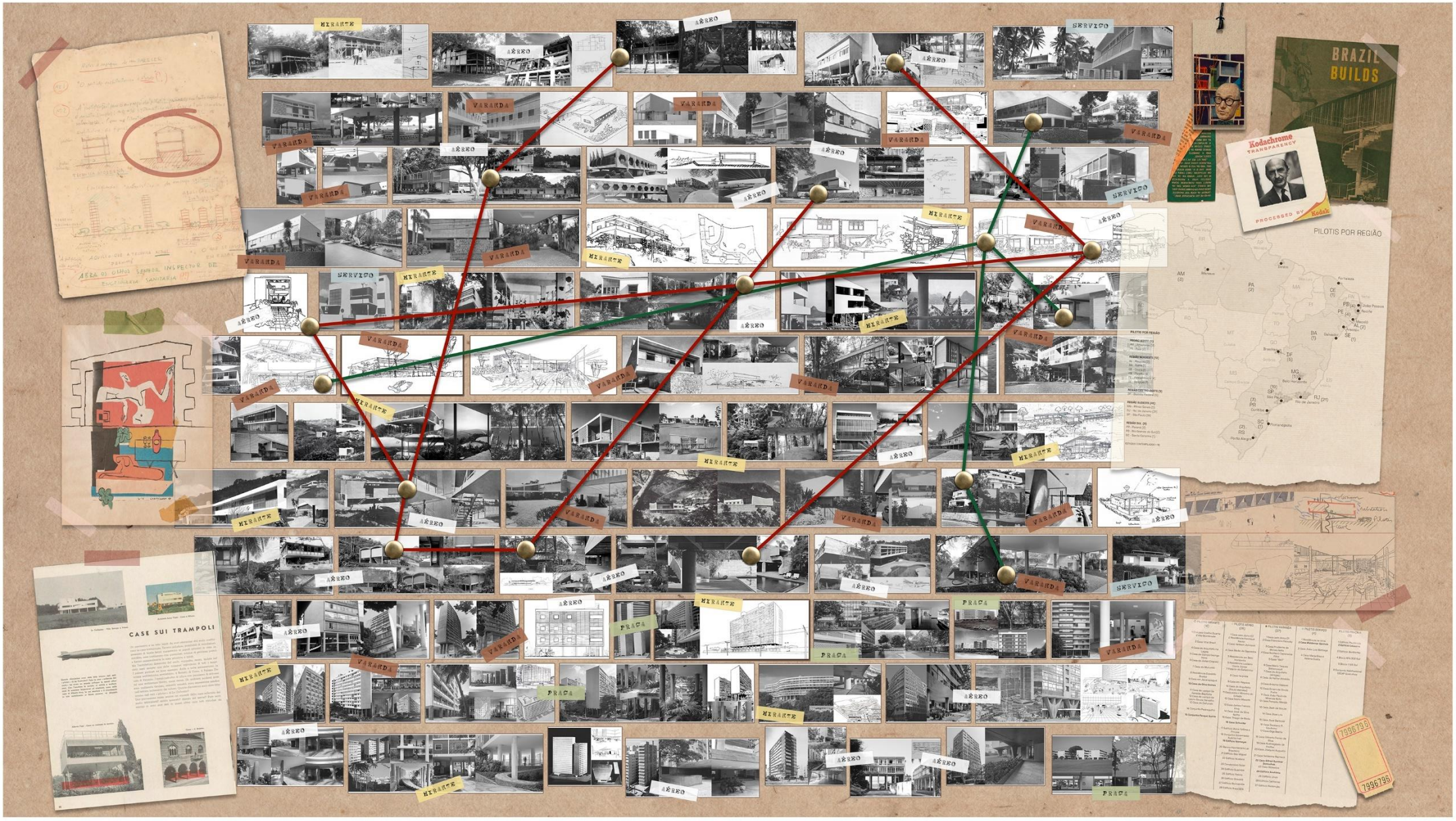


pilotis tropical

a habitação aérea na arquitetura moderna brasileira






BRAZIL BUILDS
Kodachrome TRANSPARENCY
PROCESSED BY Kodak
PILOTIS POR REGIÃO
CASE SUI TRAMPOLI
MIRANTE
ÁÉREO
VARANDA
SERVIÇO
PRAÇA

CAPA:

Croqui do arquiteto Sérgio Bernardes para a Casa 1947.

[Fonte: L'Architecture d'Aujourd'hui, 1948]

Página 2: Croquis, 56 pilotis unifamiliares.

[Fonte: Autora, 2024]

Página 3: Croquis, 24 pilotis multifamiliares.

[Fonte: Autora, 2024]

Página 4: Colagem digital, 80 pilotis brasileiros.

[Fonte: Autora, 2024]

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Arquitetura da UFMG
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Manuella Mendonça Pinheiro Pamponet

PILOTIS TROPICAL:
A HABITAÇÃO AÉREA NA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA

Belo Horizonte
2024

Manuella Mendonça Pinheiro Pamponet

PILOTIS TROPICAL:

A HABITAÇÃO AÉREA NA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço

Linha de pesquisa: Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo e suas relações com outras artes e ciências

Orientador(a): Profa. Dra. Vanessa Borges Brasileiro

Belo Horizonte

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

P186p Pamponet, Manuella Mendonça Pinheiro.
Pilotis tropical [manuscrito]: a habitação aérea na arquitetura moderna brasileira / Manuella Mendonça Pinheiro Pamponet. – 2024.
276 f. : il.

Orientadora: Vanessa Borges Brasileiro

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Arquitetura – Projetos e plantas – Teses. 2. Arquitetura moderna – Teses. 3. Modernismo – Teses. I. Brasileiro, Vanessa Borges. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 724.9

Ficha catalográfica elaborada por Maryne Mirydyane Medeiros – CBR 6/3776.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Pilotis Tropical: a habitação aérea na arquitetura moderna brasileira

MANUELLA MENDONÇA PINHEIRO PAMPONET

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço.

Aprovada em 2 de julho de 2024, pela Comissão constituída pelos membros:

Profa. Dra. Vanessa Borges Brasileiro - Orientadora
EA-UFMG

Profa. Dra. Celina Borges Lemos
EA-UFMG

Profa. Dra. Denise Marques Bahia
PUC MG

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA CAROLINA DE SOUZA BIERRENBACH
Data: 02/07/2024 11:52:00-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Ana Carolina Bierrenbach
UFBA-por videoconferência

Belo Horizonte, 2 de julho de 2024.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil – Código de Financiamento: 32001010049P0.

Para Roger.

Nada vai permanecer
No estado em que está
Eu só penso em ver você
Eu só quero te encontrar
Geleiras vão derreter
Estrelas vão se apagar
E eu pensando em ter você
Pelo tempo que durar
Coisas vão se transformar
Para desaparecer
E eu pensando em ficar
A vida a te transcorrer
E eu pensando em passar
Pela vida com você.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Danielle, e à minha irmã, Daniella, pelo amor incondicional.

Ao meu pai, Neuzimar Júnior, pelo amor e incentivo à minha carreira acadêmica.

À minha avó, Themis, que me fez ser quem eu sou.

Aos meus avós, Neuzimar e Aparecida, por todo o apoio.

À Carolina Otília e Marcela Maria, por me apresentarem o verdadeiro significado de amizade.

À cidade de Belo Horizonte, por esses dois anos aqui, que, pela nossa intimidade, parecem uma vida inteira.

Aos meus amigos do NPGAU, em especial à Carol, Nayara, Bia, Iara, João Pedro, Nathália e Leandro. Obrigada por tantas trocas, dentro e fora das salas de aula.

À professora Vládia Cantanhede, com quem tive conversas inspiradoras sobre a arquitetura moderna brasileira.

À professora Silke Kapp, por tantos ensinamentos e pelas ótimas disciplinas, que foram as minhas preferidas.

À professora Celina Borges, sempre muito atenciosa e prestativa, pelas incontáveis contribuições, que foram fundamentais para o desenvolvimento dessa dissertação.

À minha querida orientadora, professora Vanessa Brasileiro, por ser tão compreensiva e generosa comigo, para muito além da orientação. Você me incentivou e acreditou em mim em muitos momentos em que eu mesma não acreditava.

E, finalmente, ao Roger, por sonhar essa pesquisa comigo antes mesmo dela existir. Tudo que eu faço é por você, por nós e pelos nossos sonhos.

RESUMO

O conceito de pilotis, introduzido no início do século XX por Le Corbusier como um dos cinco pontos da nova arquitetura, se apresentou aos arquitetos brasileiros como uma nova possibilidade construtiva, espacial e plástica. A partir de um entendimento de como se deu a origem do pilotis na obra de Corbusier, e de como esse dispositivo arquitetônico foi posteriormente absorvido e amplamente incorporado no Brasil, a presente dissertação se propõe a inventariar e analisar 80 exemplares de pilotis brasileiros de uso habitacional. A análise foi norteada por dois critérios: a materialidade (acabamentos e técnicas construtivas) e o *motif* (que procurou entender as motivações, justificativas e particularidades do uso do pilotis em cada um dos projetos). Os resultados, que buscaram aproximar os projetos por suas similitudes, nos revelaram cinco categorias: pilotis mirante, pilotis aéreo, pilotis varanda, pilotis serviço e o pilotis praça. Por fim, buscamos investigar aspectos da condição autóctone da arquitetura moderna brasileira, evidenciando uma produção de habitação aérea nacional e autêntica: o pilotis tropical.

Palavras-chave: pilotis; arquitetura moderna brasileira; modernismo.

ABSTRACT

The concept of pilotis, introduced in the early 20th century by Le Corbusier as one of the five points of the new architecture, was presented to Brazilian architects as a new constructive, spatial, and plastic possibility. Considering how the origin of the pilotis occurred in Corbusier's work and how this architectural device was later absorbed and widely incorporated in Brazil, this dissertation proposes to catalog and analyze 80 examples of residential Brazilian pilotis. The analysis was guided by two main points: materiality (constructional finishes and techniques) and the motif (which sought to understand the motivations, justifications and particularities of the use of pilotis in each of the projects). The results, which sought to classify the projects by their similarities, revealed five categories: the observatory pilotis, aerial pilotis, porch pilotis, service pilotis, and the square pilotis. Finally, we seek to investigate aspects of the native condition of modern Brazilian architecture, to evidence that there was an authentic aerial housing production in Brazil, the tropical pilotis.

Keywords: pilotis; Brazilian modern architecture; modernism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Brasil com os pilotis divididos por região..... 25
Figura 2 – Distribuição de pilotis por década 31
Figura 3 – Cronologia Le Corbusier e o pilotis..... 34
Figura 4 – Croqui de Le Corbusier da cidade de Tarnovo 38
Figura 5 – Croquis de Le Corbusier das casas de Istambul..... 39
Figura 6 – Estudos de Le Corbusier sobre as casas turcas 39
Figura 7 – Comparação entre uma casa turca e o edifício do Abrigo do Exército da Salvação (Le Corbusier, 1926); comparação entre uma casa turca e o edifício em Weissenhof (Le Corbusier, 1927)..... 40
Figura 8 – Croquis de Le Corbusier de casas turcas próximas ao rio 42
Figura 9 – Comparação entre uma casa Börekci turca e a Villa Savoye (Le Corbusier, 1928) 43
Figura 10 – Cartão de visita de Charles-E. Jeanneret..... 44
Figura 11 – Villa Schwob, Le Corbusier, La Chaux-de-Fonds, 1916. Uma primeira tentativa de emprego do pilotis 45
Figura 12 – Sistema Dom-ino, 1914-15, Le Corbusier 45
Figura 13 – Croqui da Les Villes-Pilotis 47
Figura 14 – Croqui esquemático de Le Corbusier (em corte e planta-baixa), que compara o uso de paredes portantes de pedra (lado esquerdo), e estrutura em concreto armado (lado direito) 48
Figura 15 – Maison La Roche, planta-baixa e foto externa da área do pilotis. 49
Figura 16 – Croquis esquemáticos de Le Corbusier sobre o uso de pilotis no projeto do Palácio da Sociedade das Nações, Genebra, 1927 50
Figura 17 – Villa Savoye, Le Corbusier, 1928 51
Figura 18 – Cronologia do pilotis no Brasil 53
Figura 19 – Reservatório D'água de Olinda..... 55
Figura 20 – Pilotis do Ministério de Educação e Saúde..... 56

Figura 21 – Rascunho de Lucio Costa, Ministério de Educação e Saúde Pública, 1936 58
Figura 22 – Artigo *Case Sui Trampoli*, escrito pela arquiteta Lina Bo Bardi 60
Figura 23 – Cronologia dos pilotis, década de 1930 64
Figura 24 – Cronologia dos pilotis, década de 1940 64
Figura 25 – Cronologia dos pilotis, década de 1950 65
Figura 26 – Cronologia dos pilotis, década de 1960 65
Figura 27 – Cronologia dos pilotis, década de 1970 65
Figura 28 – Croqui e implantação da Chácara Coelho Duarte 66
Figura 29 – Croquis da Vila Monlevade 67
Figura 30 – Croquis da Casa Sem Dono 01 e 03 68
Figura 31 – Croqui da Casa Henrique Xavier 69
Figura 32 – Casa na Urca 70
Figura 33 – Casa Vital Brasil 71
Figura 34 – Casa Herbert Johnson 72
Figura 35 – Casa do Barão de Saavedra 73
Figura 36 – Casa do Arquiteto na Lagoa 74
Figura 37 – Casa Francisco Peixoto 75
Figura 38 – Casa Prudente de Morais Neto 76
Figura 39 – Croqui da Casa Gustavo Capanema 77
Figura 40 – Croqui da Casa '1947' 78
Figura 41 – Casa Mário Bittencourt 79
Figura 42 – Casa do Arquiteto 80
Figura 43 – Casa de Campo George Hime 81
Figura 44 – Casa de Heitor Almeida 82
Figura 45 – Casa de Julian Czapski 83
Figura 46 – Casa do Morumbi 84
Figura 47 – Casa Oswaldo Bratke 85
Figura 48 – Casa Waldemar Gantois 86
Figura 49 – Casa em Jacarepaguá 87

Figura 50 – Casa Antônio Ceppas 88
Figura 51 – Casa Ernani de Souza Freire 89
Figura 52 – Casa João Paulo de Miranda Neto 90
Figura 53 – Casa João Luiz Bettega 91
Figura 54 – Casa Pompeu Maroja 92
Figura 55 – Casa de Olivo Gomes 93
Figura 56 – Casa de Campo Geraldo Baptista 94
Figura 57 – Casa em Belo Horizonte 95
Figura 58 – Casa Jadir de Souza 96
Figura 59 – Casa José Lira 97
Figura 60 – Casa Luciano Costa Júnior 98
Figura 61 – Casa José Barbosa 99
Figura 62 – Casa de Campo de Lauro Souza Carvalho 100
Figura 63 – Casa Cassiano R. Coutinho 101
Figura 64 – Palácio do Catetinho 102
Figura 65 – Casa Olga Baeta 103
Figura 66 – Casa Gilberto Ferraz da Silva 104
Figura 67 – Croqui da Casa na Praia 105
Figura 68 – Casa Austregésilo de Freitas 106
Figura 69 – Casa Joaquim Augusto 107
Figura 70 – Casa Saldanha Werneck 108
Figura 71 – Casa em Itaipava 109
Figura 72 – Casa do Cafundó 110
Figura 73 – Casa do Arquiteto 111
Figura 74 – Casa para o Ministro do Estado 112
Figura 75 – Casa Mário Masetti 113
Figura 76 – Casa James Francis King 114
Figura 77 – Casa José da Silva Netto 115
Figura 78 – Casa Alfred Gunther Domschek 116
Figura 79 – Casa Thiago de Mello 117

Figura 80 – Casa Schuster 118
Figura 81 – Casa Niclewicz 119
Figura 82 – Casa Maria Elisa e Helena Costa 120
Figura 83 – Edifício Anchieta 121
Figura 84 – Edifício Prudência 122
Figura 85 – Edifício Louveira 123
Figura 86 – Conjunto Pedregulho 124
Figura 87 – Edifício Dona Fátima e Finúsia 125
Figura 88 – Edifício Linck 126
Figura 89 – Conjunto Governador Kubitschek 127
Figura 90 – Edifício Niemeyer 128
Figura 91 – Edifício Califórnia 129
Figura 92 – Edifício do Banco Hipotecário Lar Brasileiro 130
Figura 93 – Edifício Redenção 131
Figura 94 – Conjunto Parque Guinle 132
Figura 95 – Edifício Bortilotte 134
Figura 96 – Edifício São Miguel 135
Figura 97 – Edifício Acaiaca 136
Figura 98 – Edifício Solar 137
Figura 99 – Bloco F Q. 308 Sul 138
Figura 100 – Bloco I 105 Sul 139
Figura 101 – Edifício Guaimbê 140
Figura 102 – Edifício Felícia 141
Figura 103 – Edifício Gravatá 142
Figura 104 – Edifício Normandie 143
Figura 105 – Edifício Araucária 144
Figura 106 – Conjunto CECAP Guarulhos 145
Figura 107 – As quatro categorias de pilotis distribuídas ao longo das décadas 152
Figura 108 – Chácara Coelho Duarte e Vila Monlevade 154

Figura 109 – Casa Vital Brasil e Casa do Arquiteto na Lagoa.....155
Figura 110 – Casa de George Hime e Casa de Julian Czapski 156
Figura 111 – Casa do Morumbi e Casa de Oswaldo Bratke 156
Figura 112 – Casa em Jacarepaguá e Casa de Olivo Gomes 157
Figura 113 – Casa de Geraldo Baptista, Casa de Lauro S. de Carvalho e Casa do Cafundó 157
Figura 114 – Casa Sem Dono 03 e Casa Herbert Johnson 158
Figura 115 – Casa Henrique Xavier e Casa Barão de Saavedra 159
Figura 116 – Casa Luciano Costa Jr, Casa na Praia e Casa em Belo Horizonte 159
Figura 117 – Casa Thiago de Mello, Casa em Itaipava, Palácio do Catetinho e Casa Schuster..... 160
Figura 118 – Casa do Arquiteto (Paulo Mendes), Casa Mário Masetti e Casa James Francis King..... 161
Figura 119 – Casa para o Ministro do Estado e Casa José da Silva Netto..... 161
Figura 120 – Casa Sem Dono 01, Casa Francisco Peixoto, Casa '1947' e Casa Gustavo Capanema Filho..... 163
Figura 121 – Casa Mário Bittencourt e Casa do Arquiteto (Artigas)..... 163
Figura 122 – Casa João Paulo de Miranda Neto, Casa Prudente de Morais Neto e Casa de Heitor Almeida 164
Figura 123 – Casa Pompeu Maroja, Casa Jadir de Souza, Casa José Lira e Casa José Barbosa 164
Figura 124 – Casa Cassiano Coutinho e Casa Austregésilo de Freitas..... 165
Figura 125 – Casa Gilberto Ferraz da Silva e Casa Joaquim Augusto..... 166
Figura 126 – Casa Saldanha Werneck e Casa Alfred Gunther Domschek 166
Figura 127 – Casa Olga Baeta e Casa Niclewicz 167
Figura 128 – Casa Antônio Ceppas e Casa Ernani de Souza Freire..... 168
Figura 129 – Casa na Urca, Casa Waldemar Gantois, Casa João Luiz Bettega e Casa Maria Elisa e Helena Costa 170
Figura 130 – Conjunto Pedregulho e Conjunto Parque Guinle 171
Figura 131 – Edifício Solar e Conjunto JK.....173

Figura 132 – Edifício Niemeyer, Edifício do Banco Hipotecário Lar Brasileiro, Edifício Acaiaca e Edifício Guaimbê 173
Figura 133 – Edifício Solar, Edifício Gravatá e Edifício Araucária 173
Figura 134 – Edifício Anchieta e Edifício Redenção 174
Figura 135 – Edifício Califórnia e Edifício Linck 175
Figura 136 – Edifício Prudência e Conjunto CECAP Guarulhos 176
Figura 137 – Bloco F Quadra 308 Sul e Bloco I Quadra 105 Sul 177
Figura 138 – Edifício Louveira 178
Figura 139 – Casa de Olivo Gomes, jardins e painéis de Burle Marx 181
Figura 140 – Croquis originais da Casa Olivo Gomes 182
Figura 141 – Volume da casa suspenso em pilotis no pavimento inferior; Escada Helicoidal 182
Figura 142 – Croqui de Lucio Costa para o Parque Guinle 183
Figura 143 – Pilotis do Conjunto Parque Guinle 184
Figura 144 – Implantação Geral do Conjunto Parque Guinle 184
Figura 145 – Imagem aérea do Conjunto Parque Guinle 185
Figura 146 – Cobogós e pilotis do Conjunto Parque Guinle 185
Figura 147 – Casa Schuster 186
Figura 148 – Pilotis da Casa Schuster 187
Figura 149 – Planta-baixa original da Casa Schuster 187
Figura 150 – Praça da Liberdade, Edifício Niemeyer e Serra do Curral ao fundo 189
Figura 151 – Colagem digital ilustrando como seria a visada da Serra do Curral através do pilotis no passado (à esquerda); Foto da visada da Serra do Curral através do pilotis atualmente (à direita) 189
Figura 152 – Vistas da Praça da Liberdade através do pilotis 190
Figura 153 – Casa Alfred Gunther Domschek 191
Figura 154 – Planta-baixa original da Casa Domschek 191
Figura 155 – Edifício Anchieta 193

Figura 156 – Colagem digital da implantação original do Edifício Anchieta em comparação com a implantação atual 194
Figura 157 – Casa Waldemar Gantois 195
Figura 158 – Casa Waldemar Gantois 196
Figura 159 – Implantação geral e croqui do Edifício Louveira 197
Figura 160 – Pilotis do Edifício Louveira 198
Figura 161 – Pilotis do Edifício Louveira 198
Figura 162 – Croquis de Le Corbusier para a Unidade de Habitação de Marselha e Villa Savoye 199
Figura 163 – Croquis de pilotis dos arquitetos brasileiros 200

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 20

1.1 MÉTODOS 23

1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO 32

2 O CAMINHO DE LE CORBUSIER AO PILOTIS 34

2.1 A VIAGEM DO ORIENTE 36

2.2 UMA NOVA FORMA DE CONSTRUIR, UMA NOVA CASA 44

2.3 OS CINCOS PONTOS DO PILOTIS 47

2.4 O PILOTIS NA OBRA DE LE CORBUSIER 49

3 PILOTIS NO BRASIL 53

4 80 PILOTIS BRASILEIROS 62

4.1 PILOTIS UNIFAMILIARES 66

4.1.1 Chácara Coelho Duarte 66

4.1.2 Vila Monlevade 67

4.1.3 Casa Sem Dono 01 e 03 68

4.1.4 Casa Henrique Xavier 69

4.1.5 Casa na Urca 70

4.1.6 Casa Vital Brasil 71

4.1.7 Casa Herbert Johnson 72

4.1.8 Casa do Barão de Saavedra 73

4.1.9 Casa do Arquiteto na Lagoa 74

4.1.10 Casa Francisco Peixoto 75

4.1.11 Casa Prudente de Morais Neto 76

4.1.12 Casa Gustavo Capanema Filho 77

4.1.13 Casa '1947' 78

4.1.14 Casa Mário Bittencourt 79

4.1.15 Casa do Arquiteto 80

4.1.16 Casa de Campo George Hime 81

4.1.17 Casa de Heitor Almeida 82

4.1.18 Casa de Julian Czapski 83
4.1.19 Casa do Morumbi 84
4.1.20 Casa Oswaldo Bratke 85
4.1.21 Casa Waldemar Gantois 86
4.1.22 Casa em Jacarepaguá 87
4.1.23 Casa Antônio Ceppas 88
4.1.24 Casa Ernani de Souza Freire 89
4.1.25 Casa João Paulo de Miranda Neto 90
4.1.26 Casa João Luiz Bettega 91
4.1.27 Casa Pompeu Maroja 92
4.1.28 Casa de Olivo Gomes 93
4.1.29 Casa de Campo Geraldo Baptista 94
4.1.30 Casa em Belo Horizonte 95
4.1.31 Casa Jadir de Souza 96
4.1.32 Casa José Lira 97
4.1.33 Casa Luciano Costa Júnior 98
4.1.34 Casa José Barbosa 99
4.1.35 Casa de Campo de Lauro Souza Carvalho 100
4.1.36 Casa Cassiano R. Coutinho 101
4.1.37 Palácio do Catetinho 102
4.1.38 Casa Olga Baeta 103
4.1.39 Casa Gilberto Ferraz da Silva 104
4.1.40 Casa na Praia 105
4.1.41 Casa Austregésilo de Freitas 106
4.1.42 Casa Joaquim Augusto 107
4.1.43 Casa Saldanha Werneck 108
4.1.44 Casa em Itaipava 109
4.1.45 Casa do Cafundó 110
4.1.46 Casa do Arquiteto 111
4.1.47 Casa para o Ministro do Estado 112

4.1.48 Casa Mário Masetti 113
4.1.49 Casa James Francis King 114
4.1.50 Casa José da Silva Netto 115
4.1.51 Casa Alfred Gunther Domschek 116
4.1.52 Casa Thiago de Mello 117
4.1.53 Casa Schuster 118
4.1.54 Casa Niclewicz 119
4.1.55 Casa Maria Elisa e Helena Costa 120
4.2 PILOTIS MULTIFAMILIARES 121
4.2.1 Edifício Anchieta 121
4.2.2 Edifício Prudência 122
4.2.3 Edifício Louveira 123
4.2.4 Conjunto Pedregulho 124
4.2.5 Edifício Dona Fátima e Finúsia 125
4.2.6 Edifício Linck 126
4.2.7 Conjunto Governador Kubitschek 127
4.2.8 Edifício Niemeyer 128
4.2.9 Edifício Califórnia 129
4.2.10 Edifício do Banco Hipotecário Lar Brasileiro 130
4.2.11 Edifício Redenção 131
4.2.12 Conjunto Parque Guinle 132
4.2.13 Edifício Bortilotte 134
4.2.14 Edifício São Miguel 135
4.2.15 Edifício Acaiaca 136
4.2.16 Edifício Solar 137
4.2.17 Bloco F Quadra 308 Sul 138
4.2.18 Bloco I Quadra 105 Sul 139
4.2.19 Edifício Guaimbê 140
4.2.20 Edifício Felícia 141
4.2.21 Edifício Gravatá 142

4.2.22 Edifício Normandie 143
4.2.23 Edifício Araucária 144
4.2.24 Conjunto CECAP Guarulhos 145
4.3 CONSIDERAÇÕES 146
5 AS CATEGORIAS DE PILOTIS BRASILEIROS 153
5.1 CATEGORIAS DE PILOTIS UNIFAMILIARES 153
5.1.1 Pilotis Mirante 153
5.1.2 Pilotis Aéreo 157
5.1.3 Pilotis Varanda 162
5.1.4 Pilotis Serviço 169
5.2 CATEGORIAS DE PILOTIS MULTIFAMILIARES 170
5.2.1 Pilotis Mirante 171
5.2.2 Pilotis Aéreo 172
5.2.3 Pilotis Varanda 174
5.2.4 Pilotis Praça 175
6 AS OBRAS-SÍNTESE 179
6.1 OBRAS-SÍNTESE DO PILOTIS MIRANTE 180
6.1.1 Casa de Olivo Gomes 180
6.1.2 Conjunto Parque Guinle 182
6.2 OBRAS-SÍNTESE DO PILOTIS AÉREO 186
6.2.1 Casa Schuster 186
6.2.2 Edifício Niemeyer 188
6.3 OBRAS-SÍNTESE DO PILOTIS VARANDA 190
6.3.1 Casa Alfred Gunther Domschek 190
6.3.2 Edifício Anchieta 192
6.4 OBRAS-SÍNTESE DO PILOTIS SERVIÇO 194
6.4.1 Casa Waldemar Gantois 194
6.5 OBRAS-SÍNTESE DO PILOTIS PRAÇA 196
6.5.1 Edifício Louveira 196
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 199

REFERÊNCIAS 203
APÊNDICE A – PLANILHA GERAL E REDESENHO DOS PILOTIS 211

1 INTRODUÇÃO

O conceito de pilotis, objeto de estudo da presente pesquisa, passou a ocupar a posição de princípio arquitetônico a partir do início do século XX, quando o arquiteto franco-suíço Charles-Édouard Jeanneret–Le Corbusier (1887—1965) começou a desenvolver suas teorias. A influência de Corbusier sobre os arquitetos em todo o mundo é inestimável, uma vez que muitos seguiram o impulso fundamental corbusiano de unir expressão arquitetônica e plástica (Giedion, 2004).

A motivação para desenvolver este estudo partiu de uma indagação da máquina de morar, uma casa caracterizada por um volume suspenso sobre pilotis, deixando livre o pavimento térreo e podendo ser implantada em qualquer locação. No início da década de 1920, Le Corbusier começou a propor experimentos e sugeriu os mais diversos locais para a implantação de suas casas Citrohan: em zonas costeiras, sobre as águas, ou mesmo no meio da cidade de Paris. Essa seria, então, a peculiaridade desse tipo de edificação: poder ser construída em qualquer tipo de lote, planificado ou íngreme, rural ou urbano.

A justificativa da adoção dos elementos componentes projetuais do modernismo foi descrita por Le Corbusier. O arquiteto deixou claro que o emprego do pilotis tinha a intenção de, sobretudo, transformar o sistema de circulação sobre o solo. Isso incluía tanto edifícios em altura de uso público quanto as moradias mínimas e o espaço urbano.

Já na década de 1930, com as vicissitudes em torno das mudanças no ensino da arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, os arquitetos brasileiros iniciaram um estudo de aprofundamento das doutrinas dos grandes mestres do movimento racionalista, como Walter Gropius (1883–1969), Mies van der Rohe (1886–1969) e, principalmente, Le Corbusier.

Em sua segunda visita ao Brasil, no ano de 1936, Corbusier difundiu seus ideais e transmitiu a possibilidade de uma nova expressão de renovações

arquitetônicas. O arquiteto, considerado um exemplo a ser seguido, defendeu suas teorias, sobretudo os cinco pontos da nova arquitetura: o pilotis, o terraço jardim, a planta livre, a fachada livre e as janelas em fita. Posteriormente, essas peculiaridades projetuais, chegaram ao conhecimento dos jovens arquitetos brasileiros.

> As teorias de Le Corbusier, particularmente os cinco pontos da arquitetura nova – pilotis, terraço-jardim, planta livre, fachada livre, janelas na horizontal – eram do conhecimento dos jovens arquitetos brasileiros que no entanto aplicavam-no mecanicamente, como se fossem fórmulas polivalentes. Ademais, estavam atrelados à concepção restrita de que a forma derivava da função, admitindo, frequentemente, que uma correta solução dos problemas funcionais, empregando os recursos mais avançados de uma técnica moderna, resultaria automaticamente numa boa arquitetura (Bruand, 1981, p. 90).

Progressivamente, os ensinamentos de Le Corbusier foram reinterpretados no Brasil, resultando numa produção nacional de qualidade e com características próprias. Assim, a sensibilidade plástica do arquiteto franco-suíço reverberou nos anseios estéticos e artísticos dos arquitetos brasileiros.

> Se as ideias corbusianas foram tão bem recebidas pelos brasileiros foi porque, antes de serem modernas, elas captaram e reforçaram alguns dos grandes mitos cultuados nessa parte da América desde o seu descobrimento. [...] Mitos como, por exemplo, o da assimilação da imagem do Brasil a um paraíso tropical, e o da busca, que ainda nos acompanha, nesse paraíso natural, de uma utopia: a construção de uma sociedade ideal num mundo inteiramente novo (Santos; Pereira, 1987, p. 13).

Algumas produções sobre a categoria do pilotis em âmbito nacional foram realizadas anteriormente, como a tese de doutorado de Nathalia Cantergiani Fagundes de Oliveira (2021), *Depois do pilotis: novas relações de permeabilidade na arquitetura brasileira*, que contemplou 15 obras elevadas sobre pilotis, divididas entre o uso público e o uso habitacional multifamiliar,

excluindo residências unifamiliares. Dos 15 projetos abordados na tese, 14 estão localizados na Região Sudeste.

Oliveira (2021) categorizou algumas variações do pilotis em ordem cronológica e de acordo com suas atribuições projetuais, a partir de uma diferenciação que focou nas características estruturais e geométricas. A pesquisa abordou, ainda, transformações formais dos pilotis no Brasil ao longo do século XX, por meio de uma análise estruturada em quatro aspectos fundamentais: relações de implantação, gradações de permeabilidade no nível térreo, relações tipológicas e relações programáticas entre o espaço edificado e não edificado. Essa análise resultou numa divisão dos 15 projetos analisados em cinco categorias: primeiros pilotis, pilotis esculturai, pilotis de subtração, pilotis brutalistas e pilotis contemporâneos, que contribuíram para um entendimento da diferenciação formal dos pilotis.

Após compreender essas variações, a presente dissertação pretende expandir o estudo desse tema, buscando um entendimento mais amplo desse elemento arquitetural. Para tanto, será realizada uma análise de obras localizadas nas cinco regiões brasileiras, baseada em outros critérios e com uma divisão dos projetos selecionados em novas categorias.

O avanço dessa discussão se dá pela busca do verdadeiro *motif* [1] dos pilotis e da compreensão acerca do que faz essas transformações um grande gênero do pilotis brasileiro. Entender o *motif* significa discutir as justificativas, o emblema, a imagem e os valores agregados que estão por trás dessa articulação do vazio espacial, promovida pela elevação do volume principal da arquitetura.

À vista disso, a dissertação procura investigar aspectos da condição autóctone do modernismo brasileiro, evidenciando que houve no Brasil uma produção própria, que, muito além de uma "replicação de fórmulas

[1] *Motif* é uma palavra de origem francesa que significa motivo, padrão, causa, razão. Segundo o Online Etymology Dictionary, *motif* é uma ideia replicada várias vezes. "Aquilo que internamente move uma pessoa a se comportar de certa maneira. Estado mental ou força que induz uma ação de vontade" (Motif, c2024). Documento *online* não paginado. Disponível em: www.etymonline.com/pt/word/motif. Acesso em: 15 ago. 2023.

polivalentes", pode ter sido resultante de um pilotis brasileiro e tropical (Bruand, 1981, p. 90).

1.1 MÉTODOS

Essa investigação se iniciou com o gesto de inventariar obras arquitetônicas brasileiras com a presença do pilotis. Ao selecionar obras para a análise, foram priorizados exemplos dessa manifestação arquitetônica de destaque na historiografia, presentes em teses, dissertações e publicações voltadas à divulgação do movimento moderno brasileiro. Para revalorizar e requalificar os pilotis brasileiros, realizou-se um amplo reconhecimento de alguns de seus melhores exemplares.

A seleção de obras documentou e catalogou projetos habitacionais do tipo unifamiliar e multifamiliar. O enfoque em edificações de uso habitacional se justifica por duas razões. Em primeiro lugar, pelo fato de que os projetos residenciais eram bastante recorrentes na agenda dos arquitetos modernos; e, em segundo, porque, sendo o programa de necessidades comum em todos os projetos, o foco de análise concentra-se no pilotis. Se a análise contemplasse edificações de diversos usos, isso poderia acabar tirando o foco do objeto de estudo, que é justamente essa área não edificada no pavimento térreo. Essa delimitação também foi estipulada para comprimir a dimensão da pesquisa e viabilizar a sua elaboração.

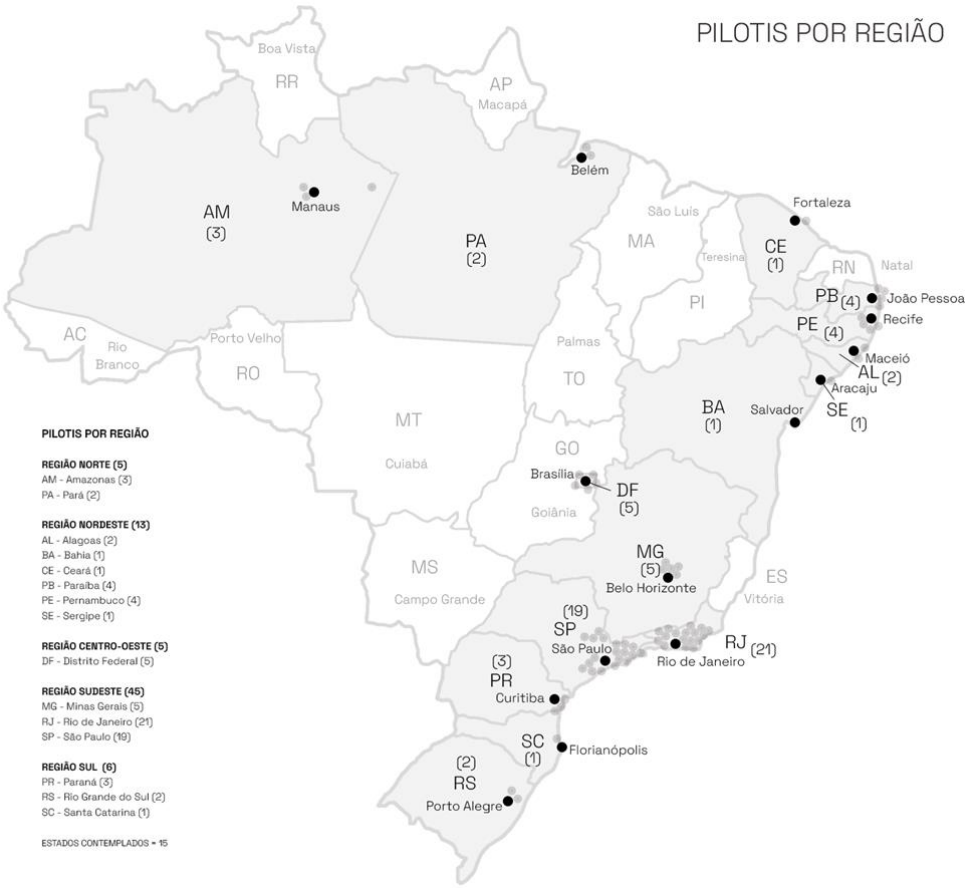
Depois de estabelecido o objeto de estudo (os pilotis de uso habitacional), delimitou-se o recorte espaço-temporal. Buscando uma visão panorâmica do cenário nacional, o levantamento contemplou obras localizadas nas 5 regiões em que o território brasileiro é dividido. Intui-se que as particularidades geográficas, culturais, históricas, materiais e técnicas podem ter resultado em adaptações dos pilotis aos meios em que foram inseridos.

Assim, a pesquisa procurou entender como esse objeto, esse elemento, essa manifestação construtiva do pilotis, se adaptou a essas diferentes realidades. Acredita-se que, ao analisar essas obras individualmente, será possível identificar suas características e compreender se o pilotis de cada uma delas foi implantado a partir de uma reprodução da linguagem corbusiana ou se foi, de alguma forma, incorporado com adaptações pelos arquitetos brasileiros, de maneiras distintas e plurais.

Passada a etapa de seleção de objetos de estudo, iniciou-se um mapeamento dos projetos, que foram organizados por localização geográfica, autor e data. No total, foram selecionadas 80 obras, de 32 arquitetos, sendo 56 de uso habitacional unifamiliar e 24 de uso habitacional multifamiliar.

A partir disso, foi elaborado um mapa que registra a cartografia dos pilotis e reúne algumas informações quantitativas da pesquisa:

Figura 1 – Mapa do Brasil com os pilotis divididos por região



Fonte: Autora (2024).

As cinco regiões brasileiras foram contempladas com projetos em quinze diferentes estados, sendo: cinco da Região Norte; treze da Região Nordeste; cinco da Região Centro-Oeste; quarenta e cinco da Região Sudeste e seis da Região Sul.

Esse catálogo cartográfico de pilotis brasileiros foi disponibilizado *online* pela autora no site Pilotis Tropical[2], onde foram elaboradas páginas individuais para os projetos, que reúnem informações, fotos, publicações relevantes e localização geográfica. Esses dados primários da dissertação foram disponibilizados nesse site com o objetivo de difundir esse conteúdo e disponibilizá-lo como uma possível fonte para futuras pesquisas e investigações.

[2] Disponível em: https://www.pilotistropical.com/. Acesso em: 16 jun. 2024.

Ao selecionar os projetos de pilotis de cada região, ficou evidente que os da Região Sudeste são mais facilmente reconhecidos e estudados, tanto por conta da proximidade do arquiteto Le Corbusier com as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, onde deixou sua influência mais latente, quanto pela posterior relevância que se deu a esses projetos na historiografia. Contudo, o uso do pilotis não se resumiu somente a essas cidades. Vale destacar, ainda, que as demais capitais brasileiras, com suas particularidades, não necessariamente seguiram a orientação desses dois grandes centros culturais e arquitetônicos.

Concluída essa seleção e mapeamento, o próximo passo foi sistematizar as bibliografias de apoio. Procuramos reunir as publicações mais importantes de cada um dos projetos, seja em textos acadêmicos, livros, artigos ou nos periódicos especializados em arquitetura. A exemplo dos que tiveram grande destaque durante a ascensão da arquitetura moderna brasileira, como as revistas *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo*, que se mostraram ótimas referências. Assim, conseguimos ter acesso às fotos e aos desenhos arquitetônicos (plantas, cortes e elevações), o que possibilitou o redesenho das obras selecionadas.

Esses foram elaborados tanto para padronizar as informações contidas nas peças gráficas quanto para apoiar o processo de análise e compreensão da concepção projetual dos arquitetos. Os redesenhos foram elaborados no programa *AutoCAD*, respeitando todas as medidas e informações contidas nos documentos originais. O volume de material encontrado para cada um dos projetos variou bastante, alguns tinham muitos detalhamentos e memoriais descritivos, enquanto outros se resumiam a ideias iniciais de volumetria.

Redesenhar os projetos permitiu uma leitura prática e visual das diferentes estratégias de organização dos ambientes e implantação dos edifícios. De posse desses dados primários, todos os documentos foram organizados, para que o conteúdo ficasse evidente e pudesse ser facilmente

manipulado. Um dos trabalhos que serviu de referência nesse sentido foi a tese de doutorado de Maíra Teixeira Pereira (2014), *As casas de Lina Bo Bardi e os sentidos de habitat*, uma pesquisa rigorosa sobre 33 residências da arquiteta Lina Bo Bardi. A autora adotou um método de análise baseado em fotos e desenhos, esses últimos sempre no mesmo padrão.

Outra ferramenta de análise fundamental foram os croquis dos arquitetos, desenhos mais conceituais, mas que muitas vezes registram e comunicam as intenções para o uso de determinado espaço. A seguir, são apresentados os 80 projetos que foram estudados neste trabalho, organizados por região no Quadro 1.

Quadro 1 – Planilha geral de obras, pilotis unifamiliares e multifamiliares

PLANILHA GERAL DE OBRAS					
PILOTIS UNIFAMILIARES					
Nº		PROJETO	ARQUITETO	LOCAL	ANO
NORTE	1	Casa do Cafundó	Severiano Mário Porto	Manaus/AM	1963
	2	Casa Thiago de Mello	Lucio Costa	Barreirinha/AM	1978
	3	Casa Schuster	Severiano Mário Porto	Manaus/AM	1978
NORDESTE	4	Casa Herbert Johnson	Oscar Niemeyer	Fortaleza/CE	1942
	5	Casa Waldemar Gantois ⓘ	Antônio de Almeida Rebouças	Salvador/BA	1952
	6	Casa Ernani de Souza Freire	Walter Freire Barros	Aracaju/SE	1953
	7	Casa João Paulo de Miranda Neto ⓘ	Lygia Fernandes	Maceió/AL	1953
	8	Casa Pompeu Maroja	Acácio Gil Borsoi	João Pessoa/PB	1954
	9	Casa José Lira ⓘ	Lygia Fernandes	Maceió/AL	1955
	10	Casa Luciano Costa Júnior	Acácio Gil Borsoi	Recife/PE	1955
	11	Casa Cassiano R. Coutinho	Acácio Gil Borsoi	João Pessoa/PB	1956
	12	Casa Austregésilo de Freitas	Acácio Gil Borsoi	João Pessoa/PB	1958
	13	Casa Joaquim Augusto	Acácio Gil Borsoi	João Pessoa/PB	1958
CENTRO-OESTE	14	Palácio do Catetinho	Oscar Niemeyer	Brasília/DF	1956
	15	Casa para o Ministro do Estado	João Filgueiras Lima	Brasília/DF	1965
	16	Casa José da Silva Netto	João Filgueiras Lima	Brasília/DF	1973
SUL	17	Casa João Luiz Bettega	Vilanova Artigas	Curitiba/PR	1953
	18	Casa José Barbosa	Ernani Vasconcellos	Curitiba/PR	1955
	19	Casa Niclewicz	Vilanova Artigas	Curitiba/PR	1978

SUDESTE	20	Chácara Coelho Duarte ⓘ	Lucio Costa	Rio de Janeiro/RJ	1930
	21	Vila Monlevade	Lucio Costa	Monlevade/MG	1934
	22	Casa Sem Dono 01 ⓘ	Lucio Costa	Não construída	1934
	23	Casa Sem Dono 03 ⓘ	Lucio Costa	Não construída	1934
	24	Casa Henrique Xavier	Oscar Niemeyer	Não construída	1936
	25	Casa na Urca ⓘ	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro/RJ	1936
	26	Casa Vital Brasil	Álvaro Vital Brasil	Rio de Janeiro/RJ	1940
	27	Casa Barão de Saavedra	Lucio Costa	Petrópolis/RJ	1942
	28	Casa do Arquiteto na Lagoa ⓘ	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro/RJ	1942
	29	Casa Francisco Peixoto	Oscar Niemeyer	Cataguases/MG	1943
	30	Casa Prudente de Morais Neto ⓘ	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro/RJ	1943
	31	Casa Gustavo Capanema Filho ⓘ	Oscar Niemeyer	Não construída	1947
	32	Casa '1947'	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro/RJ	1947
	33	Casa Mário Taques Bittencourt	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1949
	34	Casa do Arquiteto	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1949
	35	Casa de Campo George Hime ⓘ	Henrique Mindlin	Petrópolis/RJ	1949
	36	Casa de Heitor Almeida ⓘ	Vilanova Artigas	Santos/SP	1949
	37	Casa de Julian Czapski	Vilanova Artigas	Sumaré/SP	1949
	38	Casa do Morumbi	Lina Bo Bardi	São Paulo/SP	1951
	39	Casa Oswaldo Bratke	Oswaldo Bratke	São Paulo/SP	1951
	40	Casa em Jacarepaguá	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro/RJ	1952
	41	Casa Antonio Ceppas	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro/RJ	1952
	42	Casa de Olivo Gomes	Rino Levi	São José dos Campos/SP	1954
	43	Casa de Geraldo Baptista ⓘ	Olavo Redig de Campos	Petrópolis/RJ	1954
	44	Casa em Belo Horizonte ⓘ	Eduardo Mendes Guimarães Jr.	Belo Horizonte/MG	1954
	45	Casa Jadir de Souza ⓘ	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro/RJ	1954
	46	Casa de Lauro S. Carvalho ⓘ	Henrique Mindlin	Petrópolis/RJ	1955
	47	Casa Olga Baeta	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1956
	48	Casa Gilberto Ferraz da Silva	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro/RJ	1956
	49	Casa na praia	Lina Bo Bardi	Não construída	1957
	50	Casa Saldanha Werneck	Marcelo e Milton Roberto	Rio de Janeiro/RJ	1959
	51	Casa em Itaipava	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro/RJ	1959
	52	Casa do Arquiteto	Paulo Mendes da Rocha	São Paulo/SP	1964
	53	Casa Mario Masetti	Paulo Mendes da Rocha	São Paulo/SP	1969
	54	Casa James Francis King	Paulo Mendes da Rocha	São Paulo/SP	1972
	55	Casa Alfred Gunther	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1973

		Domschek			
	56	Casa Maria Elisa e Helena Costa	Lucio Costa	Rio de Janeiro/RJ	1979
PILOTIS MULTIFAMILIARES					
Nº		PROJETO	ARQUITETO	LOCAL	ANO
NORTE	1	Edifício São Miguel ⓝ	Agenor P. de Carvalho	Belém/PA	1957
	2	Edifício Felícia ⓝ	Alcyr Meira	Belém/PA	1964
NORDESTE	3	Edifício Califórnia	Acácio Gil Borsoi	Recife/PE	1953
	4	Banco Hipotecário Lar Brasileiro	Acácio Gil Borsoi	Recife/PE	1954
	5	Edifício Bortilotte ⓝ	Antônio de Almeida Rebouças	Salvador/BA	1955
	6	Edifício Acaiaca	Delfim Amorim	Recife/PE	1957
CENTRO-OESTE	7	Bloco F 308 Sul	Marcelo Campello *et al.*	Brasília/DF	1960
	8	Bloco I 105 Sul	Hélio Uchôa	Brasília/DF	1960
SUL	9	Edifício Linck	Emil Bered	Porto Alegre/RS	1952
	10	Edifício Redenção ⓘ	Emil Bered	Porto Alegre/RS	1954
SUDESTE	11	Edifício Anchieta ⓘ	Marcelo e Milton Roberto	São Paulo/SP	1941
	12	Edifício Prudência ⓘ	Rino Levi	São Paulo/SP	1944
	13	Edifício Louveira	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1946
	14	Conjunto Pedregulho	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro/RJ	1947
	15	Edifício Dona Fátima e Finúsia ⓘ	Marcelo e Milton Roberto	Rio de Janeiro/RJ	1947
	16	Conjunto Governador Kubitschek	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte/MG	1952
	17	Edifício Niemeyer	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte/MG	1952
	18	Parque Guinle	Lucio Costa	Rio de Janeiro/RJ	1954
	19	Edifício Solar ⓘ	Ulpiano Nunes Muniz	Belo Horizonte/MG	1957
	20	Edifício Guaimbê	Paulo Mendes da Rocha	São Paulo/SP	1962
	21	Edifício Gravatá	Rino Levi	São Paulo/SP	1964
	22	Edifício Normandie ⓝ	Roberto Félix Veronese	Florianópolis/SC	1964
	23	Edifício Araucária	Rino Levi	São Paulo/SP	1965
	24	Conjunto CECAP Guarulhos	Vilanova Artigas	Guarulhos/SP	1967

Fonte: Autora (2024).

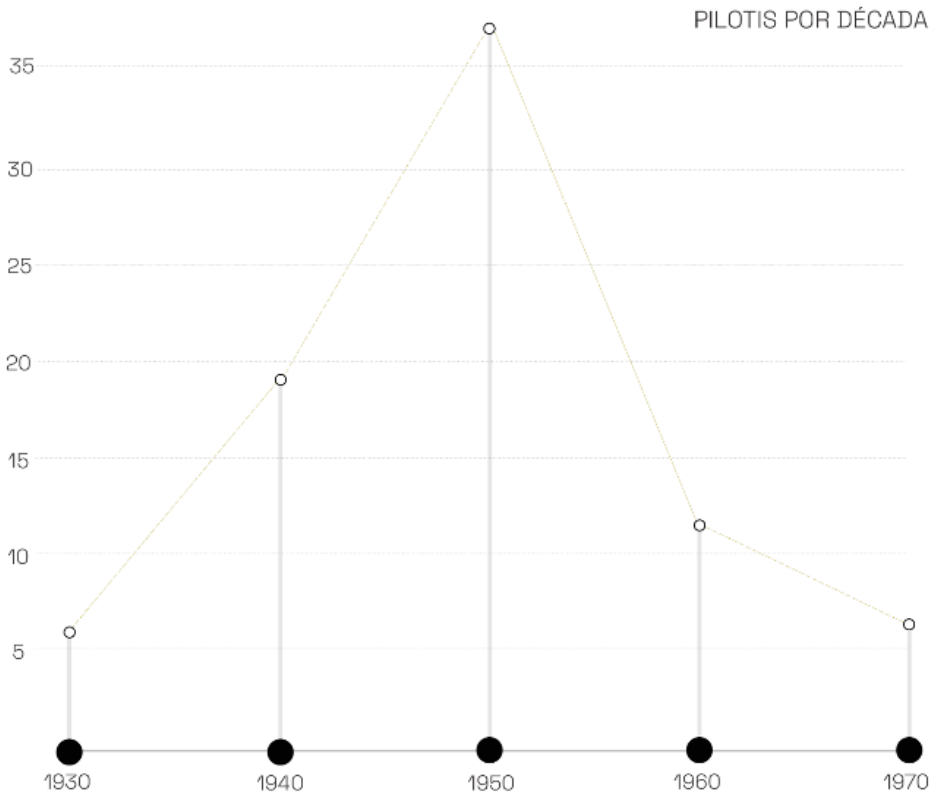
Nos projetos sinalizados com ⓘ (22 de 80), foram localizadas somente as plantas-baixas, e nos sinalizados com ⓝ (4 de 80), nenhum desenho

arquitetônico foi localizado, o que limitou a interpretação dos projetos, mas não a impossibilitou.

A elaboração da cronologia dos projetos estudados auxiliou na delimitação do marco temporal da pesquisa, que adotou como base as datas de aparecimento dos primeiros exemplares de projetos de pilotis no Brasil, cujo limite não antecede o ano de 1930. Quanto ao superior limite, considerou-se que, em meados da década de 1970, o pilotis já era plenamente aceito no país e a sua adoção dentro de preceitos genuinamente modernistas entrava em declínio. Após o ano de 1978, ano da obra mais recente dentre as selecionadas, observou-se que a produção não foi mais pensada a partir de um vocabulário comum à arquitetura moderna, ultrapassando assim o recorte de interesse da presente pesquisa.

Outra informação valiosa que a cronologia nos revelou foi o fato de que a década de 1950 pode ser considerada o apogeu dos pilotis no Brasil, a julgar pela quantidade de obras datadas deste período. Das 80 obras selecionadas, 37 são da década de 1950, 18 da década de 1940, 12 da década de 1960, 6 da década de 1930 e 6 da década de 1970. No gráfico a seguir (Figura 2), é possível observar os marcos de ascensão (1930) e declínio (1970):

Figura 2 – Distribuição de pilotis por década



Fonte: Autora (2024).

Passada a etapa inicial de documentação e seleção das obras, e concluídos os redesenhos, com o objetivo de compreender as variadas motivações do pilotis, os projetos selecionados foram estabelecidos como elementos estruturantes de uma nova narrativa e passaram a ser analisados a partir de dois critérios.

O primeiro critério, "materialidade", aborda dois pontos: 1) as técnicas construtivas utilizadas para a execução dos pilotis brasileiros (seção dos pilares e esquema estrutural) e 2) os materiais de composição do espaço desses pilotis (cobogós, pastilhas, painéis, murais, afrescos, paisagismo, etc.).

O segundo critério, *"motif"*, procura investigar as justificativas e particularidades de implantação dos pilotis. Entender o *motif* significa entender o impulso, a motivação que está por trás de uma proposta. O *motif* dos pilotis será verificado por meio de uma interpretação dos projetos. Esse critério irá questionar as intenções dos arquitetos para o uso desse espaço.

O pilotis foi pensado como um ambiente transitório ou de permanência? Social ou de serviço? Foi uma resposta às condições locais ou uma replicação de um emblema modernista? Essas respostas foram encontradas nos textos, memoriais descritivos, croquis, fotografias e redesenhos, que são nossos instrumentos de análise.

As análises propostas evidenciam, em cada uma dessas obras, se o uso do pilotis se deu por uma cópia gratuita de um dos grandes mestres modernistas (Corbusier) ou se houve uma reflexão e/ou um aprimoramento por parte dos arquitetos brasileiros em relação a esse recurso formal. À vista disso, propõe-se uma tentativa de síntese sobre como ocorreu a dispersão do pilotis no Brasil, com o intuito de responder à questão principal desta pesquisa: existe o pilotis de caráter estritamente brasileiro? Foi criado um pilotis tropical?

1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO

A presente dissertação é composta por quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo revisita a vida e a obra do arquiteto Le Corbusier, bem como os caminhos que o levaram à criação do novo conceito de pilotis. Perpassa, ainda, o reconhecimento de obras e projetos do arquiteto que são fundamentais para o entendimento do surgimento e da consolidação do pilotis na arquitetura moderna. A narrativa da obra de Corbusier se apoia principalmente nos autores Adolf Max Vogt (1998), Sigfried Giedion (2004), Yves Bruand (1981) e Kenneth Frampton (1997), entre outros. Esse apontamento será realizado a partir da definição dos termos em que a dissertação se apoia e de uma conceituação preliminar do pilotis a partir da obra de Corbusier, definida pela revisão de sua trajetória.

O segundo capítulo investiga o surgimento do pilotis no Brasil, os primeiros exemplares desse princípio arquitetônico e como o novo repertório

corbusiano foi recebido pelos arquitetos brasileiros e passou a ser amplamente utilizado no país.

O terceiro capítulo contempla a apresentação e análise de 80 pilotis brasileiros de uso habitacional, sendo dividido em duas partes. A primeira parte se dedica a 56 projetos unifamiliares, enquanto a segunda parte foca em 24 projetos multifamiliares.

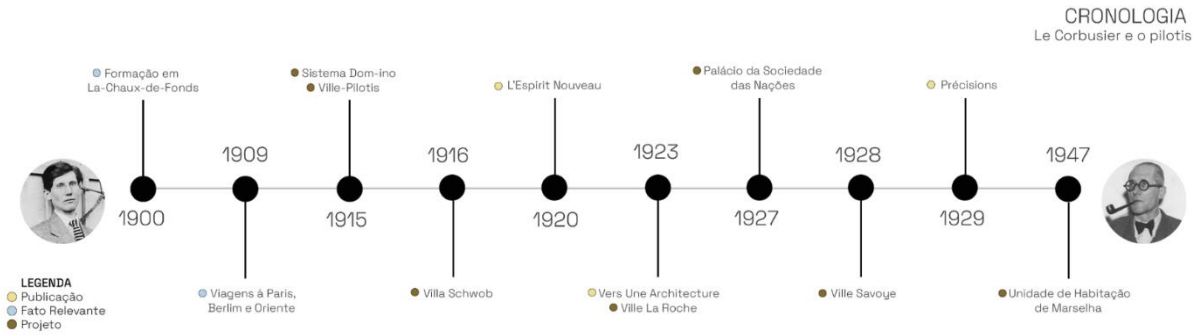
O quarto capítulo apresenta os cinco conjuntos em que os pilotis brasileiros foram divididos, a partir das afinidades entre as características dos projetos. Esse capítulo demonstra como se dá cada um desses conjuntos e o que os caracteriza, além de como eles se relacionam e se diferenciam entre si.

2 O CAMINHO DE LE CORBUSIER AO PILOTIS

A palavra pilotis, de origem francesa, pode se referir tanto a um único pilar (ou estaca) quanto a um conjunto de pilares. Le Corbusier foi o responsável por atribuir a este termo um novo significado por meio da elaboração de suas teorias sobre arquitetura e urbanismo, vinculadas ao Movimento Moderno.

Para compreender como o pilotis adquiriu esse status de dispositivo arquitetônico, surgindo como um novo elemento espacial e sistema construtivo, é preciso entender a trajetória de Le Corbusier (Figura 3). A vida do arquiteto e a sua história são parte do caminho para o entendimento da sua produção. Logo, uma revisão desse contexto se faz necessária para uma compreensão da ampla variedade de princípios arquitetônicos propostos pelo arquiteto. O papel absolutamente central e embrionário representado por Corbusier no desenvolvimento da arquitetura do século XX é causa suficiente para que nos detenhamos detalhadamente nos primórdios de sua evolução (Frampton, 1997).

Figura 3 – Cronologia Le Corbusier e o pilotis



Fonte: Autora (2024).

Charles-Édouard Jeanneret nasceu em 1887, em La Chaux-de-Fonds, cidade suíça onde se fabricavam relógios. Aos 13 anos de idade, ingressou na escola de ofícios local. Enquanto vivia na sua cidade natal, ele estava longe de toda a movimentação dos arquitetos e era pouco familiarizado com os

grandes centros da Europa, onde o concreto armado começou a ser utilizado. Nota-se que seus primeiros projetos revelam um misto de influências do Regionalismo e do Art Nouveau (Curtis, 2008).

Entre 1909 e 1910, Corbusier esteve em Paris. Foi nessa época que se iniciou o seu interesse pelo concreto armado, que se deve, em parte, à influência de Auguste Perret (1874–1954). Nesse mesmo período, ele assimilou as ideias de Viollet-le-Duc (1814–1879) e trabalhou no escritório de Peter Behrens (1868–1940), em Berlim. Na mesma ocasião, o arquiteto absorveu a ideia de que uma nova arquitetura deveria se sustentar na idealização de tipos e normas projetadas para servir às necessidades de uma sociedade moderna, estando em harmonia com os meios de produção em série (Curtis, 2008).

O interesse de Corbusier pelo concreto armado se desenvolveu ainda mais como resultado de sua amizade com o engenheiro Max Du Bois (1884–19--?). Juntos, os dois elaboraram um sistema construtivo de concreto baseado nos princípios desenvolvidos por Emil Mörsch (1872–1950), professor de Du Bois na Politécnica de Zurique. Em 1909, ao conhecer a obra de Mörsch, com o título *Le béton armé*, Corbusier, com apenas 22 anos, tinha um novo "desafio" em suas mãos.

Primeiro, por conta do grande potencial dessa nova forma de construir, que em nada se relacionava com os métodos utilizados até então. Segundo, pelo volume de cálculos e fórmulas matemáticas envolvidas na obra de Mörsch e Du Bois, que devem ter impressionado e até mesmo intimidado Corbusier naquele momento, no que diz respeito ao cálculo estrutural de edifícios. Terceiro, por todo o rigor científico presente naquele livro, que se provou tão relacionado à profissão dos arquitetos e o fez ser um grande admirador da profissão de engenheiros calculistas (Vogt, 1998).

O livro de Mörsch (1909) com certeza foi uma grande fonte de inspiração para o jovem Corbusier, que, 14 anos mais tarde, publicaria seu livro

Vers une Architecture (1923)[3]. Este foi considerado o primeiro grande manifesto do "milagre do concreto armado" e da produção em série, além de ser um compilado de suas primeiras investigações em termos de propostas urbanas e formas do habitar moderno. Na Europa, a década de 1920 foi marcada como um período em que as novas formas arquitetônicas pareciam destronar os estilos anteriores, definindo uma nova base comum para as invenções individuais (Curtis, 2008).

A arquitetura estava aberta para novas ideias e possibilidades e foi neste momento que Jeanneret se inventou como arquiteto, passando a ser conhecido por seu famoso pseudônimo, Le Corbusier. Nesse novo cenário, poucos arquitetos se apropriaram das esperanças e desilusões da era industrial na mesma intensidade que Corbusier. Sua forma de pensar foi inventiva e teve grande protagonismo, desde os seus primeiros trabalhos até o fim de sua vida (Cohen, 2007).

O arquiteto sempre teve afinidade com o uso de formas primárias e tinha o hábito de "olhar para o passado" em busca de lições gerais (Curtis, 2008). Desde muito jovem, Corbusier adquiriu o hábito de fazer esboços de edificações de todos os períodos históricos, a fim de entender suas organizações e seus princípios ordenadores. De todos os arquitetos modernos, foi Le Corbusier quem melhor relacionou as novas formas propostas com as lições importantes das arquiteturas precedentes (Colquhoun, 2004).

2.1 A VIAGEM DO ORIENTE

No verão de 1911, o jovem arquiteto, de 24 anos, embarcou numa expedição pela Europa Oriental, acompanhado de seu amigo, Auguste Klipstein (1885–1951). Corbusier guardou alguns artigos que escreveu sobre essa viagem para o *Feuille D'Avis de La Chaux-de-Fonds*, um jornal de sua

[3] Publicado em português sob o título: *Por uma arquitetura* (Le Corbusier, 2004b).

cidade natal, onde seu tio era editor. Cinquenta anos mais tarde, esses mesmos artigos foram reorganizados e reagrupados por ele, praticamente no fim da sua vida, quando lançou seu último livro publicado, intitulado *Le Voyage d'Orient* (1965)[4].

Corbusier buscou nesta viagem um amplo entendimento da lógica das arquiteturas do passado. Suas impressões foram por ele registradas, absorvidas e, posteriormente, refletidas no amplo repertório do arquiteto. Curtis (2008) afirma que a impressão mais forte dessa viagem no arquiteto foi causada pela Acrópole de Atenas:

> Ele visitou o Partenon diariamente por quase um mês, às vezes durante horas, fazendo esboços sob vários ângulos. Ficou impressionado com a força da ideia ordenadora do prédio, a energia escultórica, a precisão das formas (ele chegou a comparar o Partenon a uma "máquina"), o relacionamento com o sítio e as vistas distantes das montanhas e do mar. Além disso, havia algo de especial no percurso arquitetônico sobre camadas sobrepostas de rochas que Jeanneret jamais esqueceu. O Partenon lhe deu um vislumbre de uma perfeição que passou a persegui-lo (Curtis, 2008, p. 165).

Ao contrário do que se imagina, o autor Adolf Max Vogt (1998) fornece algumas evidências de que Le Corbusier teria sido mais fortemente impactado por sua visita à Turquia do que por algumas cidades da Grécia e da Itália (países onde se encontram grandes exemplares da arquitetura clássica).

> Le Corbusier ficou muito entusiasmado ao conhecer Tarnovo, em sua passagem pela região dos Bálcãs, situada na atual Bulgária. Trata-se de uma cidade de montanhas, com muitas áreas rochosas em declive, próximas ao rio Yantra. Essas circunstâncias eram favoráveis às construções de casas tipicamente turcas, construídas em madeira, que mantinham uma forte relação com a topografia acidentada local, através de longas janelas de sacada sobre mísula, que avançavam do volume principal da casa, em direção ao precipício. O arquiteto fez diversos desenhos dessas construções implantadas em áreas de encosta (Vogt, 1998, p. 33).

[4] Publicado em português sob o título: *A Viagem do Oriente* (Le Corbusier, 2007).

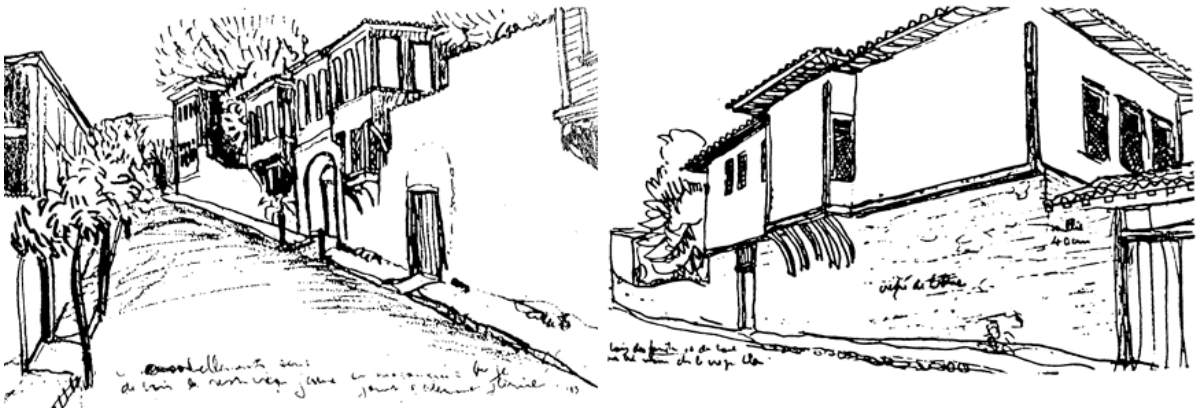
Figura 4 – Croqui de Le Corbusier da cidade de Tarnovo

Fonte: Le Corbusier (2007).

Ele registrou em seu caderno de rascunhos suas impressões desses locais até chegar a Istambul, cidade que também chamou bastante a atenção dos dois amigos viajantes, onde permaneceram por sete semanas e meia. Nessa viagem, esse foi o maior tempo de permanência deles numa mesma cidade.

Não se pode negar que esse princípio das janelas de sacada sobre mísula (o *oriel principle*) impressionou indelevelmente a imaginação de Le Corbusier. Vale destacar que a presença dessas sacadas protuberantes é, de fato, a característica mais marcante das casas dessa região (Vogt, 1998). Pelos desenhos preservados de Le Corbusier nessa viagem, tem-se a forte impressão de que o jovem viajante, que atravessou continentes, não deixou passar despercebido seu encontro com essas construções turcas. Muitos de seus croquis registraram essas casas, onde o andar superior avança em relação ao térreo, criando uma projeção em relação à rua (Figura 5).

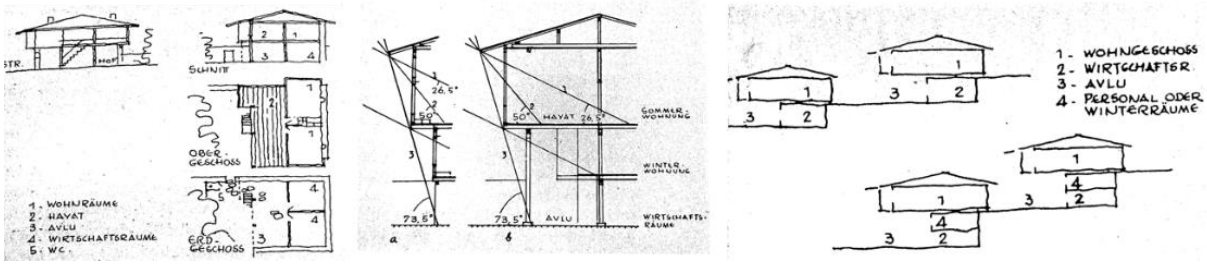
Figura 5 – Croquis de Le Corbusier das casas de Istambul



Fonte: Le Corbusier (2007).

O que todas essas casas têm em comum é a presença de um "*avlu*"[5], como registrado nos desenhos, representado pelo número 3 nas legendas escritas pelo próprio arquiteto (Figura 6). O *avlu* seria um pátio de acesso, protegido e coberto, resultante do avanço do segundo pavimento, que se projeta para frente. A relação desse volume que avança entre os pilares e a parede do pavimento térreo (que fica para trás) cria uma área de meia sombra.

Figura 6 – Estudos de Le Corbusier sobre as casas turcas



Fonte: Vogt (1998).

Nota-se que a curiosidade e o interesse de Le Corbusier por essas construções eram ilimitados. Os desenhos abaixo registram dois edifícios com janelas de sacada sobre mísula que avançam (Figura 7). Essa parece ter sido a grande fascinação de Corbusier. Ele percebeu ali uma lógica e viu

[5] Palavra de origem turca. Pátio, quintal, cercado, são as principais traduções de "avlu" para português (Avlu, c2024).

grande valor naquela tipologia, pensada pelos construtores turcos. A partir disso, Vogt (1998) sugere a hipótese de que as casas turcas preconizam dois projetos futuros de Le Corbusier: o Abrigo do Exército da Salvação e o edifício em Weissenhof.

Figura 7 – Comparação entre uma casa turca e o edifício do Abrigo do Exército da Salvação (Le Corbusier, 1926); comparação entre uma casa turca e o edifício em Weissenhof (Le Corbusier, 1927)

Fonte: Vogt (1998).

Seus croquis e reflexões, datados de 1911, podem ter sido materializados nesses projetos autorais do arquiteto, 15 anos mais tarde, em 1926 e 1927, respectivamente. Certamente, a memória prodigiosa, que é marca registrada de Le Corbusier, era fruto de sua consistente apropriação

visual, feita por meio de seus desenhos. No caso, o edifício do Abrigo do Exército da Salvação e os dois edifícios em Weissenhof são estruturados nos fundos pelo apoio de paredes contínuas e na frente por pilares delgados. Nas construções turcas, podemos identificar uma estrutura similar, onde parte da casa era elevada e parte estava apoiada ao solo. Assim, entende-se que Le Corbusier possa ter absorvido os princípios das sacadas de Istambul e ter se apropriado deles em seus próprios projetos. Com isso, ele transformou a estratégia turca de elevar parte do edifício em uma uma solução própria de elevar o edifício completamente, preconizando assim a origem do pilotis.

Em seu livro *A Viagem do Oriente*, Le Corbusier (2007) não se dedicou muito a descrever essas construções especificamente. Em verdade, ele parece ter dado mais ênfase à descrição de outras cidades que visitou em seu texto. Porém, o arquiteto escolhe para a capa do livro o croqui de uma mesquita de Istambul, o que, de certa forma, anuncia a importância que esse destino teve para ele.

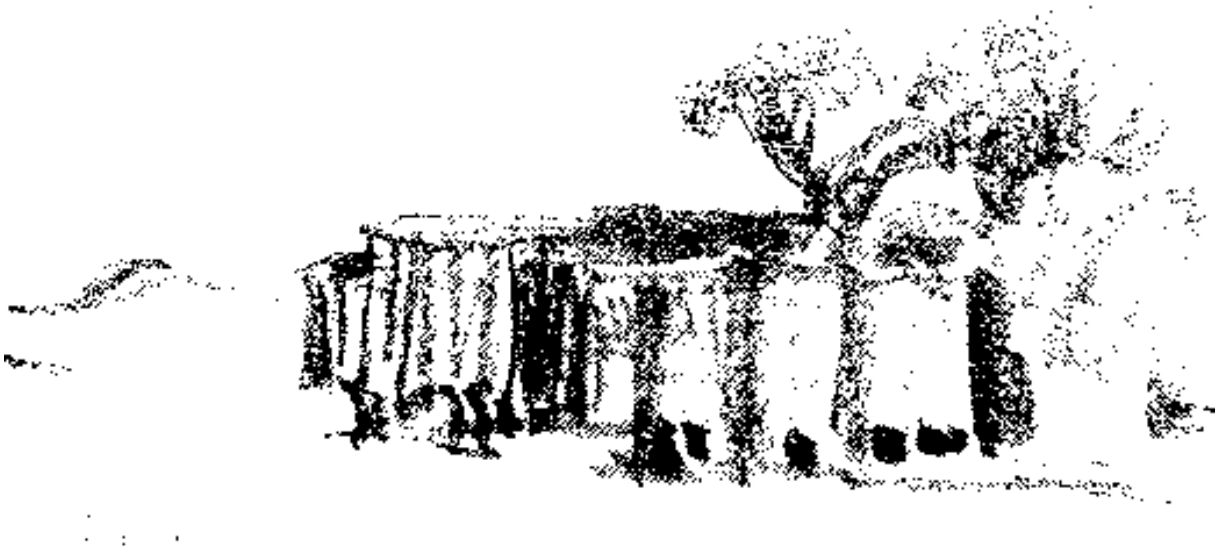
Na falta de comentários do próprio Corbusier sobre as casas turcas, Vogt (1998) recorreu a outro viajante e conseguiu ter acesso ao diário de viagem de Auguste Klipstein, que escreveu:

> Hoje e ontem no Bósforo. (27 e 28 de julho de 1911). O estreito não tem nada demais. Kitschy. Palácios grandiosos. Em contraste a isso, vimos diversas casas construídas em madeira na zona costeira. Essas casas tinham seus andares superiores protuberantes, projetados para frente em relação ao volume principal dos edifícios. Essas sacadas são conectadas aos andares de baixo através de suportes curvos de madeira. Quanto mais informações nós descobríamos sobre essas construções, mais gostávamos delas. Jean[neret] fez diversos desenhos. Nós adoraríamos conhecer essas casas por dentro. Os espaços devem ser generosos, e com muita luz natural (Klipstein *apud* Vogt, 1998, p. 48).

Por esse relato de Klipstein, fica evidente que os dois amigos ficaram fascinados com aquelas estruturas, que representavam uma técnica construtiva muito própria da região. Klipstein documentou ainda que Corbusier passou pelo menos dois dias inteiros fazendo vários desenhos

dessa região do estreito de Bósforo. Desses, um dos poucos que se salvou foi o que registra a encosta vista de dentro de uma embarcação, a uma certa distância (Figura 8).

Figura 8 – Croquis de Le Corbusier de casas turcas próximas ao rio



Fonte: Vogt (1998).

Nesse croqui, é possível observar que, na parte de baixo das construções, Corbusier desenhou quadrados escuros, que parecem pequenos pilotis fixando o edifício ao solo. Naquele momento, o arquiteto percebeu novas possibilidades construtivas que futuramente anunciariam grandes renovações propostas por ele. Assim, reforça-se a hipótese de Vogt, de que as sacadas das casas turcas influenciaram os projetos futuros de Le Corbusier, sugerindo ainda uma possível relação entre as casas Börekci e a Ville Savoye (Vogt, 1998).

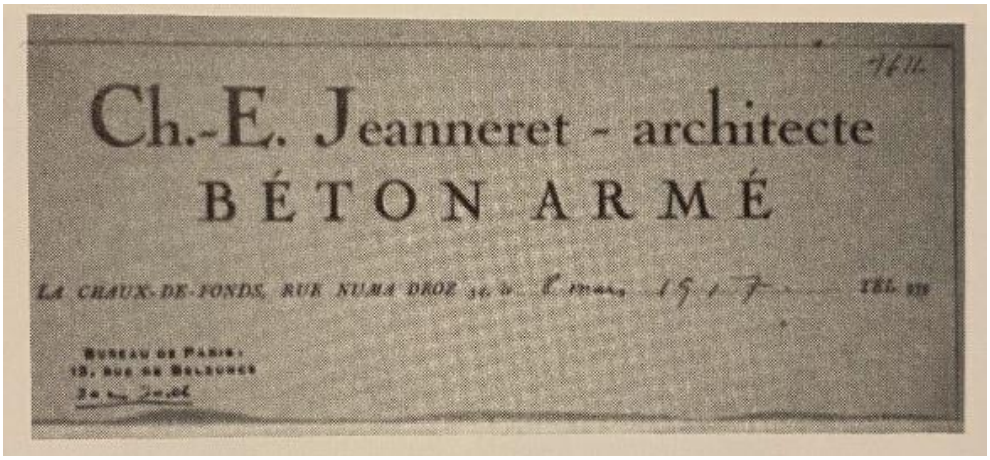
As casas Börekci são construções ancestrais dessa mesma região, muito anteriores à data da visita de Le Corbusier. Mesmo assim, o autor não descarta a possibilidade de que o interesse do arquiteto por aquelas estruturas foi tão grande que ele pode ter aprofundado suas pesquisas na história da arquitetura turca e assim ter conhecido essas tipologias antecedentes. Essa teoria é embasada principalmente por uma comparação visual entre a fotografia de uma casa de Börekci e da Villa Savoye (Figura 9).

Figura 9 – Comparação entre uma casa Börekci turca e a Villa Savoye (Le Corbusier, 1928)

Fonte: Vogt (1998).

Corbusier, que passou a se autodeclarar um arquiteto especialista em concreto armado em seus cartões de visita (Figura 10), percebeu nos edifícios em madeira, que conheceu em 1911, uma liberdade compositiva e soluções audaciosas que envolviam a lógica das estacas (os pilotis) para elevar essas construções em zonas costeiras. Foi este raciocínio que ele trouxe para a nova era do concreto.

Figura 10 – Cartão de visita de Charles-E. Jeanneret



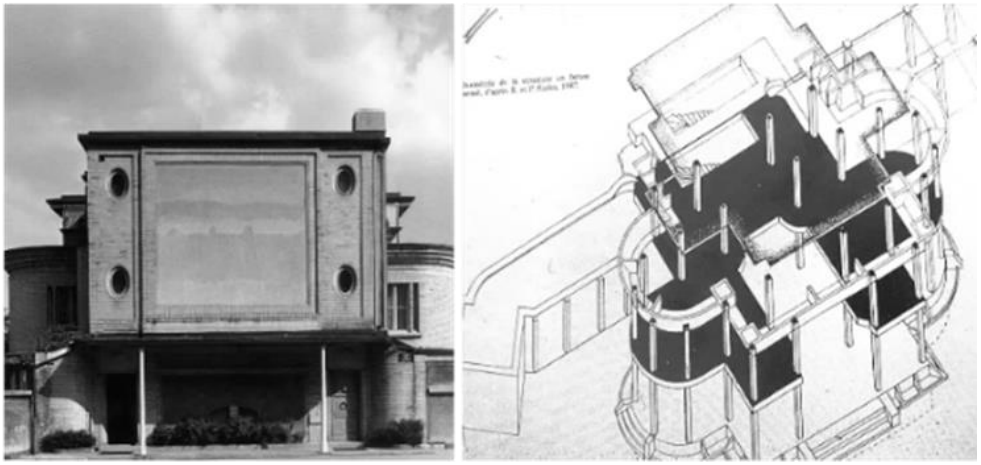
Fonte: Vogt (1998).

Corbusier não foi exatamente um pioneiro neste novo sistema construtivo (como Auguste Perret ou o próprio Max Du Bois). Ainda assim, ele assumiu um papel de protagonista, por ser um projetista inventivo e por passar a ser um grande defensor dessa nova materialidade.

2.2 UMA NOVA FORMA DE CONSTRUIR, UMA NOVA CASA

Dentre os primeiros projetos construídos de Corbusier, ainda na sua cidade natal, temos um edifício que contém — mesmo que de forma velada — um experimento de pilotis, no ano de 1916: a Villa Schwob (Figura 11). Sua alvenaria de tijolos amarelos pode ser encarada como uma declaração de total aderência às velhas casas de paredes portantes; porém, sua organização interna é decisivamente sustentada por um sistema de pilotis.

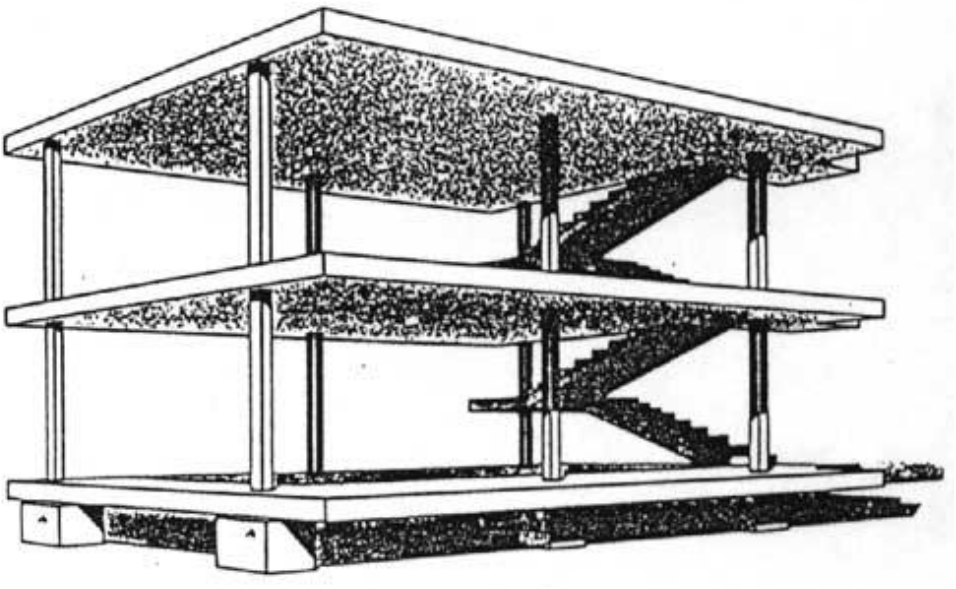
Figura 11 – Villa Schwob, Le Corbusier, La Chaux-de-Fonds, 1916. Uma primeira tentativa de emprego do pilotis



Fonte: Vogt (1998).

A definição dos cinco pontos da nova arquitetura de Le Corbusier foi publicada no ano de 1926, na revista francesa *L'Espirit Nouveau*. Esses conceitos (1. Pilotis, 2. Fachada Livre, 3. Planta Livre, 4. Terraço Jardim e 5. Janela em Fita) passaram a determinar os elementos constitutivos do projeto, possibilitando uma maior liberdade de criação. Eles foram baseados em um conceito anteriormente apresentado por Corbusier, em 1915, o Sistema Dom-ino (Figura 12) (Le Corbusier, 1920).

Figura 12 – Sistema Dom-ino, 1914-15, Le Corbusier



Fonte: Jeanneret (*apud* Boesiger; Stonorov, 1929).

Aqui, Corbusier apresenta pela primeira vez um sistema estrutural independente, caracterizado por uma unidade estrutural de três lajes horizontais, estando cada uma das duas lajes superiores sustentadas por pilares de concreto de seção quadrada e a laje do piso térreo afastada do solo por blocos de concreto. Corbusier justifica a concepção desse sistema pelo baixo custo e pela otimização do planejamento e da construção por meio da pré-fabricação.

> O verdadeiro ponto de partida da carreira de Le Corbusier foi um desenho datado de 1915. Tudo o que mostra são seis pilares de concreto armado e três lajes horizontais conectadas unicamente por uma escada. Le Corbusier foi capaz – como ninguém havia sido antes – de converter a ossatura de concreto desenvolvida pelos engenheiros num meio de expressão arquitetônica. Ele sabia como evocar a afinidade secreta existente entre a estrutura em concreto armado e as necessidades e aspirações humanas que estavam surgindo (Giedion, 2004, p. 550).

Em suma, a materialização dos cinco pontos não seria possível sem o emprego desse novo sistema construtivo. Uma vez que, as casas construídas até então tinham paredes estruturais, geralmente em pedra, o que não permitia muita liberdade de composição formal por parte dos arquitetos. O concreto armado apresenta a possibilidade de paredes mais finas (ou inexistentes) e grandes vãos, com lajes apoiadas sobre pilares mais esbeltos. Esses novos preceitos mudaram a forma de se fazer arquitetura na época.

Corbusier enfatiza bastante a contribuição do primeiro dos cinco pontos, o pilotis, objeto de estudo desta pesquisa. O arquiteto menciona, em seus escritos, o ganho espacial que esse dispositivo arquitetônico proporciona. O edifício ganha o dobro de área verde, de solo, e a presença do jardim embaixo da casa e o jardim no terraço acaba gerando um duplo benefício.

A justificativa dessa nova linguagem na arquitetura foi descrita por Corbusier. O arquiteto deixa claro que o pilotis tinha a intenção de, sobretudo, transformar o sistema de circulação sobre o solo, de baixo para

cima, incluindo tanto edifícios em altura de uso comercial quanto as moradias mínimas e o espaço urbano, caracterizado pelas ruas.

Para ele, os pilotis não são apenas uma nova versão de colunas ornamentais ou simplesmente "elementos de fachada" que elevam um pórtico do chão. Observa-se, ainda, que ele sempre teve em mente elevar o volume da casa na sua totalidade. Na revista *L'Espirit Nouveau*, o arquiteto apresenta a Villes-Pilotis (Figura 13), uma proposta urbana onde a cidade inteira estaria elevada sobre pilares de quatro a cinco metros do nível do solo. Neste artigo publicado na quarta edição da revista, Corbusier descreve as vantagens de elevar as edificações, que estariam relacionadas a uma melhor organização do sistema de circulação urbana, além de uma intenção de deixar o solo livre para a circulação (Le Corbusier, 1920).

Figura 13 – Croqui da Les Villes-Pilotis

LE CORBUSIER-SAUGNIER. ***LES VILLES-PILOTIS.*** ***Le sol de la ville est surélevé de 4 à 5 mètres sur les pilotis qui servent de fondation aux maisons. Le sol de la ville est en quelque sorte un radier. Sous ce radier, accessibles directement tous les organes jusqu'ici enfouis dans le sol et inaccessibles.***

Fonte: Le Corbusier (1920).

2.3 OS CINCOS PONTOS DO PILOTIS

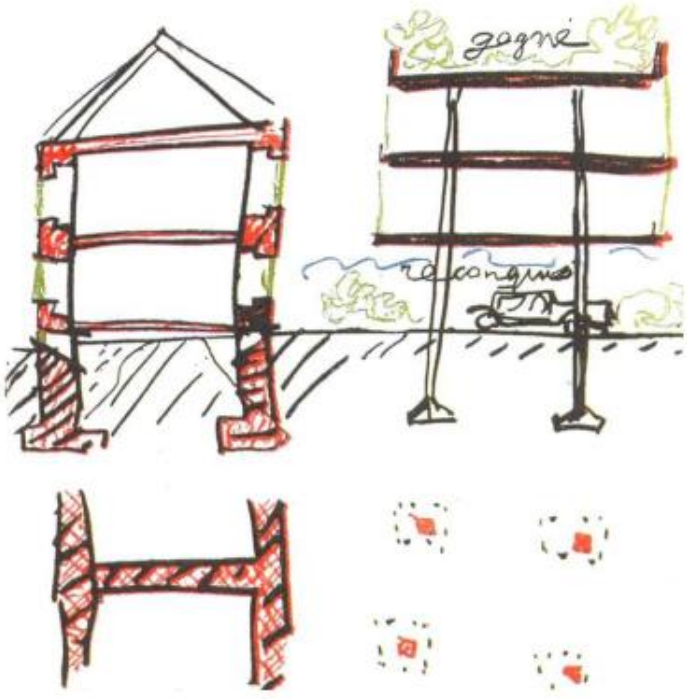
Os cinco pontos do pilotis são descritos por Le Corbusier no livro *Ouevre complète*, onde o arquiteto justifica o emprego deste dispositivo por meio de um artigo, intitulado *Les Pilotis, c'est le format: encore cinq points*"[6]. São eles: 1) limpeza/higiene/salubridade das habitações, saneamento

[6] Tradução livre: "O pilotis, é o formato: novamente, cinco pontos".

doméstico; 2) distribuição dos tipos de circulação, separando o pedestre e o veículo motorizado; 3) recuperação do terreno útil construído e do terreno da cidade, que passam a ficar livre de impedimentos; 4) abrigo, elemento arquitetônico valioso que o pilotis traz de volta à moradia moderna, criando um novo espaço disponível para as vivências da vida doméstica e pública (garagem, estacionamento, proteção contra intempéries, recreação, etc.); e 5) a abolição da fachada: não há mais frente e fundos da casa, a casa está em cima) (Boesiger; Stonorov, 1929).

Em 1929, Corbusier viaja à América do Sul e aborda mais uma vez o tema do pilotis em uma proposta de restituição do uso do solo. O croqui (Figura 14) que ele desenhou para ilustrá-la durante uma palestra na cidade de Buenos Aires, posteriormente, deu origem ao seu livro *Précisions* (1930). Usando o desenho e explicações verbais, ele deixa clara a tese de que o jardim embaixo da casa é uma reintegração de posse (*reconquis*) daquele espaço.

Figura 14 – Croqui esquemático de Le Corbusier (em corte e planta-baixa), que compara o uso de paredes portantes de pedra (lado esquerdo), e estrutura em concreto armado (lado direito)

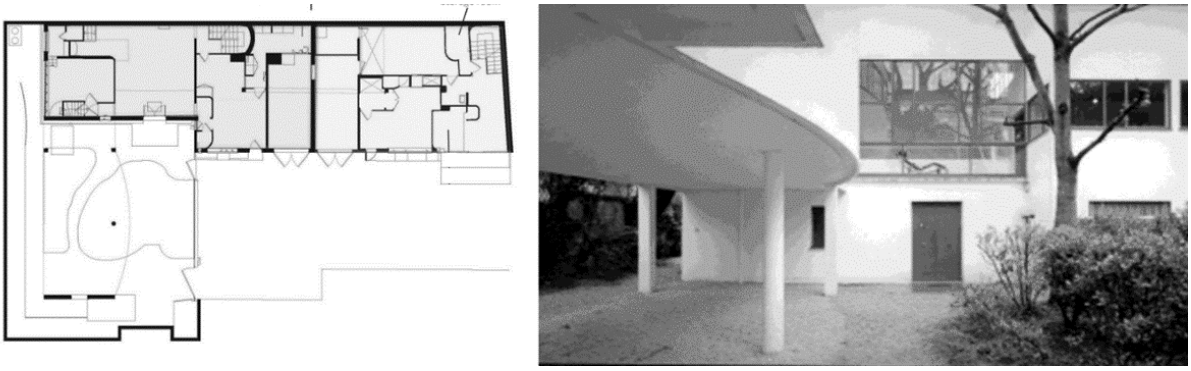


Fonte: Le Corbusier (2004a).

2.4 O PILOTIS NA OBRA DE LE CORBUSIER

A articulação distinta em um pilotis, que resulte em um espaço livre no pavimento térreo, só aparece de fato em 1923, na Maison La Roche (Figura 15), em Paris. Já nos primeiros croquis do projeto, a ala da galeria de arte — para o acervo particular do proprietário da casa — é elevada no eixo central por um único ponto de apoio, situado em um local inesperado. Essa foi a primeira tentativa do arquiteto de articular o vazio espacial no pavimento térreo.

Figura 15 – Maison La Roche, planta-baixa e foto externa da área do pilotis

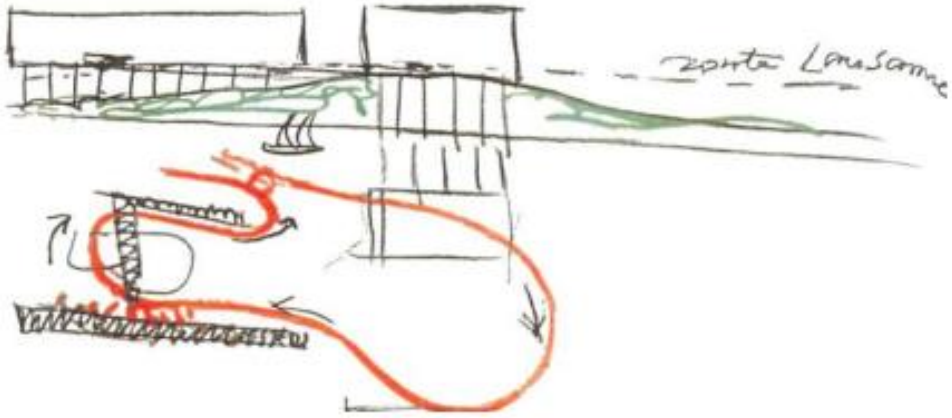


Fonte: Fondation Le Corbusier (c1963).

O segundo estágio da trajetória do pilotis se inicia com o projeto do Alojamento do Exército da Salvação (1926), passando pela Villa Stein (1927), pelas casas duplas em Weissenhof (1927), pela vila em Cartago (1928) e finalmente chegando até a Ville Savoye (1928) (Vogt, 1998).

Corbusier justifica novamente o uso do pilotis em seu projeto de 1927, para o concurso internacional do Palácio da Sociedade das Nações (Figura 16), em Genebra, seu primeiro projeto para uma grande estrutura pública, cujo terreno era bastante acidentado.

Figura 16 – Croquis esquemáticos de Le Corbusier sobre o uso de pilotis no projeto do Palácio da Sociedade das Nações, Genebra, 1927



Fonte: Le Corbusier (2004a).

Este comentário do arquiteto mostra seu anseio pela "nova arquitetura", criticando a ornamentação clássica, sem valor funcional:

> Mostro com satisfação estes pilotis que sustentam algo, que se veem refletidos na água, que deixam passar a luz sob as edificações, eliminando assim todo o conceito de "frente" e "fundo" da construção. Esses "fundos" oprimidos por uma sombra opaca, onde musgos melancólicos crescem por entre o chão e nos quais percorremos furtivamente espaços lúgubres. Ao contrário, o sol é abundante e, mais do que isto, aguarda-me um espetáculo deslumbrante: contemplo, através desse pórtico mágico, a reverberação das águas [...]. Uma colunata de pilotis sustenta as edificações, da mesma forma que minhas coxas sustentam meu tronco... É sob os pilotis, que recuperam-se os espaços imensos em declive, garantindo a unidade de circulação horizontal dos visitantes no palácio inteiro (Le Corbusier, 2004a, p. 58).

O projeto da Villa Savoye (Figura 17) possibilitou a utilização dos cinco pontos de Corbusier em seu modo mais puro. Construída entre 1928 e 1930, está localizada na cidade de Poissy, próxima a Paris. A casa representa uma síntese dos princípios corbusianos: os pilotis, que elevavam a massa acima do solo; a planta livre, obtida mediante a separação entre as colunas estruturais e as paredes que subdividiam o espaço; a fachada livre, o corolário da planta livre no plano vertical; a longa janela em fita horizontal; e, finalmente, o terraço-jardim, que supostamente recriava o terreno coberto pela construção da casa.

Figura 17 – Villa Savoye, Le Corbusier, 1928

Fonte: Acervo pessoal (2024).

Ao contrário das casas projetadas por Corbusier até então, que se localizavam em terrenos confinados, o sítio da Villa Savoye era completamente isolado e livre de construções. Corbusier pretendia elevar um volume cúbico acima do campo, representando a geometria do homem pairando acima da geometria da natureza. E assim foi feito, com o emprego de pilotis, que trouxe para a obra todas as intenções do arquiteto: proteção contra as intempéries — ou seja, um abrigo, um caminho coberto de acesso à entrada principal aos pedestres e veículos — e liberação do solo para o uso comum e circulação, criando um espaço de transição entre o interior e o exterior.

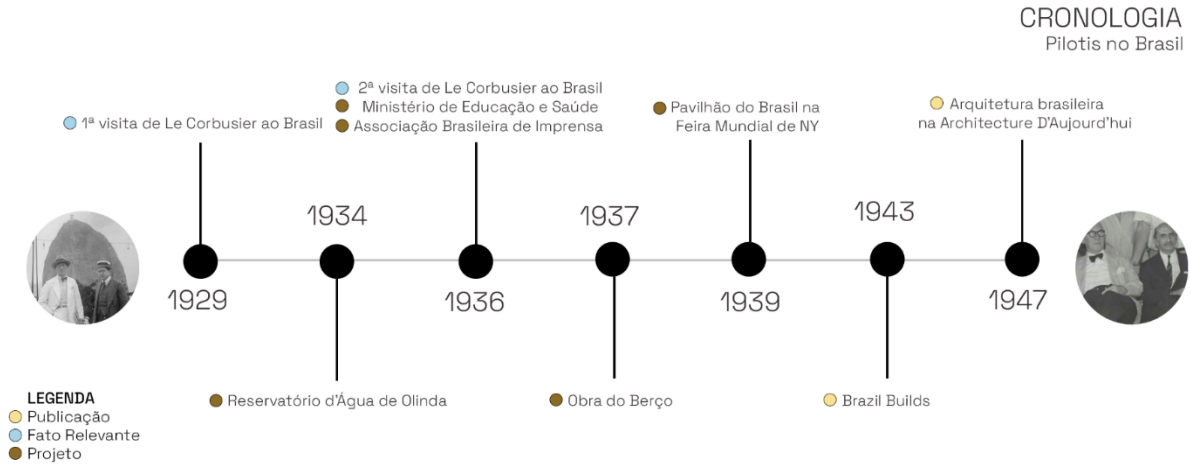
Outro projeto de Corbusier onde seus cinco pontos se manifestaram na totalidade foi a Unidade de Habitação de Marselha, de 1947, onde ele teve a oportunidade de propor uma unidade habitacional coletiva, que estava dentro de seus parâmetros ideais de uma civilização moderna. Com 337 apartamentos distribuídos em 18 andares, Corbusier propôs uma “cidade vertical”, de uso público e privado, com comércio, escritórios, hotel, biblioteca e uma escola infantil. A intenção de ser um projeto inclusivo, descrita pelo arquiteto em textos sobre essa obra, é reforçada pela presença do térreo em pilotis.

O ensejo por uma nova arquitetura, galgada na fusão lírica entre arte e técnica, com a estética do engenheiro e da máquina, encontraram terreno fértil na proposição teórica racionalista preconizada por Corbusier no início do século XX. O domínio de um novo material construtivo — o concreto armado — evidenciava a potencialidade da ciência frente às artes, fazendo necessário um estratagema que resultasse na "arte da técnica". Assim, Corbusier ditou regras, normas, manipulações e procedimentos que determinaram a possível linguagem da nova arquitetura.

Os cinco pontos evidenciaram os meios para atingir esse objetivo e, imbuídos desse ensinamento, os jovens arquitetos brasileiros absorveram suas ideias e propuseram novas interpretações a esses pontos, com proposições validadas pela nossa cultura, história e estética. No Brasil, os pilotis corbusianos atingiram uma nova maturidade, resultante de uma materialidade própria e de uma nova plástica.

3 PILOTIS NO BRASIL

Figura 18 – Cronologia do pilotis no Brasil



Fonte: Autora (2024).

Não se pode desvincular a história da arquitetura moderna brasileira da figura de Le Corbusier. A nova estética arquitetural e urbana, as ideias e os discursos de Corbusier introduziram aos brasileiros novas noções de modernidade, que assim puderam ampliar os horizontes da arquitetura no país.

A influência de Corbusier no Brasil não se deu de maneira tão latente na ocasião da sua primeira visita, no ano de 1929. Naquele momento, um de seus poucos entusiastas era Gregori Warchavchik (1896–1972), arquiteto ucraniano que chegou ao Brasil em 1923, se naturalizou brasileiro e foi um dos principais nomes da primeira geração de arquitetos modernistas no país.

Lucio Costa (1902–1998), formado pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) em 1924, deu início a sua trajetória profissional realizando obras de estilo neocolonial e eclético internacional. Sua "conversão" ao movimento moderno é retratada na historiografia como um marco fundamental para a consolidação da arquitetura moderna no Brasil. Na década de 1930, o arquiteto assume a direção da ENBA[7], contratando professores de orientação

[7] A tentativa de reforma na Escola Nacional de Belas Artes é abordada de forma mais aprofundada no livro *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, de Yves Bruand (1981).

moderna e proferindo ares de renovação no ensino da instituição. Em 1930, Costa projeta a sua primeira residência unifamiliar com a presença de pilotis, a Chácara Coelho Duarte, e em 1934, projeta a Vila Operária de Monlevade, também com pilotis. Os dois projetos não foram construídos.

Outro personagem importante a se destacar é o arquiteto Luiz Nunes (1909–1937), que de certo modo teria se tornado uma das figuras de proa da arquitetura brasileira, não tivesse falecido tão jovem (Bruand, 1981). Mineiro, ingressou na ENBA em 1926, onde liderou, juntamente com Jorge Moreira (1904–1992), a greve contra a demissão de Lucio Costa. Nunes foi contratado em 1934 para chefiar o Setor de Obras Públicas do estado de Pernambuco. A produção do arquiteto é nitidamente influenciada pelos princípios corbusianos (Goodwin, 1943).

Nesse sentido, seu projeto mais emblemático é o Reservatório D'água de Olinda (Figura 19), construído no ano de 1934 (Marques; Naslavsky, 2011). O reservatório é composto por uma lâmina de 6 pavimentos sobre pilotis e pode ser considerado pioneiro como proposta de pilotis destinado ao uso público. Conforme a descrição do projeto no catálogo *Brazil Builds*: "Apenas uma parte da torre é usada como depósito de água. Os longos muros são de cobogó. O terraço inferior servirá para nele se realizarem bailes ou festivais" (Goodwin, 1943, p. 158).

Figura 19 – Reservatório D'água de Olinda

Fonte: Goodwin (1943).

A atmosfera que reinava no país naquele momento preparava o Brasil para receber Le Corbusier novamente em 1936. Essa segunda visita aconteceu a partir de um convite do governo brasileiro, na ocasião do concurso para a sede do Ministério de Educação e Saúde (MES) (Figura 20), organizado pelo então ministro Gustavo Capanema (1900—1985). Capanema foi influenciado a convidar Corbusier por um grupo de arquitetos cariocas liderado por Lucio Costa.

Figura 20 – Pilotis do Ministério de Educação e Saúde

Fonte: Kon (c2018).

> Para Lucio Costa sem dúvida, como para Carlos Leão, Warchavchik, Monteiro de Carvalho, Reidy, os irmãos Roberto, Ernani Vasconcellos, Jorge Moreira, Niemeyer e outros, Le Corbusier traria um novo estímulo, convencendo os indecisos e realimentando as discussões (Santos; Pereira, 1987, p. 23).

Naquele momento, Costa já se identificava com a vertente corbusiana em sua luta contra o academicismo e a favor de uma renovação da arquitetura. Seu posicionamento a esse respeito fica evidente no seu texto *Razões da nova arquitetura*, publicado em 1934.

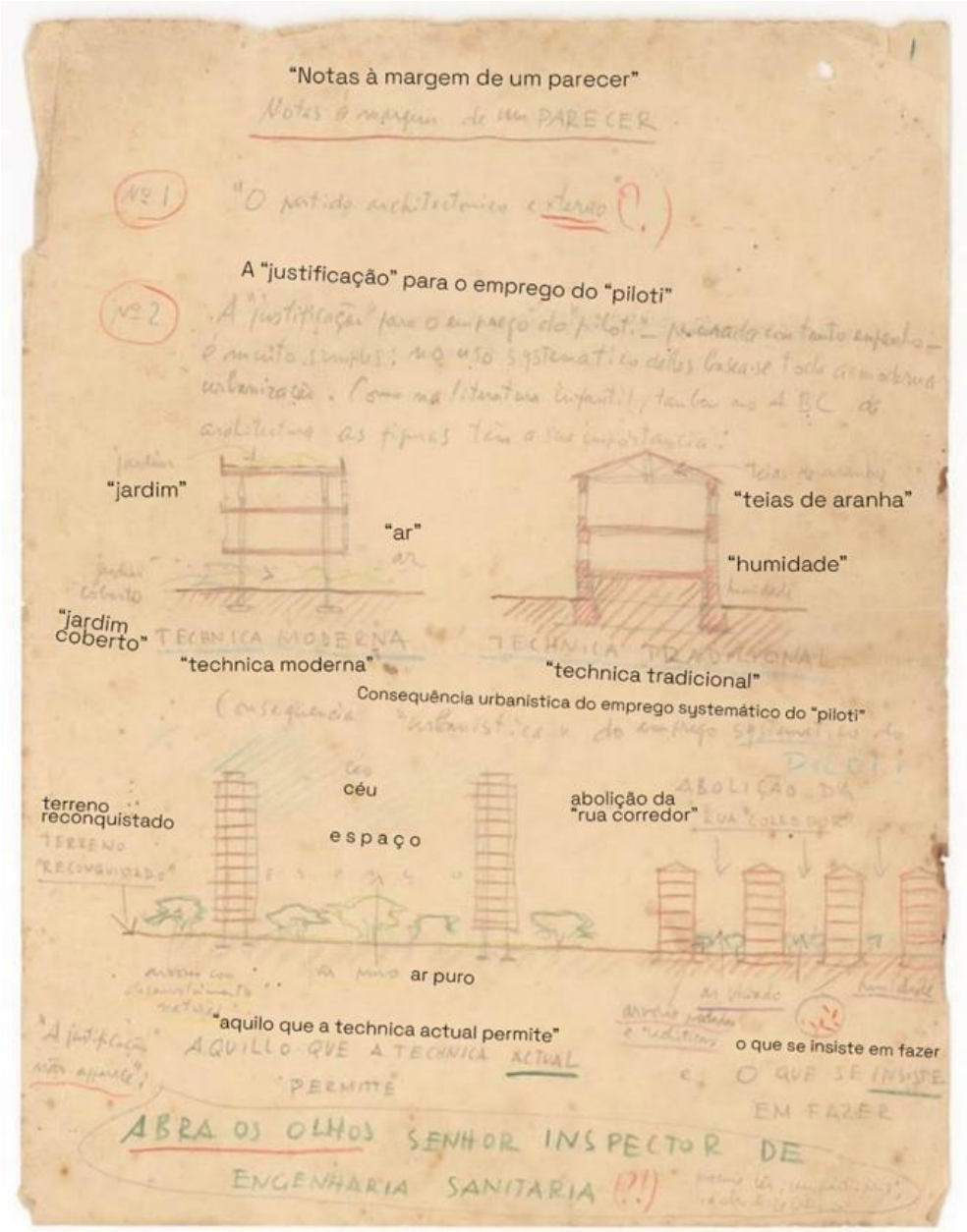
> A nova técnica reclama a revisão dos valores plásticos tradicionais. O que a caracteriza [...] é a ossatura independente. Em todas as arquiteturas passadas, as paredes – de cima abaixo do edifício cada vez mais espessas até se esparramarem solidamente ancoradas ao solo. [...] A linha melódica das janelas corridas, a cadência uniforme dos pequenos vãos isolados, a densidade dos espaços fechados, a leveza dos panos de vidro, tudo voluntariamente excluindo qualquer ideia de esforço, que todo se concentra, em intervalos iguais, no "pilotis" – solto no espaço, o edifício readquiriu, graças à nitidez das suas linhas e à limpidez dos seus volumes de pura geometria, aquela disciplina da grande arquitetura; conseguindo mesmo, um valor plástico nunca antes alcançado (Costa, 1934 *apud* Xavier, 1987, p. 35).

Obra seminal do modernismo brasileiro, o MES foi resultado de um projeto arquitetônico elaborado por Lucio Costa e equipe — composta por Oscar Niemeyer (1907–2012), Affonso Reidy (1909–1964), Jorge Moreira (1904–1992), Carlos Leão (1906–1983) e Ernani Vasconcellos (1912–1989) — em colaboração com Corbusier. O edifício conta com a presença dos cinco pontos da nova arquitetura preconizados por ele.

Lucio Costa procurou reafirmar a autenticidade brasileira, garantindo a originalidade da nossa arquitetura e seguindo os novos preceitos e paradigmas do modernismo. Pode-se afirmar que, dos cincos pontos da nova arquitetura de Corbusier, o pilotis foi um dos mais difundidos no Brasil, principalmente entre os anos de 1940 e 1950. Este acabou por ser considerado como parte indispensável a essa imagem modernista.

Uma prova interessante da posição de Costa nesse período foi registrada em um rascunho original do arquiteto (Figura 21), que, por meio de desenhos e textos redigidos a próprio punho, justifica a sua defesa pelo emprego de pilotis. Esse croqui tem uma clara inspiração no croqui que Corbusier fez em sua palestra em Buenos Aires em 1929 (Figura 16).

Figura 21 – Rascunho de Lucio Costa, Ministério de Educação e Saúde Pública, 1936



Fonte: Adaptada pela autora, a partir de Casa da Arquitectura (c2021).

Lucio Costa desenha uma casa elevada sobre pilotis e escreve "técnica moderna", ao lado de uma casa fixada no solo, onde escreve "técnica tradicional". Logo abaixo, por meio de um desenho de dois prédios elevados sobre pilotis, com várias árvores entre eles, ele ilustra e descreve as consequências urbanísticas do emprego desse dispositivo, para as quais escreve "terreno reconquistado; aquilo que a técnica atual permite". Logo ao lado, desenha prédios tradicionais com o dizer "abolição da 'rua corredor'". Ele

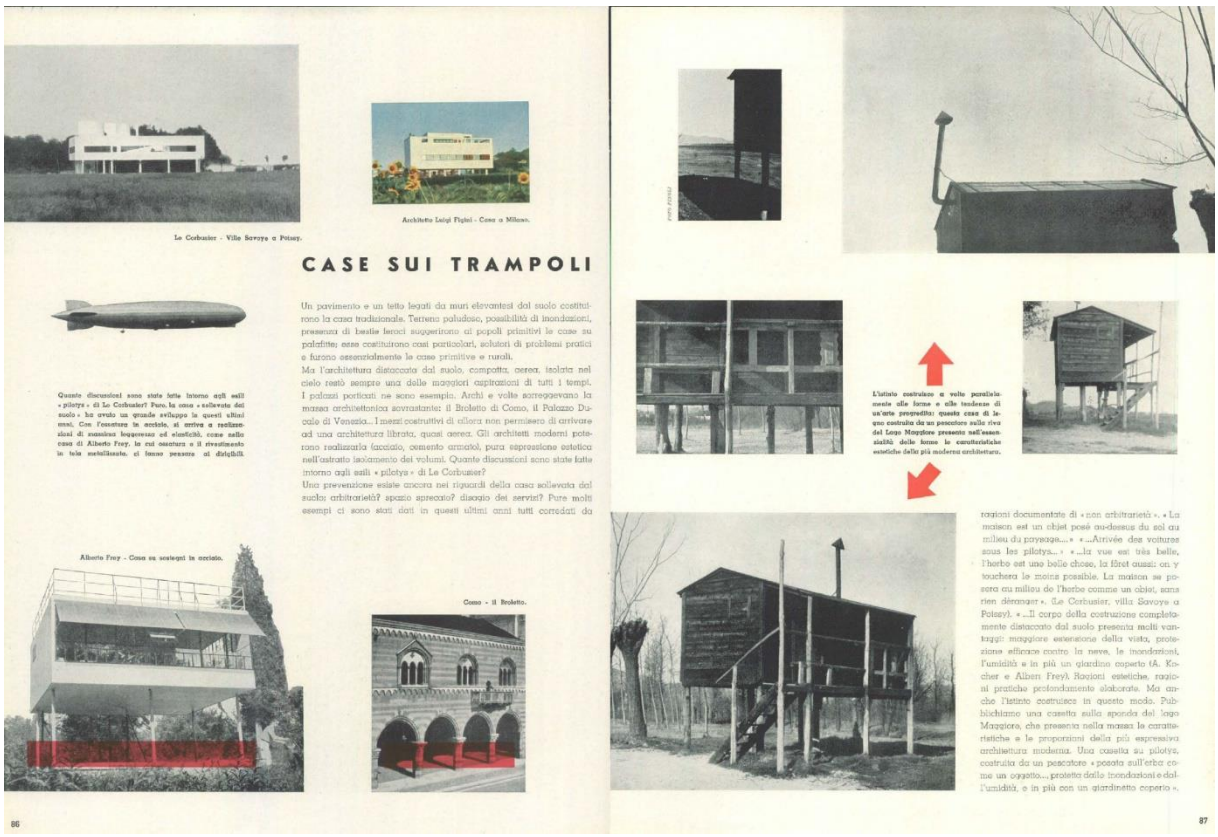
termina seu croqui com uma mensagem escrita em letras de forma: “Abra os olhos, senhor inspetor de engenharia sanitária!”.

A partir de então, os arquitetos brasileiros de inclinação modernista passaram a embasar as suas propostas projetuais numa nova linguagem, baseada nos princípios corbusianos. Outros projetos de destaque deste período, em termos de aplicação de pilotis, são: a sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), projeto de 1936 dos irmãos Roberto, Milton (1914–1953) e Marcelo (1908–1964), caracterizado por um bloco purista, térreo com um hall aberto e pilotis recuado; e a Obra do Berço (1937), primeiro projeto construído de Oscar Niemeyer, que também já contava com uma área de pilotis em sua fachada principal. Ambos estão localizados na cidade do Rio de Janeiro.

As novas expressões arquitetônicas brasileiras começaram a ser internacionalmente reconhecidas, a partir da repercussão dessas primeiras obras modernas. Em 1939, o prédio do Pavilhão do Brasil na Feira de Nova York — outro exemplar de pilotis — de autoria de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, marcou o início do reconhecimento do caráter inovador da nossa arquitetura nos Estados Unidos. Em 1943, o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) realizou uma exposição e publicou um livro com o mesmo nome, *Brazil builds: architecture new and old 1652-1942*, apresentando a arquitetura brasileira, que já alcançava um grande prestígio internacional (Goodwin, 1943).

Em 1944, a arquiteta italiana Lina Bo Bardi publicou um artigo na revista *Domus* inteiramente dedicado às casas sobre pilotis, intitulado *Case Sui Trampoli* (Figura 22):

Figura 22 – Artigo *Case Sui Trampoli*, escrito pela arquiteta Lina Bo Bardi



CASE SUI TRAMPOLI

Un pavimento e un tetto legati da muri elevantesi dal suolo costituirono la casa tradizionale. Terreno paludoso, possibilità di inondazioni, presenza di bestie feroci suggerirono ai popoli primitivi le case su palafitte: esse costituirono così particolari, solutori di problemi pratici e furono essenzialmente le case primitive e rurali.

Ma l'architettura distaccata dal suolo, compatta, aerea, isolata nel cielo restò sempre una delle maggiori aspirazioni di tutti i tempi. I palazzi pericati ne sono esempio. Archi e volte sorreggevano la massa architettonica sovrastante: il Broletto di Como, il Palazzo Ducale di Venezia... I mezzi costruttivi di allora non permisero di arrivare ad una architettura librata, quasi aerea. Gli architetti moderni poterono realizzarla facilmente, cemento armato, pura espressione estetica nell'astratto isolamento dei volumi. Quante discussioni sono state fatte intorno agli esili « pilotys » di Le Corbusier?

Una prevenzione esiste ancora nei riguardi della casa sollevata dal suolo: arbitrarietà? spazio sprecato? disagio dei servizi? Pure molti esempi ci sono stati dati in questi ultimi anni tutti corredati da

Fonte: Bardi (1944).

No decorrer do texto, a arquiteta relaciona as casas modernistas elevadas sobre pilotis (como a Villa Savoye) com construções palafíticas autóctones. Bardi (1944, p. 86) afirma que a arquitetura destacada do solo — compacta, aérea, isolada no céu — sempre permaneceu como "[...] uma das maiores aspirações de todos os tempos". Ela comenta, ainda, que o corpo da construção completamente destacado do solo apresenta muitas vantagens, como a maior extensão visual e a proteção eficaz contra a neve, inundações e umidade, além de criar um jardim coberto.

Nenhuma das casas mencionadas no artigo é brasileira, mas considerou-se pertinente mencionar essa publicação, que indica como Lina — que se mudou para São Paulo em 1947 e foi uma das grandes expoentes da arquitetura moderna no país — já refletia sobre a possibilidade de casas aéreas nessa ocasião. De certo modo, ela anunciava formas que iria desenvolver em seus projetos futuros, como a Casa no Morumbi (1951) e o

Museu de Arte de São Paulo (1957), duas obras elevadas sobre pilotis de destaque na historiografia da arquitetura moderna brasileira.

Em 1947, a arquitetura brasileira chegou também à Europa, por meio da publicação de um número da revista *Architecture d'Aujourd'hui*, inteiramente dedicado às realizações brasileiras. A essa altura, o sucesso e a repercussão da arquitetura brasileira no plano internacional colocavam os "discípulos" de Le Corbusier numa posição de maior autonomia.

Fica evidente que as ideias de Corbusier já haviam sido bem assimiladas pelos brasileiros. No Brasil, era um período caracterizado pelo progresso, novas obras, novos projetos e novas possibilidades. Foi nesse cenário fértil que os arquitetos trilharam seus próprios caminhos da arquitetura moderna brasileira, que, como afirma Comas (2002):

> Não é o corolário brasileiro dum teorema de Corbusier. [A arquitetura moderna brasileira] é a demonstração brasileira das virtudes de um ícone desenhado por Corbusier [...]. Não é a transformação de um vocabulário e síntaxe já prontos, mas a verificação, elaboração, fertilização, diversão, extensão (Comas, 2002, p. 309).

A produção futura passou a ganhar novas características que conferiram a essas obras uma "identidade brasileira". Sendo assim, as análises propostas nos próximos capítulos pretendem investigar se os arquitetos brasileiros trabalharam em busca de elementos capazes de sintetizar e afirmar a brasilidade.

4 80 PILOTIS BRASILEIROS

O capítulo a seguir contempla a apresentação e a análise de 80 pilotis brasileiros de uso habitacional, sendo dividido em duas partes. A primeira parte, dedica-se a 56 projetos unifamiliares, e a segunda parte, a 24 projetos multifamiliares.

Metodologicamente, sabe-se que uma análise de arquitetura, por via de regra, perpassa todos os elementos que a constituem — programa de necessidades, funções, relações espaciais, volumetria, intenções plásticas, etc. Diversas pesquisas anteriores se dedicaram ao estudo desses projetos na sua totalidade, mas é importante ressaltar que a presente dissertação tem a sua ênfase analítica especificamente nos pilotis. Aqui, pretende-se cercar todos os pormenores desse espaço a partir dos dois critérios elencados na metodologia: a materialidade e o *motif.*

Os dois critérios foram sintetizados no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Síntese dos critérios de análise

CRITÉRIO	SÍNTESE
MATERIALIDADE	Técnicas construtivas (seção dos pilares e sistema estrutural). Materiais de composição do espaço dos pilotis (acabamento das paredes, cobogós, painéis, murais, afrescos, paisagismo, etc.)
MOTIF	Justificativas de implantação do pilotis. Ambiente transitório ou de permanência; social ou de serviço; resposta as condições locais ou replicação de um emblema modernista.

Fonte: Autora (2024).

A fim de padronizar e sistematizar a análise, os dois critérios foram discutidos a partir de alguns tópicos, considerados determinantes para entender as especificidades de cada projeto. O primeiro tópico é a topografia do lote. Sabemos que, em alguns casos, os pilotis foram implantados para evitar grandes movimentações de terra em terrenos acidentados. Sendo assim, entende-se que um pilotis numa topografia em aclive pode significar uma resposta às especificidades locais, enquanto um pilotis numa topografia plana tende a ser uma replicação de um emblema modernista.

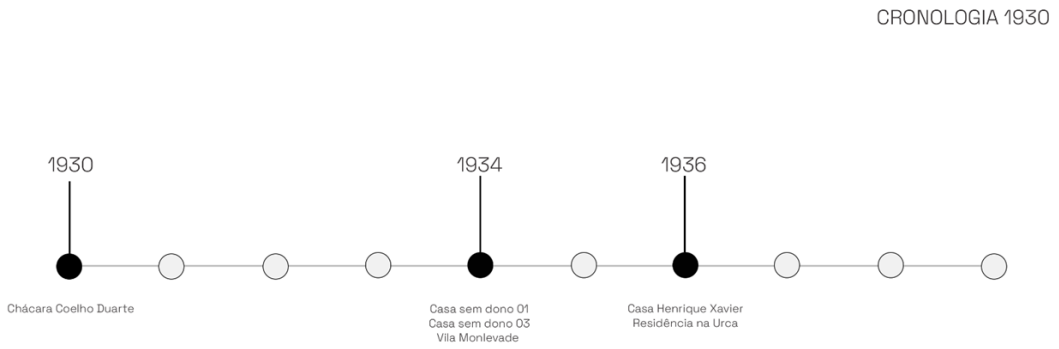
O segundo tópico é a área congruente ao pilotis, onde observamos a qual ambiente da casa se tem acesso direto através do pilotis. Se o pilotis está localizado ao lado de uma sala de estar, por exemplo, entende-se que este pode ter sido pensado como uma área de uso social. Por outro lado, se está localizado ao lado de uma lavanderia, teria uma conotação de uso de serviço.

O terceiro tópico é o paisagismo no pilotis. Considerou-se importante discutir esse aspecto por conta da recorrência das intervenções paisagísticas e áreas de jardim que interpenetram os pilotis. Essa foi uma prática muito comum na arquitetura moderna brasileira, que também pode nos dar um indicativo de intenção do uso desse espaço. O quarto tópico são as escadas e/ou rampas de acesso aos pavimentos superiores, onde vamos observar, especificamente, se essas estão ou não localizadas no pilotis. Em caso afirmativo, isso pode indicar um destaque do pilotis na proposta arquitetônica. O quinto tópico é a presença ou não de garagem em cada projeto, pois entendemos que se há uma área específica prevista para o abrigo de veículos que não os pilotis, esses podem ter uma função incrementada em relação aos pilotis de Le Corbusier, que são, majoritariamente, apoios em base destinados ao trânsito veicular.

Na segunda parte do capítulo, dedicada aos pilotis multifamiliares, os tópicos considerados se mantêm, com uma única adaptação. Continua-se a verificar a topografia do lote, o paisagismo, a localização dos meios de acesso aos pavimentos superiores e a presença ou ausência de uma área destinada ao abrigo de veículos. Somente o tópico “área congruente” será substituído pelo tópico relação pilotis/cidade, onde procuramos entender como a porosidade do pavimento térreo livre e aberto interage com elementos do seu entorno imediato. Não vamos entrar no mérito de discutir se os pilotis foram ou não posteriormente cercados por gradis ou fechados por paredes ou panos de vidro, porque consideramos importante analisar o que foi proposto em projeto e não as intervenções posteriores.

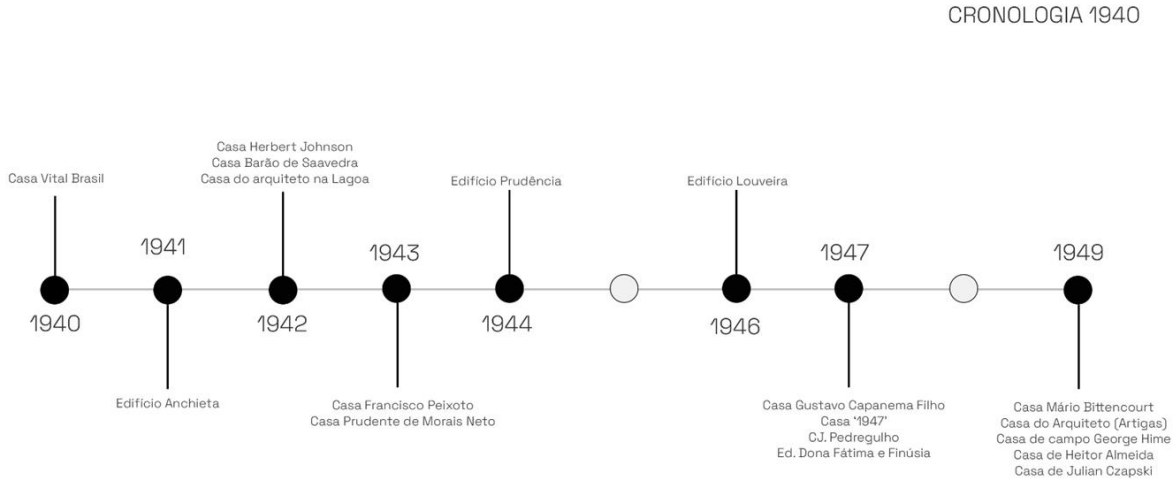
Após as análises, os dados coletados foram organizados numa tabela síntese. Além disso, foram selecionadas imagens e croquis que também substanciaram a análise. Os redesenhos de cada projeto contemplaram somente as peças gráficas consideradas fundamentais para a presente pesquisa: a planta-baixa do pilotis e uma elevação ou corte em que seja possível visualizar o pilotis, além da sua relação com o lote. Esses podem ser observados no apêndice da dissertação. A seguir, os projetos foram discutidos individualmente, em ordem cronológica, conforme as linhas do tempo (Figuras 23 a 27).

Figura 23 – Cronologia dos pilotis, década de 1930



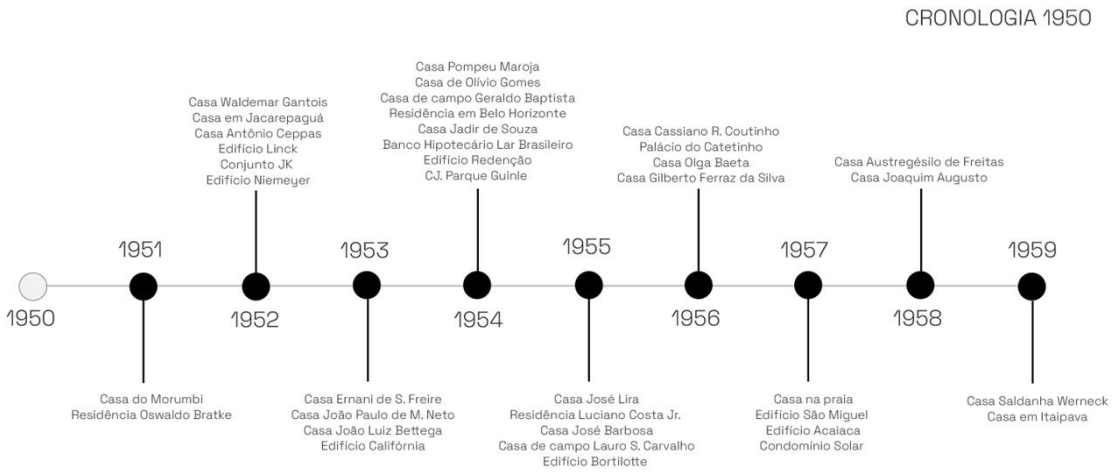
Fonte: Autora (2024).

Figura 24 – Cronologia dos pilotis, década de 1940



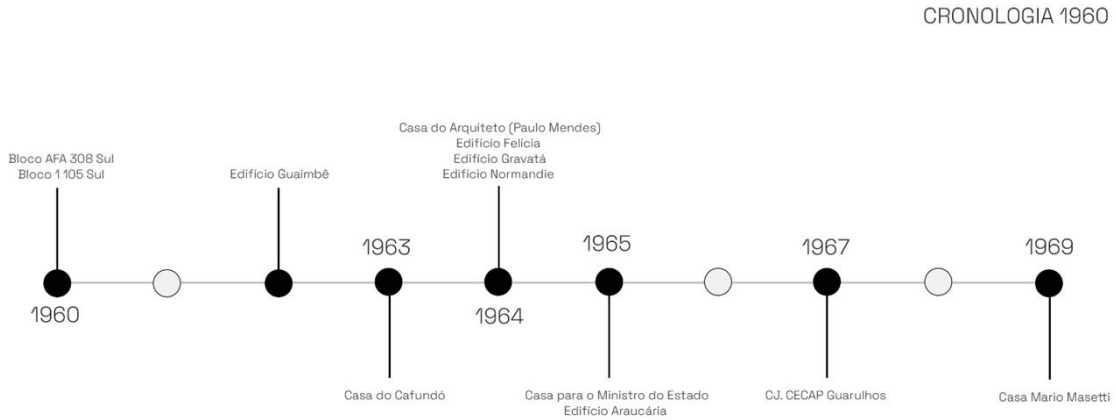
Fonte: Autora (2024).

Figura 25 – Cronologia dos pilotis, década de 1950



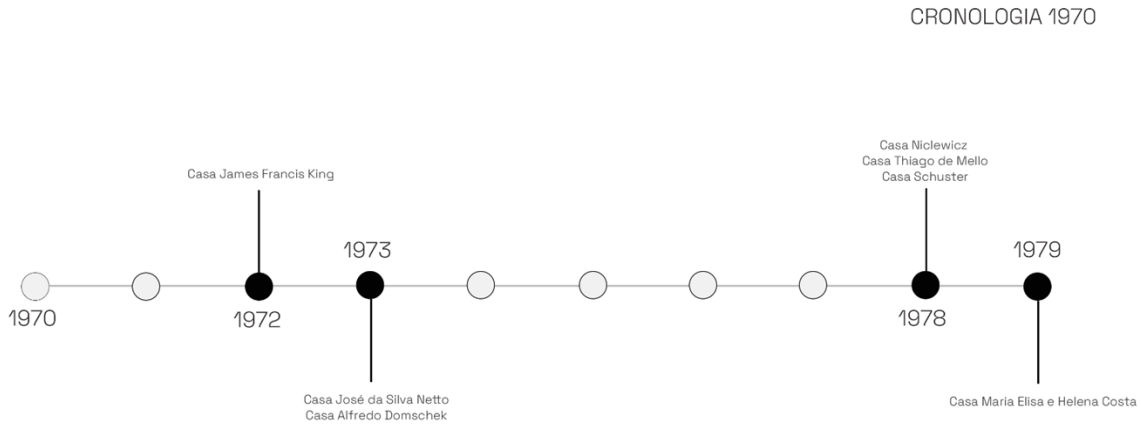
Fonte: Autora (2024).

Figura 26 – Cronologia dos pilotis, década de 1960



Fonte: Autora (2024).

Figura 27 – Cronologia dos pilotis, década de 1970



Fonte: Autora (2024).

4.1 PILOTIS UNIFAMILIARES

4.1.1 Chácara Coelho Duarte

ARQUITETO: Lucio Costa. LOCALIZAÇÃO: Não construída. ANO: 1930.

Figura 28 – Croqui e implantação da Chácara Coelho Duarte

Fonte: Costa (1995).

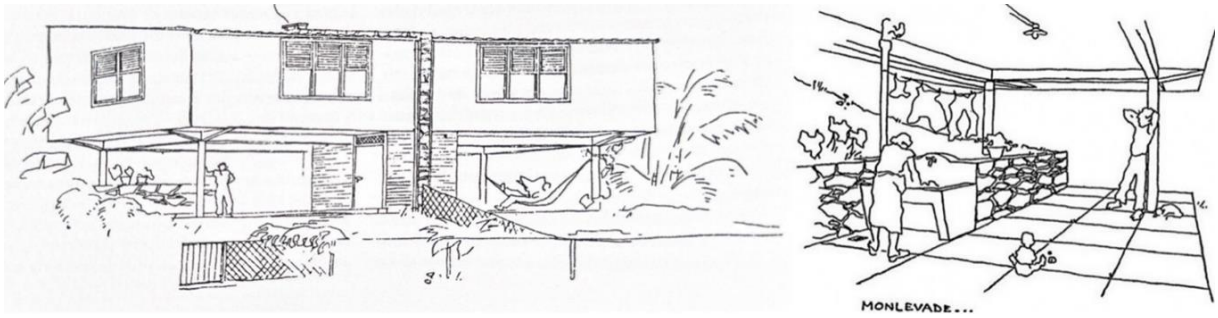
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Área dos fundos do pilotis marcada por muro de arrimo em pedra e biombo de sarrafos e vidro. Pilares esbeltos de concreto com seção circular. Piso não especificado.

MOTIF : O pilotis, na esquina, define o acesso principal da casa. Tanto o croqui quanto o desenho da implantação geral sugerem que este pode ter sido adotado como solução ao declive do terreno, de modo que parte da casa está apoiada ao solo e parte elevada. O desenho do carro evidencia que o pilotis serve ainda como uma área coberta de embarque e desembarque, sendo a garagem localizada no muro oblíquo de pedra ao fundo. Existe uma segunda área de pilotis nos fundos da casa, que a circunda como uma grande varanda de apoio à área de serviço. Esse trecho não aparece no croqui do projeto, mas pode ser visualizado na planta-baixa. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada aberta de lance único, localizada no pilotis dos fundos da casa.

4.1.2 Vila Monlevade

ARQUITETO: Lucio Costa. LOCALIZAÇÃO: Não construída. ANO: 1934.

Figura 29 – Croquis da Vila Monlevade



Fonte: Costa (1995).

MATERIALIDADE: Casas geminadas com estrutura de concreto armado. Área do pilotis com paredes pau-a-pique e concreto aparente pintado de branco. Pilares de concreto com seção circular. Piso em revestimento cerâmico.

MOTIF: As intenções do arquiteto para o pilotis foram explicitadas por ele em texto e desenhos:

> O emprego do pilotis se recomenda, ou melhor, se impõe, por vários motivos: dispensa [...] movimentos de terra – seja qual for o aclive local [...]; permite o emprego, acima da laje – livre, portanto, de qualquer umidade – de sistemas construtivos leves, econômicos e independentes [...]; torna fácil manter para todas as casas orientação vantajosa uniforme; restitui ao morador – protegido do sol e da chuva – toda a área ocupada pela construção, assim transformada em espaço útil, o mais agradável talvez para trabalhos caseiros, recreios, repouso, etc. (Costa, 1995, p. 92).

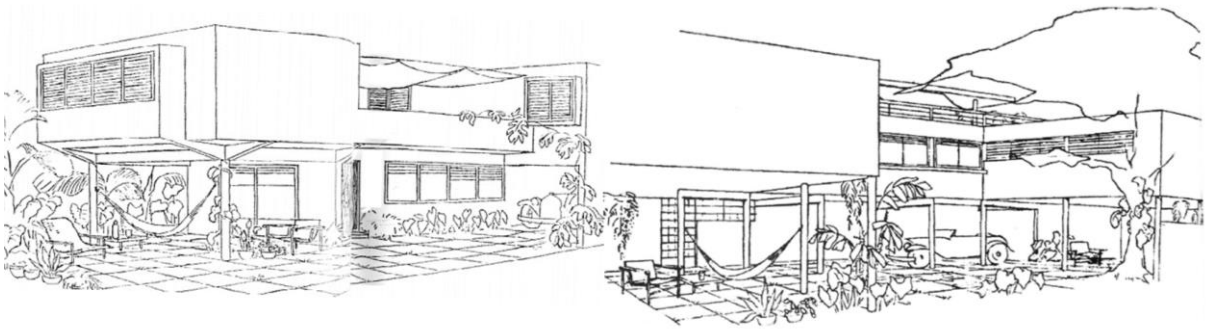
Os volumes são apoiados ao solo na porção mais alta do terreno e elevados sobre pilotis na parte mais baixa, por onde se dá o acesso da casa. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada de lance único, localizada no pilotis, compartimentada e fechada por uma porta. A vegetação local é incorporada pelos pilotis. Os croquis evidenciam a intenção do pilotis ser uma área de permanência, vide a representação das figuras humanas e a

rede atada entre os pilares. Não há uma área prevista para abrigo de veículos especificada no projeto.

4.1.3 Casa Sem Dono 01 e 03

ARQUITETO: Lucio Costa. LOCALIZAÇÃO: Não construída. ANO: 1934.

Figura 30 – Croquis da Casa Sem Dono 01 e 03



Fonte: Costa (1995).

MATERIALIDADE: Estrutura de concreto armado. Pilares de concreto com seção circular. Piso em revestimento cerâmico.

MOTIF: A Casa Sem Dono 01 possui uma pequena área de pilotis localizada na fachada principal da casa, enquanto a Casa Sem Dono 03 tem uma área de pilotis mais extensa, que se organiza em formato de U e eleva o volume principal da casa quase na sua totalidade. Na Casa 01, o acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada de lance único localizada no interior, enquanto na Casa 03 o acesso se dá por uma escada dupla localizada no pilotis.

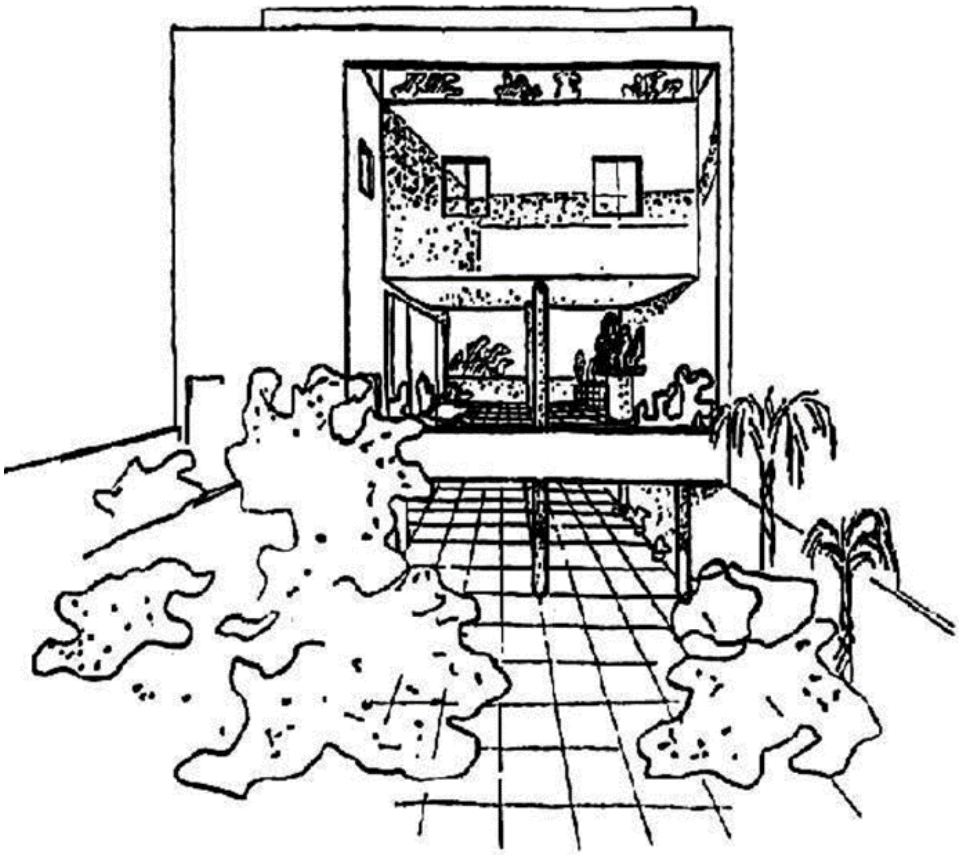
As duas propostas se aproximam de uma prática comum nos projetos de Costa: o costume de trazer os ambientes externos para dentro da casa (internalizar o exterior). Os pilotis viram pátios cobertos que tem conexão direta com as áreas sociais da casa. O uso desse espaço foi previsto nos croquis, onde é possível observar: redes atadas nos pilares, mobiliário que indica a intenção de ser uma área de permanência prolongada e muita

vegetação, que também permeia os pilotis. Nas duas casas, a garagem foi prevista nos fundos, próximo ao muro de divisa do lote.

4.1.4 Casa Henrique Xavier

ARQUITETO: Oscar Niemeyer. LOCALIZAÇÃO: Não construída. ANO: 1936.

Figura 31 – Croqui da Casa Henrique Xavier



Fonte: Almeida (2005).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção circular. Piso em revestimento cerâmico.

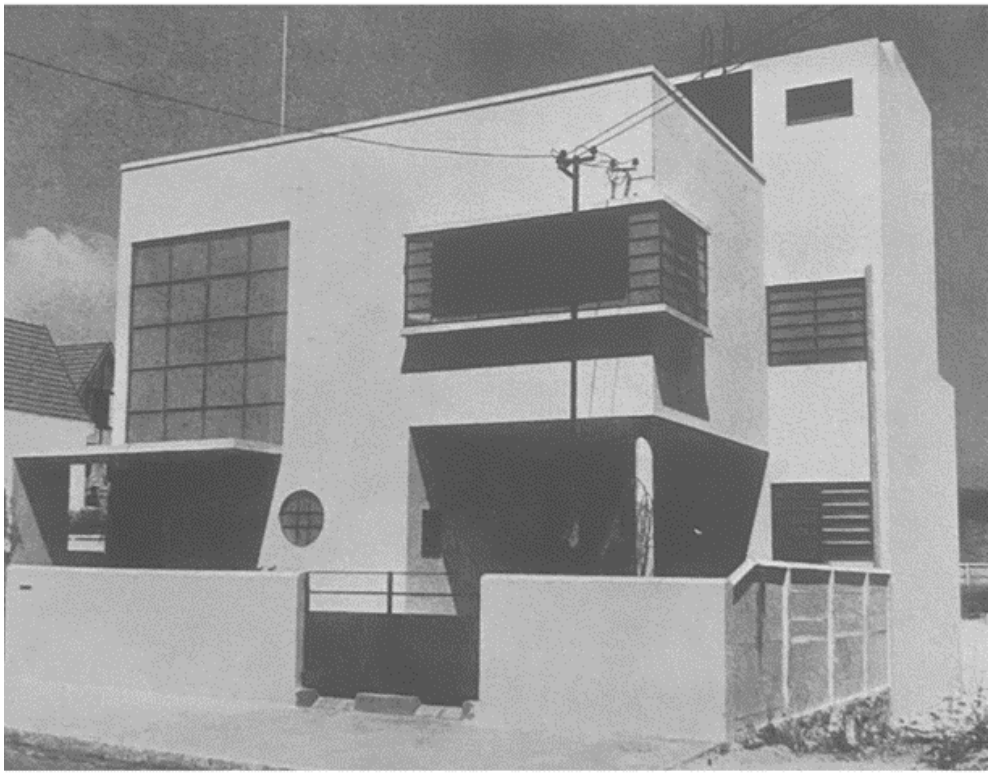
MOTIF: Implantada em um terreno estreito e plano, o volume principal da casa é adjacente aos dois muros laterais de divisa e completamente elevado sobre pilotis. Esse espaço foi destinado a um grande "jardim coberto", conforme indicado por escrito na planta-baixa original. O acesso ao

pavimento superior se dá por uma escada em U compartimentada, que tem ligação direta ao pilotis. Vegetação abundante e mobiliário de descanso previstos também nos desenhos. O acesso principal da casa se dá através do pilotis. Intui-se que o arquiteto optou por deixar livre o pavimento térreo para compensar as condições originais do terreno de pequena dimensão, que não permite que a casa tenha afastamentos laterais. Não há área prevista para abrigo de veículos especificada no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada de dois lances em formato de L, localizada na parte interna da casa.

4.1.5 Casa na Urca

ARQUITETO: Affonso Eduardo Reidy. LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro/RJ. ANO: 1936.

Figura 32 – Casa na Urca



Fonte: Bonduki (2000).

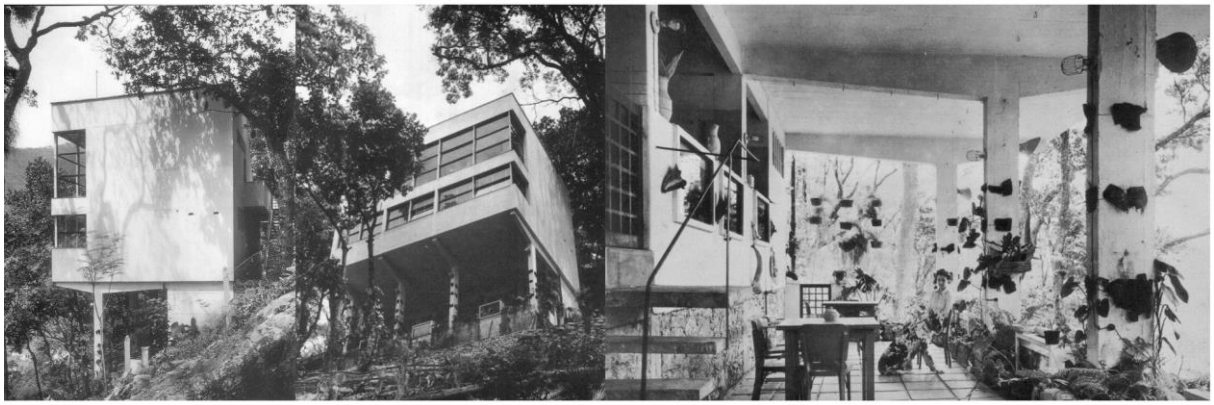
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilar de concreto com seção circular, pintado na cor branca.

MOTIF: A casa implantada em um terreno plano, possui uma pequena área de pilotis configurada por um único pilar na sua extremidade, que se dá pelo alinhamento recuado do volume em relação à projeção do pavimento superior. A área livre no pavimento térreo foi destinada ao abrigo de veículos e a entrada de serviço. Não há nenhum tratamento paisagístico no pilotis previsto no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de duas escadas: uma de dois lances em formato de L, localizada na parte interna da casa, e outra helicoidal, localizada na área externa dos fundos.

4.1.6 Casa Vital Brasil

ARQUITETO: Álvaro Vital Brasil. LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro/RJ. ANO: 1940.

Figura 33 – Casa Vital Brasil



Fonte: Casas Brasileiras (c2017).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção retangular, pintados na cor branca. Piso em revestimento cerâmico.

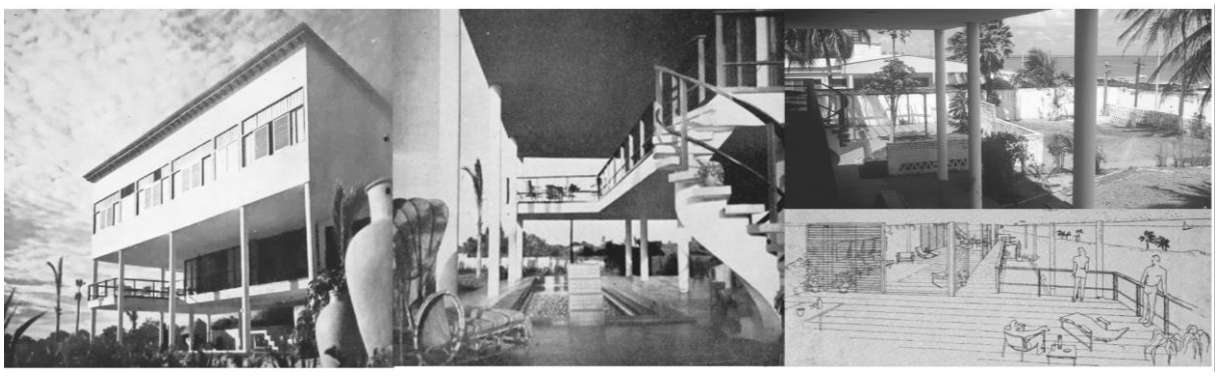
MOTIF: O pilotis vem como resposta à topografia em declive do lote. Parte da casa se apoia sobre o terreno e parte é suspensa pelos pilotis, localizados no setor social íntimo da casa, orientado para a vista da Baía de

Guanabara. A foto indica como se dá o uso desse espaço, que foi ocupado com mobiliário de apoio. É possível observar na planta-baixa pequenos canteiros de vegetação. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada de dois lances em formato de L, localizada na parte interna da casa. A garagem da casa está localizada dois níveis acima do pilotis.

4.1.7 Casa Herbert Johnson

ARQUITETO: Oscar Niemeyer. LOCALIZAÇÃO: Fortaleza/CE. ANO: 1942.

Figura 34 – Casa Herbert Johnson



Fonte: Fracalossi (2015).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, de seção quadrada e de seção circular, pintados na cor branca.

MOTIF: Em terreno plano, o volume principal da casa é completamente elevado sobre pilotis, área que se transforma num misto de pórtico de acesso, pátio e áreas de jardim. Livre de qualquer função convencional ou de serviço. Destaca-se a presença da piscina, que confirma a intenção do arquiteto de propor o pilotis como uma área de lazer e permanência. No croqui, é possível perceber que o arquiteto adota o pilotis como uma forma de integrar a paisagem ao objeto construído. O croqui evidencia, ainda, a intenção de proporcionar ao usuário uma permeabilidade visual, onde a paisagem é completamente incorporada à casa. O mar aparece ao fundo, emoldurado pelos pilares. Não há área prevista para abrigo de veículos

especificada no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de três escadas externas, localizadas no pilotis, sendo uma helicoidal e duas de lance único reto.

4.1.8 Casa do Barão de Saavedra

ARQUITETO: Lucio Costa. LOCALIZAÇÃO: Petrópolis/RJ. ANO: 1942.

Figura 35 – Casa do Barão de Saavedra

Fonte: Casas Brasileiras (c2017).

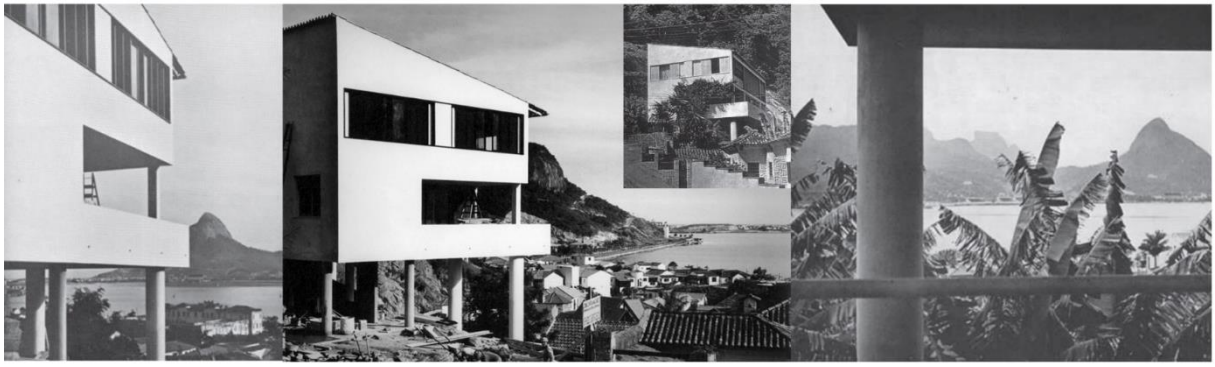
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, de seção quadrada, pintados na cor branca. Área dos fundos do pilotis com muro em pedra. Piso em concreto aparente.

MOTIF: Em terreno plano, o volume principal da casa (em formato de L) é totalmente elevado sobre pilotis, enquanto o setor de serviço é apoiado no solo. A área livre no pavimento térreo, toda circundada por muita vegetação, se dispõe como uma grande varanda sombreada e é por onde se dá o acesso principal da casa. Pátio e pilotis se interpenetram. Não há área prevista para abrigo de veículos especificada no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de duas escadas retas de lance único, sendo uma externa, localizada no pilotis, e outra interna.

4.1.9 Casa do Arquiteto na Lagoa

ARQUITETO: Oscar Niemeyer. LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro/RJ. ANO: 1942.

Figura 36 – Casa do Arquiteto na Lagoa



Fonte: Fundação Oscar Niemeyer (c1988).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, pintados na cor branca, em diferentes seções: circular e quadradas no nível mais alto e retangular com bordas arredondas no nível mais baixo.

MOTIF: A casa é elevada sobre pilotis na sua totalidade. Solução adotada em resposta ao traçado da rua, à irregularidade do lote e à orientação da vista para a Lagoa Rodrigo de Freitas. Os pilotis vencem a grande altura que decorre do declive acentuado, pensados como um espaço de permanência e contemplação. Os pilares de maior seção emolduram a paisagem das montanhas cariocas. Uma pequena área do pilotis (delimitada por uma parede curva em alvenaria) é destinada à garagem. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma rampa reta de dois lances.

4.1.10 Casa Francisco Peixoto

ARQUITETO: Oscar Niemeyer. LOCALIZAÇÃO: Cataguases/MG. ANO: 1943.

Figura 37 – Casa Francisco Peixoto

Fonte: Adaptada pela autora, a partir de Almeida (2005) e Fundação Oscar Niemeyer (c1988).

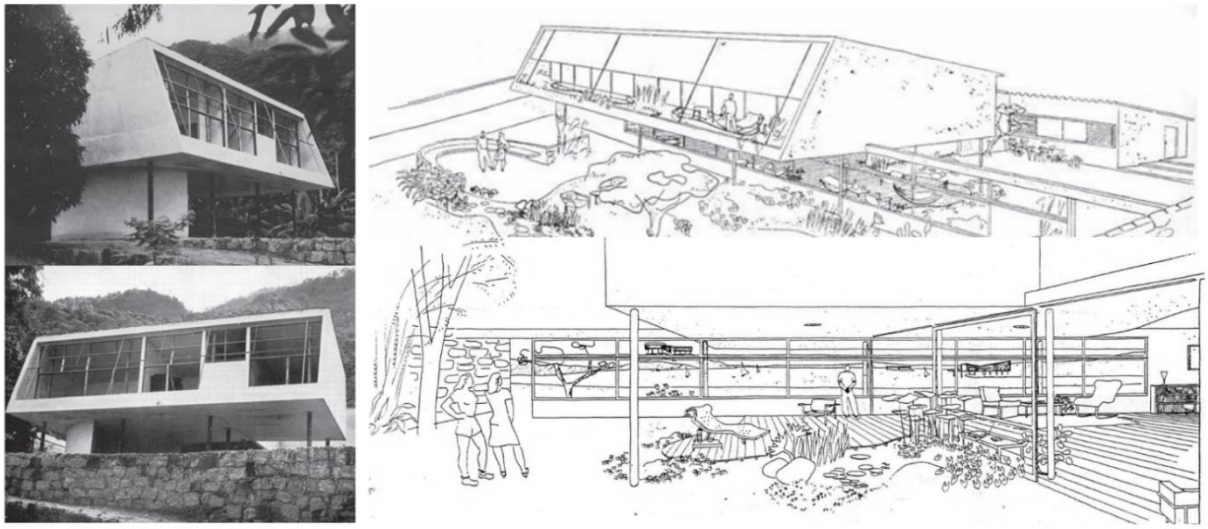
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, em seção quadrada, revestidos em madeira pintada na cor azul. Piso em pedra. Parede dos fundos do pilotis em alvenaria e tijolos de vidro.

MOTIF: A casa situada em terreno em declive tem duas áreas distintas elevadas sobre pilotis. A primeira, na fachada principal, que é por onde se dá o acesso social, e a segunda, diretamente conectada às salas de estar e jantar, que se estendem até o pilotis aberto, o qual se dispõe como uma grande varanda, orientada para a vista das margens do rio Pomba. Pilotis e jardins se interpenetram. Há um espaço específico destinado à garagem ao lado do pilotis. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada de dois lances em U, localizada no interior da casa.

4.1.11 Casa Prudente de Morais Neto

ARQUITETO: Oscar Niemeyer. LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro/RJ. ANO: 1943.

Figura 38 – Casa Prudente de Morais Neto



Fonte: Adaptada pela autora, a partir de Almeida (2005) e Fundação Oscar Niemeyer (c1988).

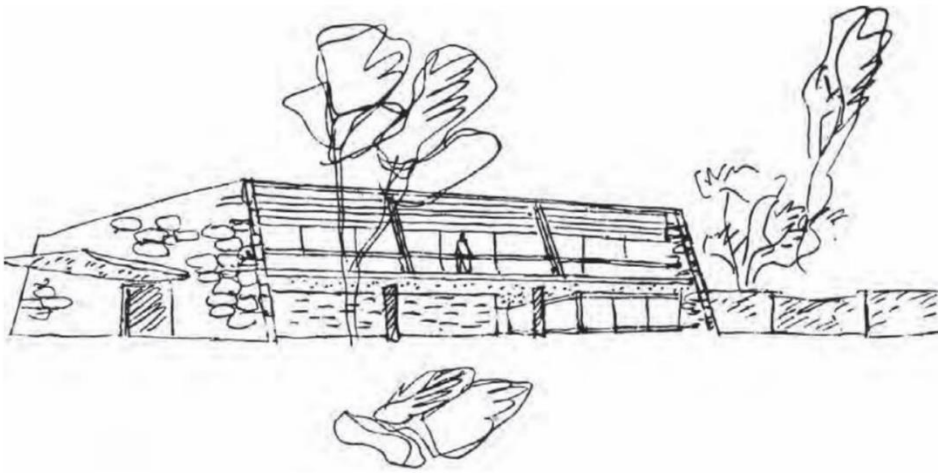
MATERIALIDADE: Estrutura mista. Pilares esbeltos e metálicos de seção circular, pintados na cor preta. Parte do piso em lâminas de madeira, que dão continuidade ao piso interno da casa, e parte em grama.

MOTIF: Originalmente proposto como a primeira versão da casa de Juscelino Kubitscheck a ser implantada na Lagoa da Pampulha (Belo Horizonte/MG), o projeto foi readaptado anos mais tarde e construído no Rio de Janeiro. O pilotis solucionou a questão do terreno de aclive e seguiu a intenção prevista nos croquis do arquiteto: ser um pátio coberto integrado à parte social. Pilotis e jardins se interpenetram. Mobiliário de descanso e figuras humanas evidenciam o tipo de uso pensado para esse espaço. Garagem em edícula nos fundos do lote, ligada ao corpo da casa por uma marquise. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma rampa de dois lances em U.

4.1.12 Casa Gustavo Capanema Filho

ARQUITETO: Oscar Niemeyer. LOCALIZAÇÃO: Não construída. ANO: 1947.

Figura 39 – Croqui da Casa Gustavo Capanema



Fonte: Almeida (2005).

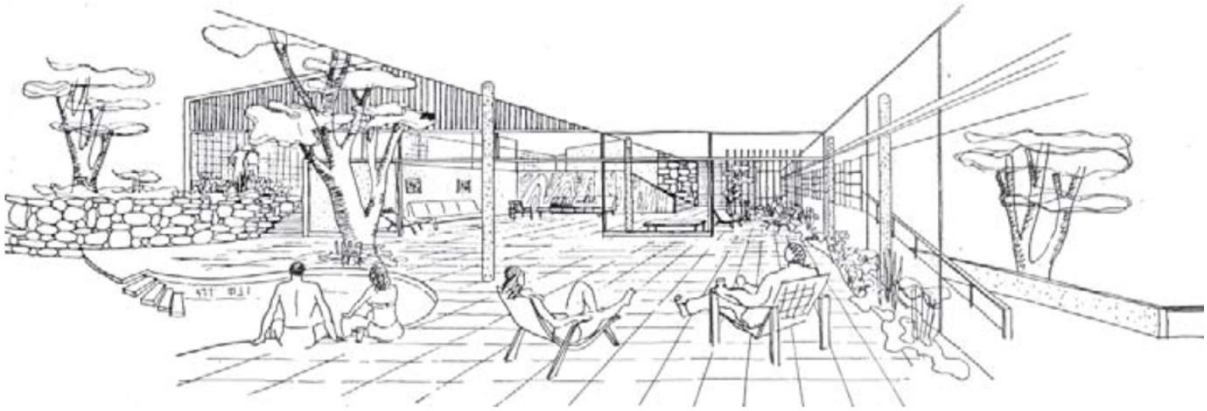
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção oval. Fundos dos pilotis em esquadrias de vidro fixas e alvenaria de pedras aparentes.

MOTIF: Casa implantada em terreno plano. O pilotis está localizado na fachada principal e configura uma pequena varanda coberta que se conecta à sala de estar e jantar. A área vazia no pavimento térreo se dá pelo alinhamento recuado do volume em relação à projeção do pavimento superior. Pilotis e jardins se interpenetram. O conteúdo dessa proposta se resume a este croqui, um corte e as plantas dos dois pavimentos. Não há área prevista para abrigo de veículos especificada no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único, localizada no interior da casa.

4.1.13 Casa ‘1947’

ARQUITETO: Sérgio Bernardes. LOCALIZAÇÃO: Não construída. ANO: 1947.

Figura 40 – Croqui da Casa ‘1947’



Fonte: Heck (2005).

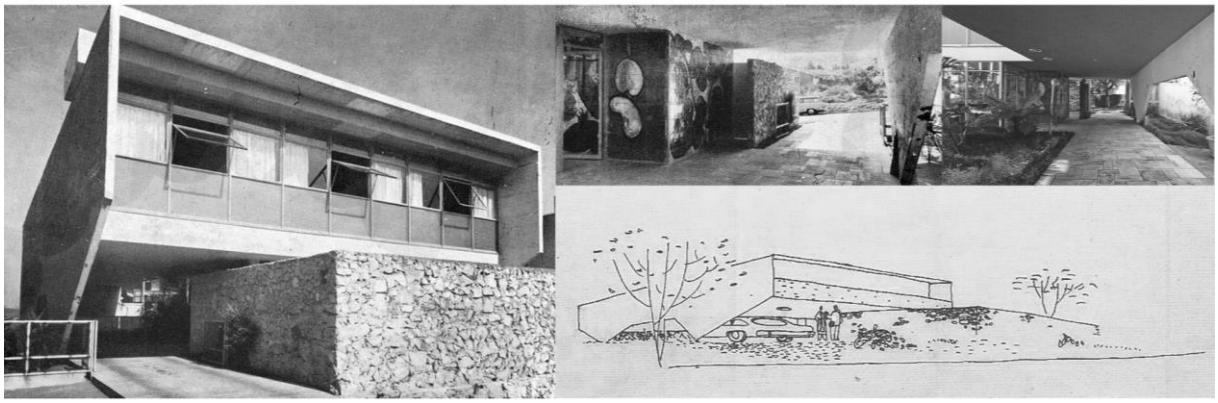
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção circular. Fundos do pilotis em esquadrias de vidro fixas. Piso em revestimento cerâmico.

MOTIF: A casa, implantada em terreno em aclive, organizada em formato de T, tem somente uma das suas três alas elevada sobre pilotis, que tem conexão direta com a sala de estar. O croqui do arquiteto é bastante expressivo em relação ao uso do espaço, evidenciando a integração espacial, o clássico “dentro e fora” moderno. “Os limites são quase inexistentes nas áreas de uso comum, que desprezam o confinamento e privilegiam, ao contrário, a convivência em ambiente aberto” (Heck, 2005, p. 211). Há presença de vegetação ao longo do pilotis (vide croqui). A garagem da casa está localizada no nível mais baixo do terreno. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta em lance único, localizada no interior da casa.

4.1.14 Casa Mário Bittencourt

ARQUITETO: Vilanova Artigas. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1949.

Figura 41 – Casa Mário Bittencourt



Fonte: Petrosino (2009).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilotis caracterizado pelas empenas trapezoidais de fechamento lateral, em concreto aparente. Parede dos fundos do pilotis em pedra e placas cerâmicas de autoria do artista pernambucano Francisco Brennand.

MOTIF: Implantada em terreno plano, a área livre no pavimento térreo configura uma pequena parte da área total da casa, correspondente à empena cega do ambiente elevado sobre pilotis. Apesar de ser destinado ao abrigo de veículos (vide o croqui), o pilotis também funciona como um terraço coberto, onde está localizado um jardim e por onde se dá o acesso principal da casa. O que significa dizer que o uso do pilotis se divide entre serviço e social. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta em lance único, localizada no interior da casa.

4.1.15 Casa do Arquiteto

ARQUITETO: Vilanova Artigas. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1949.

Figura 42 – Casa do Arquiteto

Fonte: Kon (c2018).

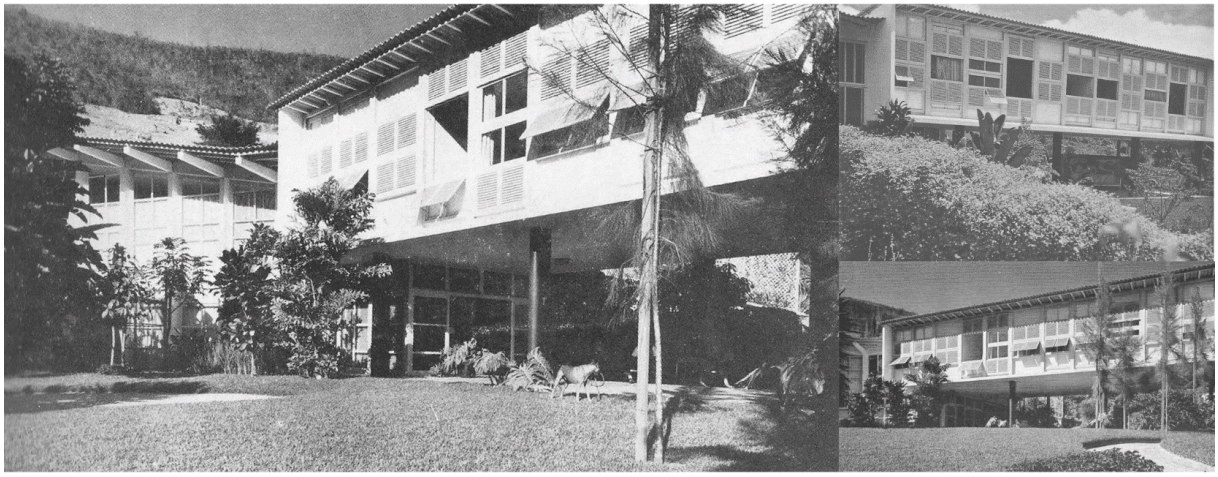
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção circular, pintados na cor azul. Piso em revestimento cerâmico.

MOTIF: Implantado em terreno plano, o volume principal da casa é todo apoiado sobre o solo, enquanto a área do pilotis é resultado da elevação de um único cômodo: o escritório/estúdio, que está separado da casa por um pátio coberto e tem conexão direta com a área social da casa. Mobiliário de apoio. A garagem da casa está localizada em um pequeno volume oblíquo na entrada no lote. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de dois lances, localizada no interior da casa.

4.1.16 Casa de Campo George Hime

ARQUITETO: Henrique Mindlin. LOCALIZAÇÃO: Petrópolis/RJ. ANO: 1949.

Figura 43 – Casa de Campo George Hime



Fonte: Mindlin (1999).

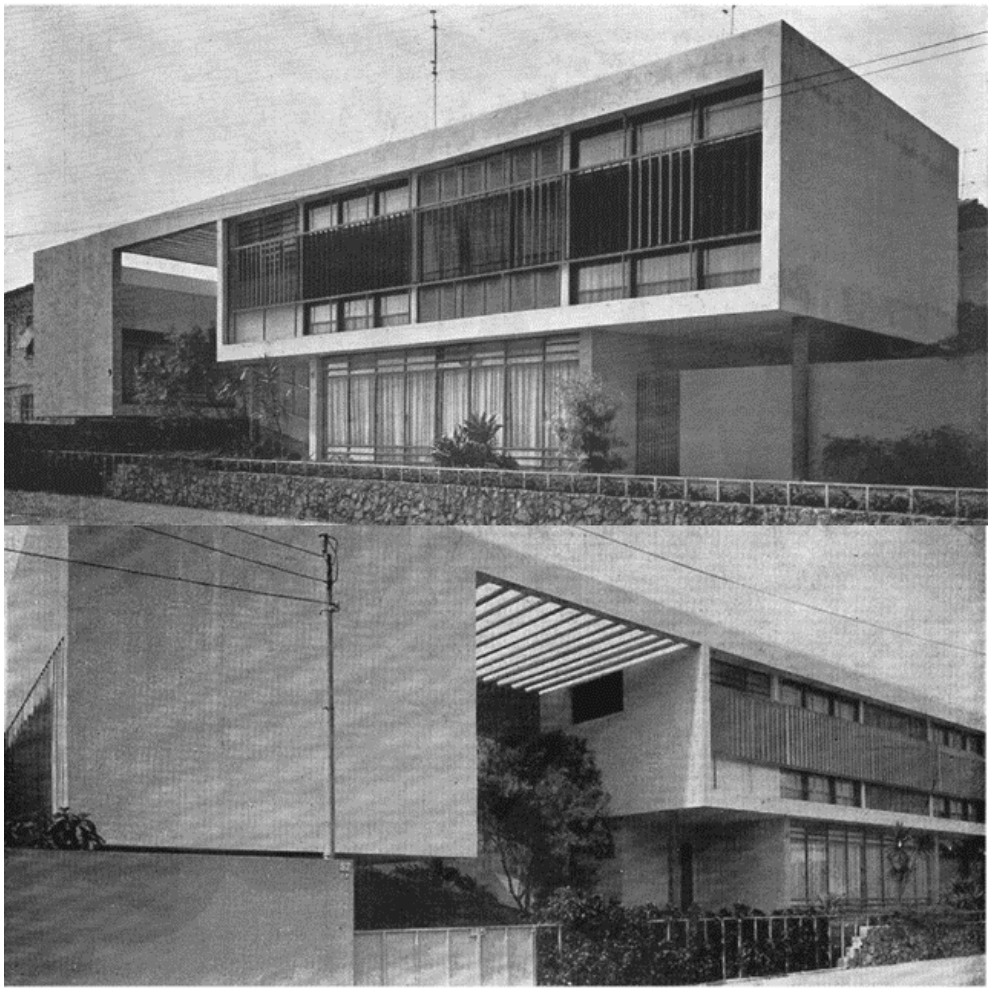
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção oval, pintados na cor preta. Parede dos fundos do pilotis decorada com um mural em mosaico colorido, assinado por Roberto Burle Marx, também responsável pelo paisagismo.

MOTIF: A casa foi proposta em resposta às características do terreno em declive e tem seu volume principal ora apoiado diretamente no solo, ora elevado sobre pilotis. A área social é dividida em uma grande sala de estar no nível mais elevado, outra no nível mais baixo e uma sala de jogos, que se estende até a área dos pilotis, o qual forma um grande terraço coberto, parcialmente protegido por um quebra-vento (Mindlin, 1955). Pilotis e jardins se interpenetram. A garagem da casa está localizada nos fundos do lote, próxima ao muro de arrimo em pedra. O acesso ao pavimento superior se dá através de duas escadas semicurvas de lance único.

4.1.17 Casa de Heitor Almeida

ARQUITETO: Vilanova Artigas. LOCALIZAÇÃO: Santos/SP. ANO: 1949.

Figura 44 – Casa de Heitor Almeida



Fonte: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (c2024).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção circular, pintados na cor preta.

MOTIF: Implantada em terreno plano, a casa possui duas áreas de pilotis distintas. A primeira, destinada ao abrigo de veículos, está localizada próxima ao acesso principal da casa e a um pátio que se integra ao volume da construção. A segunda se dispõe como uma varanda coberta, conectada à

sala de estar. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único, localizada no pilotis.

4.1.18 Casa de Julian Czapski

ARQUITETO: Vilanova Artigas. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1949.

Figura 45 – Casa de Julian Czapski

Fonte: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (c2024).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção circular, pintados na cor branca.

MOTIF: Existem áreas de pilotis em duas partes do projeto. A primeira, destinada ao abrigo de veículos, está localizada próxima ao acesso principal da casa. A segunda está na porção mais baixa do terreno em declive. A intenção de uso dessa área livre e sombreada pelo pavimento superior não fica evidente em nenhum registro. O acesso ao pavimento superior se dá

através de uma rampa (do lado direito) e uma escada (do lado esquerdo), ambas retas e de lance único.

4.1.19 Casa do Morumbi

ARQUITETO: Lina Bo Bardi. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1951.

Figura 46 – Casa do Morumbi

Fonte: Adaptada pela autora, a partir de Anelli e Suzuki (2019) e Kon (c2018).

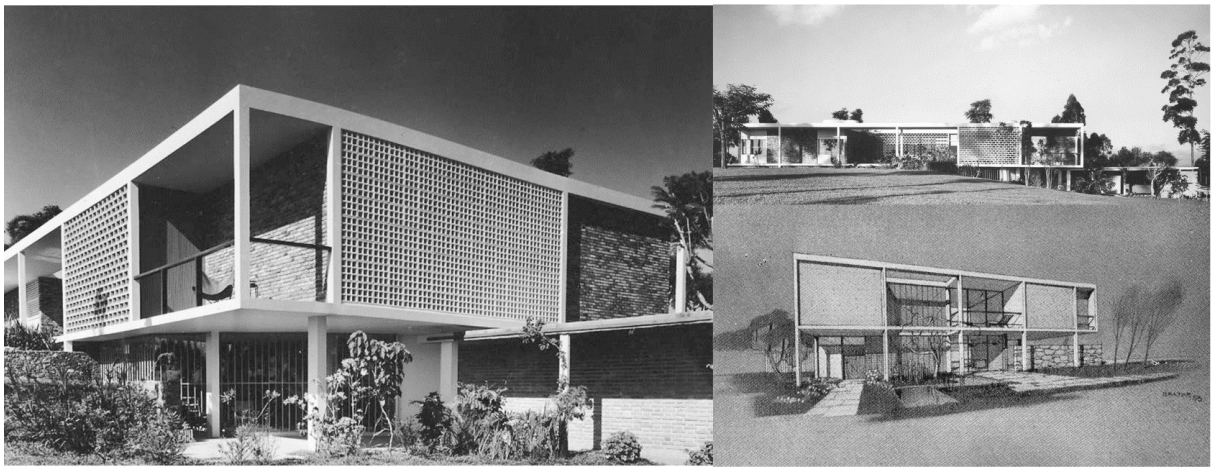
MATERIALIDADE: Estrutura mista. Pilares metálicos (de tubos Mannesman), com seção circular, pintados na cor verde. Piso em pedra.

MOTIF: A casa se divide em dois volumes principais. O volume dos fundos, apoiado diretamente sobre o solo, na porção mais alta do terreno em aclive, abriga a área íntima e de serviço. A área social da casa é suspensa por finos pilares de aço, que se confundem com os troncos das árvores. Pilotis e jardins se interpenetram. Entre os pilares está localizada uma árvore que atravessa a construção e é emoldurada pelo pavimento superior. Aberto ao horizonte, o volume elevado avança na paisagem e traz para o convívio doméstico esse contato direto com o seu entorno. A área destinada a abrigo de veículos está localizada próxima ao portão de entrada, no nível mais baixo do terreno, e relativamente distante da casa. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada de dois lances em U, localizada no pilotis.

4.1.20 Casa Oswaldo Bratke

ARQUITETO: Oswaldo Bratke. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1951.

Figura 47 – Casa Oswaldo Bratke



Fonte: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (c2024).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção retangular, pintados na cor branca. Parede e piso em pedra.

MOTIF: Todo o volume retangular da casa é elevado 40 cm do nível do solo, disposto na parte mais alta do lote. O declive é aproveitado de modo a promover uma pequena ocupação dessa parte mais baixa, que se dá pelo uso de pilotis, ocupados por uma sala de jogos aberta e uma varanda. Pilotis e jardins se interpenetram. A garagem da casa está localizada nos fundos do lote. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta em lance único, localizada no pilotis.

4.1.21 Casa Waldemar Gantois

ARQUITETO: Antônio Rebouças. LOCALIZAÇÃO: Salvador/BA. ANO: 1952.

Figura 48 – Casa Waldemar Gantois

Fonte: Bardi (1952).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção circular, pintados na cor branca. Piso em pedra.

MOTIF: A casa, implantada em terreno plano, se divide em dois blocos, sendo o primeiro, que abriga as suas funções principais, todo apoiado sobre o solo. O segundo bloco (uma lâmina retangular) é completamente elevado sobre pilotis, que não se conecta diretamente a nenhum ambiente interno da casa, somente de forma secundária, através de um pequeno corredor. O acesso de veículos em direção à garagem (localizada nos fundos da casa) se dá através dos pilotis. O acesso ao pavimento superior (que abriga os dormitórios) se dá através de uma escada enclausurada reta e de lance único, localizada no pilotis.

4.1.22 Casa em Jacarepaguá

ARQUITETO: Affonso Eduardo Reidy. LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro/RJ. ANO: 1952.

Figura 49 – Casa em Jacarepaguá

Fonte: Casas Brasileiras (c2017).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção circular, pintados na cor branca. Piso em concreto aparente. Parede dos fundos do pilotis em pedra.

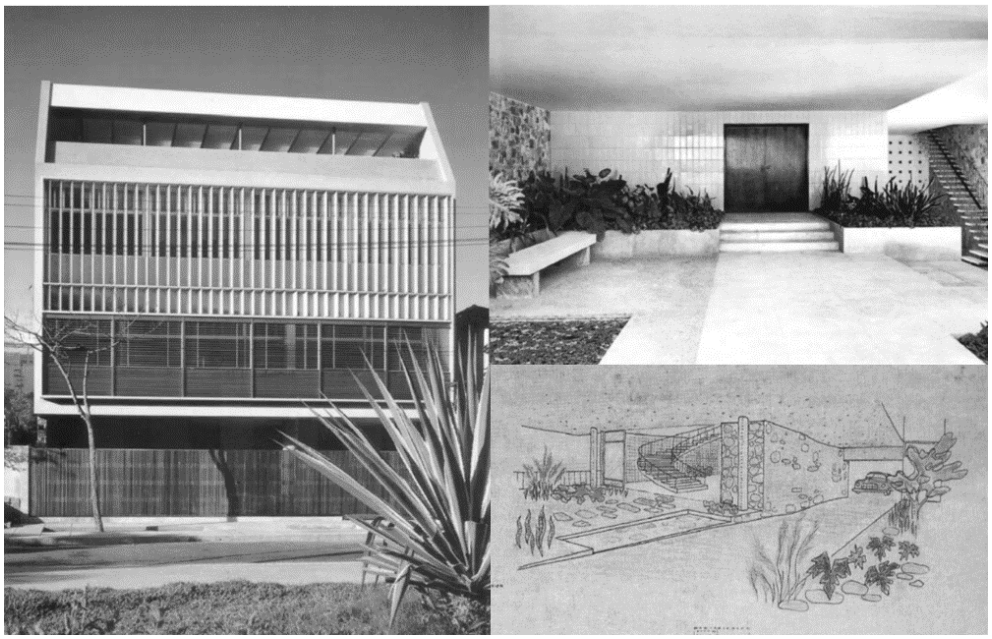
MOTIF: O arquiteto deixa claro que houve uma preocupação em evitar a movimentação de terra, prática que considerava prejudicial à paisagem. Isso justifica a solução adotada para essa casa que, implantada em um lote em declive, se organiza em um único pavimento e mantém a parte dos fundos sobre pilotis. A área suspensa promove um avanço desse volume elevado na paisagem. O espaço foi pensado como uma grande varanda, com vistas para a mata do entorno. O pilotis não tem acesso direto a nenhuma parte interna da casa, o que conota o seu uso mais secundário e transitório, na parte mais baixa do terreno em aclive. A garagem se encontra próxima à entrada

principal da casa, na porção mais alta do lote. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada externa na lateral do lote.

4.1.23 Casa Antônio Ceppas

ARQUITETO: Jorge Machado Moreira. LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro/RJ. ANO: 1952.

Figura 50 – Casa Antônio Ceppas



Fonte: Casas Brasileiras (c2017).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção circular, pintados na cor branca. Parede dos fundos do pilotis em pedra e com presença de painel de cerâmica esmaltada, assinado pelo paisagista e artista plástico Roberto Burle Marx.

MOTIF: Implantada em um terreno estreito e plano, o volume principal da casa é adjacente aos dois muros laterais e completamente elevado sobre pilotis, que é por onde se dá o acesso ao hall social. Pilotis e jardins se interpenetram. Mobiliário de apoio. A garagem da casa está localizada próxima à entrada de serviço, à direita do pilotis. O acesso ao pavimento

superior (onde estão todas as áreas sociais) se dá através de uma escada em leque (curva), que se encontra no pilotis.

4.1.24 Casa Ernani de Souza Freire

ARQUITETO: Walter Freire Barros. LOCALIZAÇÃO: Aracaju/SE. ANO: 1953.

Figura 51 – Casa Ernani de Souza Freire

Fonte: Maciel (2012).

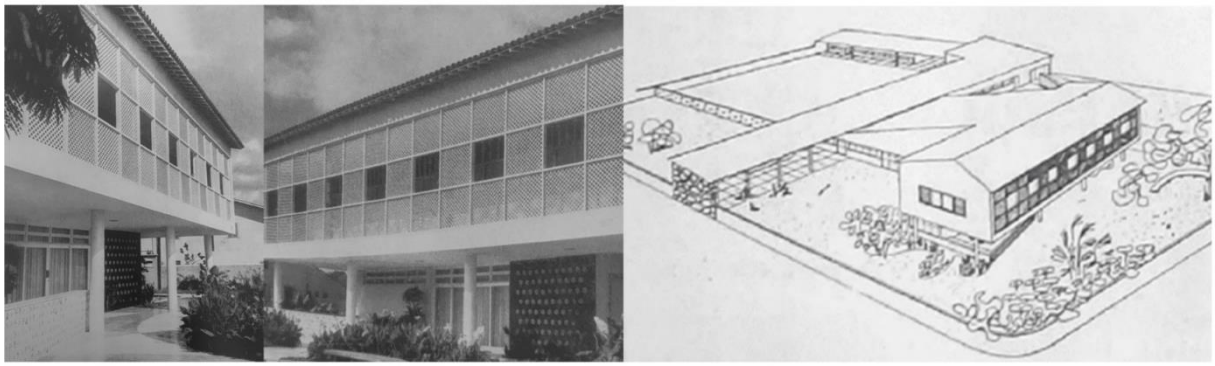
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção circular, pintados na cor vermelha. Parede dos fundos do pilotis em painel de azulejos cerâmicos, em uma possível alusão à azulejaria do período colonial.

MOTIF: A casa implantada em terreno plano possui uma área significativa apoiada diretamente sobre o solo. Contudo, a área elevada sobre pilotis (em formato de L) tem grande destaque na composição, por ser localizada na fachada principal e por dar o acesso às áreas sociais internas. O volume suspenso enfatiza a aproximação da casa com a via e com o rio Sergipe, ao fundo. A área livre dos pilotis também conta com a presença de tratamento paisagístico (jardins, espelhos d'água e percursos sinuosos em pedra). Dois pilares estão apoiados sobre o espelho d'água. A garagem da casa está localizada nos fundos do lote. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada curva de lance único, localizada no interior da casa.

4.1.25 Casa João Paulo de Miranda Neto

ARQUITETO: Lygia Fernandes. LOCALIZAÇÃO: Maceió/AL. ANO: 1953.

Figura 52 – Casa João Paulo de Miranda Neto



Fonte: Espinoza e Vasconcelos (2019).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto, com seção circular, pintados na cor branca. Parede dos fundos do pilotis em alvenaria, esquadrias de vidro e elementos vazados cerâmicos.

MOTIF: A área do pilotis, localizada na fachada principal da casa, é por onde se dá o acesso para a área social. O mobiliário (previsto no pilotis na planta-baixa original) sugere a intenção desse espaço servir como uma varanda de continuação da sala de estar. Apesar de não haver fotos ou indicações nos desenhos técnicos, o croqui parece indicar que há um declive no terreno, próximo à parte esquerda da lâmina retangular suspensa. Pilotis e jardins se interpenetram. A garagem da casa está localizada nos fundos do lote. O acesso ao segundo pavimento se dá através de uma escada, localizada na parte interna.

4.1.26 Casa João Luiz Bettega

ARQUITETO: Vilanova Artigas. LOCALIZAÇÃO: Curitiba/PR. ANO: 1953.

Figura 53 – Casa João Luiz Bettega

Fonte: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (c2024).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção circular, pintados na cor branca.

MOTIF: A casa, implantada em um platô, possui áreas de pilotis em duas partes do projeto. Apesar de nenhuma das duas serem destinadas ao abrigo de veículos, elas não parecem ter sido pensadas para serem áreas de permanência prolongada. A área 1 é por onde se dá o acesso principal da casa, mas não há nenhuma conexão entre o interior e o exterior. A área 2, localizada nos fundos, também não tem conexão direta com nenhuma parte interna da casa, sendo seu uso previsto como um pátio de serviço. A garagem da casa está localizada no afastamento lateral direito, próxima ao muro de divisa do lote. O acesso ao pavimento superior se dá através de duas escadas externas, a primeira em formato de U, de dois lances, e a segunda helicoidal de lance único.

4.1.27 Casa Pompeu Maroja

ARQUITETO: Acácio Gil Borsoi. LOCALIZAÇÃO: João Pessoa/PB. ANO: 1954.

Figura 54 – Casa Pompeu Maroja

Fonte: Melo (2013).

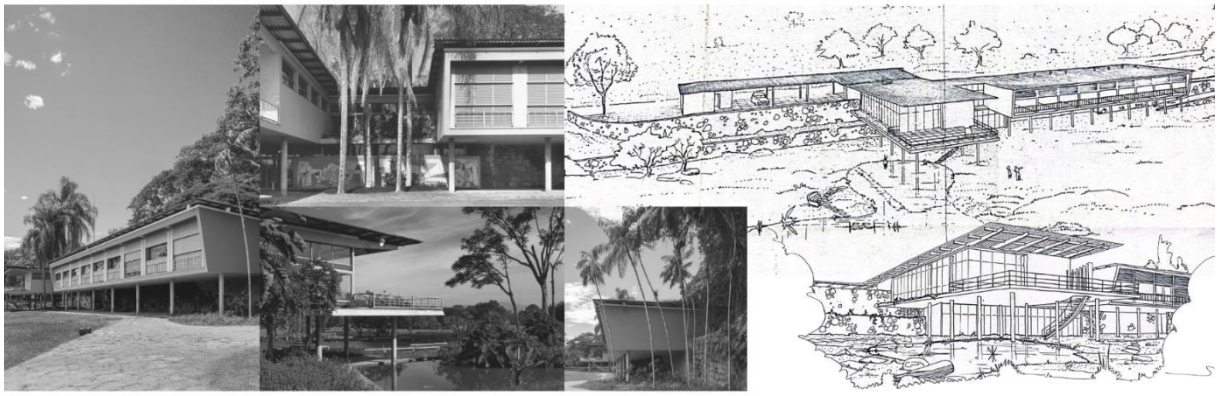
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção circular, pintados na cor branca. Parede dos fundos do pilotis em pedra e esquadria de vidro móvel.

MOTIF: A casa, implantada em um terreno plano, se organiza em um prisma retangular, com a maior parte da sua área total apoiada diretamente sobre o solo. A área de pilotis é por onde se dá o acesso social da casa, pela sala de estar. Essa sala de estar se conecta ao pátio coberto através de uma esquadria corrediça em formato de L. Há uma clara distinção entre os acessos de pedestres e veículos. A garagem da casa está localizada nos fundos do lote. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada, localizada na parte interna.

4.1.28 Casa de Olivo Gomes

ARQUITETO: Rino Levi. LOCALIZAÇÃO: São José dos Campos/SP. ANO: 1954.

Figura 55 – Casa de Olivo Gomes



Fonte: Kon (c2018).

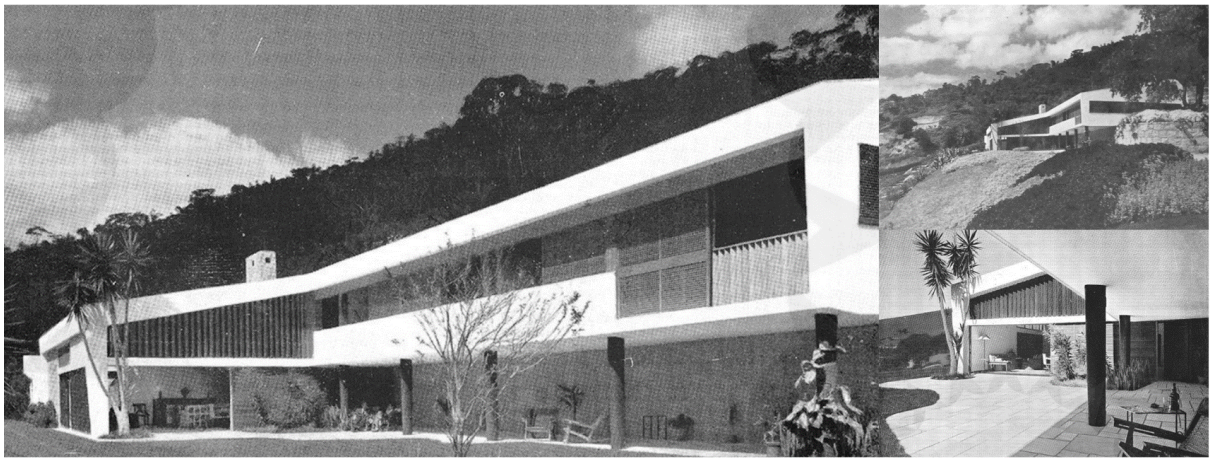
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção circular, pintados na cor branca. Paredes dos fundos dos pilotis com painel cerâmico assinado pelo paisagista e artista plástico Roberto Burle Marx. Piso em pedra.

MOTIF: O volume principal da casa, implantado em terreno em declive, é parcialmente apoiado na parte mais alta do lote e tem sua maior área suspensa sobre pilotis. No pavimento térreo, há uma área distinta para a garagem e o setor de serviço. O pilotis não tem acesso direto a nenhum ambiente interno da casa, estando diretamente relacionado à área de lazer externa. Pilotis e jardins se interpenetram. Um dos pilares está apoiado sobre o espelho d'água. O objeto arquitetônico horizontalizado se integra sutilmente ao seu entorno. A paisagem é incorporada como uma extensão da casa. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada espiral, localizada no pilotis.

4.1.29 Casa de Campo Geraldo Baptista

ARQUITETO: Olavo Redig de Campos. LOCALIZAÇÃO: Petrópolis/RJ. ANO: 1954.

Figura 56 – Casa de Campo Geraldo Baptista



Fonte: Mindlin (1999).

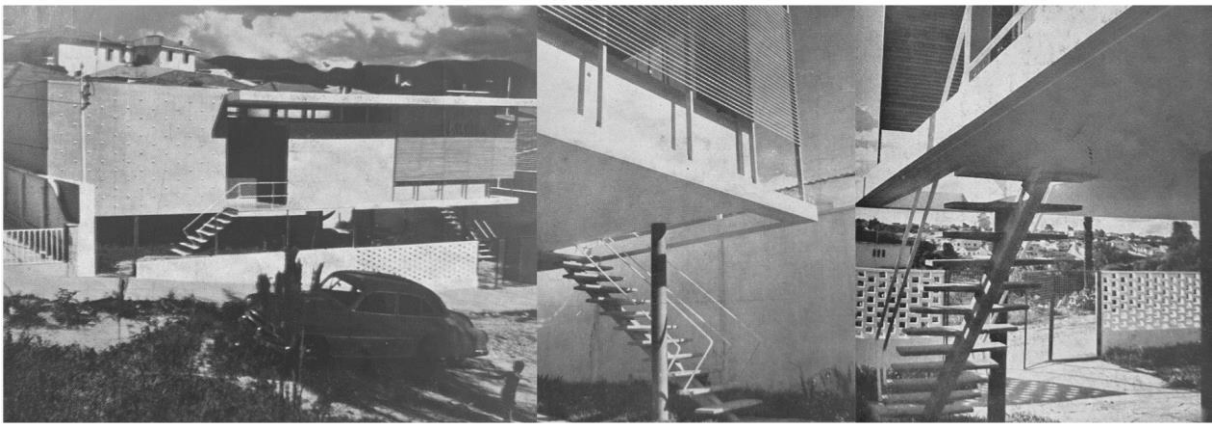
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção circular, pintados na cor preta. Piso em revestimento cerâmico. Parede dos fundos do pilotis em pedra.

MOTIF: O volume principal da casa, implantada em terreno em declive, está apoiado diretamente ao solo em dois pontos do lote, o primeiro na porção mais alta e o segundo na mais baixa. A maior área da casa é suspensa sobre pilotis, pensado como uma varanda coberta que promove conexão direta entre a sala de estar e a área de lazer. Pilotis e jardins se interpenetram. Mobiliário de apoio indica a intenção do pilotis ser uma área de permanência. Há um ambiente específico destinado ao abrigo de veículos no extremo oposto aos pilotis, próximo ao muro de arrimo em pedra. A escada de acesso ao pavimento superior é engastada em uma parede de blocos de pedra, que delimita todo o pavimento junto à curva de nível.

4.1.30 Casa em Belo Horizonte

ARQUITETO: Eduardo M. Guimarães Jr. LOCALIZAÇÃO: Belo Horizonte/MG. ANO: 1954.

Figura 57 – Casa em Belo Horizonte



Fonte: Arquitetura e Engenharia (1954).[8]

MATERIALIDADE: Estrutura mista. Pilares de aço, com seção circular, pintados na cor preta.

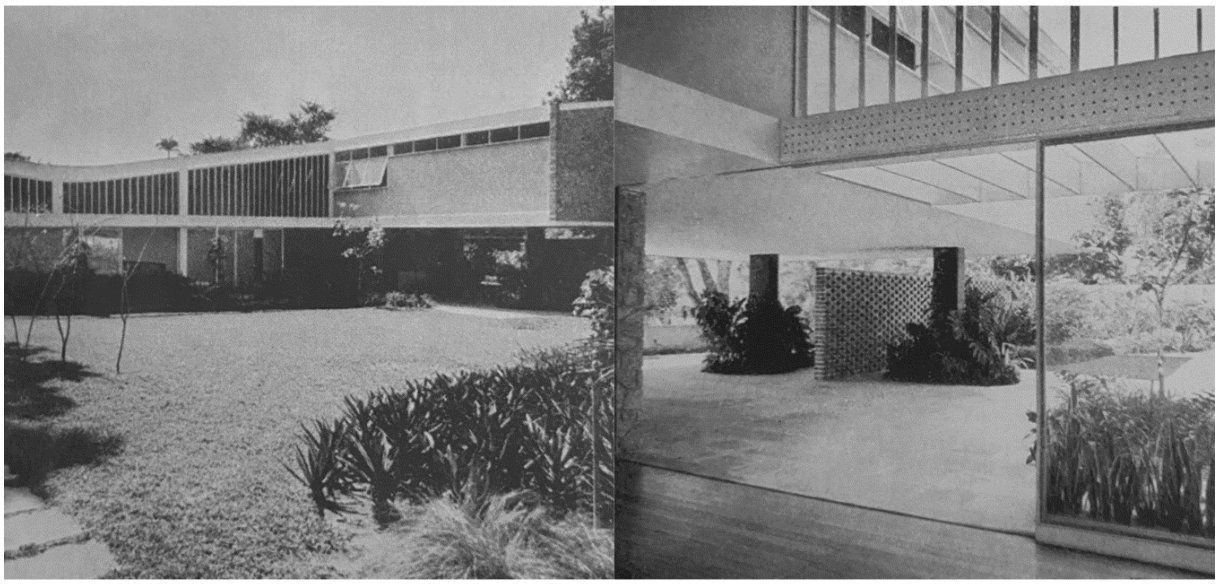
MOTIF: O volume principal da casa, implantado em terreno em declive, é parcialmente suspenso sobre pilotis. A área livre do pavimento está localizada próxima a uma área de serviço e uma brinquedoteca, o que pode indicar que o pilotis tenha sido pensado como área de lazer infantil, sendo este entremeado por jardins e por uma piscina nos fundos do lote. Não há área de garagem prevista no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de 3 escadas, todas retas e de lance único.

[8] Consulta realizada no acervo físico da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais.

4.1.31 Casa Jadir de Souza

ARQUITETO: Sérgio Bernardes. LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro/RJ. ANO: 1954.

Figura 58 – Casa Jadir de Souza



Fonte: Mindlin (1999).

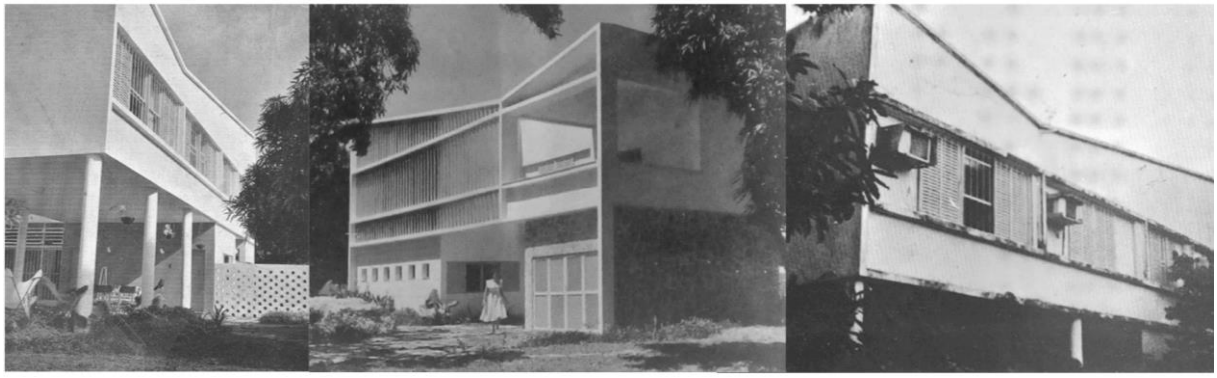
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, com seção retangular, pintados na cor preta. Parede dos fundos do pilotis em painel cerâmico.

MOTIF: A casa, implantada em lote plano, tem a maior parte da sua área total apoiada sobre o solo. A área de pilotis é por onde se dá o acesso social da casa, pela sala de estar, que se conecta ao pátio coberto através de uma esquadria corrediça. Os dois pilares foram alocados em jardineiras, sendo envoltos por vegetação. Garagem localizada em edícula nos fundos do lote. O acesso ao pavimento superior se dá através de escada reta de lance único, localizada no interior da casa.

4.1.32 Casa José Lira

ARQUITETO: Lygia Fernandes. LOCALIZAÇÃO: Maceió/AL. ANO: 1955.

Figura 59 – Casa José Lira



Fonte: Mindlin (1999).

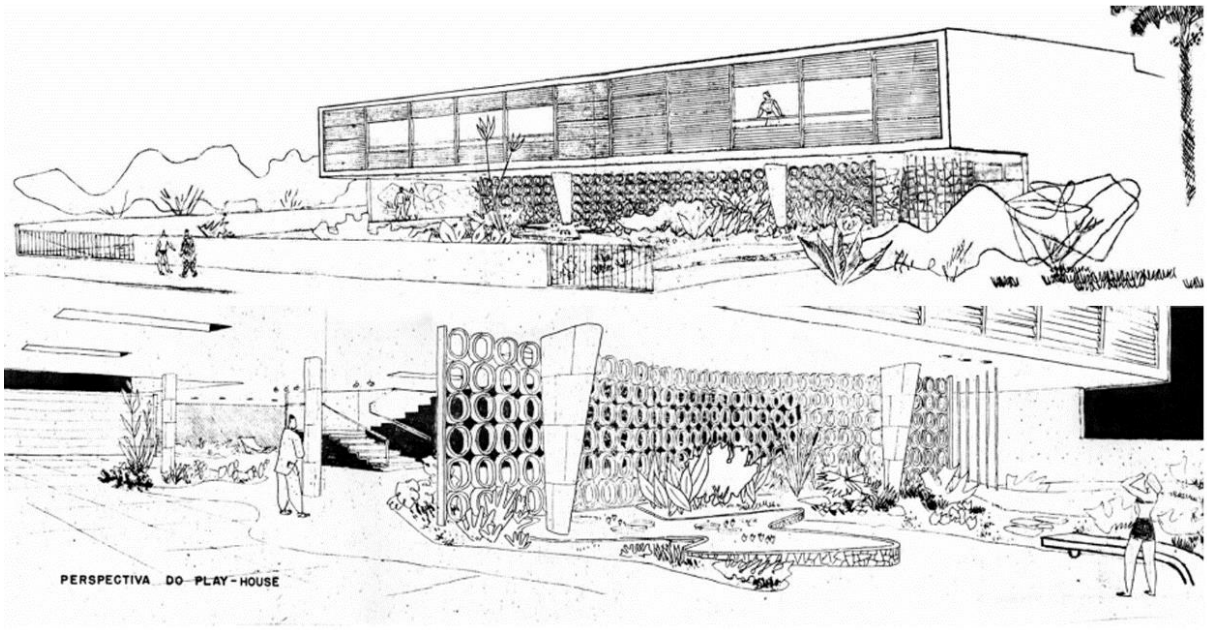
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto armado, com seção circular, pintados na cor branca.

MOTIF: A casa, implantada em terreno plano, é composta por 3 volumes retangulares que se organizam em formato de U. Uma das três alas, localizada nos fundos do lote, é elevada sobre pilotis. A área livre do pavimento térreo tem conexão direta com a sala de estar e a sala de jantar. Pilotis e jardins se interpenetram. Há um espaço específico destinado à garagem ao lado do pilotis. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada em U de dois lances, localizada no interior da casa.

4.1.33 Casa Luciano Costa Júnior

ARQUITETO: Acácio Gil Borsoi. LOCALIZAÇÃO: Recife/PE. ANO: 1955.

Figura 60 – Casa Luciano Costa Júnior



Fonte: Naslavsky (2004).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, em seção retangular com bordas arredondadas e em seção circular. Fundos dos pilotis em elementos vazados cerâmicos.

MOTIF: O volume principal da casa, implantado em terreno plano, é completamente suspenso sobre pilotis. O pilotis é entremeado por um grande jardim, de paisagismo sinuoso, por onde se dá o acesso social. Um dos pilares tem seu apoio no espelho d'água. A área livre do térreo tem conexão direta com uma sala de estar e um bar. Um acesso destinado aos veículos os direciona para a garagem em edícula nos fundos do lote. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada enclausurada de dois lances, em U, localizada no pilotis.

4.1.34 Casa José Barbosa

ARQUITETO: Ernani Vasconcellos. LOCALIZAÇÃO: Curitiba/PR. ANO: 1955.

Figura 61 – Casa José Barbosa

Fonte: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (c2024).

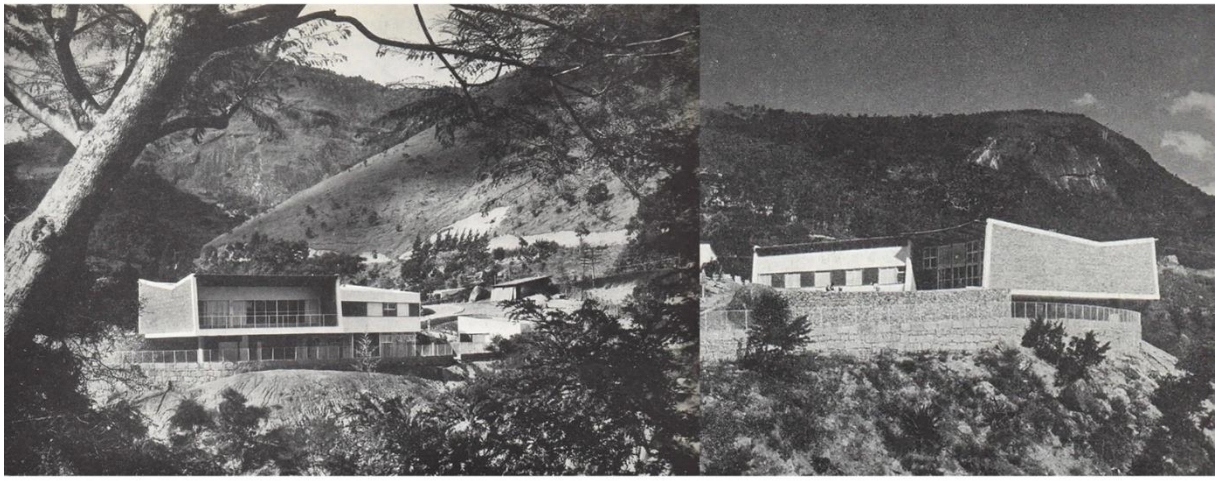
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção retangular. Parede dos fundos do pilotis em alvenaria e esquadria de vidro móvel. Piso em revestimento cerâmico.

MOTIF: O volume principal da casa, implantado em um platô, tem a sua maior área apoiada diretamente sobre o solo. A área suspensa sobre pilotis, em formato de L, ocupa a lateral esquerda da casa, criando uma varanda coberta por onde se dá o acesso social, com acesso direto à sala de estar. O pilotis também conduz até a área de lazer nos fundos do lote. Pilotis com tratamento paisagístico (jardins e um espelho d'água). A garagem está localizada ao lado direito, próxima à divisa do lote. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único, localizada no interior da casa.

4.1.35 Casa de Campo de Lauro Souza Carvalho

ARQUITETO: Henrique Mindlin. LOCALIZAÇÃO: Petrópolis/RJ. ANO: 1955.

Figura 62 – Casa de Campo de Lauro Souza Carvalho



Fonte: Mindlin (1999).

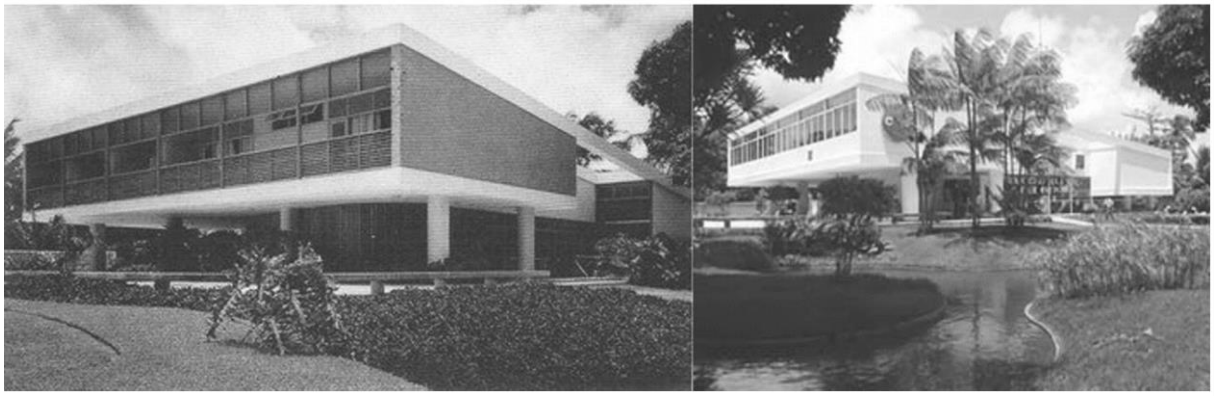
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção retangular. Parede dos fundos do pilotis em pedra.

MOTIF: O volume principal da casa, implantada em terreno em declive, está apoiado diretamente ao solo em dois pontos do lote, o primeiro na porção mais alta e o segundo na mais baixa. A área oblíqua suspensa sobre pilotis tem seu uso previsto para o abrigo de veículos, se conectando diretamente ao setor de serviços e dando acesso ao setor social da casa (através da escada que conduz ao pavimento superior).

4.1.36 Casa Cassiano R. Coutinho

ARQUITETO: Acácio Gil Borsoi Jr. LOCALIZAÇÃO: João Pessoa/PB. ANO: 1956.

Figura 63 – Casa Cassiano R. Coutinho



Fonte: Melo (2013).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto armado com seção circular e seção retangular com bordas arredondadas.

MOTIF: O volume principal da casa, implantado em um terreno com pequeno declive, tem sua maior área suspensa sobre pilotis, organizado em formato de L. O acesso social é conduzido por um caminho sinuoso ao mesmo nível da varanda, que é definida pelos pilotis, e permite acesso direto à sala de estar e à área de lazer (nos fundos). Pilotis e jardins (assinados pelo paisagista Roberto Burle Marx) se interpenetram. A garagem está localizada em um ambiente compartimentado da casa do lado oposto ao pilotis. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada em U de dois lances, localizada no interior da casa, com acesso direto ao pilotis.

4.1.37 Palácio do Catetinho

ARQUITETO: Oscar Niemeyer. LOCALIZAÇÃO: Brasília/DF. ANO: 1956.

Figura 64 – Palácio do Catetinho

Fonte: Flávio (2019).

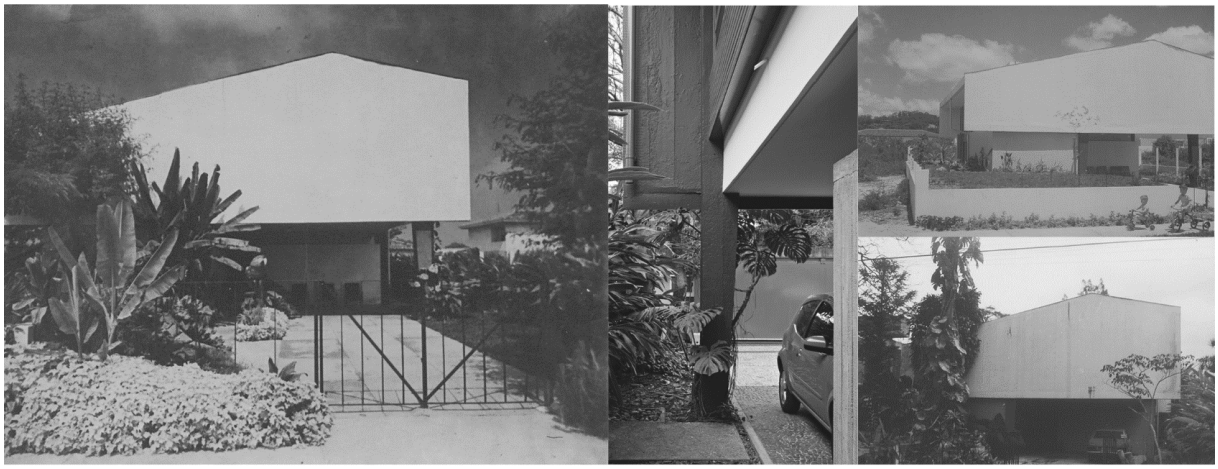
MATERIALIDADE: Estrutura em madeira. Pilares de madeira com seção quadrada. Piso em revestimento cerâmico.

MOTIF: O palácio, de uso residencial e administrativo, foi implantado em terreno plano e é quase inteiramente suspenso sobre pilotis, com exceção de um depósito e um banheiro localizados no pavimento térreo. Não há nenhum indicativo de uso específico do pilotis no projeto, mas nas fotos é possível observar que parte dele foi destinado ao abrigo de veículos. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único, localizada no pilotis.

4.1.38 Casa Olga Baeta

ARQUITETO: Vilanova Artigas. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1956.

Figura 65 – Casa Olga Baeta



Fonte: Kon (c2018).

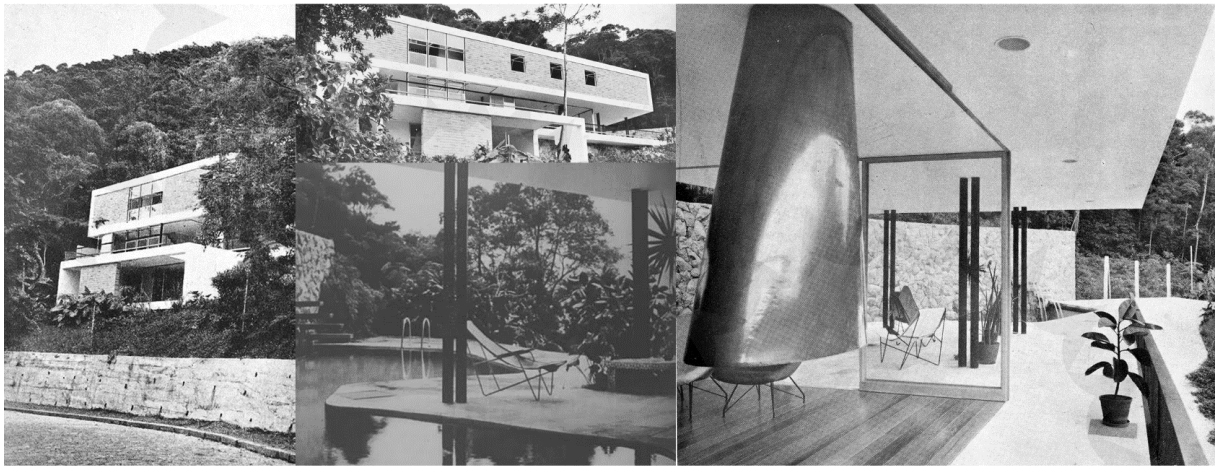
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilar de concreto com seção retangular.

MOTIF: A casa, implantada em um terreno plano, possui uma pequena área de pilotis configurada por um único pilar na sua extremidade, que se dá pelo alinhamento recuado do volume em relação à projeção do pavimento superior. Ao mesmo tempo que o pilotis conduz ao acesso social da casa, ele é utilizado para abrigo de veículos. Não há nenhum tratamento paisagístico no pilotis previsto no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único, localizada no interior da casa.

4.1.39 Casa Gilberto Ferraz da Silva

ARQUITETO: Sérgio Bernardes. LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro/RJ. ANO: 1956.

Figura 66 – Casa Gilberto Ferraz da Silva



Fonte: Heck (2005).

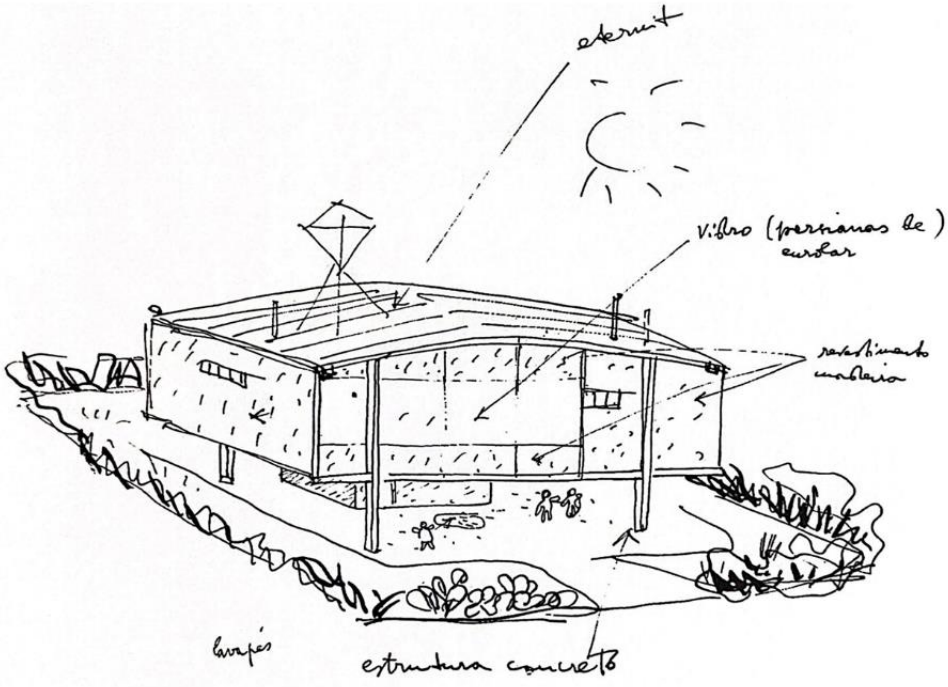
MATERIALIDADE: Estrutura mista. Pilares metálicos duplos, com seção circular, pintados na cor preta. Parede dos fundos do pilotis em pedra e esquadria de vidro fixa. Piso em revestimento cerâmico.

MOTIF: A casa, implantada em um terreno em aclive, possui uma área de pilotis no setor social, localizado no pavimento intermediário. O pilotis cumpre a função de pátio coberto e conecta a área de lazer externa com a sala de estar da casa. Pilotis e jardins se interpenetram. Os pilares foram alocados bem próximos à piscina, que tem um pequeno trecho coberto pela projeção do pavimento superior. A garagem se localiza nos fundos, próxima ao muro de divisa do lote. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada de dois lances em U, localizada no interior da casa.

4.1.40 Casa na Praia

ARQUITETO: Lina Bo Bardi. LOCALIZAÇÃO: Não construída. ANO: 1957.

Figura 67 – Croqui da Casa na Praia



Fonte: Ferraz (1993).

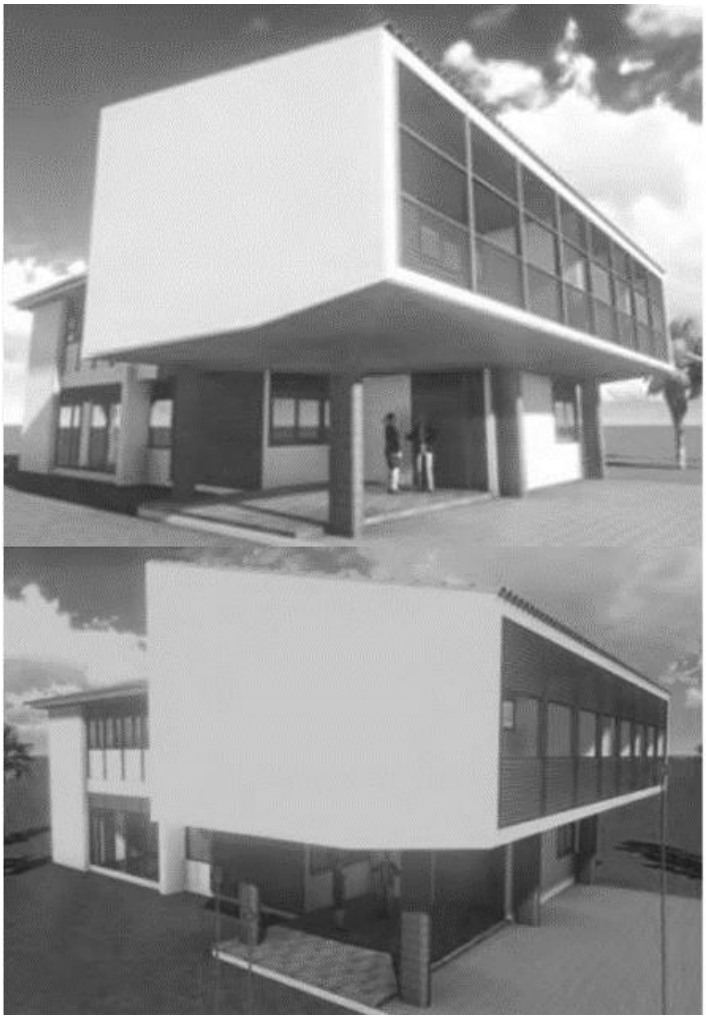
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção retangular.

MOTIF: A casa, implantada em terreno plano, é quase inteiramente suspensa sobre pilotis, com exceção de uma lavanderia e um banheiro, localizados no pavimento térreo. O conteúdo dessa proposta se resume a este croqui, uma elevação e as plantas dos dois pavimentos. Contudo, esse é um exemplo significativo de casa aérea com a área de pilotis pensada como um espaço de sociabilidade e permanência, a partir de jardins incorporados (vide o croqui). Não há uma área prevista para abrigo de veículos especificada no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único, localizada no pilotis.

4.1.41 Casa Austregésilo de Freitas

ARQUITETO: Acácio Gil Borsoi. LOCALIZAÇÃO: João Pessoa/PB. ANO: 1958.

Figura 68 – Casa Austregésilo de Freitas



Fonte: Melo (2013).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção retangular de bordas arredondadas. Parede dos fundos do pilotis em alvenaria e esquadria de vidro móvel. Piso em revestimento cerâmico.

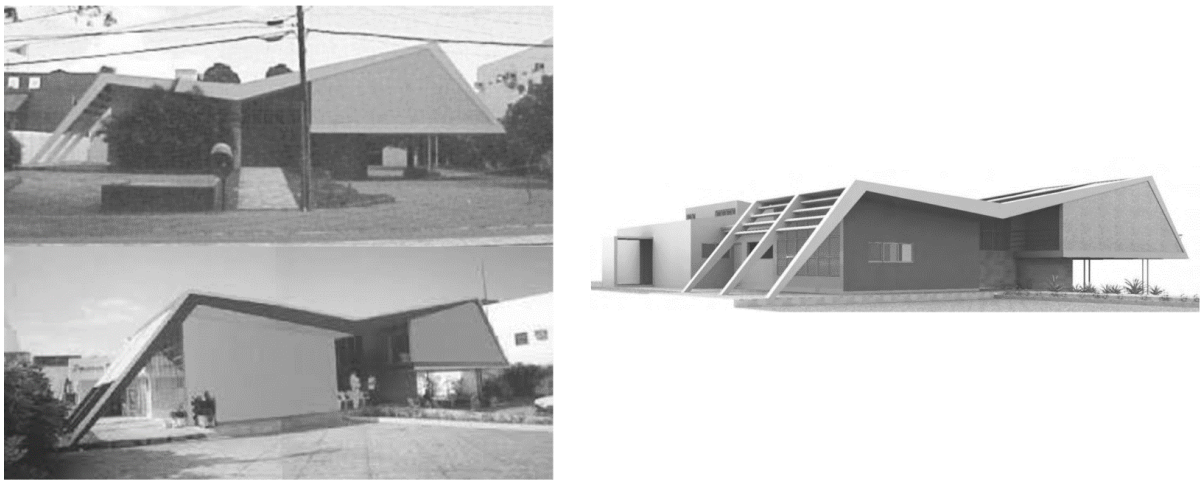
MOTIF: A casa, implantada em um terreno plano, possui uma área de pilotis resultante do alinhamento recuado do volume em relação à projeção do pavimento superior. Através do pilotis se dá o acesso principal ao setor social da casa, sendo este diretamente conectado com a sala de estar. Não

há uma área prevista para abrigo de veículos especificada no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único, localizada no interior da casa.

4.1.42 Casa Joaquim Augusto

ARQUITETO: Acácio Gil Borsoi. LOCALIZAÇÃO: Recife/PE. ANO: 1958.

Figura 69 – Casa Joaquim Augusto



Fonte: Melo (2013).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares duplos de concreto com seção circular. Parede dos fundos do pilotis em pedra. Piso em revestimento cerâmico.

MOTIF: A casa tem sua área elevada sobre pilotis na porção mais baixa do terreno em declive, que é por onde se dá o acesso à área social da casa, tendo conexão direta com a sala de estar e com um escritório. Pilotis e jardim se interpenetram. Garagem em edícula nos fundos do lote. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único, localizada no interior da casa.

4.1.43 Casa Saldanha Werneck

ARQUITETOS: Milton e Marcelo Roberto. LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro/RJ. ANO: 1959.

Figura 70 – Casa Saldanha Werneck

Fonte: Casas Brasileiras (c2017).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção quadrada. Parede dos fundos do pilotis em painel de cerâmica esmaltada assinado pelo artista plástico Paulo Werneck.

MOTIF: A casa, implantada em um terreno plano, tem sua área de pilotis localizada na fachada principal, orientada para vista da praia do Catimbau. Uma parte do pilotis tem uma conotação de uso social e de permanência, que é por onde se dá o acesso à sala de estar da casa (localizada no pavimento superior) e à área da churrasqueira (no térreo). A outra parte foi prevista em projeto para o abrigo de veículos. O setor de serviço está localizado nos fundos do pilotis. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único.

4.1.44 Casa em Itaipava

ARQUITETO: Affonso Eduardo Reidy. LOCALIZAÇÃO: Itaipava/RJ. ANO: 1959.

Figura 71 – Casa em Itaipava

Fonte: Casas Brasileiras (c2017).

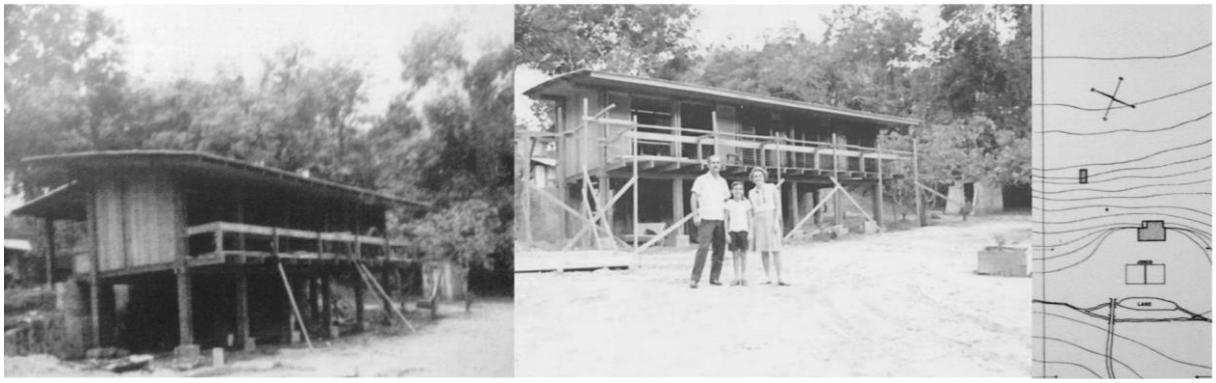
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção retangular. Parede e piso em pedra.

MOTIF: Apesar de existir uma encosta aos fundos do lote, a casa (quase completamente elevada sobre pilotis) foi edificada em um platô, o que permite uma ampla visualização do entorno imediato, vislumbrando a serra que circunda a região. O pavimento térreo abriga os aposentos do caseiro, além de um tanque e uma área designada ao abrigo de veículos. Ao mesmo tempo, através do pilotis se dá o acesso direto à sala de estar da casa, localizada no pavimento superior. O arquiteto não registrou nenhuma intenção, escrita ou desenhada, de designar este pilotis como uma área de permanência. Não há nenhum tratamento paisagístico no pilotis previsto no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único, localizada no pilotis.

4.1.45 Casa do Cafundó

ARQUITETO: Severiano Porto. LOCALIZAÇÃO: Manaus/AM. ANO: 1963.

Figura 72 – Casa do Cafundó



Fonte: NAMA-UFAM (2023)[9].

MATERIALIDADE: Estrutura em madeira. Pilares de madeira, com base em concreto, de seção quadrada. Parede dos fundos do pilotis em pedra.

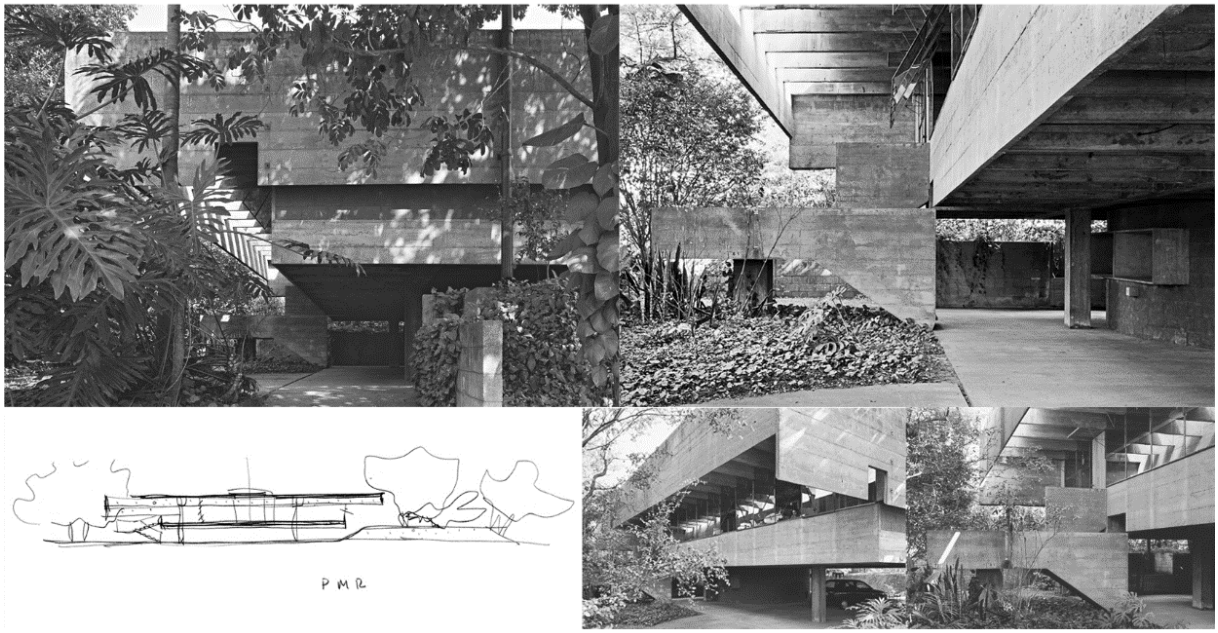
MOTIF: A casa, implantada em aclive, é ora elevada sobre pilotis, ora apoiada na porção mais alta do terreno, integrada a um muro de arrimo, em pedra jacaré, que já existia no local. A visada do pilotis foi orientada para a vista do córrego, localizado a poucos metros da casa. Através do pilotis se tem acesso direto ao setor social da casa, localizado no pavimento superior. Não há nenhum tratamento paisagístico no pilotis ou local para abrigo de veículos previsto no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada em U de dois lances, localizada no pilotis.

[9] Consulta realizada no acervo físico do Núcleo de Arquitetura Moderna na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas.

4.1.46 Casa do Arquiteto

ARQUITETO: Paulo Mendes da Rocha. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1964.

Figura 73 – Casa do Arquiteto



Fonte: Kon (c2018).

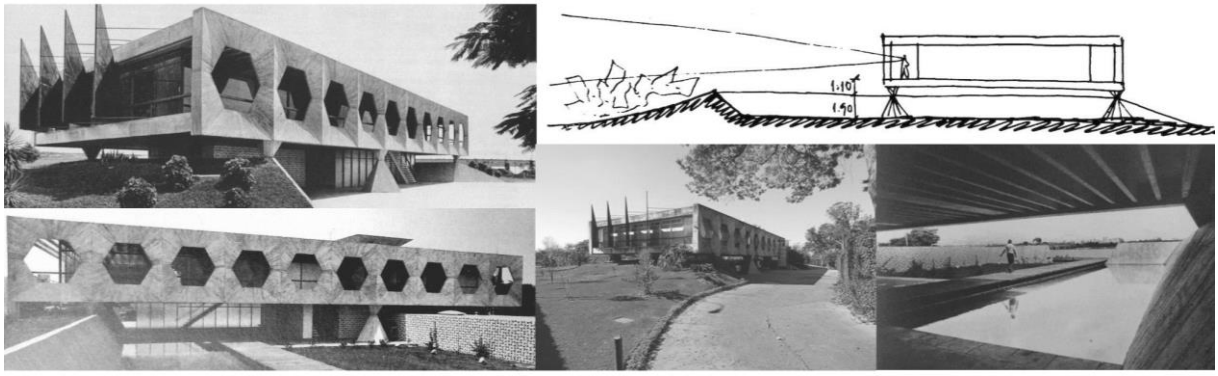
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção quadrada. Paredes dos fundos do pilotis e piso em concreto aparente.

MOTIF: A casa, implantada em terreno em declive, possui um único pavimento completamente suspenso sobre pilotis, que é por onde se dá o acesso ao setor social da casa, localizado no pavimento superior. A área do pilotis é envolta por um promontório e densa vegetação, pensada como uma área coberta de lazer e de abrigo de veículos. O acesso ao pavimento superior se dá através de escada externa em U de dois lances, localizada no pilotis.

4.1.47 Casa para o Ministro do Estado

ARQUITETO: João Filgueiras Lima. LOCALIZAÇÃO: Brasília/DF. ANO: 1965.

Figura 74 – Casa para o Ministro do Estado



Fonte: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (c2024).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção piramidal. Parede dos fundos do pilotis em painel de cerâmica esmaltada, assinado pelo artista plástico Athos Bulcão.

MOTIF: A casa, implantada em terreno em declive, tem o seu volume principal completamente suspenso sobre pilotis para privilegiar a vista do lago Paranoá. Essa área livre do pavimento térreo é circundada por taludes suaves que se ajustam à topografia local. O pilotis é amplo e nele se dividem atividades de lazer (piscina, estar, jogos, etc.) e serviço (abrigo de veículos). O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único, localizada no pilotis.

4.1.48 Casa Mário Masetti

ARQUITETO: Paulo Mendes da Rocha. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1969.

Figura 75 – Casa Mário Masetti

Fonte: Kon (c2018).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção circular. Parede dos fundos e piso dos pilotis em concreto aparente.

MOTIF: A casa, implantada em terreno em declive, tem o seu volume principal completamente suspenso sobre pilotis, que é por onde se dá o acesso social. O térreo livre é entremeado por jardins e ocupado pela área de lazer da casa, incorporando a piscina localizada nos fundos do lote. Não há um local específico designado ao abrigo de veículos no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de duas escadas, sendo uma aberta e em leque (acesso social) e outra helicoidal enclausurada (acesso de serviço), ambas localizadas no pilotis.

4.1.49 Casa James Francis King

ARQUITETO: Paulo Mendes da Rocha. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1972.

Figura 76 – Casa James Francis King

Fonte: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (c2024).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção quadrada.

MOTIF: A casa, implantada em terreno em declive, tem o seu volume principal completamente suspenso sobre pilotis, que é por onde se dá o acesso social. O térreo livre é entremeado por jardins sinuosos e conectado à área de lazer da casa, por onde se dá o acesso à piscina, localizada nos fundos do lote. Entre os pilares está localizada uma árvore que atravessa a construção e é emoldurada pelo pavimento superior. Não há um local específico designado ao abrigo de veículos no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único, localizada no pilotis.

4.1.50 Casa José da Silva Netto

ARQUITETO: João Filgueiras Lima. LOCALIZAÇÃO: Brasília/DF. ANO: 1973.

Figura 77 – Casa José da Silva Netto

Fonte: Vilela Júnior (2011).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção quadrada. Parede dos fundos do pilotis em painel de cerâmica esmaltada, assinado pelo artista plástico Athos Bulcão.

MOTIF: A casa, implantada em terreno em declive, tem o seu volume principal completamente suspenso sobre pilotis para privilegiar a vista do lago Paranoá. Pilotis e jardim se interpenetram. A área livre é ampla e se divide entre atividades de lazer (piscina, estar, jogos, churrasqueira e bar), serviço (lavanderia e dependências de empregada) e garagem. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada em U de dois lances, enclausurada, localizada no pilotis.

4.1.51 Casa Alfred Gunther Domschek

ARQUITETO: Vilanova Artigas. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1973.

Figura 78 – Casa Alfred Gunther Domschek

Fonte: Acervo pessoal (2023).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção retangular.

MOTIF: O volume principal da casa, implantado em aclive, é parcialmente suspenso sobre pilotis, por onde se dá o acesso à área de lazer externa, nos fundos do lote. Pilotis e jardim se interpenetram. Os pilares foram locados bem próximos à piscina, que tem um pequeno trecho coberto pela projeção do pavimento superior. A área livre se conecta diretamente à área social interna. Há um ambiente específico destinado ao abrigo de veículos. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma rampa de dois lances em U, localizada no interior da casa.

4.1.52 Casa Thiago de Mello

ARQUITETO: Lucio Costa. LOCALIZAÇÃO: Barreirinha/AM. ANO: 1978.

Figura 79 – Casa Thiago de Mello

Fonte: Adaptada pela autora, a partir de Casa da Arquitectura (c2021) e Campinas (2023).

MATERIALIDADE: Estrutura em madeira. Pilares de madeira com seção quadrada. Piso em terra batida.

MOTIF: O volume principal da casa, edificada em um terreno plano, tem a sua maior área suspensa sobre pilotis, com exceção de uma área de serviço, apoiada diretamente no solo, nos fundos do pavimento térreo. Há na planta-baixa original uma pequena área do pilotis designada ao abrigo de veículos. O pilotis foi orientado privilegiando a vista do rio Andirá, que fica a alguns metros da construção. A área de implantação do projeto sofre alagamento com as cheias sazonais, podendo essa ter sido a justificativa da elevação da casa. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único, localizada no pilotis.

4.1.53 Casa Schuster

ARQUITETO: Severiano Porto. LOCALIZAÇÃO: Manaus/AM. ANO: 1978.

Figura 80 – Casa Schuster

Fonte: Adaptada pela autora, a partir de Kugel (2010) e Casas Brasileiras (c2017).

MATERIALIDADE: Estrutura em madeira. Pilares de madeira com seção quadrada.

MOTIF: A casa, implantada em um terreno plano, é completamente elevada sobre pilotis, evitando a alta umidade do solo (característica do local, próximo ao Igarapé). O pilotis foi pensando para abrigar a sala de estar. A vegetação densa do entorno é incorporada às visadas do pilotis. Não há um local específico designado ao abrigo de veículos no projeto. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada em U de dois lances, localizada no pilotis.

4.1.54 Casa Niclewicz

ARQUITETO: Vilanova Artigas. LOCALIZAÇÃO: Curitiba/PR. ANO: 1978.

Figura 81 – Casa Niclewicz

Fonte: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (c2024).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção retangular. Parede e piso do pilotis em pedra e vegetação.

MOTIF: A casa, implantada em um terreno plano, possui uma pequena área de pilotis na sua extremidade, que se dá pelo alinhamento recuado do volume em relação à projeção do pavimento superior. Há pequenas áreas de jardim dispostas nas laterais da área livre do pavimento térreo. Ao mesmo tempo que o pilotis conduz ao acesso social da casa, ele é utilizado para abrigo de veículos. A escada de acesso ao pavimento superior se dá através de uma rampa em U de dois lances, localizada no interior da casa.

4.1.55 Casa Maria Elisa e Helena Costa

ARQUITETO: Lucio Costa. LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro/RJ. ANO: 1978.

Figura 82 – Casa Maria Elisa e Helena Costa

Fonte: Costa (1995).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção retangular com bordas arredondadas.

MOTIF: A casa, implantada em aclive, tem a sua maior área apoiada diretamente ao solo e apenas um pequeno volume elevado sobre pilotis (na porção mais baixa do lote), que é por onde se dá o acesso de serviço e foi a área designada em projeto para o abrigo de veículos. Não há nenhum tratamento paisagístico no pilotis. O acesso ao pavimento superior se dá através de uma escada reta de lance único, localizada no interior da casa.

4.2 PILOTIS MULTIFAMILIARES

4.2.1 Edifício Anchieta

ARQUITETO: Milton e Marcelo Roberto. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1941.

Figura 83 – Edifício Anchieta

Fonte: Pereira (1993).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção retangular e seção circular. A circulação vertical do edifício se dá através de seis elevadores e uma escada. Fundos dos pilotis em esquadrias de vidro.

MOTIF: O edifício, implantado em um lote plano, é majoritariamente elevado sobre pilotis, ao nível da rua. A área do pilotis é dividida pelos ambientes edificados na parte central do lote, sendo esses: a portaria, três lojas e um apartamento destinado ao zelador. A área do pilotis, localizada nos fundos do lote, é exclusivamente dedicada ao abrigo de veículos, enquanto a parte da frente, paralela à Avenida Paulista, é uma praça aberta à cidade.

4.2.2 Edifício Prudência

ARQUITETO: Rino Levi. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1944.

Figura 84 – Edifício Prudência

Fonte: Adaptada pela autora, a partir de Marcato ([2023]) e Acervo da Biblioteca da FAUUSP (2024).[10]

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção retangular. A circulação vertical do edifício se dá através de seis elevadores e uma escada. A parede dos fundos do pilotis possui painel de cerâmica esmaltada, assinado pelo paisagista e artista plástico Roberto Burle Marx, também responsável pelo projeto dos jardins.

MOTIF: O edifício, em formato de U, é completamente elevado sobre pilotis, à exceção da portaria, dos elevadores e das escadas. O pavimento livre é elevado em relação ao nível da rua. Acomodar o edifício na cota mais elevada foi a solução adotada para o aproveitamento da declividade natural do terreno. O paisagismo de linhas sinuosas se dispõe ao longo de toda a área livre do pavimento térreo, que conta um playground infantil, mobiliário de descanso, praças, etc. Há um jardim localizado no nível da rua, ao longo da Avenida Higienópolis, que direciona e de certo modo convida o pedestre para

[10] Imagens obtidas por meio de consulta no acervo físico.

as duas rampas de acesso ao pilotis. Esse jardim frontal define uma parede de arrimo resultante do desnível entre o mesmo e a garagem, localizada no subsolo.

4.2.3 Edifício Louveira

ARQUITETO: Vilanova Artigas. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1946.

Figura 85 – Edifício Louveira

Fonte: Adaptada pela autora, a partir de Revista Acrópole (1938-1971) e Kon (c2018).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção circular. Parede dos fundos do pilotis em esquadria de vidro. A circulação vertical do edifício se dá através de quatro elevadores e duas escadas.

MOTIF: O edifício, implantado em um terreno de esquina em aclive, é formado por dois blocos. Esses foram posicionados paralelos um ao outro, com um espaço de vinte metros entre eles, área que foi destinada a um amplo jardim, que estabelece uma relação de continuidade com a Praça Vilaboim. Além de ter sido pensado como uma extensão da praça, o jardim do conjunto se integra ao pavimento térreo do edifício, parcialmente suspenso sobre pilotis, na esquina da Rua Piauí com a Rua Aracaju. O acesso ao jardim do conjunto se dá através de uma rampa sinuosa, convidativa ao acesso de pedestres. A garagem está localizada no pátio posterior.

4.2.4 Conjunto Pedregulho

ARQUITETO: Affonso Eduardo Reidy. LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro/RJ. ANO: 1947.

Figura 86 – Conjunto Pedregulho

Fonte: Fracalossi (2011).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto com seção circular. Escadas coletivas de circulação vertical locadas de 50 em 50 metros.

MOTIF: O conjunto compreende 4 blocos de habitação, sendo considerado para a análise apenas o bloco A, que é elevado sobre pilotis.[11] Este segue a forma sinuosa da encosta do morro e foi implantado em um terreno irregular, com um desnível de 50 m. Duas pontes dão acesso ao pavimento livre, localizado no nível intermediário do bloco, através do qual se dá uma vista panorâmica da Baía de Guanabara. O pilotis é amplo e foi locado em um platô, designado para ser uma área de estar, lazer e recreação infantil. O pilotis é circundado por jardins sinuosos, por onde é possível caminhar livremente (por conta da separação pedestres/veículos) pelos demais

[11] Os demais blocos também são elevados sobre pilotis, mas foram edificados em lotes de topografia plana.

edifícios do conjunto (lavanderias, creche, escola primária, ginásio, piscina e centro de saúde). O conjunto também é suspenso sobre pilotis no nível térreo, onde os pilares se ajustam à topografia acidentada. Todos os blocos de habitação dispõem de locais para o abrigo de veículos.

4.2.5 Edifício Dona Fátima e Finúsia

ARQUITETO: Milton e Marcelo Roberto. LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro/RJ. ANO: 1947.

Figura 87 – Edifício Dona Fátima e Finúsia

Fonte: Pereira (1993).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto com sessão retangular de bordas arredondadas. A circulação vertical se dá através de dois elevadores e duas escadas.

MOTIF: O edifício, implantado em um só volume em terreno plano, é completamente elevado sobre pilotis, tendo como elementos construídos no térreo somente a portaria, os elevadores e as escadas. O pilotis é livre e tratado como um ambiente composto de jardins e espelhos d'água. Os pilares

foram dispostos de maneira a não atrapalhar a visão transparente entre os dois logradouros, já que o prédio fica localizado em uma esquina, a duas quadras da praia de Copacabana. O térreo livre foi pensado para manter um bom relacionamento entre a cidade e o edifício, possibilitando o caminhamento contínuo do pedestre. A área destinada ao abrigo de veículos fica no subsolo, por onde se tem acesso através de duas rampas.

4.2.6 Edifício Linck

ARQUITETO: Emil Bered. LOCALIZAÇÃO: Porto Alegre/RS. ANO: 1952.

Figura 88 – Edifício Linck

Fonte: Fagundes (2022).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto com seção circular. A circulação vertical se dá através de dois elevadores e duas escadas. Parede dos fundos do pilotis em painel de pastilhas vitrificadas do artista plástico Saulo Gomes.

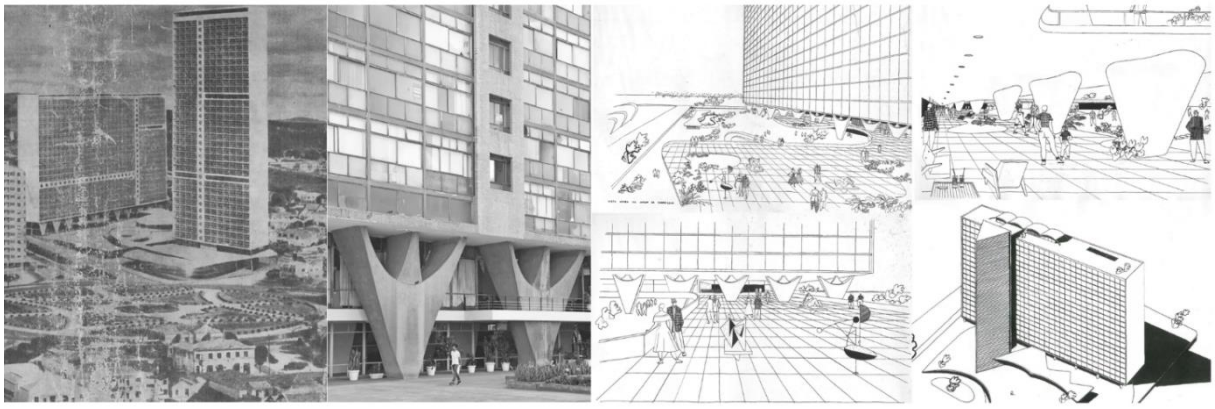
MOTIF: Implantado em um terreno com leve declive, localizado em uma rua sem saída paralela à Praça Júlio de Castilhos, o edifício é parcialmente apoiado por uma base em pilotis na fachada frontal livre e aberta, composta por algumas jardineiras sinuosas, por onde se dá o acesso principal. Nos

fundos do pilotis, há uma área de serviço (com as dependências condominiais) e um apartamento térreo. A área destinada ao abrigo de veículos fica no subsolo, por onde se tem acesso pela lateral de divisa do lote.

4.2.7 Conjunto Governador Kubitschek

ARQUITETO: Oscar Niemeyer. LOCALIZAÇÃO: Belo Horizonte/MG. ANO: 1952.

Figura 89 – Conjunto Governador Kubitschek



Fonte: Arquitetura e Engenharia (1953).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto, em forma de "W". No bloco A, as circulações verticais foram locadas em um volume triangular independente, enquanto no bloco B elas foram inseridas no corpo principal da edificação.

MOTIF: O conjunto habitacional é composto por dois blocos, implantados em declive e assentados sobre uma plataforma comercial, que dá no pavimento térreo. Apesar do térreo ter essa conotação de uso misto, os acessos aos apartamentos se diferenciam dos acessos das áreas comerciais. Os dois blocos são elevados sobre pilotis, sendo a área de pilotis do bloco B na mesma cota da rua, próxima à Praça Raul Soares, o que pode ser um indicativo de que o projeto tentou integrar a área livre do pavimento térreo com a praça pública. O bloco A, por outro lado, tem a sua área de pilotis

locada em uma plataforma elevada em relação à cota da Rua dos Timbiras (que se justifica por conta do desnível do terreno). Isso dificulta a interação entre o pilotis e o tecido urbano nesse trecho. Os croquis desse projeto são bastante expressivos do ponto de vista da intenção de uso do pilotis, pensado originalmente para abrigar um museu. Além disso, há um espaço aberto e coberto destinado a atividades de esporte, lazer e sociabilidade. Os dois blocos possuem dois pisos de estacionamento.

4.2.8 Edifício Niemeyer

ARQUITETO: Oscar Niemeyer. LOCALIZAÇÃO: Belo Horizonte/MG. ANO: 1952.

Figura 90 – Edifício Niemeyer

Fonte: Acervo pessoal (2023).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em lâminas de concreto. Piso em pedra portuguesa. Circulação vertical através de dois elevadores e uma escada.

MOTIF: O edifício, que aproveita ao máximo a ocupação do lote triangular e planificado, foi suspenso sobre pilotis na sua totalidade. Os pilares parecem ter sido estrategicamente angulados, emoldurando e privilegiando as visadas da Praça da Liberdade. Apesar da ausência de áreas de jardim previstas no pilotis, a sua pavimentação em pedra portuguesa é convidativa e se apresenta como continuação da calçada urbana. Há uma área no subsolo destinada exclusivamente ao abrigo de veículos.

4.2.9 Edifício Califórnia

ARQUITETO: Acácio Gil Borsoi. LOCALIZAÇÃO: Recife/PE. ANO: 1953.

Figura 91 – Edifício Califórnia

Fonte: Navlasky (2004).

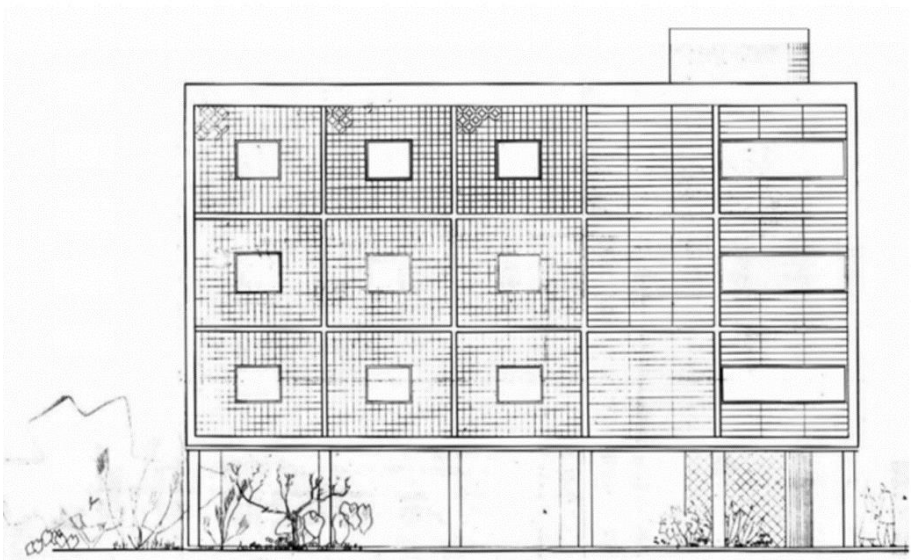
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção circular e oval. Circulação vertical através de três elevadores e uma escada.

MOTIF: O edifício, implantado em terreno plano, foi assentado sobre uma plataforma comercial que se dá no pavimento térreo. As partes suspensas sobre pilotis são resultado do alinhamento recuado de alguns trechos do volume principal em relação à projeção do pavimento superior. As áreas livres do pavimento térreo são de uso misto, por onde se dá o acesso às unidades habitacionais e acontece a circulação entre os estabelecimentos comerciais (cinema, lojas, restaurante, etc.). O pilotis, contornado por áreas de jardim, pode ter sido adotado como proposta de um espaço convidativo e de conexão entre o edifício e a orla da Avenida Boa Viagem, a poucos metros do mar. Há um pavimento intermediário destinado exclusivamente ao abrigo de veículos.

4.2.10 Edifício do Banco Hipotecário Lar Brasileiro

ARQUITETO: Acácio Gil Borsoi. LOCALIZAÇÃO: Não construído. ANO: 1954.

Figura 92 – Edifício do Banco Hipotecário Lar Brasileiro



Fonte: Navlasky (2004).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção circular. Circulação vertical através de um elevador e uma escada.

MOTIF: O edifício implantado em terreno plano é completamente elevado sobre pilotis, sendo uma parte do térreo livre destinada ao abrigo de veículos e outra composta por jardins sinuosos. O projeto foi pensado para um lote localizado na orla da Avenida Boa Viagem, o que nos leva a crer que o emprego do pilotis se deu por uma intenção de garantir a continuidade espacial e visual, possibilitando o caminhamento contínuo do pedestre.

4.2.11 Edifício Redenção

ARQUITETO: Emil Bered. LOCALIZAÇÃO: Porto Alegre/RS. ANO: 1954.

Figura 93 – Edifício Redenção

Fonte: Fagundes (2022).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares de concreto com seção circular e quadrada. Circulação vertical através de três elevadores e uma escada.

MOTIF: O edifício foi locado em um lote plano de esquina, em frente ao Parque Farroupilha. O pavimento livre do pilotis é elevado em relação à cota da rua, em uma espécie de "pódio", que se estabelece como uma varanda com visadas abertas para o parque, e foi pensado para o uso comum dos moradores. O acesso ao pilotis se dá através de uma escada reta de dois lances. Acomodar o edifício em um nível elevado foi uma solução que possibilitou a implantação de uma área destinada ao abrigo de veículos, no semissubsolo.

4.2.12 Conjunto Parque Guinle

ARQUITETO: Lucio Costa. LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro/RJ. ANO: 1954.

Figura 94 – Conjunto Parque Guinle

Fonte: Adaptada pela autora, a partir de Kon (c2018) e acervo pessoal (2024).

MATERIALIDADE: Pilares em concreto de seção circular. A circulação vertical do edifício se dá através de dois elevadores e duas escadas (um por bloco).

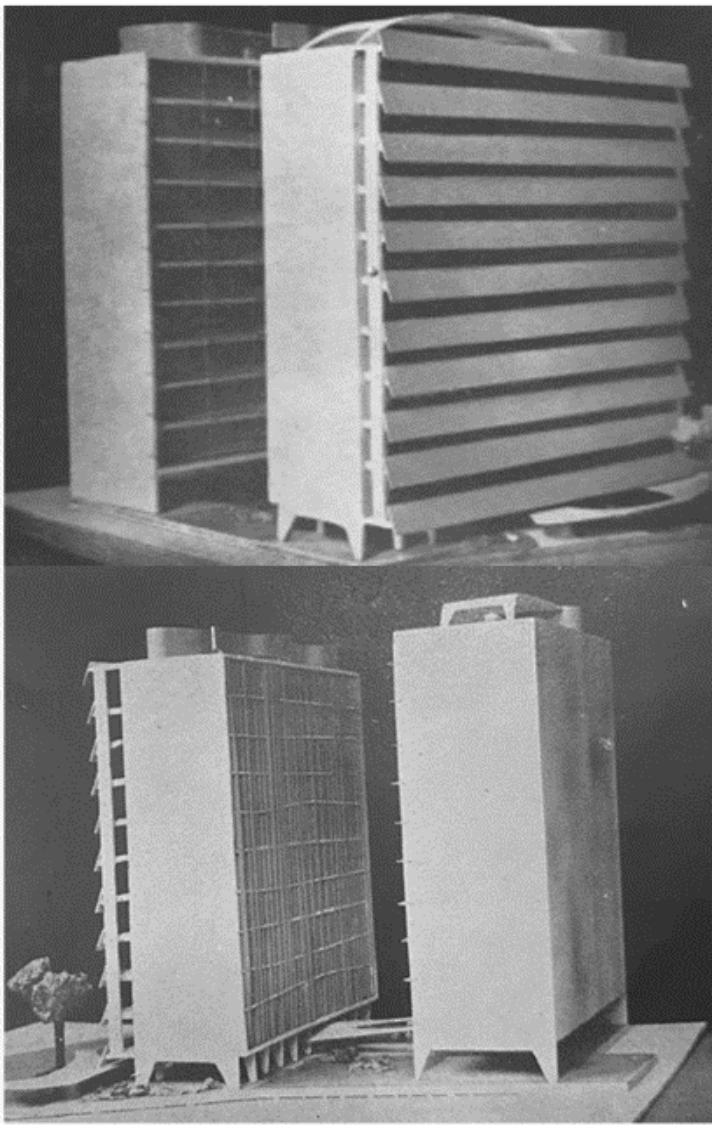
MOTIF: O conjunto residencial Parque Guinle, implantado em um lote em aclive, é configurado por três edifícios[12], completamente elevados sobre pilotis. Os pilotis se dividem em diferentes níveis e se integram à topografia irregular do sítio, através de escadas e rampas de acesso à cota mais elevada. O pavimento térreo possui um trecho designado ao abrigo de veículos no canto esquerdo e outro de serviço, onde está o apartamento do zelador, nos fundos. Porém, sua maior área é livre e destinada ao convívio social e às atividades de lazer. Os pilotis, alinhados à Rua Paulo César de Andrade (uma alameda interna que segue em curva), se integram aos jardins sinuosos, que estabelecem uma integração com o Parque Eduardo Guinle.

[12] Para sintetizar a análise, consideramos apenas o Edifício Bristol. Contudo, os outros dois edifícios (Caledônia e Nova Cintra) seguem os mesmos princípios ordenadores.

4.2.13 Edifício Bortilotte

ARQUITETO: Antônio Rebouças. LOCALIZAÇÃO: Salvador/BA. ANO: 1955.

Figura 95 – Edifício Bortilotte



Fonte: Bardi (1955).

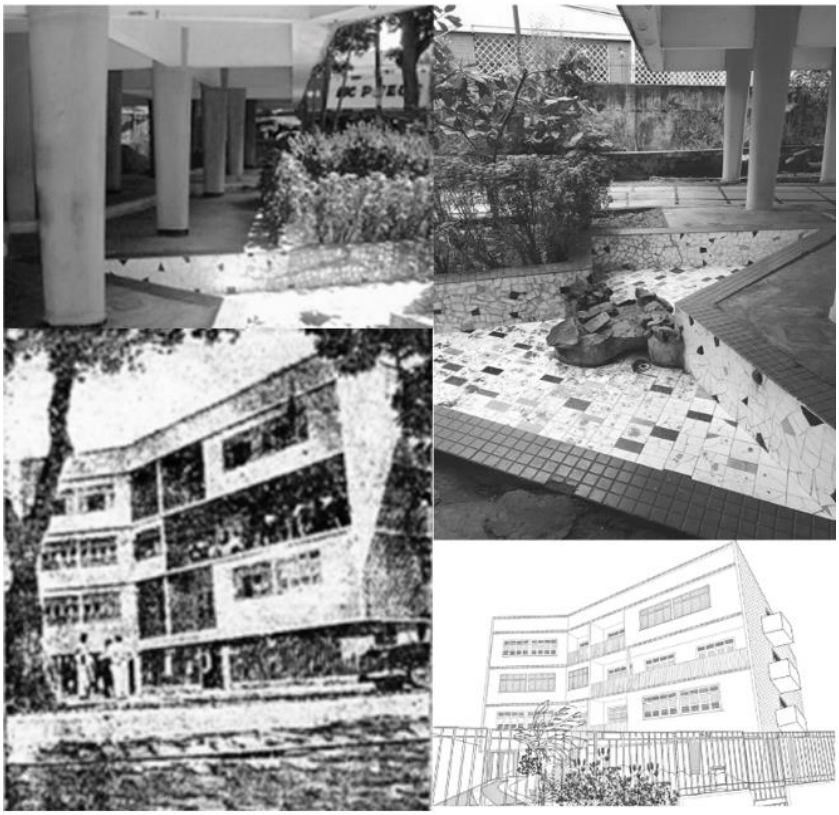
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto armado com seção variável.

MOTIF: Apesar das poucas informações[13] a respeito do projeto, é possível observar que o edifício, elevado sobre pilotis, é formado por dois blocos. Esses foram posicionados paralelos um ao outro, com um espaço entre eles que foi destinado a um amplo jardim. Isso pode indicar uma tentativa de conectar os edifícios ao seu entorno imediato (como no caso do Edifício Louveira) e uma intenção de uso do pilotis destinado ao lazer e à sociabilidade.

4.2.14 Edifício São Miguel

ARQUITETO: Agenor P. de Carvalho. LOCALIZAÇÃO: Belém/PA. ANO: 1957.

Figura 96 – Edifício São Miguel



Fonte: Adaptada pela autora, a partir de Vidal (2008) e LAHCA-UFPA (2018)[14].

[13] O conteúdo dessa proposta se resume a essas imagens de sua maquete física, o que limita a análise do projeto.

[14] Consulta realizada no acervo físico do Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica da Universidade Federal do Pará.

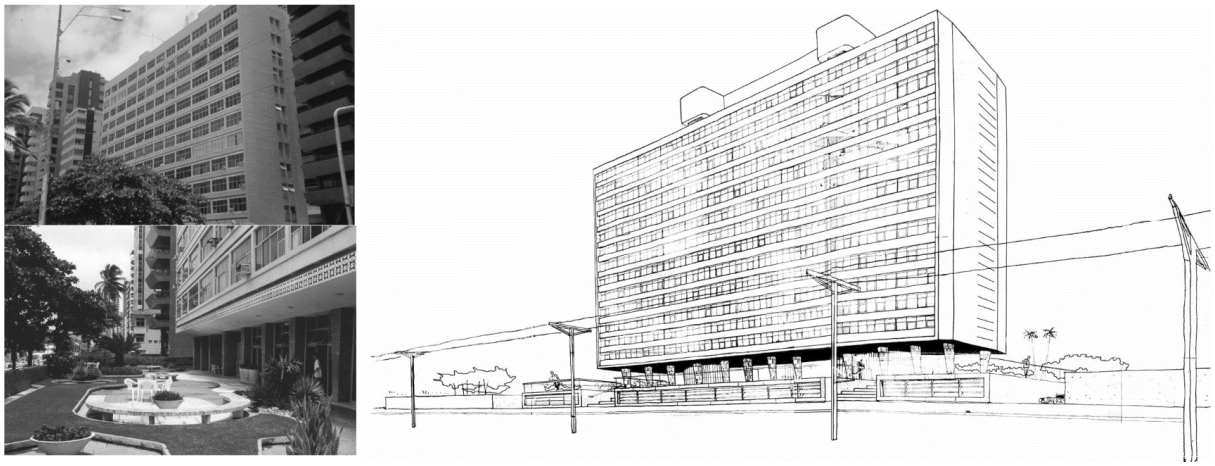
MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto armado de seção oval variável.

MOTIF: O edifício, implantado em um lote plano, é elevado sobre pilotis e tem seu térreo livre composto por áreas de jardim e espelhos d'água (decorados com azulejos). Esse tratamento paisagístico nos leva a crer que esse espaço tenha sido pensado como uma área de permanência e de uso comum dos moradores.[15]

4.2.15 Edifício Acaiaca

ARQUITETO: Delfim Amorim. LOCALIZAÇÃO: Recife/PE. ANO: 1964.

Figura 97 – Edifício Acaiaca



Fonte: Naslavsky (2004).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto armado de seção retangular com bordas arredondadas. A circulação vertical do edifício se dá através de dois elevadores e duas escadas.

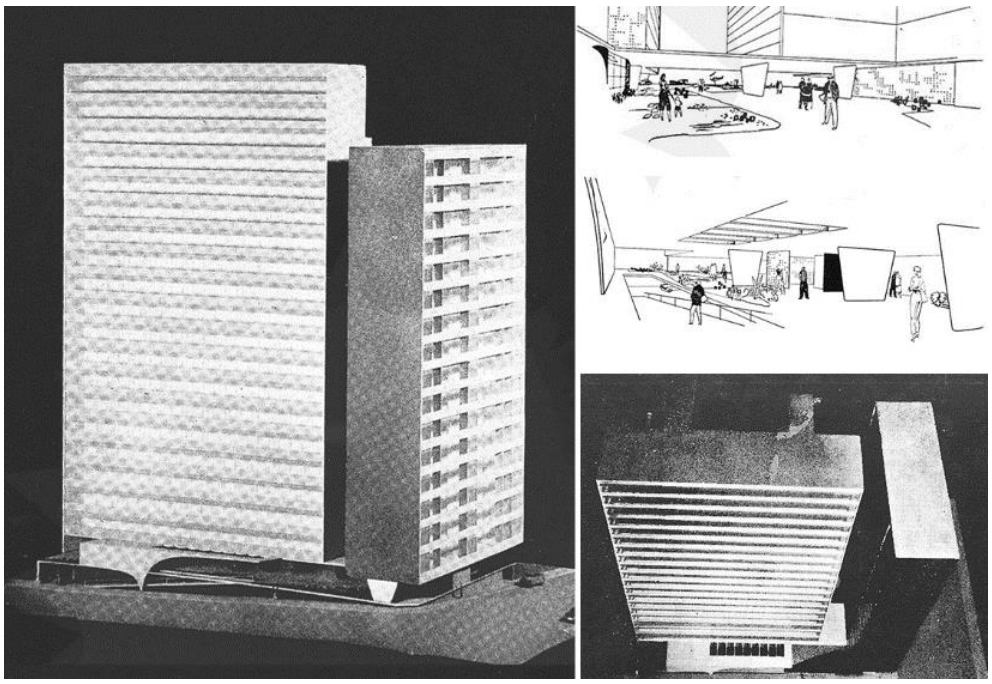
[15] O edifício São Miguel (70) e o edifício Felícia (76) são os únicos exemplares de pilotis unifamiliares contemplados nessa pesquisa que estão localizados na região Norte do país, mais precisamente na cidade de Belém. Não foi possível ter acesso aos desenhos originais desses projetos, que supostamente foram perdidos em um incêndio. De todo modo, considerou-se pertinente incluí-los na dissertação para discutir a presença do vocabulário modernista em todas as regiões brasileiras.

MOTIF: O edifício de volume único implantado em um platô é completamente elevado sobre pilotis, tendo como elementos construídos no térreo somente a portaria, os elevadores e as escadas. O térreo livre dos pilotis é elevado em relação ao nível da rua por um pequeno promontório, por onde se tem acesso através de duas escadas retas de lance único, uma em cada extremidade do lote. O pilotis elevado (composto de áreas de jardim e espelhos d'água) foi orientado para a Avenida Boa Viagem, privilegiando a vista do mar. Há uma área no subsolo destinada exclusivamente ao abrigo de veículos.

4.2.16 Edifício Solar

ARQUITETO: Ulpiano Nunes Muniz. LOCALIZAÇÃO: Belo Horizonte/MG. ANO: 1957.

Figura 98 – Edifício Solar



Fonte: Revista Acrópole (1938-1971).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto armado de seção retangular com bordas arredondadas. A circulação vertical do edifício se dá através de cinco elevadores e duas escadas.

MOTIF: O edifício é composto por dois blocos, implantados em L, em um terreno em declive de esquina. Os dois volumes são completamente elevados sobre pilotis, tendo como elementos construídos no térreo somente a portaria, os elevadores e as escadas. Paralelo a um dos blocos, está a Praça Afonso Arinos e à distância de um quarteirão está localizado o Parque Municipal. Isso pode indicar uma intenção de conectar os edifícios ao seu entorno imediato através do seu térreo aberto e livre, que dá ao pedestre a opção de cortar caminho entre a Rua dos Guajajaras e a Avenida João Pinheiro, acompanhando o desnível natural através da rampa localizada na extremidade do pilotis. Os croquis desse projeto são bastante expressivos do ponto de vista da intenção de uso do pilotis, destinado a atividades de lazer e sociabilidade. Há uma área no semissubsolo destinada exclusivamente ao abrigo de veículos.

4.2.17 Bloco F Quadra 308 Sul

ARQUITETO: Marcelo Campello *et al.* LOCALIZAÇÃO: Brasília/DF. ANO: 1960.

Figura 99 – Bloco F Q. 308 Sul

Fonte: Gorovitz e Ferreira (2020).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto armado com seção retangular. A circulação vertical do edifício se dá através de quatro elevadores e duas escadas. Parede dos fundos do pilotis em painel de azulejos cerâmicos.

MOTIF: O edifício de volume único implantado em um platô é completamente elevado sobre pilotis, tendo como elementos construídos no térreo somente a portaria, os elevadores e as escadas. O térreo livre tem as suas aberturas direcionadas para os jardins, praças e espelhos d'água que o circundam, estabelecendo uma conexão direta e contínua entre todos os blocos da superquadra. No caso específico da quadra 308 sul, o paisagismo foi assinado por Roberto Burle Marx. O pilotis, pensado para ser uma área de lazer e permanência, conta com mobiliário de apoio. Há uma área no subsolo destinada exclusivamente ao abrigo de veículos.

4.2.18 Bloco I Quadra 105 Sul

ARQUITETO: Hélio Uchôa. LOCALIZAÇÃO: Brasília/DF. ANO: 1960.

Figura 100 – Bloco I 105 Sul

Fonte: Gorovitz e Ferreira (2020).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto armado com seção retangular. A circulação vertical do edifício se dá através de seis elevadores e três escadas.

MOTIF: O edifício de volume único implantado em um platô é completamente elevado sobre pilotis, tendo como elementos construídos no térreo somente a portaria, um pequeno setor de serviços, os elevadores e as escadas. O bloco I, assim como seus blocos vizinhos, é todo disposto sobre pilotis e com acesso comum compartilhado, que se dá através de uma área permeada por uma densa vegetação em forma de cinturão. É marcante a continuidade dos pilotis com os jardins da superquadra. Depois das árvores, tem-se a área específica destinada ao estacionamento de veículos.

4.2.19 Edifício Guaimbê

ARQUITETO: Paulo Mendes da Rocha. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1962.

Figura 101 – Edifício Guaimbê

Fonte: Mingliani (2014).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto aparente. Pilares em concreto com seção retangular. A circulação vertical do edifício se dá através de dois elevadores e uma escada.

MOTIF: O edifício de volume único implantado em um terreno plano é completamente elevado sobre pilotis, tendo como elementos construídos no térreo somente a portaria, os elevadores e a escada. O volume principal foi recuado no térreo 15 metros em relação ao alinhamento com a rua, criando um espaço semipúblico, coberto por uma laje horizontal em concreto aparente, que se apoia nos dois muros de divisa do lote. O pilotis aberto e coberto conta com canteiros de concreto que abrigam vegetação e o mobiliário de apoio. Há uma área no subsolo destinada exclusivamente ao abrigo de veículos.

4.2.20 Edifício Felícia

ARQUITETO: Alcyr Meira. LOCALIZAÇÃO: Belém/PA. ANO: 1964.

Figura 102 – Edifício Felícia

Fonte: Adaptada pela autora, a partir de acervo pessoal (2023) e Vidal (2008).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto armado com seção circular.

MOTIF: O edifício de volume único foi implantado em um terreno plano e é quase completamente elevado sobre pilotis. Essa área livre no pavimento térreo tem pé direito duplo, dividido na sua meia altura por um mezanino. A

parte inferior do pilotis foi destinada ao abrigo de veículos, enquanto a parte superior (caracterizada por uma laje suspensa que se apoia nos pilares) é uma área de uso comum dos moradores, por onde se tem acesso através de uma escada em leque, curva. Esse mezanino de certa forma prejudica o vínculo da área livre com o tecido urbano.

4.2.21 Edifício Gravatá

ARQUITETO: Rino Levi. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP. ANO: 1964.

Figura 103 – Edifício Gravatá

Fonte: Adaptada pela autora, a partir de Aranha (2008) e D'Andrea ([2020a]).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto armado com seção variável. A circulação vertical do edifício se dá através de dois elevadores e uma escada.

MOTIF: O edifício de volume único implantado em um terreno plano é completamente elevado sobre pilotis, tendo como elementos construídos no térreo somente a portaria, os elevadores e a escada. A área livre no pavimento

térreo (circundada por áreas ajardinadas em toda a sua extensão) foi, provavelmente, proposta para ser uma área coberta de lazer e convívio. Há uma área no subsolo destinada exclusivamente ao abrigo de veículos.

4.2.22 Edifício Normandie

ARQUITETO: Roberto Félix Veronese. LOCALIZAÇÃO: Florianópolis/SC. ANO: 1964.

Figura 104 – Edifício Normandie

Fonte: Espinoza e Vasconcelos (2019).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto armado com seção circular.

MOTIF: O edifício de volume único foi implantado em um terreno plano, localizado na região continental da cidade, próximo à Praia dos Coqueiros, e é completamente elevado sobre pilotis. Acredita-se que o emprego do pilotis se justifica pela intenção de manter desimpedida a vista para o mar, nos fundos do lote. Além de garantir a continuidade espacial e visual na orla, o térreo livre possibilita o caminhamento contínuo do pedestre. Não há uma área prevista para abrigo de veículos especificada no projeto.

4.2.23 Edifício Araucária

ARQUITETO: Rino Levi. LOCALIZAÇÃO: São Paulo/SP ANO: 1965.

Figura 105 – Edifício Araucária

Fonte: D'Andrea ([2020a]).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto armado com seção variável. A circulação vertical do edifício se dá através de dois elevadores e uma escada.

MOTIF: O edifício de volume único implantado em um terreno plano é completamente elevado sobre pilotis, tendo como elementos construídos no térreo somente a portaria, os elevadores e a escada. A área livre no pavimento térreo possui vários canteiros de concreto com vegetação, além de áreas ajardinadas que se entremeiam entre os pilares e o mobiliário de apoio, o que nos leva a crer que o pilotis foi pensado para ser uma área coberta de lazer e convívio. Há uma área no subsolo destinada exclusivamente ao abrigo de veículos.

4.2.24 Conjunto CECAP Guarulhos

ARQUITETO: Vilanova Artigas. LOCALIZAÇÃO: Guarulhos/SP. ANO: 1967.

Figura 106 – Conjunto CECAP Guarulhos

Fonte: Kon (c2018).

MATERIALIDADE: Estrutura em concreto armado. Pilares em concreto armado com seção quadrada. A circulação vertical do edifício se dá através de uma escada (por bloco).

MOTIF: O conjunto habitacional se divide em vários blocos, implantados em um terreno planificado, sendo todos os edifícios elevados sobre pilotis. Eles são organizados em uma implantação que se assemelha às superquadras de Brasília: o pavimento térreo é livre, aberto e coberto, pensado para ser um espaço de lazer e convívio e circundado por áreas verdes e praças. É marcante a continuidade dos pilotis com os jardins. Depois das árvores, tem-se a área específica destinada ao estacionamento de veículos, que circunda todo o conjunto.

4.3 CONSIDERAÇÕES

Apesar de pertencerem a um mesmo “gênero” de pilotis brasileiros de uso habitacional, o conjunto de obras apresentado anteriormente se mostrou heterogêneo. Estabelecemos os tópicos elencados como elementos estruturantes da análise descritiva e, a partir deles, procuramos evidenciar e facilitar a visualização das diferenças e similitudes entre os projetos. As informações coletadas foram organizadas na Tabela 1 e serão discutidas a seguir.

Tabela 1 – Tabela síntese de análise dos pilotis

(continua)

N°	ANO	PROJETO	TOPOGRAFIA DO LOTE		ÁREA CONGRUENTE AO PILOTIS		PAISAGISMO NO PILOTIS		INTENÇÃO DE USO DO PILOTIS	
			IRREGULAR	PLANA	SOCIAL	SERVIÇO	SIM	NÃO	PERMANÊNCIA	TRANSITÓRIO
PILOTIS UNIFAMILIARES										
1	1930	Chácara Coelho Duarte	●		●	●		●		●
2	1934	Vila Monlevade	●		●			●	●	
3	1934	Casa sem dono 01		●	●		●		●	
4	1934	Casa sem dono 03		●	●		●		●	
5	1936	Residência Henrique Xavier		●	●		●		●	
6	1936	Residência na Urca		●		●		●		●
7	1940	Casa Vital Brasil	●		●		●		●	
8	1942	Casa Herbert Johnson		●	●			●	●	
9	1942	Casa Barão de Saavedra		●	●		●		●	
10	1942	Casa do Arquiteto na Lagoa	●		●			●	●	
11	1943	Casa Francisco Peixoto	●		●			●	●	
12	1943	Casa Prudente de Morais Neto		●	●		●		●	
13	1947	Casa Gustavo Capanema Filho		●	●		●		●	
14	1947	Casa '1947'	●		●		●		●	
15	1949	Casa Mário Taques Bittencourt		●	●	●	●			●
16	1949	Casa do Arquiteto (Artigas)		●	●			●	●	
17	1949	Casa de Campo George Hime	●		●		●		●	
18	1949	Casa de Heitor Almeida		●	●	●		●	●	●
19	1949	Casa de Julian Czapski	●			●		●		●
20	1951	Casa do Morumbi	●		●		●		●	
21	1951	Residência Oswaldo Bratke	●		●		●		●	
22	1952	Casa Waldemar Gantois		●		●		●		●

Tabela 1 – Tabela síntese de análise dos pilotis

(continuação)

N°	ANO	PROJETO	TOPOGRAFIA DO LOTE		ÁREA CONGRUENTE AO PILOTIS		PAISAGISMO NO PILOTIS		INTENÇÃO DE USO DO PILOTIS	
			IRREGULAR	PLANA	SOCIAL	SERVIÇO	SIM	NÃO	PERMANÊNCIA	TRANSITÓRIO
PILOTIS UNIFAMILIARES										
23	1952	Casa em Jacarepaguá	●			●		●		●
24	1952	Casa Antonio Ceppas		●	●		●		●	
25	1953	Casa Ernani de Souza Freire		●	●		●		●	
26	1953	Casa João Paulo de Miranda Neto		●	●		●		●	
27	1953	Casa João Luiz Bettega		●		●		●		●
28	1954	Casa Pompeu Maroja		●	●			●	●	
29	1954	Casa de Olívio Gomes	●		●		●		●	
30	1954	Casa de Geraldo Baptista	●		●		●		●	
31	1954	Residência em Belo Horizonte	●		●	●	●		●	
32	1954	Casa Jadir de Souza		●	●		●		●	
33	1955	Casa José Lira	●		●		●		●	
34	1955	Residência Luciano Costa Jr.		●	●		●		●	
35	1955	Casa José Barbosa		●	●		●		●	
36	1955	Casa de Lauro S. Carvalho	●		●	●		●		●
37	1956	Casa Cassiano R. Coutinho	●		●		●		●	
38	1956	Palácio do Catetinho		●		●		●		●
39	1956	Casa Olga Baeta		●	●	●		●		●
40	1956	Casa Gilberto F. da Silva	●		●		●		●	
41	1957	Casa na praia		●	●		●		●	
42	1958	Casa Austregésilo de Freitas		●	●			●	●	
43	1958	Casa Joaquim Augusto	●		●		●		●	
44	1959	Casa Saldanha Werneck		●	●	●	●		●	

Tabela 1 – Tabela síntese de análise dos pilotis

(continuação)

Nº	ANO	PROJETO	TOPOGRAFIA DO LOTE		ÁREA CONGRUENTE AO PILOTIS		PAISAGISMO NO PILOTIS		INTENÇÃO DE USO DO PILOTIS	
			IRREGULAR	PLANA	SOCIAL	SERVIÇO	SIM	NÃO	PERMANÊNCIA	TRANSITÓRIO
PILOTIS UNIFAMILIARES										
45	1959	Casa em Itaipava		●		●		●		●
46	1963	Casa do Cafundó	●		●			●	●	
47	1964	Casa do Arquiteto	●		●	●	●		●	
48	1965	Casa para o Ministro do Estado	●		●		●		●	
49	1969	Casa Mario Masetti	●		●		●		●	
50	1972	Casa James Francis King	●		●		●		●	
51	1973	Casa José da Silva Netto	●		●		●		●	
52	1973	Casa Alfred G. Domschek	●		●		●		●	
53	1978	Casa Thiago de Mello		●		●		●		●
54	1978	Casa Schuster		●	●			●	●	
55	1978	Casa Niclewicz		●	●	●	●			●
56	1978	Casa Maria Elisa e Helena Costa	●			●		●		●
PILOTIS MULTIFAMILIARES										
Nº	ANO	PROJETO	TOPOGRAFIA DO LOTE		RELAÇÃO PILOTIS/CIDADE		PAISAGISMO NO PILOTIS		INTENÇÃO DE USO DO PILOTIS	
			IRREGULAR	PLANA	DIRETA	INDIRETA	SIM	NÃO	PERMANÊNCIA	TRANSITÓRIO
57	1941	Edifício Anchieta		●	●		●		●	
58	1944	Edifício Prudência	●		●		●		●	
59	1946	Edifício Louveira	●		●		●		●	
60	1947	Conjunto Pedregulho	●			●		●	●	
61	1947	Edifício Dona Fátima e Finúsia		●	●		●		●	
62	1952	Edifício Linck		●					●	
63	1952	Conjunto Governador Kubitschek	●		●	●		●	●	
64	1952	Edifício Niemeyer		●	●			●	●	

Tabela 1 – Tabela síntese de análise dos pilotis

(conclusão)

Nº	ANO	PROJETO	TOPOGRAFIA DO LOTE		RELAÇÃO PILOTIS/CIDADE		PAISAGISMO NO PILOTIS		INTENÇÃO DE USO DO PILOTIS	
			IRREGULAR	PLANA	DIRETA	INDIRETA	SIM	NÃO	PERMANÊNCIA	TRANSITÓRIO
PILOTIS MULTIIFAMILIARES										
65	1953	Edifício Califórnia		●	●			●	●	
66	1954	Banco Hipotecário Lar Brasileiro		●	●		●		●	
67	1954	Edifício Redenção		●	●			●	●	
68	1954	Parque Guinle	●		●		●		●	
69	1955	Edifício Bortilotte		●	●		●		●	
70	1957	Edifício São Miguel		●	●		●		●	
71	1957	Edifício Acaiaca		●		●	●		●	
72	1957	Condomínio Solar	●		●		●		●	
73	1960	Bloco AFA 308 Sul		●	●			●	●	
74	1960	Bloco 1 105 Sul		●	●			●	●	
75	1962	Edifício Guaimbê		●	●		●		●	
76	1964	Edifício Felícia		●		●		●	●	
77	1964	Edifício Gravatá		●	●			●	●	
78	1964	Edifício Normandie		●	●			●	●	
79	1965	Edifício Araucária		●	●		●		●	
80	1967	Conjunto CECAP Guarulhos		●		●		●	●	

Fonte: Autora (2024).

Em relação às habitações unifamiliares, observou-se que as condições topográficas do terreno de implantação dividem os projetos quase igualmente: 48% dos pilotis foram implantados em terrenos irregulares (de aclive ou declive) e 51% implantados em terrenos planos. Quanto à área congruente: 38 de 56 pilotis unifamiliares se conectam diretamente com áreas sociais da casa, enquanto 9 se conectam com áreas de serviço e 9 se conectam ao mesmo tempo às áreas sociais e de serviço. Além disso, 60% dos pilotis possuem intervenções paisagísticas, 73% dos pilotis foram pensados como um espaço de permanência e 27% pensados como um espaço transitório.

No caso das habitações multifamiliares: 25% dos pilotis foram implantados em terrenos irregulares e 75% em terrenos planos; 80% dos pilotis estabelecem uma relação direta com seu entorno imediato; 58% possuem intervenções paisagísticas e 100% dos pilotis foram pensados como um espaço de permanência.

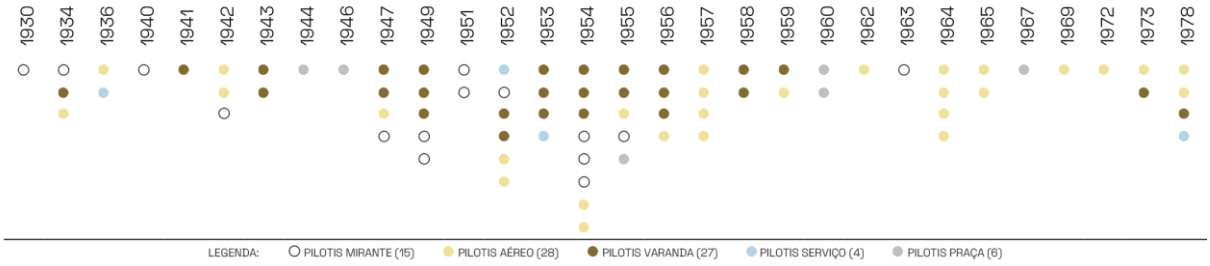
A partir do reconhecimento dessas obras, entendemos que, apesar de heterogêneo, o conjunto dos pilotis pode ser dividido em cinco subconjuntos: Pilotis Mirante, Pilotis Aéreo, Pilotis Varanda, Pilotis Serviço e Pilotis Praça. Essas categorias se estabelecem a partir das afinidades entre as características dos projetos. No próximo capítulo, vamos explanar como se dá cada um desses conjuntos, o que os caracteriza e como eles se relacionam e se diferenciam entre si.

No capítulo anterior, os projetos foram apresentados em ordem cronológica e foram registradas as suas respectivas informações de autoria e localização geográfica. Reconhecemos o valor desses dados, mas queremos ressaltar que na presente pesquisa eles não foram considerados como critério para reger a divisão das categorias de pilotis. Isso se justifica pelo fato de que as obras estudadas demonstraram as relações que estabelecem entre si independente de quando, onde ou por quem foram projetadas.

A produção de pilotis brasileiros se mostrou não linear. Visto isso, tentar vincular os subconjuntos à cronologia — indicando que as obras passaram por um processo evolutivo ao longo das décadas — seria incoerente e infundado. Por isso, propõe-se uma análise transversal.

Ainda assim, é possível observar como as cinco categorias se distribuem sem seguir uma ordem cronológica por meio da Figura 107, a seguir:

Figura 107 – As quatro categorias de pilotis distribuídas ao longo das décadas



Fonte: Autora (2024).

5 AS CATEGORIAS DE PILOTIS BRASILEIROS

Ao estudar as obras selecionadas, considerando os critérios de análise, verificamos que uma interpretação individual de cada um dos projetos revelou determinadas características, diversas e comuns. Isso acabou regendo uma divisão, estabelecida a partir do entendimento do *motif* dos pilotis. Assim, foi possível concluir que os 80 exemplares poderiam ser classificados em cinco categorias de pilotis brasileiros habitacionais: Pilotis Mirante, Pilotis Aéreo, Pilotis Varanda, Pilotis Serviço e Pilotis Praça.

Para facilitar o entendimento da aproximação entre os projetos, temos como apoio os redesenhos realizados.[16] Tanto os pilotis unifamiliares quanto os multifamiliares foram classificados nas categorias supracitadas. Contudo, a apresentação de cada conjunto de projetos será subdividida em duas partes, cada uma correspondendo a uma tipologia distinta: as casas e os edifícios em altura. Acreditamos que, ao analisar as obras agrupadas por suas correspondências, compreenderemos as especificidades das categorias, estabelecidas como uma tentativa de: 1) sintetizar como se deu a dispersão do pilotis no Brasil e 2) responder à questão principal da pesquisa: existiu (ou existe) o pilotis de caráter estritamente brasileiro, o pilotis tropical?

5.1 CATEGORIAS DE PILOTIS UNIFAMILIARES

5.1.1 Pilotis Mirante

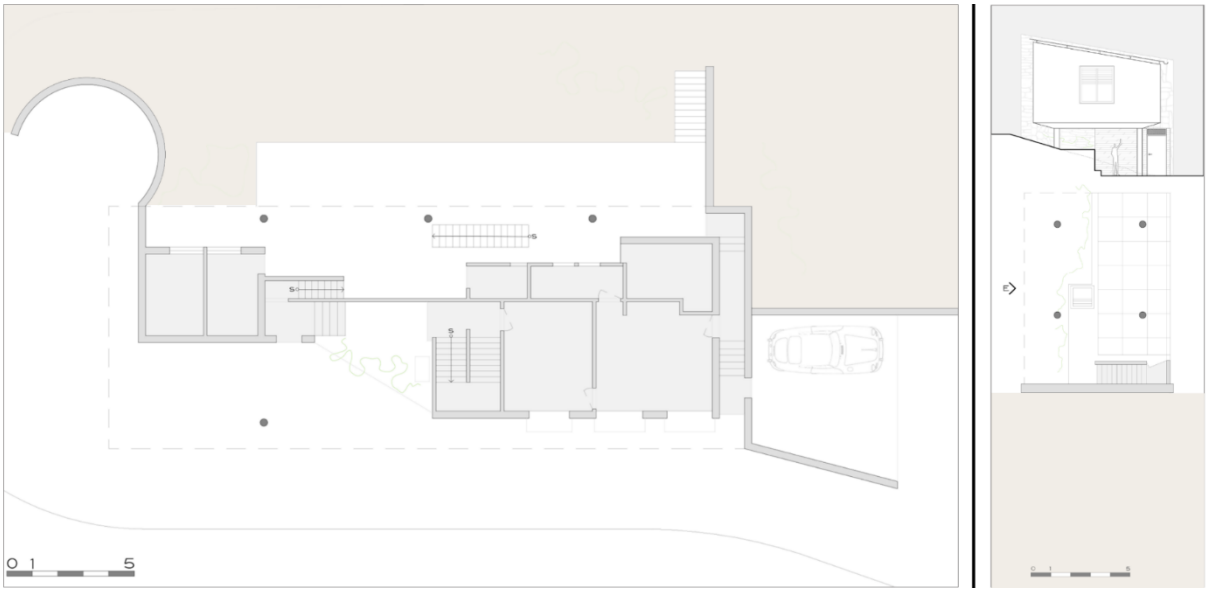
A palavra mirante tem por definição “ponto elevado de onde se descortina um largo horizonte” ou “pavilhão colocado em lugar montanhoso,

[16] No caso dos pilotis unifamiliares, em 16 dos 56 casos, foram localizadas somente as plantas-baixas para redesenhar, mas essas (junto às fotos e croquis) foram suficientes para possibilitar a interpretação dos projetos segundo os critérios estabelecidos. Já quanto aos pilotis multifamiliares, em 4 dos 24 casos, não foram localizados nenhum dos desenhos arquitetônicos, o que limitou a interpretação dos projetos, mas não a impossibilitou. Todos os redesenhos estão disponíveis para consulta no Apêndice A.

para que dele se possam apreciar vistas panorâmicas" (Mirante, c2024)[17]. Esses conceitos se aproximam da ideia da categoria de Pilotis Mirante. A principal característica dos projetos desse primeiro grupo é a sua implantação, em topografia irregular, que se dá com parte da casa apoiada diretamente sobre o solo e parte suspensa sobre pilotis. Vale destacar que os projetos apresentam algumas variações desse padrão.

Nesses casos, o pilotis é vantajoso por dispensar ou reduzir a movimentação de terra no lote. Visto isso, pode-se afirmar que essas casas, localizadas em encostas, foram pensadas a partir do seu entorno imediato, sendo a paisagem a grande protagonista da proposta projetual. Os exemplos que identificamos com essas características são: 1) Chácara Coelho Duarte; 2) Vila Monlevade; 3) Casa Vital Brasil; 4) Casa do Arquiteto na Lagoa; 5) Casa de Campo George Hime; 6) Casa de Julian Czapski; 7) Casa do Morumbi; 8) Casa de Oswaldo Bratke; 9) Casa em Jacarepaguá; 10) Casa de Olivo Gomes; 11) Casa de Campo de Geraldo Baptista; 12) Casa de Campo de Lauro Souza Carvalho e 13) Casa do Cafundó.

Figura 108 – Chácara Coelho Duarte e Vila Monlevade



Fonte: Autora (2024).

[17] Documento *online* não paginado. Disponível em: https://www.dicio.com.br/mirante/. Acesso em: 20 fev. 2024.

O modo como essas casas foram locadas no terreno é uma das características que as definem: totalmente ou em parte elevadas por pilotis, o pavimento superior se coloca como um mirante que avança sobre a paisagem. Em 7 dos 13 exemplos dessa categoria, o pilotis demarca a entrada principal da casa, isso ocorre na Chácara Coelho Duarte e Vila Monlevade (Figura 108), Casa do Arquiteto na Lagoa (Figura 109), Casa do Morumbi (Figura 111), Casa de Olivo Gomes (Figura 112), Casa de Lauro S. de Carvalho e Casa do Cafundó (Figura 113).

Figura 109 – Casa Vital Brasil e Casa do Arquiteto na Lagoa

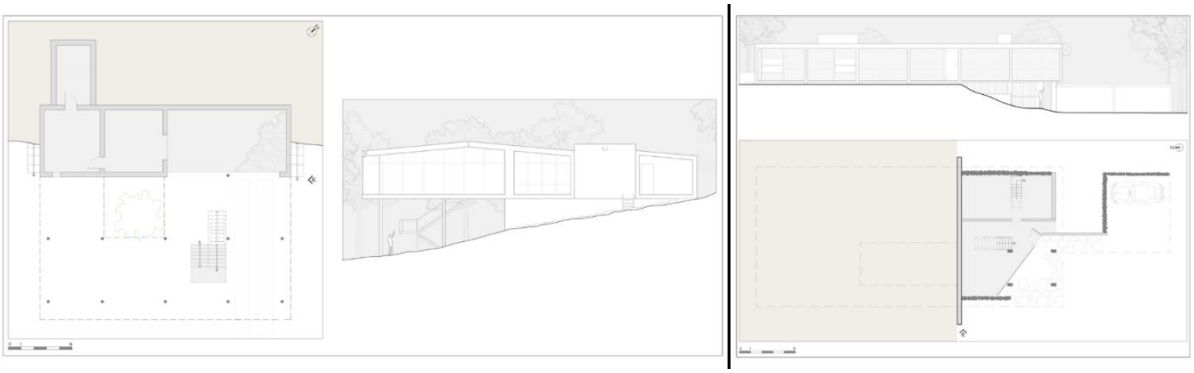
Fonte: Autora (2024).

Nos demais exemplos, o pilotis foi locado em uma área social íntima ou de lazer, nos fundos do lote. É o caso da Casa Vital Brasil (Figura 109), Casa de George Hime e Casa de Julian Czapski (Figura 110), Casa de Oswaldo Bratke (Figura 111), Casa em Jacarepaguá (Figura 112) e Casa de Geraldo Baptista (Figura 113).

Figura 110 – Casa de George Hime e Casa de Julian Czapski

Fonte: Autora (2024).

Figura 111 – Casa do Morumbi e Casa de Oswaldo Bratke



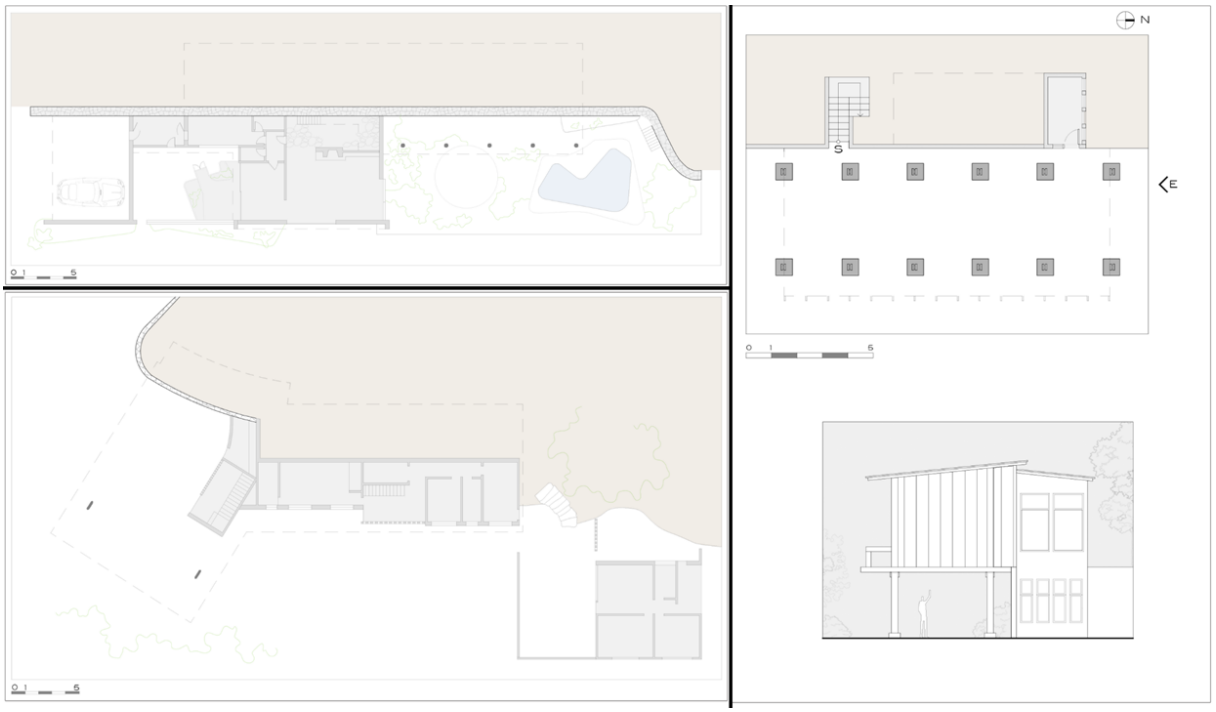
Fonte: Autora (2024).

Outro ponto comum entre os Pilotis Mirante é o fato de que as áreas livres do pavimento térreo (em todos os casos) estão orientadas para privilegiar uma vista panorâmica do entorno. Diante disso, entende-se que o Pilotis Mirante é pensado como um espaço de permanência e contemplação. As aberturas buscam conduzir o olhar dos moradores para algum ponto de interesse, tornando evidente a ideia de continuidade visual e integração nesses pilotis, sempre entremeados e/ou cercados por vegetação.

Figura 112 – Casa em Jacarepaguá e Casa de Olivo Gomes

Fonte: Autora (2024).

Figura 113 – Casa de Geraldo Baptista, Casa de Lauro S. de Carvalho e Casa do Cafundó



Fonte: Autora (2024).

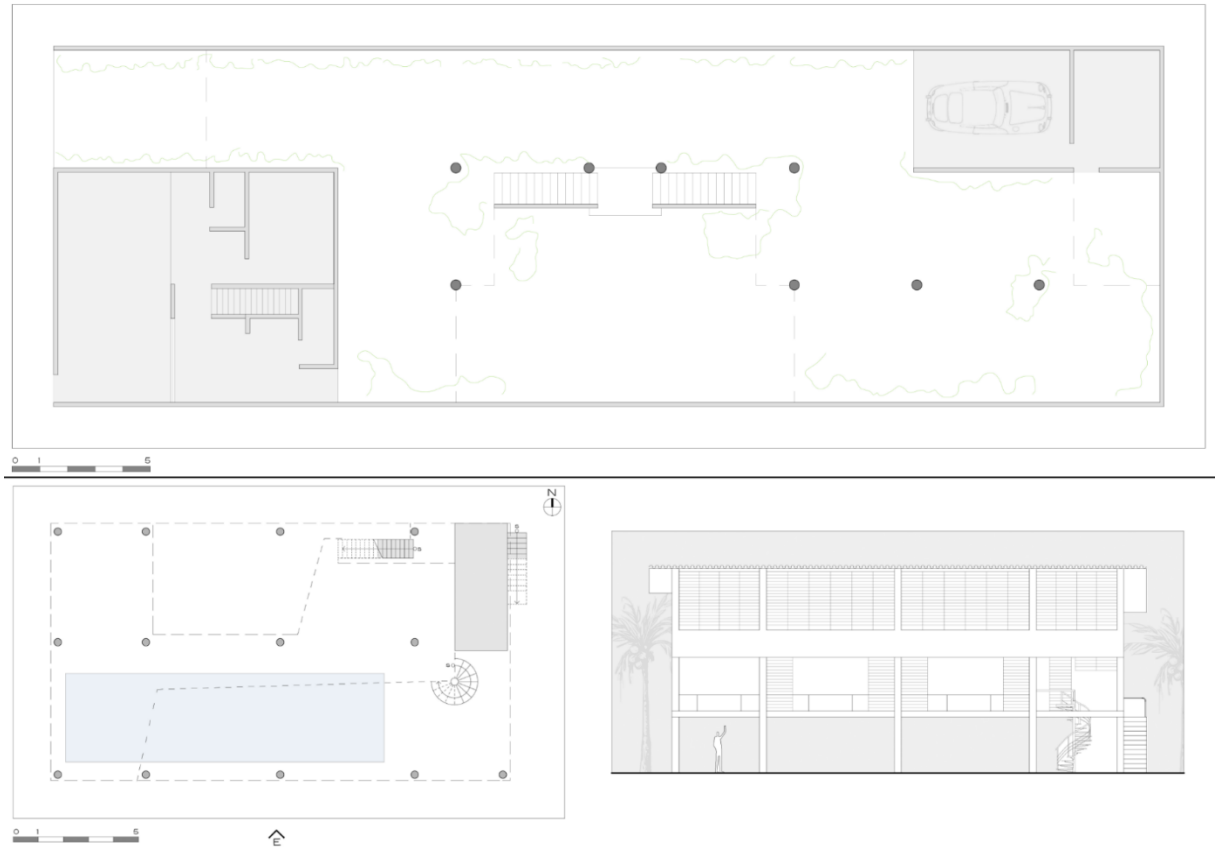
5.1.2 Pilotis Aéreo

O Pilotis Aéreo tem por característica determinante o fato de o volume principal da casa — aquele que concentra as atividades básicas cotidianas de habitação — ser completa ou parcialmente elevado, apesar de localizado em

um lote plano ou planificado. Nessa categoria, o emprego do pilotis não se justifica por uma resposta às condições da topografia local, mas sim por uma possível intenção de continuidade visual e espacial. Aqui, o pilotis foi pensado para propor novos usos para a área livre no pavimento térreo, destinada à permanência, ao convívio e ao lazer dos moradores.

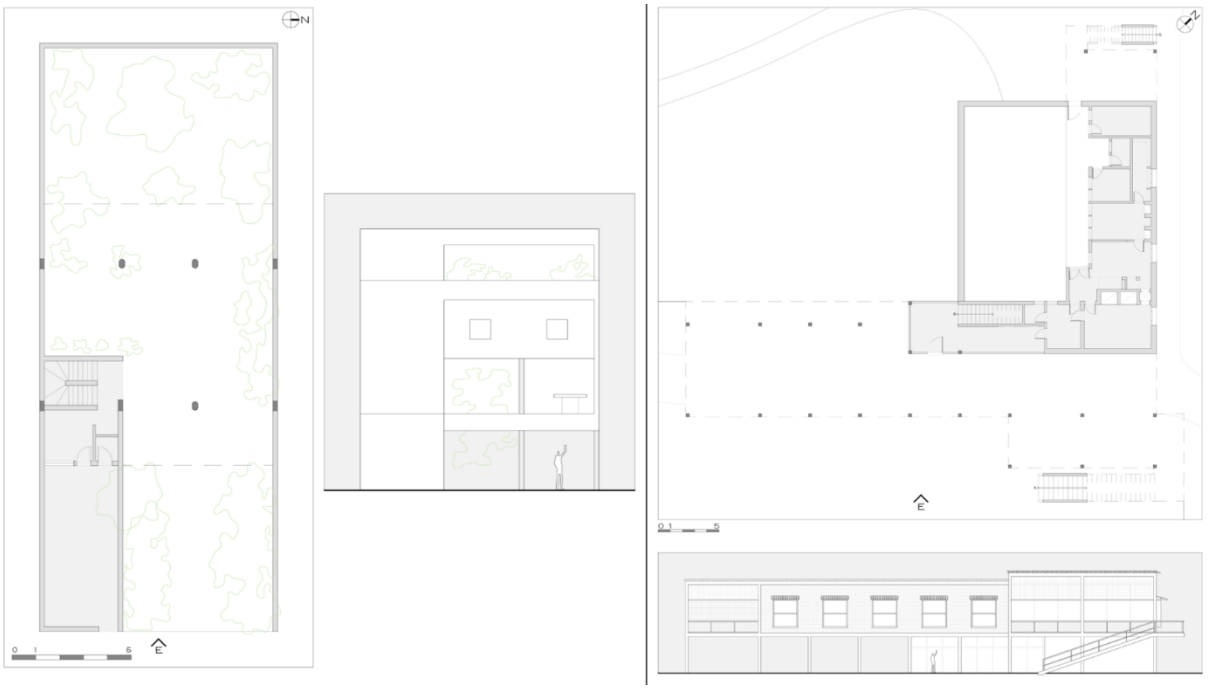
Os exemplos que identificamos com essas características são: 1) Casa Sem Dono 03; 2) Casa Henrique Xavier; 3) Casa Herbert Johnson; 4) Casa Barão de Saavedra; 5) Casa em Belo Horizonte; 6) Casa Luciano Costa Júnior; 7) Casa na Praia; 8) Casa em Itaipava; 9) Palácio do Catetinho; 10) Casa do Arquiteto (Paulo Mendes); 11) Casa para o Ministro do Estado; 12) Casa Mario Masetti; 13) Casa James Francis King; 14) Casa José da Silva Netto; 15) Casa Thiago de Mello e 16) Casa Schuster.

Figura 114 – Casa Sem Dono 03 e Casa Herbert Johnson



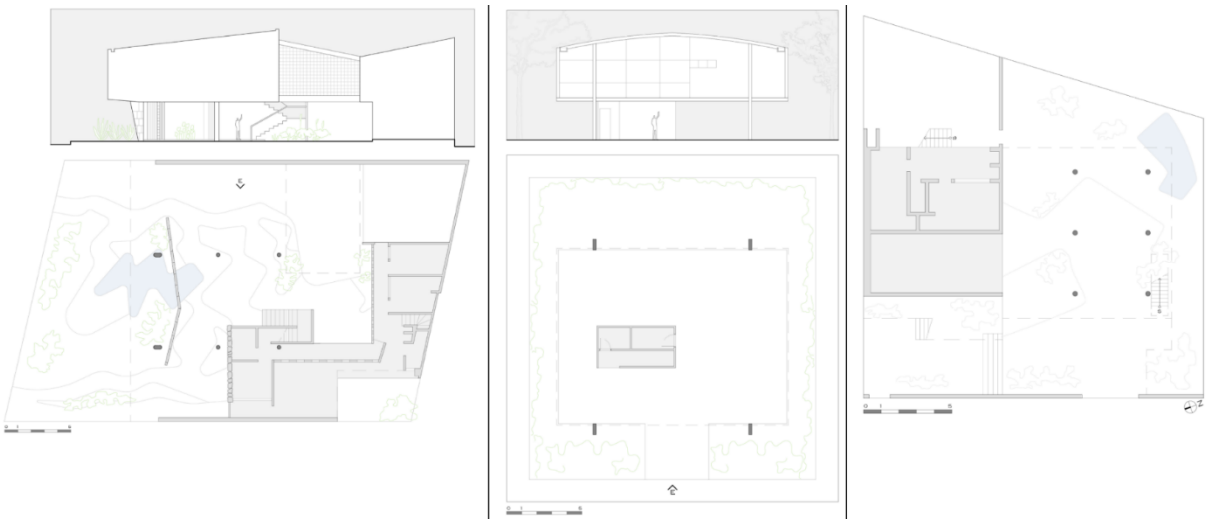
Fonte: Autora (2024).

Figura 115 – Casa Henrique Xavier e Casa Barão de Saavedra



Fonte: Autora (2024).

Figura 116 – Casa Luciano Costa Jr, Casa na Praia e Casa em Belo Horizonte

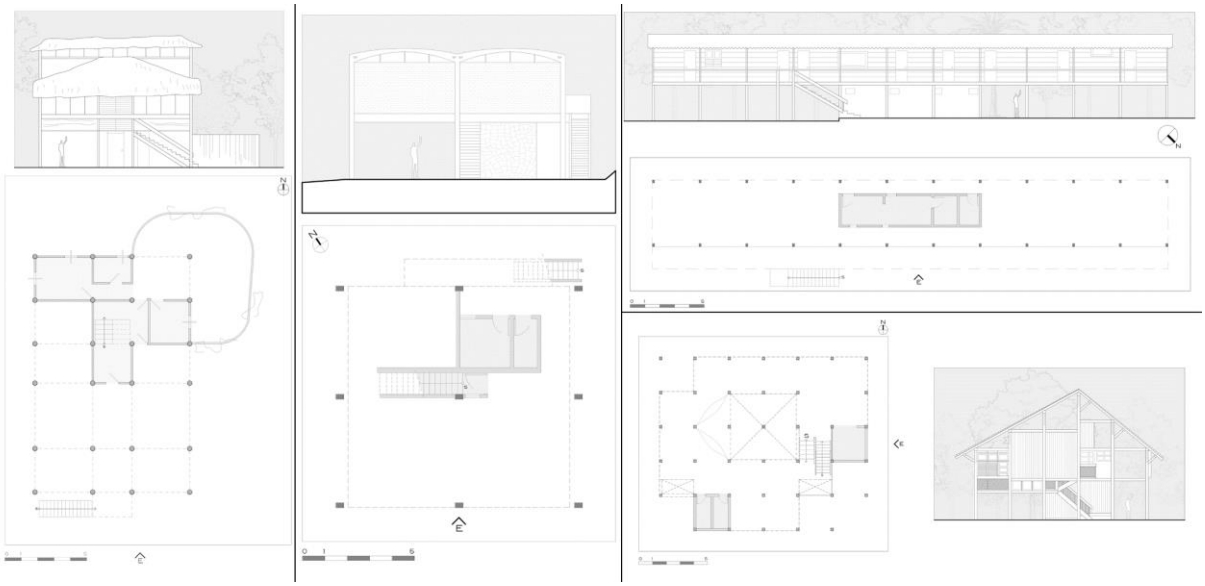


Fonte: Autora (2024).

Em alguns exemplos de Pilotis Aéreos, observamos que o partido de elevar o volume principal da casa pode ter sido uma estratégia adotada para compensar as pequenas dimensões do terreno. Os lotes estreitos limitam as opções de implantação das casas, que, se fossem apoiadas diretamente sobre o solo, teriam pouco ou nenhum afastamento dos muros de divisa.

Sem possibilidade de uma área externa ao redor da casa, o Pilotis Aéreo garante uma área aberta e coberta embaixo da casa, o que se aproxima dos benefícios previstos por Le Corbusier. Não há mais frente e fundos da casa, a casa está em cima. 7 dos 16 exemplos dessa categoria estão localizados em terrenos estreitos, isso se dá na Casa Sem dono 03 (Figura 114), Casa Henrique Xavier (Figura 115), Casa Luciano Costa Júnior, Casa na Praia, Casa em Belo Horizonte (Figura 116), Casa do Arquiteto (Paulo Mendes) e Casa Mario Masetti (Figura 118).

Figura 117 – Casa Thiago de Mello, Casa em Itaipava, Palácio do Catetinho e Casa Schuster

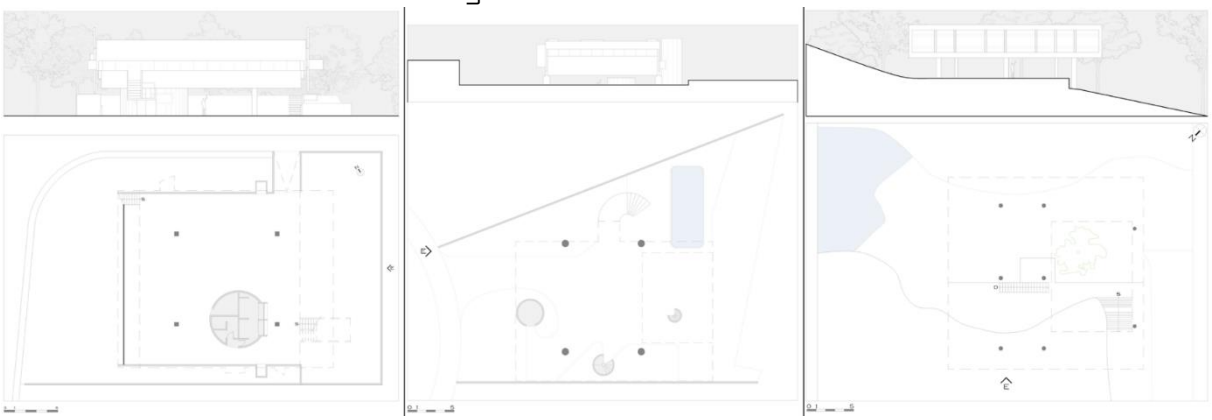


Fonte: Autora (2024).

Uma característica comum a todos os exemplos dessa categoria é o fato de terem sido casas implantadas em terrenos planos ou planificados, o que evidencia que esses pilotis não foram propostos para adequar a casa à topografia ou evitar movimentações de terra. Os Pilotis Aéreos são os que mais se aproximam do vocabulário moderno corbusiano, mas com adaptações por parte dos arquitetos brasileiros, que pensaram os pilotis como uma extensão dos jardins, integrados às áreas de lazer externas. Especificamente na Casa Herbert Johnson (Figura 114), Casa em Belo Horizonte (Figura 116),

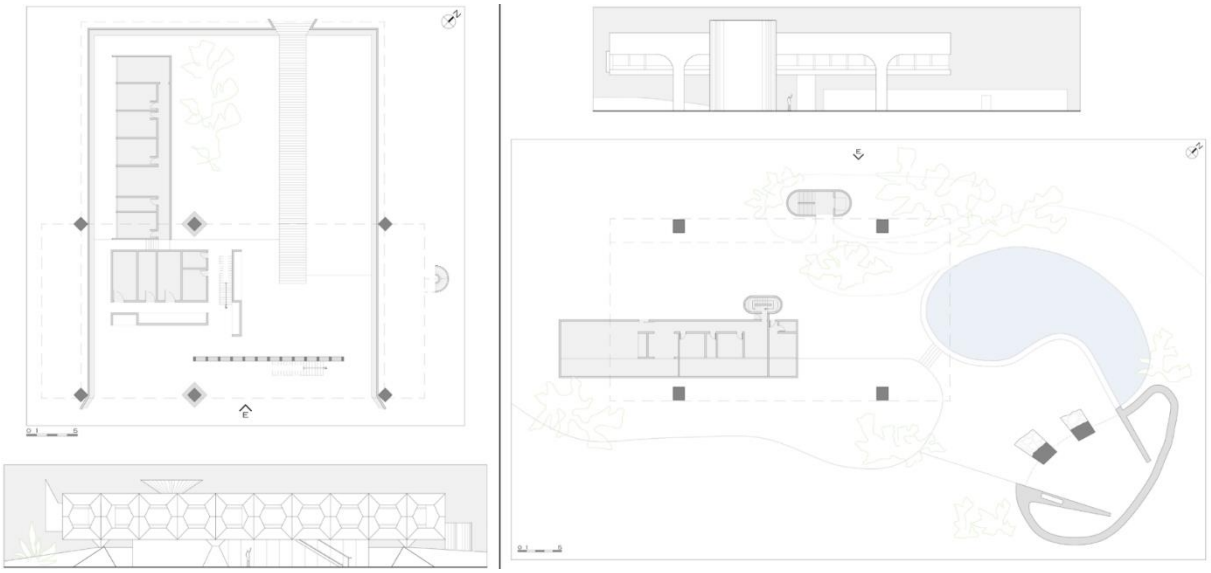
Casa Mário Masetti, Casa James Francis King (Figura 118) e Casa José da Silva Netto (Figura 119), o pilotis conduz o acesso até as piscinas.

Figura 118 – Casa do Arquiteto (Paulo Mendes), Casa Mário Masetti e Casa James Francis King



Fonte: Autora (2024).

Figura 119 – Casa para o Ministro do Estado e Casa José da Silva Netto



Fonte: Autora (2024).

Em todos os exemplares dessa categoria, o acesso aos pavimentos superiores se dá através de escadas localizadas no pilotis, o que evidencia o protagonismo desse espaço na composição arquitetônica.

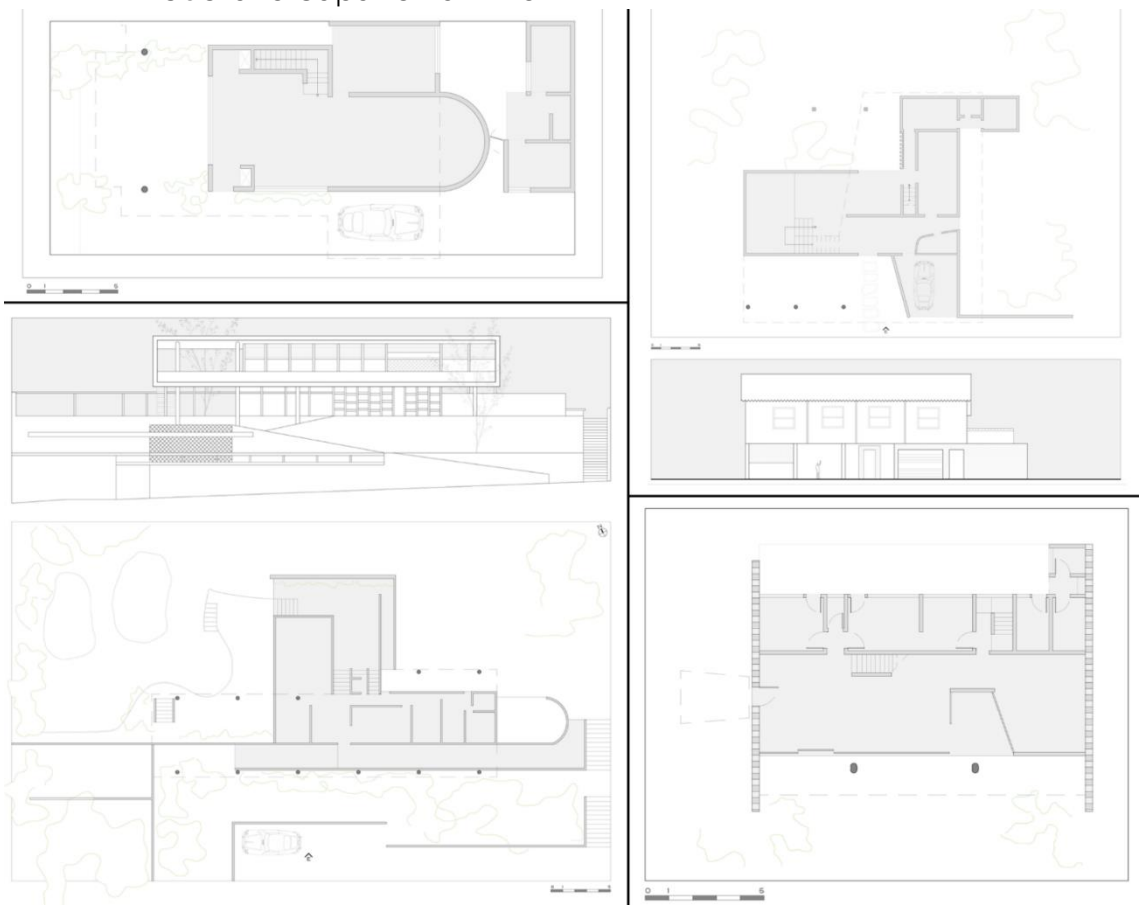
5.1.3 Pilotis Varanda

A palavra varanda tem por definição "[...] galeria ou compartimento aberto, geralmente protegido por uma cobertura e frequentemente constituindo um prolongamento da edificação de que faz parte" (Varanda, c2024)[18]. Esse conceito se aproxima da ideia da categoria de Pilotis Varanda. A principal característica dos projetos desse grupo é o fato de que o pilotis é resultado do alinhamento recuado do volume em relação à projeção do pavimento superior, que resulta em uma área livre no pavimento térreo.

O Pilotis Varanda, sempre localizado nas extremidades da casa, estabelece uma transição gradual entre os espaços internos e externos, tendo como particularidade o fato de estar adjacente a algum ambiente social da casa, como a sala de estar. Os exemplos que identificamos com essas características são: 1) Casa Prudente de Morais Neto; 2) Casa Antônio Ceppas; 3) Casa Ernani de Souza Freire; 4) Casa Sem Dono 01; 5) Casa Francisco Peixoto; 6) Casa Gustavo Capanema Filho; 7) Casa '1947'; 8) Casa Mário Taques Bittencourt; 9) Casa do Arquiteto (Artigas); 10) Casa de Heitor Almeida; 11) Casa João Paulo de Miranda Neto; 12) Casa Pompeu Maroja; 13) Casa Jadir de Souza; 14) Casa José Lira; 15) Casa José Barbosa; 16) Casa Cassiano R. Coutinho; 17) Casa Olga Baeta; 18) Casa Gilberto Ferraz da Silva; 19) Casa Austregésilo de Freitas; 20) Casa Joaquim Augusto; 21) Casa Saldanha Werneck; 22) Casa Alfred Gunther Domschek e 23) Casa Niclewicz.

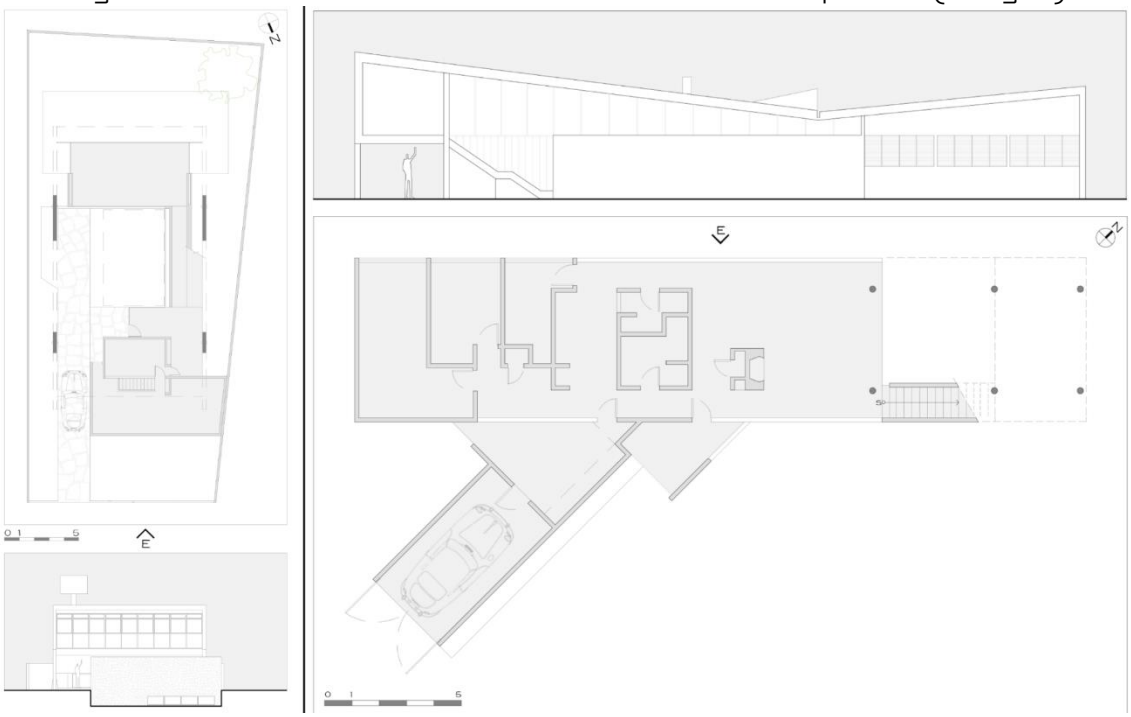
[18] Documento *online* não paginado. Disponível em: https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/. Acesso em: 19 maio 2024.

Figura 120 – Casa Sem Dono 01, Casa Francisco Peixoto, Casa ‘1947’ e Casa Gustavo Capanema Filho



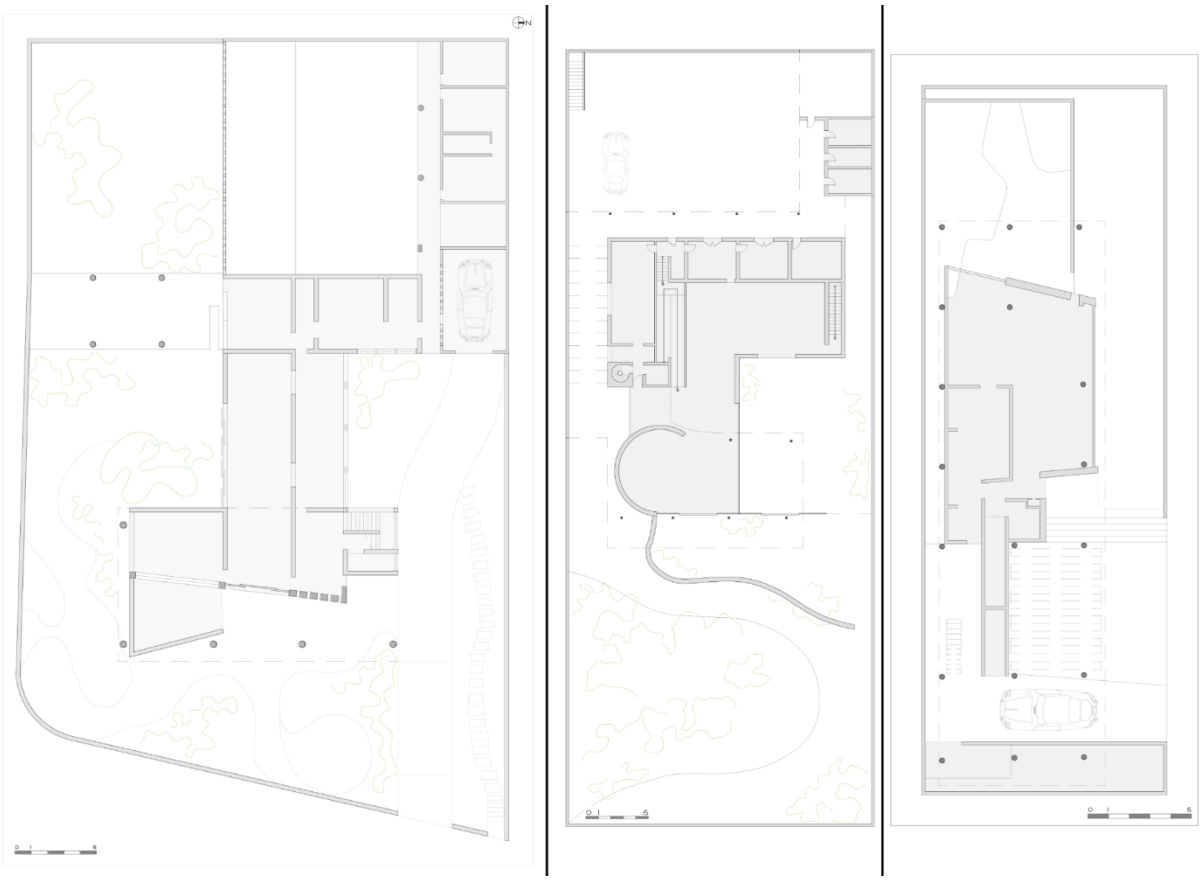
Fonte: Autora (2024).

Figura 121 – Casa Mário Bittencourt e Casa do Arquiteto (Artigas)



Fonte: Autora (2024).

Figura 122 – Casa João Paulo de Miranda Neto, Casa Prudente de Morais Neto e Casa de Heitor Almeida



Fonte: Autora (2024).

Figura 123 – Casa Pompeu Maroja, Casa Jadir de Souza, Casa José Lira e Casa José Barbosa

Fonte: Autora (2024).

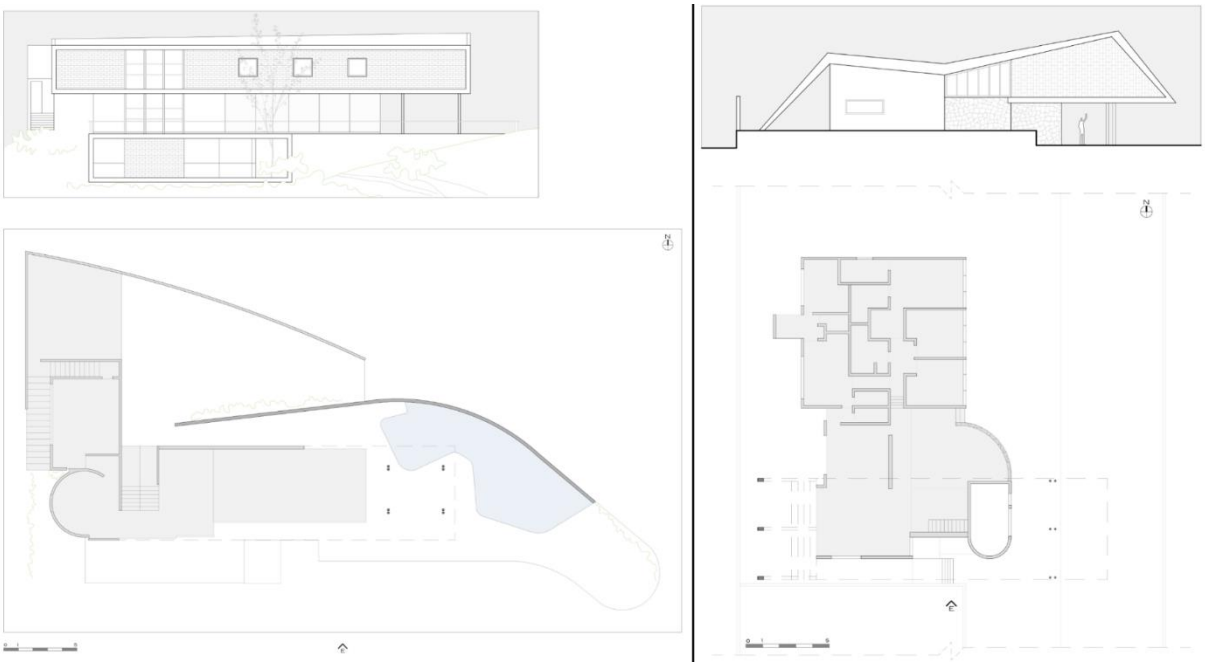
Todos esses projetos destacam o caráter do sentido da varanda, um espaço que conecta visualmente e espacialmente o interior e o exterior. O Pilotis Varanda se estabelece a partir de uma subtração parcial do volume

principal da casa no pavimento térreo. Em praticamente todos os casos, pilotis e jardim se entremeiam. Na Casa José Barbosa (Figura 123), Casa Cassiano Coutinho (Figura 124), Casa Gilberto Ferraz da Silva (Figura 125), Casa Alfred Gunther Domschek (Figura 126) e Casa Niclewicz (Figura 127), o pilotis conduz o acesso até as piscinas.

Figura 124 – Casa Cassiano Coutinho e Casa Austregésilo de Freitas

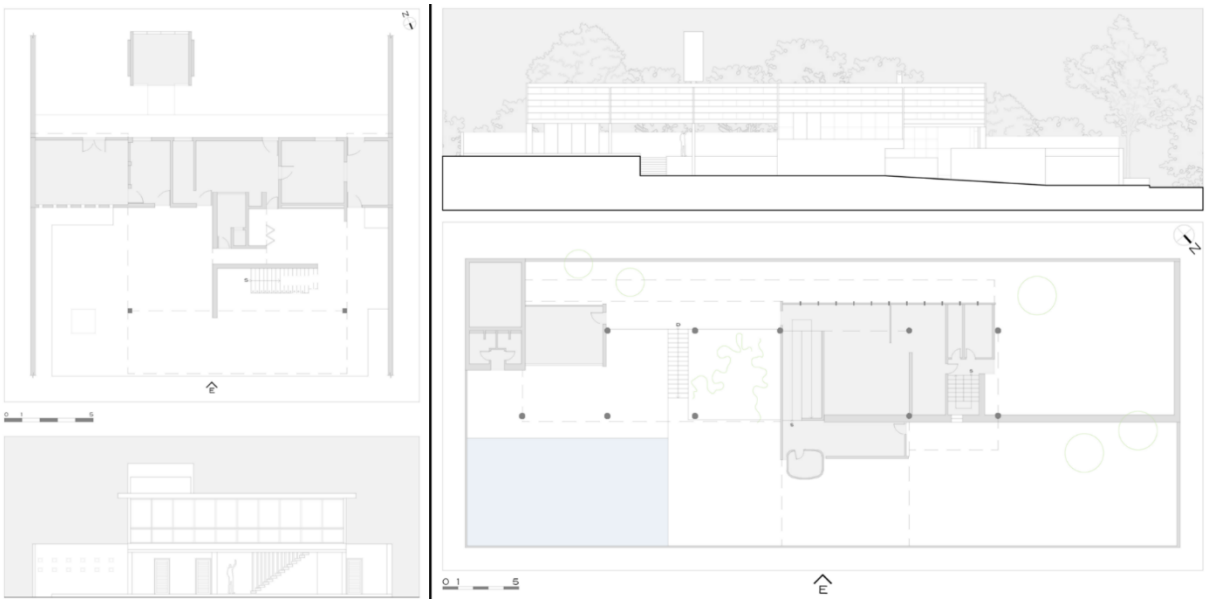
Fonte: Autora (2024).

Figura 125 – Casa Gilberto Ferraz da Silva e Casa Joaquim Augusto



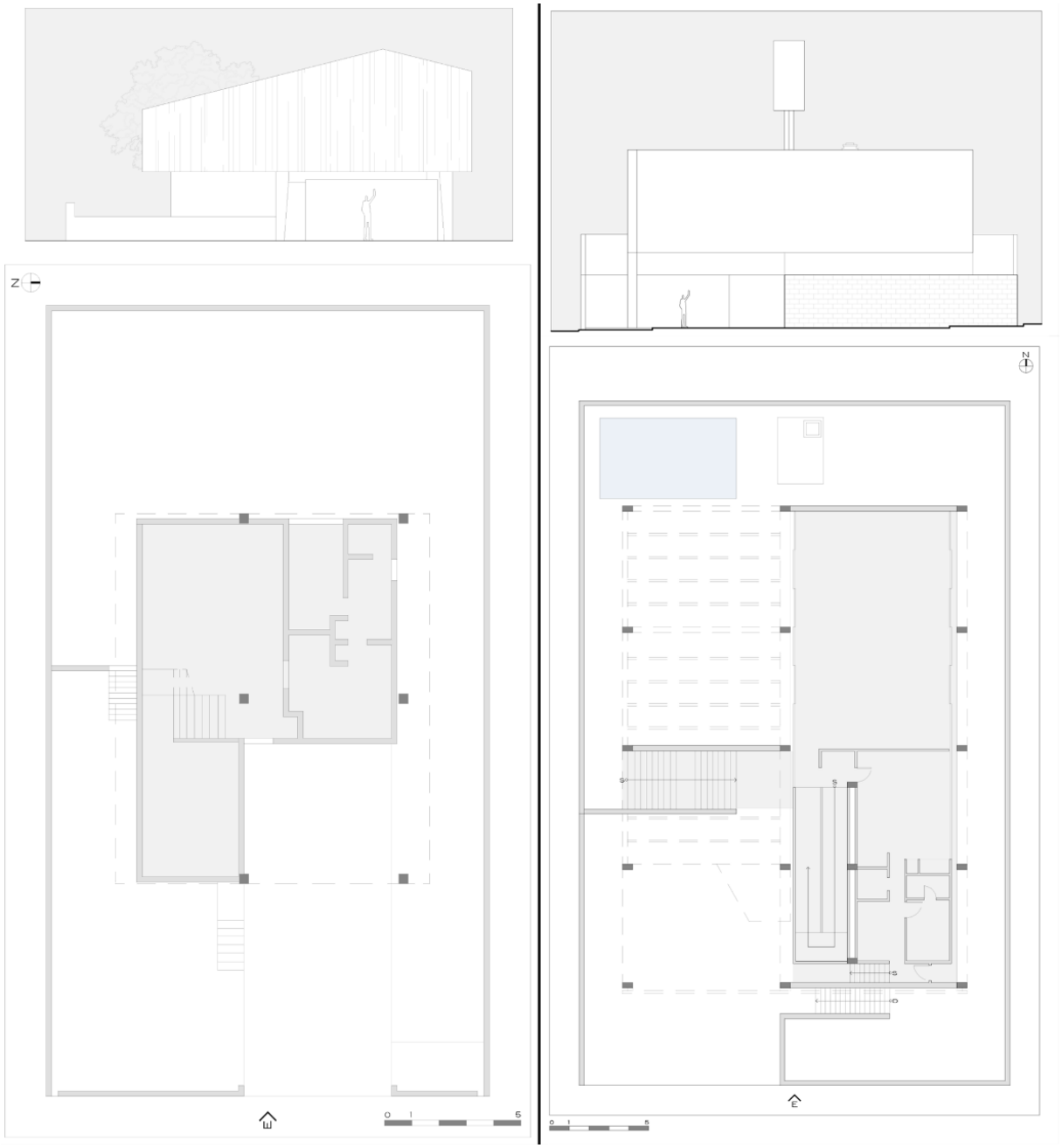
Fonte: Autora (2024).

Figura 126 – Casa Saldanha Werneck e Casa Alfred Gunther Domschek



Fonte: Autora (2024).

Figura 127 – Casa Olga Baeta e Casa Niclewicz



Fonte: Autora (2024).

Figura 128 – Casa Antônio Ceppas e Casa Ernani de Souza Freire

Fonte: Autora (2024).

Um ponto comum entre os projetos dessa categoria é o fato de que, em 22 dos 23 casos, a área do pilotis tem acesso direto à sala de estar da casa, com exceção da Casa Saldanha Werneck (Figura 126), onde o pilotis é adjacente a um bar/churrasqueira. É possível observar nas plantas-baixas como os Pilotis Varanda configuram uma extensão, uma continuidade do espaço interno, sendo articulador de uma relação entre o dentro/fora. Fica evidente nesses exemplos a conotação de uso dos pilotis dessa categoria,

que parecem ter sido propostos como uma tentativa de retomar o valor da varanda como um dispositivo espacial e social tradicionalmente brasileiro.

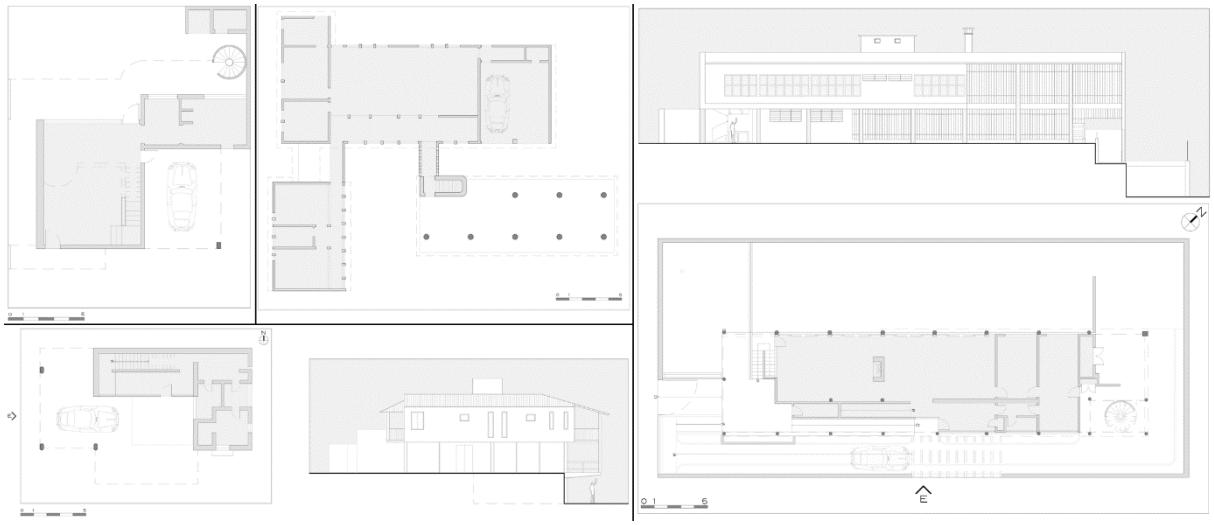
> A varanda é um recinto de estar e um espaço para a convivência dos habitantes e frequentadores de uma dada arquitetura. A incorporação da varanda na formulação do sentido de habitar no Brasil é tão ancestral que sua origem oriental já desembarcou aqui junto com o linguajar português. Originalmente a varanda é caracterizada como sendo um "local alpendrado de permanência aprazível [...] varanda é um refrescante local de lazer, de estar, na casa tropical [...]". Ainda que assuma significados regionais mais específicos, vinculando-se ora à atividades de estar, ora à atividades de refeição, sua presença doméstica no cotidiano a consolida como um espaço brasileiro de caráter tradicional. Ou seja, a varanda é brasileira. A varanda está vinculada aos hábitos culturais e de sociabilidade e convivência pública, coletiva ou familiar desde sua configuração tipológica nas sedes dos engenhos de cana-de-açúcar (Rossetti, 2007, p. 86).

O Pilotis Varanda é tropical e está vinculado aos hábitos culturais brasileiros, conquanto essa é a categoria com o maior número de exemplares no âmbito dos projetos unifamiliares.

5.1.4 Pilotis Serviço

O Pilotis Serviço tem por característica principal o fato de ter a área livre do pavimento térreo (que se dá pelo uso de pilotis) congruente ao setor de serviço da casa ou destinada ao abrigo de veículos. Independente das condições topográficas do lote ou das características formais, esses pilotis foram pensados dentro de um caráter mais secundário e transitório. Ao que tudo indica, não havia nesses projetos, uma intenção de que o pilotis fosse uma área de convívio ou de permanência prolongada. Os exemplos que identificamos com essas características são: 1) Casa na Urca; 2) Casa Waldemar Gantois; 3) Casa João Luiz Bettega e 4) Casa Maria Elisa e Helena Costa.

Figura 129 – Casa na Urca, Casa Waldemar Gantois, Casa João Luiz Bettega e Casa Maria Elisa e Helena Costa



Fonte: Autora (2024).

5.2 CATEGORIAS DE PILOTIS MULTIFAMILIARES

Como ponto de partida da análise dos pilotis multifamiliares, procuramos entender como se deu a implantação de cada um dos projetos no contexto urbano. A partir disso, notou-se que, dentre os exemplos selecionados, temos conjuntos de edifícios, edifícios em bloco único e edifícios em formatos variados.

Apesar dessas particularidades formais e das características gerais dos edifícios apresentarem algumas variações, as suas similitudes os aproximam na essência. Ainda que seja conveniente o ganho espacial que o pilotis proporciona (o fato de garantir ao edifício o dobro de área livre no pavimento térreo), nenhum dos pilotis multifamiliares selecionados teve a sua área livre destinada ao abrigo de veículos.

Assim, todos os exemplos estudados tem um ponto em comum: o fato de que o pilotis foi encarado como uma área de permanência e não de serviço. Desse modo, os pilotis multifamiliares foram subdivididos em quatro categorias: Pilotis Mirante, Pilotis Aéreo, Pilotis Varanda (que seguem características similares às apresentadas anteriormente nos pilotis unifamiliares, mas em diferente escala) e o Pilotis Praça, categoria exclusiva

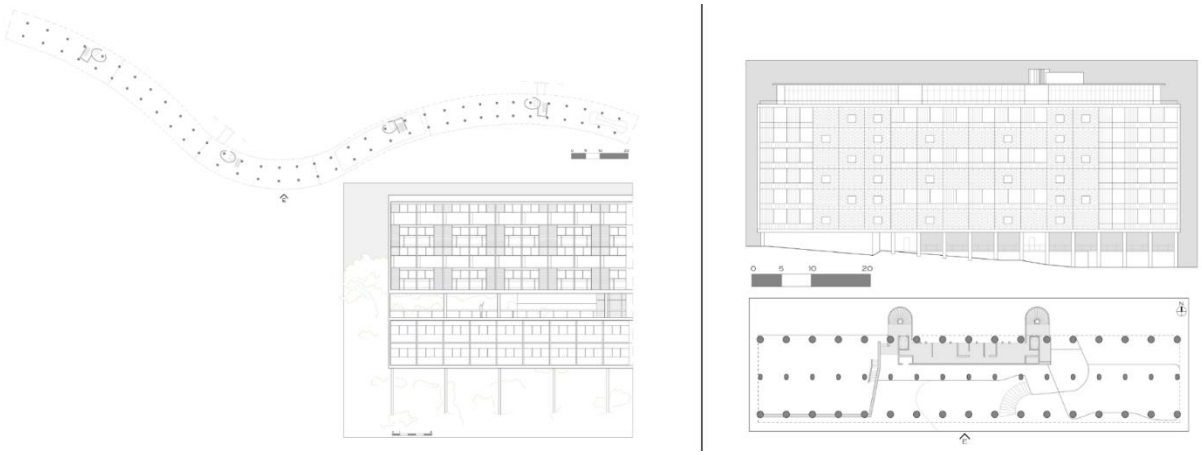
dos edifícios em altura. Essas categorias e os projetos que as compõem serão melhor discutidas a seguir.

5.2.1 Pilotis Mirante

Assim como nos pilotis unifamiliares, os Pilotis Mirante multifamiliares têm por principal característica a sua implantação em topografia irregular. Nesses casos, o pilotis é vantajoso por dispensar ou reduzir a movimentação de terra no lote. Pode-se afirmar, ainda, que esses edifícios foram pensados a partir do seu entorno imediato, sendo a paisagem uma grande protagonista da proposta projetual.

Observa-se que as aberturas dos pilotis foram direcionadas para privilegiar uma determinada vista. Os exemplos que identificamos com essas características são: 1) Conjunto Pedregulho e 2) Conjunto Parque Guinle.

Figura 130 – Conjunto Pedregulho e Conjunto Parque Guinle



Fonte: Autora (2024).

No Conjunto Pedregulho, as aberturas do pilotis do edifício foram direcionadas para a vista da Baía de Guanabara, enquanto no Conjunto Parque Guinle, foram voltadas para a vista do Parque Eduardo Guinle.

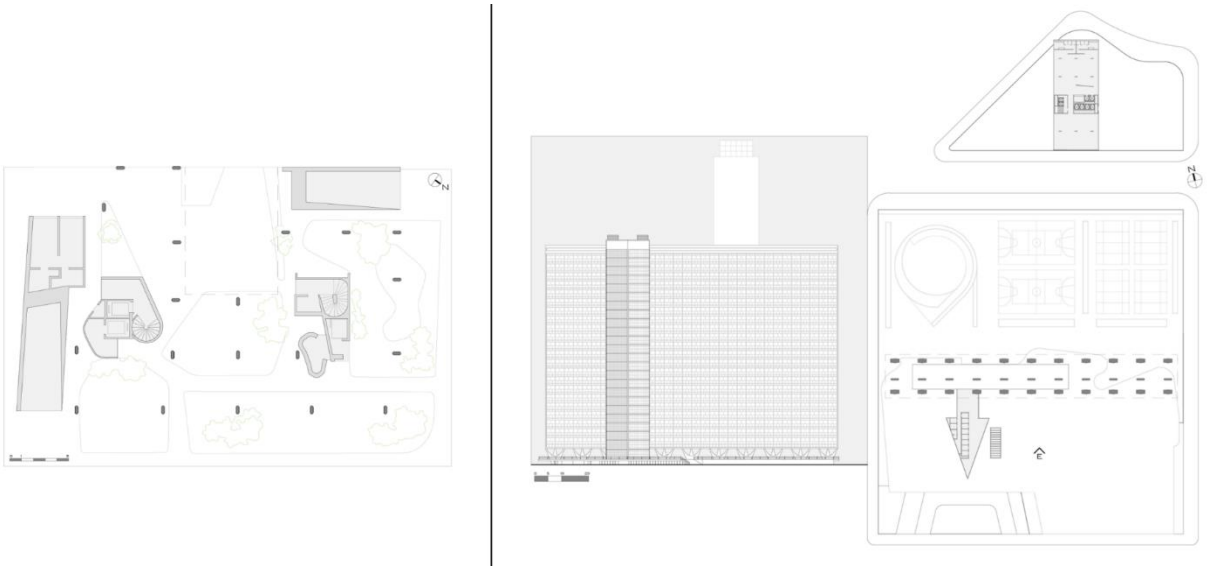
5.2.2 Pilotis Aéreo

Assim como nos pilotis unifamiliares, os Pilotis Aéreos multifamiliares[19] têm por característica determinante o fato de o volume principal do edifício ser completa ou parcialmente elevado, apesar de localizado em um lote plano ou planificado. Nessa categoria, o emprego do pilotis não se justifica por uma resposta às condições da topografia local, mas sim por uma possível intenção de continuidade visual e espacial da cidade.

Dentre os edifícios multifamiliares, os Pilotis Aéreos são os que possuem a área do pavimento térreo mais livre, geralmente com apenas a portaria, os elevadores e as escadas como elementos construídos. O Pilotis Aéreo foi pensado para propor novos usos para essa área livre no pavimento térreo, destinada à permanência, ao convívio e ao lazer dos moradores. Os exemplos que identificamos com essas características são: 1) Edifício Dona Fátima e Finúsia; 2) Conjunto Governador Kubistcheck; 3) Edifício Niemeyer; 4) Edifício do Banco Hipotecário Lar Brasileiro; 5) Edifício São Miguel; 6) Edifício Acaiaca; 7) Edifício Solar; 8) Edifício Guaimbê; 9) Edifício Felícia; 10) Edifício Gravatá; 11) Edifício Normandie e 12) Edifício Araucária.

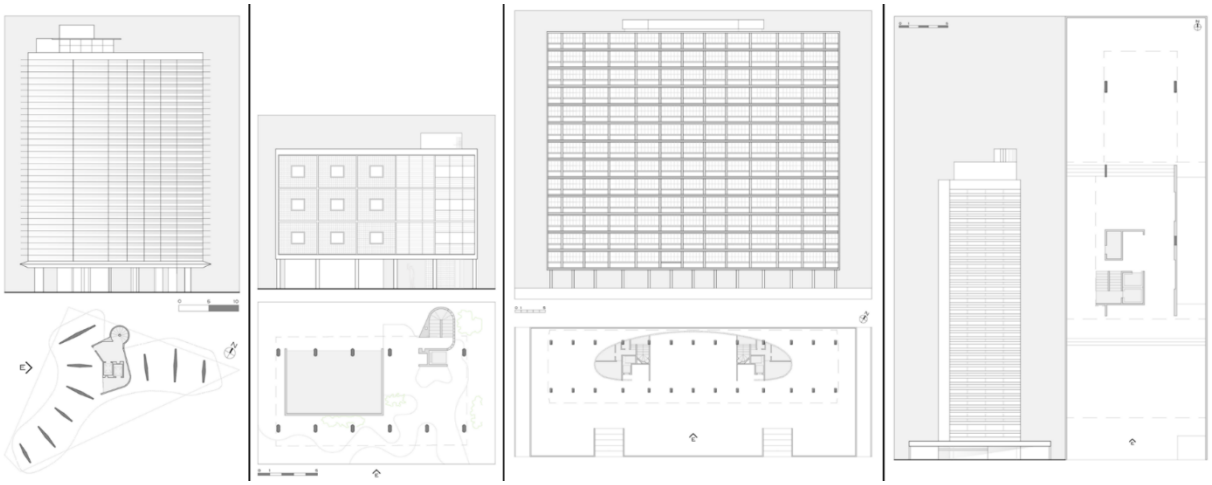
[19] Em 3 dos 12 casos, não foram localizados nenhum dos desenhos arquitetônicos, o que deixou a interpretação dos projetos apoiada nas fotos disponíveis. Esse foi o caso do Edifício São Miguel, Edifício Felícia e Edifício Normandie.

Figura 131 – Edifício Solar e Conjunto JK



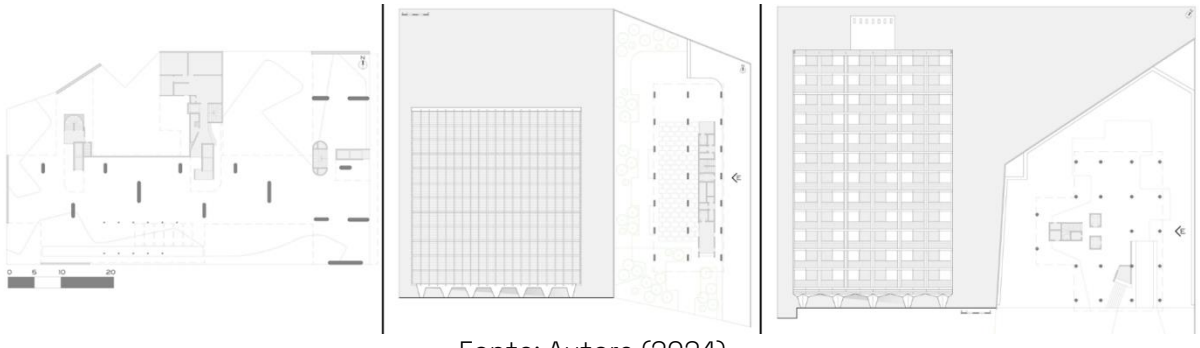
Fonte: Autora (2024).

Figura 132 – Edifício Niemeyer, Edifício do Banco Hipotecário Lar Brasileiro, Edifício Acaiaca e Edifício Guaimbê



Fonte: Autora (2024).

Figura 133 – Edifício Solar, Edifício Gravatá e Edifício Araucária

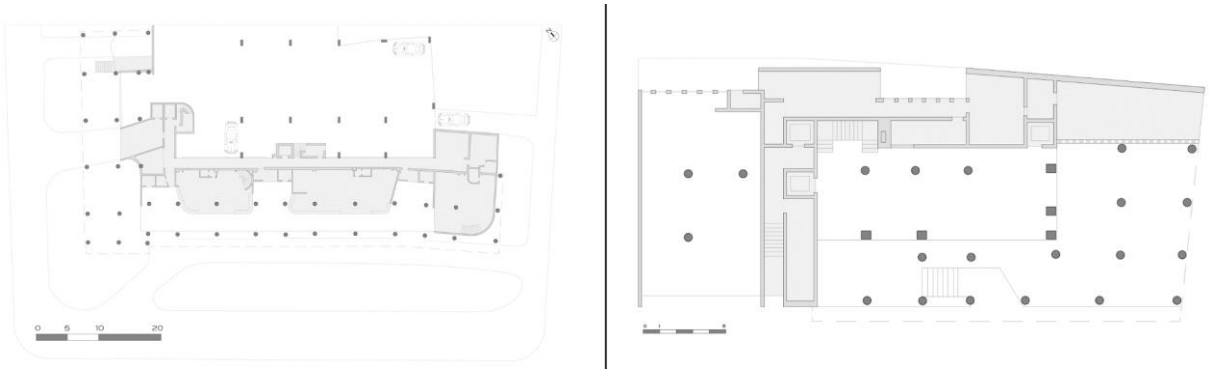


Fonte: Autora (2024).

5.2.3 Pilotis Varanda

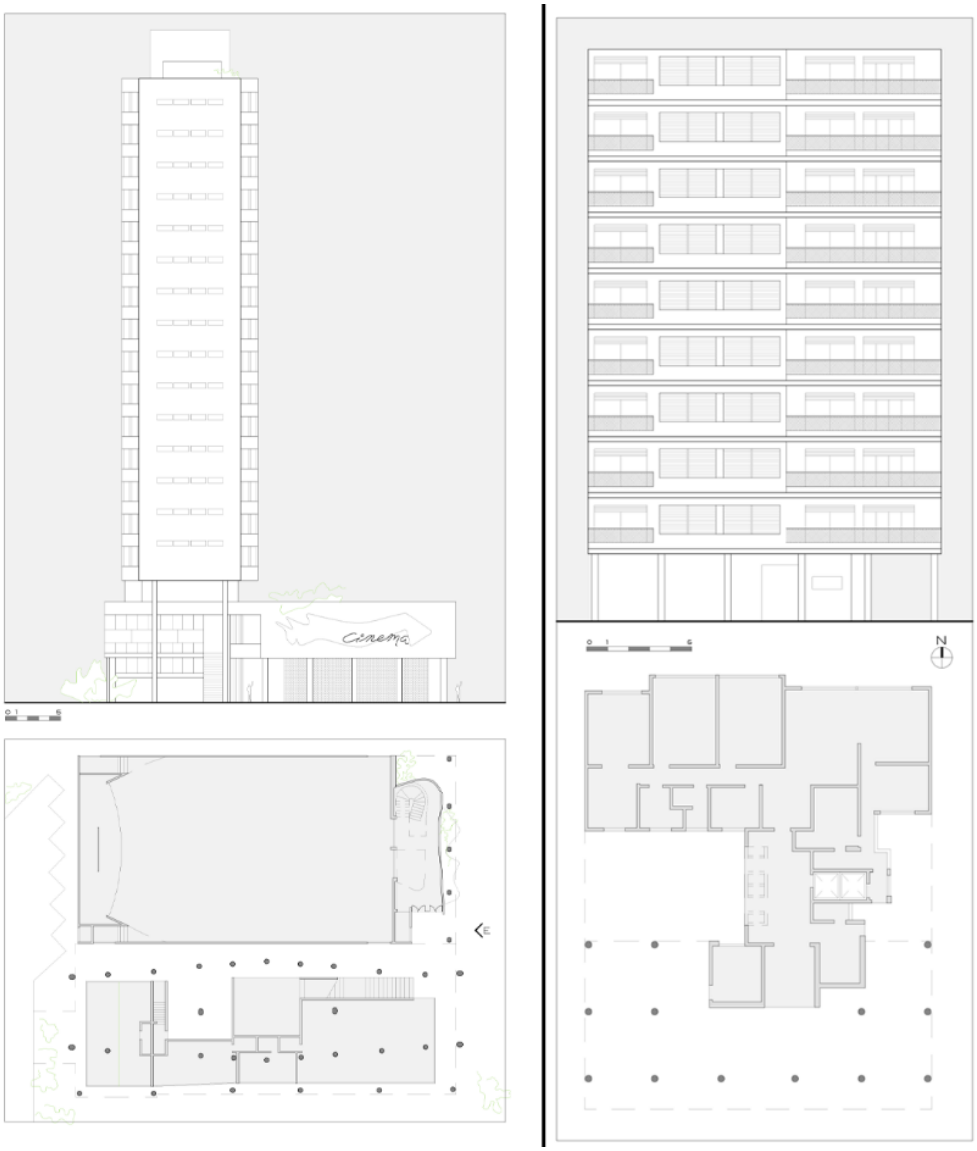
Assim como nos pilotis unifamiliares, os Pilotis Varanda multifamiliares têm como principal característica o fato de que o pilotis é consequente do alinhamento recuado do volume em relação à projeção dos pavimentos superiores, o que resulta em uma área livre no pavimento térreo. O Pilotis Varanda, no caso dos edifícios, estabelece uma transição gradual entre os espaços internos e externos. Os exemplos que identificamos com essas características são: 1) Edifício Anchieta; 2) Edifício Linck; 3) Edifício Califórnia e 4) Edifício Redenção.

Figura 134 – Edifício Anchieta e Edifício Redenção



Fonte: Autora (2024).

Figura 135 – Edifício Califórnia e Edifício Linck



Fonte: Autora (2024).

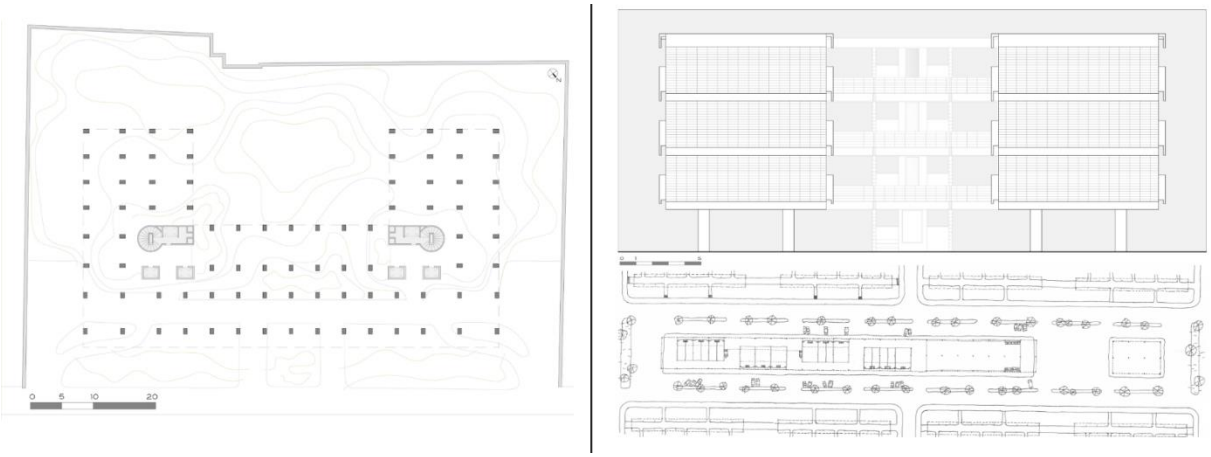
5.2.4 Pilotis Praça

A ideia de praça, caracterizada por uma área pública sem construções, dentro de uma cidade, se aproxima dessa última categoria de pilotis multifamiliar brasileiro. O Pilotis Praça[20] é aberto à cidade, designado para ser um espaço permeável, convidativo, aberto e coberto. Temos a hipótese de que no Brasil, o térreo livre foi frequentemente proposto como uma maneira

[20] No caso dos Pilotis Praça, em 1 dos 6 casos (Edifício Bortilotte), não foram localizados nenhum dos desenhos arquitetônicos, o que fez com que a interpretação do projeto se apoiasse nas fotos disponíveis.

de tentar relacionar o edifício e o tecido urbano. Os exemplos que identificamos com essas características são: 1) Edifício Prudência; 2) Edifício Louveira; 3) Edifício Bortilotte; 4) Bloco F Quadra 308 Sul; 5) Bloco I Quadra 105 Sul e 6) Conjunto CECAP Guarulhos.

Figura 136 – Edifício Prudência e Conjunto CECAP Guarulhos

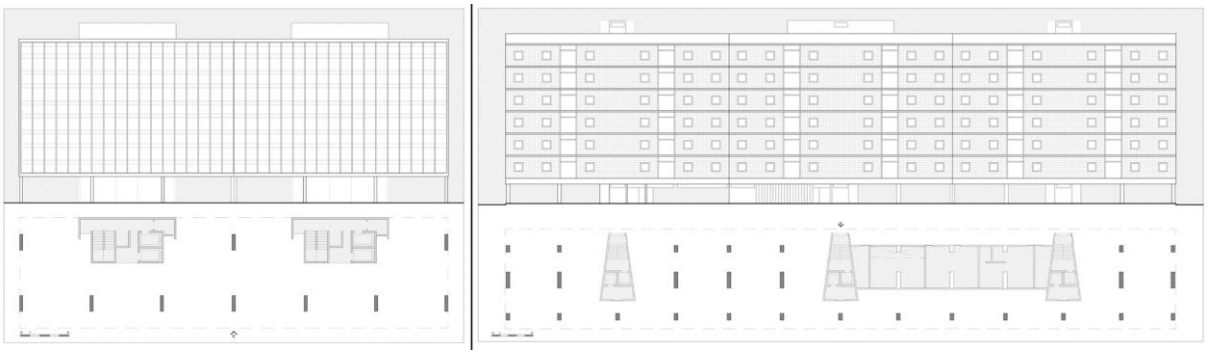


Fonte: Autora (2024).

O Edifício Prudência, o Edifício Bortilotte[21] e o Conjunto CECAP Guarulhos possuem grandes áreas de jardim (integradas ao pilotis) previstas na proposta de implantação arquitetônica. O Edifício Louveira, assim como os blocos F da Quadra 308 Sul e I da Quadra 105 Sul, também tem uma área de vegetação presente no pilotis. No entanto, esses são projetos em que o foco principal dos arquitetos era claramente propor uma integração entre os edifícios e as praças públicas localizadas em seus entornos imediatos.

[21] O conteúdo dessa proposta se resume a imagens de sua maquete física (Figura 95). Os desenhos arquitetônicos não foram localizados.

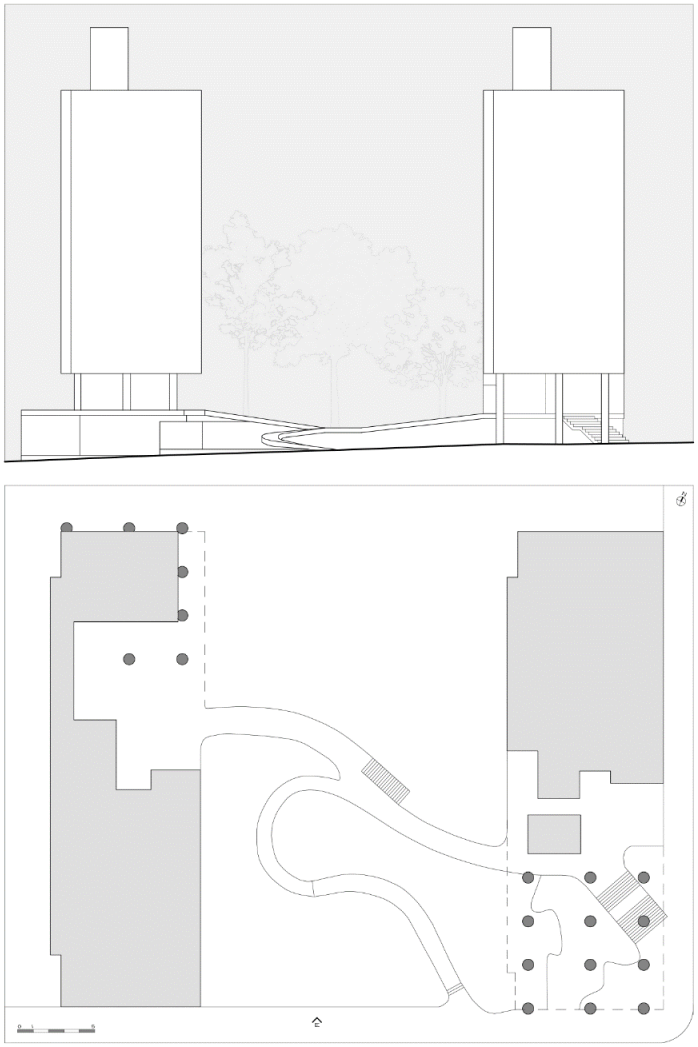
Figura 137 – Bloco F Quadra 308 Sul e Bloco I Quadra 105 Sul



Fonte: Autora (2024).

O Pilotis Praça é convidativo, poroso e permeável, entremeado por jardins e passeios públicos, abertos ao improviso. Em muito se diferenciam do pilotis genuinamente corbusiano, que, de modo geral, busca caracterizar o edifício como um objeto imponente, escultórico, elevado ao nível de obra de arte. O pilotis corbusiano parece ter a intenção de ser uma área de transição, enquanto os arquitetos brasileiros não temem que as suas obras fiquem em segundo plano em relação a essa área de pilotis, que acaba ganhando mais protagonismo do que o próprio edifício.

Figura 138 – Edifício Louveira



Fonte: Autora (2024).

6 AS OBRAS-SÍNTESE

Os 80 pilotis brasileiros estudados foram divididos e agrupados, sendo no total: 15 Pilotis Mirante, 28 Pilotis Aéreos, 27 Pilotis Varanda, 4 Pilotis Serviço e 6 Pilotis Praça. Para cada categoria, selecionamos duas "obras-síntese", sendo uma unifamiliar e a outra multifamiliar[22]. No intuito de discutir cada uma mais detalhadamente, as obras-síntese se configuram nos projetos que reúnem o maior número de características e atributos elencados como determinantes da categoria. Os demais exemplos são variações dessas obras.

As obras-síntese selecionadas para a categoria "Pilotis Mirante" são a Casa de Olivo Gomes e o Conjunto Parque Guinle. Para "Pilotis Aéreo", foram a Casa Schuster e o Edifício Niemeyer. Para "Pilotis Varanda", a Casa Alfred Gunther Domschek e o Edifício Anchieta. Para "Pilotis Serviço", a Casa Waldemar Gantois. Por fim, escolheu-se o Edifício Louveira para "Pilotis Praça".

No Quadro 3, é possível observar a distribuição geral de obras nas cinco categorias, com as oito obras-síntese em destaque:

[22] Com exceção da categoria "Pilotis Serviço", que só possui exemplares unifamiliares, e da categoria "Pilotis Praça", que só possui exemplares multifamiliares.

Quadro 3 – Divisão dos pilotis brasileiros nas cinco categorias

○ PILOTIS MIRANTE (15)	● PILOTIS AÉREO (28)	● PILOTIS VARANDA (27)	● PILOTIS SERVIÇO (4)	PILOTIS PRAÇA ● (6)
1 Chácara Coelho Duarte	1 Casa sem dono 03	1 Casa sem dono 01	1 Residência na Urca	1 Edifício Prudência
2 Vila Monlevade	2 Residência Henrique Xavier	2 Casa Francisco Peixoto	**2 Casa Waldemar Gantois**	**2 Edifício Louveira**
3 Casa Vital Brasil	3 Casa Herbert Johnson	3 Casa Prudente de Morais Neto	3 Casa João Luiz Bettega	3 Edifício Bortilotte
4 Casa do Arquiteto na Lagoa	4 Casa Barão de Saavedra	4 Casa Gustavo Capanema Filho	4 Casa Maria Elisa e Helena Costa	4 Bloco AFA 308 Sul
5 Casa de Campo George Hime	5 Residência em Belo Horizonte	5 Casa '1947'		5 Bloco 1 105 Sul
6 Casa de Julian Czapski	6 Residência Luciano Costa Júnior	6 Casa Mário Taques Bittencourt		6 Conjunto Habitacional CECAP Guarulhos
7 Casa do Morumbi	7 Palácio do Catetinho	7 Casa do Arquiteto (Artigas)		
8 Residência Oswaldo Bratke	8 Casa na praia	8 Casa de Heitor Almeida		
9 Casa em Jacarepaguá	9 Casa em Itaipava	9 Casa Antonio Ceppas		
10 Casa de Olívo Gomes	10 Casa do Arquiteto (Paulo Mendes)	10 Casa Ernani de Souza Freire		
11 Casa de campo de Geraldo Baptista	11 Casa para o Ministro do Estado	11 Casa João Paulo de Miranda Neto		
12 Casa de campo de Lauro Souza Carvalho	12 Casa Mario Masetti	12 Casa Pompeu Maroja		
13 Casa do Cafundó	13 Casa James Francis King	13 Casa Jadir de Souza		
14 Conjunto Pedregulho	14 Casa José da Silva Netto	14 Casa José Lira		
15 Conjunto Parque Guinle	15 Casa Thiago de Mello	15 Casa José Barbosa		
	16 Casa Schuster	16 Casa Cassiano R. Coutinho		
	17 Edifício Dona Fátima e Finúsia	17 Casa Olga Baeta		
	18 Conjunto Governador Kubitschek	18 Casa Gilberto Ferraz da Silva		
	19 Edifício Niemeyer	19 Casa Austregésilo de Freitas		
	20 Banco Hipotecário Lar Brasileiro	20 Casa Joaquim Augusto		
	21 Edifício São Miguel	21 Casa Saldanha Werneck		
	22 Edifício Acaiaca	**22 Casa Alfred Gunther Domschek**		
	23 Condomínio Solar	23 Casa Niclewicz		
	24 Edifício Guaimbê	**24 Edifício Anchieta**		
	25 Edifício Felícia	25 Edifício Linck		
	26 Edifício Gravatá	26 Edifício Califórnia		
	27 Edifício Normandie	27 Edifício Redenção		
	28 Edifício Araucária			

Fonte: Autora (2024).

6.1 OBRAS-SÍNTESE DO PILOTIS MIRANTE

6.1.1 Casa de Olivo Gomes

A Casa de Olivo Gomes (1954), projeto de Rino Levi e Roberto Cerqueira César, localizada na cidade de São José dos Campos (SP), é a nossa obra-síntese do Pilotis Mirante unifamiliar. Situada no limite da várzea do Rio Paraíba, a casa é inteiramente concebida para a fruição da paisagem. A colaboração de Burle Marx encontra aqui a sua mais completa sintonia: painéis e jardins são componentes ativos na realização do partido do projeto

(Figura 139) (Anelli; Guerra; Kon, 2001). Os pilares de concreto, com seção circular, ora apoiados diretamente sobre o espelho d'água, ora diretamente sobre o solo, se confundem com os troncos das árvores, definindo a íntima relação entre a natureza e a arquitetura.

Figura 139 – Casa de Olivo Gomes, jardins e painéis de Burle Marx

Fonte: Kon (c2018).

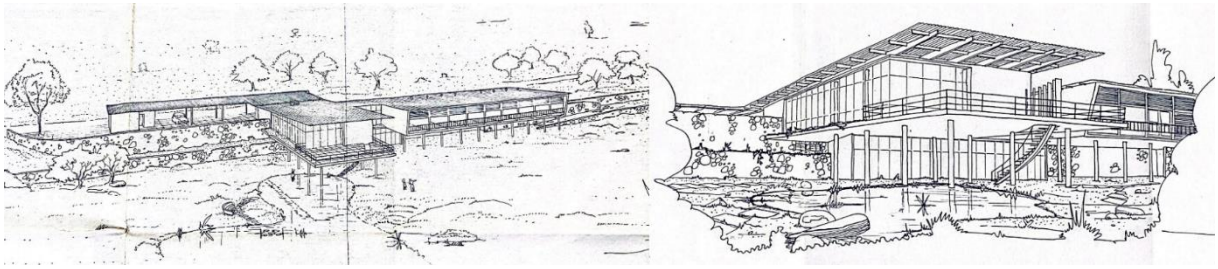
Yves Bruand (1981) comenta, em seu livro sobre a arquitetura moderna brasileira, que esse projeto se tratava de:

> Uma residência rica, isolada em pleno campo, consequentemente não submetida às limitações de toda ordem das obras urbanas; a liberdade de expressão dos autores do projeto era completa. Ora, bem longe de pensar numa criação intimista, voltada para dentro, Rino Levi e Roberto Cerqueira César imaginaram uma obra amplamente aberta para a paisagem, onde ressurge todo o vocabulário apreciado pelo movimento brasileiro: blocos puros de contornos retilíneos, pilotis, paredes de vidro protegidas por grandes telhados salientes, terraço em balanço, escada em caracol e degraus suspensos, cerâmicas murais e jardim artificial de Burle Marx exercendo um papel de transição com o contexto natural, mas marcando bem a recusa de submeter-se cegamente a ele (Bruand, 1981, p. 281).

Os arquitetos indiscutivelmente privilegiaram a paisagem local nesse projeto. Isso fica evidente nos croquis que registraram estudos de concepção projetual (Figura 140). A casa, situada em leve pendente, se desenvolve praticamente em um único pavimento, térreo na sua fachada de acesso e suspenso na sua fachada principal. O volume elevado avança na paisagem e traz para o convívio doméstico o contato direto com seu entorno. A área livre no pavimento térreo tem suas aberturas incorporadas aos jardins.

A escada helicoidal que dá acesso ao pavimento superior (onde se concentram as atividades básicas cotidianas de habitação) evidencia o destaque que a área de pilotis tem na composição arquitetônica (Figura 141).

Figura 140 – Croquis originais da Casa Olivo Gomes



Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP (2024).

Figura 141 – Volume da casa suspenso em pilotis no pavimento inferior; Escada Helicoidal

Fonte: Kon (c2018).

6.1.2 Conjunto Parque Guinle

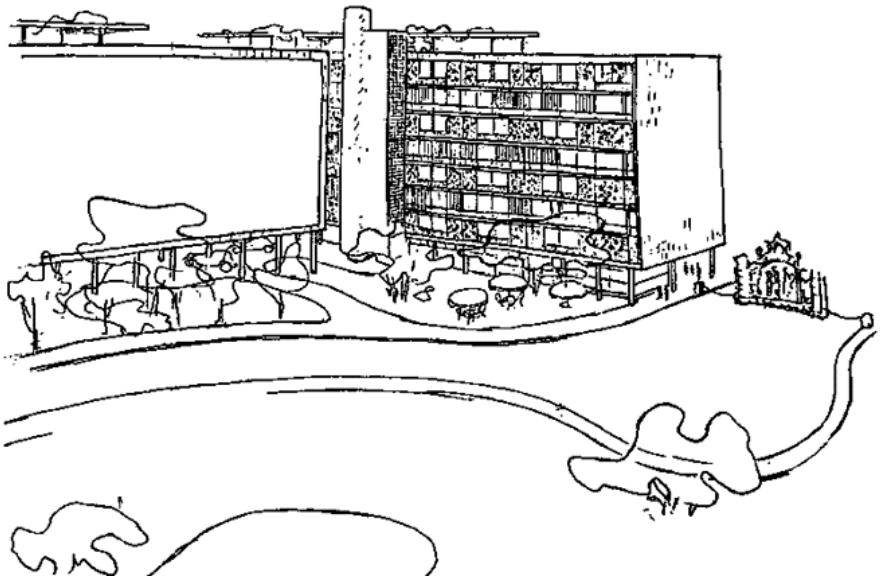
O Conjunto Residencial Parque Guinle (1940), projeto de Lucio Costa, localizado na cidade do Rio de Janeiro (RJ), é a nossa obra-síntese do Pilotis Mirante multifamiliar. Os três edifícios independentes do conjunto foram assentados ao longo do declive, de forma a fechar a lateral do Parque Eduardo Guinle. Lucio Costa (1995) comenta, em seu livro *Registros de uma Vivência*, que propôs:

> Uma arquitetura contemporânea que se adaptasse mais ao parque [...] e que os prédios alongados, de seis andares, fossem soltos do chão e

> dispusessem de *loggias*[23] em toda a extensão das fachadas, com vários tipos de quebra-sol, já que davam para o poente. Foi o primeiro conjunto de prédios construídos sobre pilotis e o prenúncio das superquadras de Brasília (Costa, 1995, p. 205).

Segundo Costa (1995), foi nesse projeto onde primeiro se aplicou, de forma sistemática e depois de tantas tentativas frustradas, o partido de deixar o térreo vazado, os pilotis de Le Corbusier, que se tornariam de uso corrente na cidade. O arquiteto deixa clara sua intenção de relacionar o conjunto residencial com seu entorno por meio de seus croquis, onde podemos observar a integração das áreas de jardim ao pilotis, como se estes fossem um espaço de continuidade do parque (Figura 142).

Figura 142 – Croqui de Lucio Costa para o Parque Guinle



Fonte: Costa (1995).

Essa intenção de proposta se concretizou, uma vez que os pilotis dos edifícios são todos contemplados com grandes áreas de jardim (Figura 143), que se integram com a topografia irregular do sítio através de seus pavimentos distribuídos em diferentes níveis. As rampas de acesso ao nível

[23] A palavra "*loggia*", utilizada pelo arquiteto, é de origem italiana e significa "[...] uma galeria coberta e vazada para um exterior, gerada por arcadas e/ou colunatas". Um conceito que muito se aproxima da ideia de pilotis (Loggia, c2024). Documento *online* não paginado. Disponível em: https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/. Acesso em: 19 maio 2024.

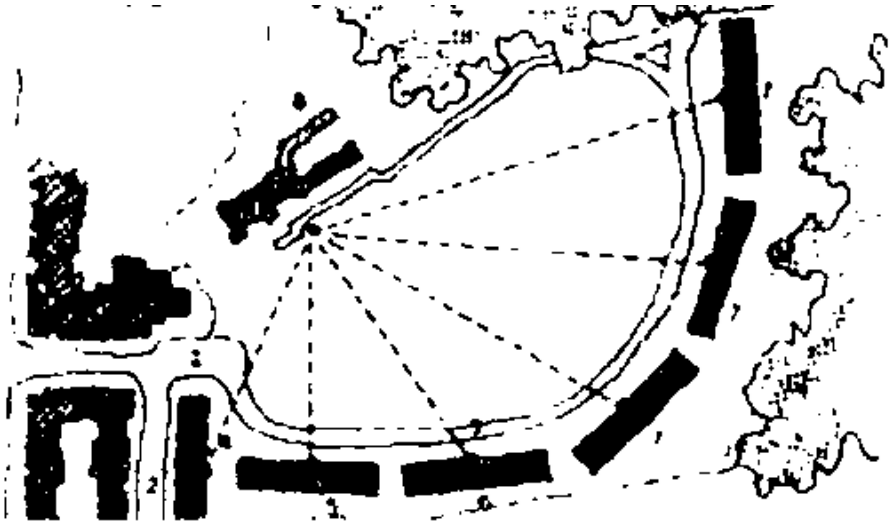
mais elevado dão continuidade à paginação (em pedras portuguesas) da calçada, alinhada à Rua Paulo César de Andrade, alameda interna que segue em curva no aclive do parque.

Figura 143 – Pilotis do Conjunto Parque Guinle

Fonte: Kon (c2018).

Além do uso do pilotis como uma resposta às condições topográficas locais, outro aspecto que aproxima o Conjunto Parque Guinle à categoria de Pilotis Mirante é a sua proposta de implantação, que foi pensada de modo que todos os edifícios fossem orientados para a vista panorâmica do parque. Isso fica evidente no desenho de Costa, que demarca com linhas tracejadas a rotação dos edifícios para um único ponto focal (Figura 144). O conjunto tinha em seu plano original seis edifícios, mas apenas três foram construídos (Figura 145).

Figura 144 – Implantação Geral do Conjunto Parque Guinle



Fonte: Costa (1995).

Figura 145 – Imagem aérea do Conjunto Parque Guinle

Fonte: Adaptada pela autora, a partir de *Google Maps* (2024).

As fachadas longitudinais, voltadas para o parque, são preenchidas por uma superfície de cobogós, alternativas a um possível fechamento opaco em alvenaria ou translúcido em vidro. Os cobogós proporcionam uma transição entre a abertura total do térreo aberto em pilotis e a abertura parcial dos pavimentos superiores, filtrada pelos elementos vazados cerâmicos (Figura 146).

Figura 146 – Cobogós e pilotis do Conjunto Parque Guinle

Fonte: Acervo pessoal (2022).

O projeto indica uma das questões mais interessantes para a arquitetura desse período: a possibilidade de conciliar a exterioridade da planta moderna com a referência colonial, exatamente oposta, de fechar e defender a intimidade da construção. O cobogó tem o caráter de elemento de justaposição. Do lado externo, o efeito do rendilhado adquire o valor de uma superfície e, portanto, de vedação (Telles, 2010).

6.2 OBRAS-SÍNTESE DO PILOTIS AÉREO

6.2.1 Casa Schuster

A Casa Schuster (1978), projeto de Severiano Porto, localizada na cidade de Manaus (AM), é a nossa obra-síntese de Pilotis Aéreo unifamiliar. Situada na margem do Igarapé do Mariano, o volume principal da casa é completamente elevado, evitando a alta umidade do solo, característica da região (Figura 147). A casa se desenvolve em torno de um vazio central, permitindo que a pouca ventilação circule por seu interior e por todos os ambientes. O projeto é consequência de uma diretriz única, representada pela preocupação em valorizar a natureza em que a casa está inserida (Abrahim, 2014).

Figura 147 – Casa Schuster

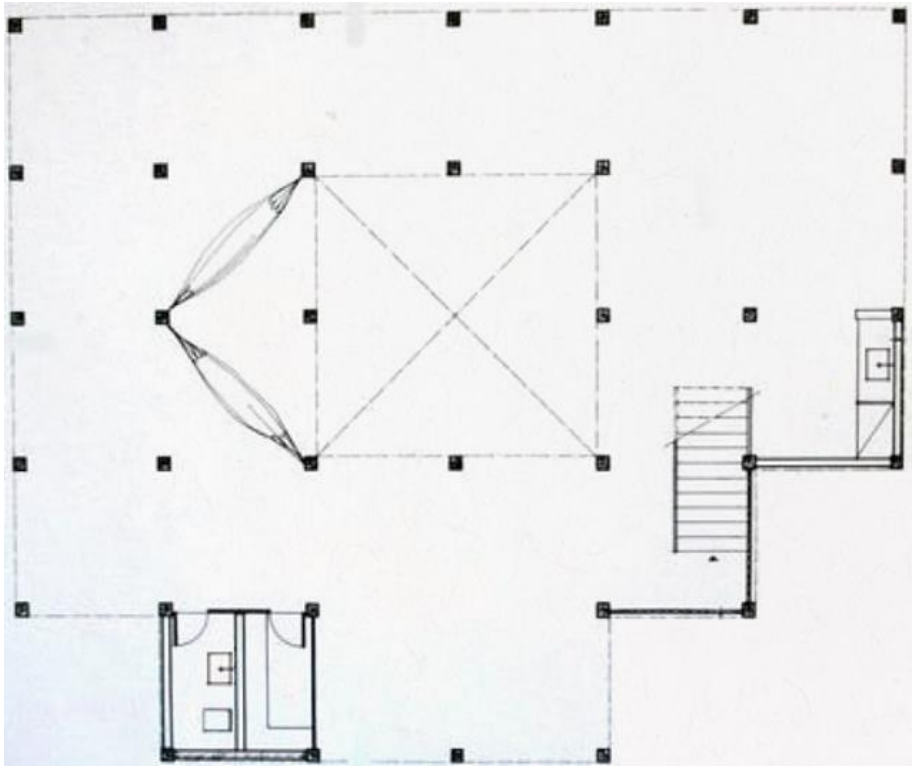
Fonte: Casas Brasileiras (c2017).

Nesse projeto, a área livre do pilotis foi pensada para abrigar a sala de estar, aberta, coberta, sombreada e ventilada, perfeitamente adequada ao clima local (Figura 148). A proposta para o uso desse espaço foi registrada pelo arquiteto, como é possível observar na planta-baixa original, onde foram desenhadas duas redes atadas nos pilares, que indicam a intenção do pilotis ser uma área de permanência prolongada (Figura 149).

Figura 148 – Pilotis da Casa Schuster

Fonte: Casas Brasileiras (c2017).

Figura 149 – Planta-baixa original da Casa Schuster



Fonte: NAMA-UFAM (2023).

Os pilares de madeira com seção quadrada emolduram a vegetação que circunda a casa. O vazio central conecta visualmente o pilotis ao pavimento superior. Apenas um dos 26 módulos da estrutura é compartimentado no pavimento térreo, sendo este ocupado por um banheiro e um depósito. A cozinha (localizada ao lado da escada) é fechada por paredes de alvenaria em dois lados e aberta para o pilotis nos dois outros. O pilotis é completamente aberto, mas protegido pela mata densa da região amazônica.

6.2.2 Edifício Niemeyer

O Edifício Niemeyer (1952), projeto de Oscar Niemeyer, localizado na cidade de Belo Horizonte (MG), é a nossa obra-síntese do Pilotis Aéreo multifamiliar. Niemeyer aproveita ao máximo a ocupação do lote triangular e planificado, elevando completamente o edifício (de bloco único) sobre pilotis no nível da Praça da Liberdade. Nesse projeto, não há nenhum ambiente interno no pavimento térreo, com exceção da portaria. Ao elevar o edifício, o arquiteto provoca a abertura das vistas da Praça da Liberdade para a paisagem (Figura 150), tendo como resultado a visualização da Serra do Curral através do pilotis (Figura 151).

> [A visualização da Serra do Curral] se fazia possível porque na época da construção do edifício prevalecia no entorno casas e outras edificações de pequena escala. Logo em seguida, constrói-se o enorme bloco onde hoje se encontram as instalações da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, o que resulta no bloqueio parcial das visadas. Tal processo de adensamento e verticalização, que se anunciou na Praça na década de 1950, se prolonga até a atualidade. Hoje em dia, a pressão construtiva se encontra generalizada nos quarteirões junto à Praça e atinge especialmente o lado para onde se encontra a Serra do Curral (Guimarães, 2013)[24].

[24] Documento *online* não paginado. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.161/4910. Acesso em: 21 jun. 2023.

Figura 150 – Praça da Liberdade, Edifício Niemeyer e Serra do Curral ao fundo

Fonte: Acervo pessoal (2023).

Figura 151 – Colagem digital ilustrando como seria a visada da Serra do Curral através do pilotis no passado (à esquerda); Foto da visada da Serra do Curral através do pilotis atualmente (à direita)

Fonte: Autora (2024).

Isso nos leva a crer que o pilotis foi proposto para manter desimpedida a vista da praça para a Serra, assim como da Avenida Brasil para a praça. Mesmo no caso do Edifício Niemeyer, onde a integração ao entorno não é tão marcante quanto no Conjunto Parque Guinle, ainda se estabelece uma forte relação entre o pilotis e a praça. Apesar de não ter áreas de jardim previstas, o pilotis tem sua paginação de piso em pedras portuguesas, que dá continuidade à paginação da calçada. Os pilares parecem ter sido estrategicamente angulados, emoldurando e privilegiando as visadas da

praça e da serra que certamente foram consideradas no momento da concepção projetual (Figura 152).

Figura 152 – Vistas da Praça da Liberdade através do pilotis

Fonte: Acervo pessoal (2023).

6.3 OBRAS-SÍNTESE DO PILOTIS VARANDA

6.3.1 Casa Alfred Gunther Domschek

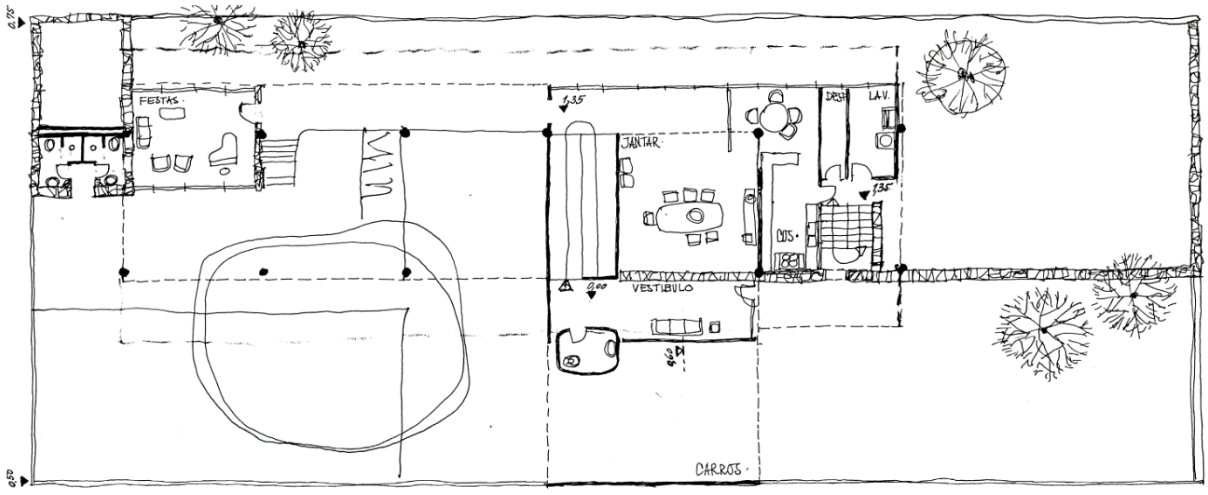
A Casa Alfred Gunther Domschek (1973), projeto de Vilanova Artigas, localizada na cidade de São Paulo (SP), é a nossa obra-síntese do Pilotis Varanda unifamiliar. Nesse exemplo, o pilotis é varanda por criar um espaço de transição entre ambientes internos e externos, funcionando como um prolongamento da sala de estar. Aqui, metade da casa está apoiada diretamente sobre o solo e metade está elevada por pilotis.

Apesar de ter proposto anteriormente áreas de pilotis destinadas ao abrigo de veículos ou como um ambiente mais transitório, Artigas, nesse caso mais tardio, datado da década de 1970, propõe o pilotis como uma área de permanência prolongada, que integra a sala de estar a um salão de festas externo, aos jardins e à piscina (Figura 153). A garagem para três carros foi locada em um ambiente compartimentado específico, deixando o pilotis livre para atividades de lazer e convívio.

Figura 153 – Casa Alfred Gunther Domschek

Fonte: Acervo pessoal (2023).

Figura 154 – Planta-baixa original da Casa Domschek



Fonte: Acervo da Biblioteca da FAUUSP (2024).

A intenção de uso da área livre no pavimento térreo fica evidente ao observar a planta-baixa original, onde é possível entender o vínculo que se estabelece entre o pilotis e os ambientes internos (Figura 154). Artigas tinha uma relação de amizade com o proprietário da casa (seu ex-aluno na Escola Politécnica de São Paulo) e costumava visitá-lo nos finais de semana (Cotrim, 2017). Assim, supomos que o arquiteto conhecia os hábitos sociais da família, que parecem ter sido considerados na concepção projetual.

6.3.2 Edifício Anchieta

O Edifício Anchieta (1941), projeto de Milton e Marcelo Roberto, localizado na cidade de São Paulo (SP), é a nossa obra-síntese do Pilotis Varanda multifamiliar. Foi o primeiro edifício vertical habitacional da Avenida Paulista, situado entre a Rua da Consolação e a Avenida Angélica. O pilotis do edifício é integrado a uma praça, com áreas de jardim que dão continuidade ao passeio público e possibilitam ao pedestre uma passagem coberta. Nesse caso, como o edifício é parcialmente elevado e parcialmente apoiado diretamente sobre o solo, o pilotis é varanda por configurar uma extensão, um pátio coberto, por onde se dá a transição entre o exterior e o interior.

Parte do térreo é ocupada por três lojas, um apartamento para o zelador, hall de serviço e uma grande garagem nos fundos. Fica evidente a divisão da área de pilotis destinada ao uso comum e a área de pilotis destinada ao abrigo de veículos. O pilotis de lazer e permanência tem destaque na composição, localizado fachada principal (Figura 155). O paisagismo que se dispõe ao longo do pilotis delimita um caminho convidativo aos pedestres, que têm ali a possibilidade de cruzar o quarteirão passando pelos jardins cobertos, tendo ainda a oportunidade de acessar os estabelecimentos comerciais.

Figura 155 – Edifício Anchieta

Fonte: Universidade Federal do Rio de Janeiro (c2024).

Para os irmãos arquitetos, além da usual responsabilidade com o desenho do edifício, o projeto deveria procurar atuar em benefício da cidade e de seus habitantes. O Edifício Anchieta assistiu a crescente redefinição espacial da Avenida Paulista colocada pelas transformações dos padrões de uso e ocupação do solo, assim como foi pioneiro na apresentação de novas relações urbanas e novas formas de morar (Paula, 2019).

A implantação do edifício contava com um generoso recuo frontal, onde se localizava o jardim que se integrava ao pilotis. O jardim foi posteriormente removido por conta do alargamento da Avenida Paulista e da construção de um túnel. O jardim original, pensado em conjunto com a edificação, além de conectar as ruas ao setor térreo comercial (lojas), também estabelecia uma relação com a Praça Marechal Cordeiro de Farias (Figura 156).

Figura 156 – Colagem digital da implantação original do Edifício Anchieta em comparação com a implantação atual

Fonte: Adaptada pela autora, a partir de *Google Maps* (2024).

6.4 OBRAS-SÍNTESE DO PILOTIS SERVIÇO

6.4.1 Casa Waldemar Gantois

A Casa Waldemar Gantois (1952), projeto de Antônio Rebouças, localizada na cidade de Salvador (BA), é a nossa obra-síntese do Pilotis Serviço. O conteúdo dessa proposta se limita a poucas fotos, publicadas na revista *Habitat* em 1952. Lina Bo Bardi (então diretora da revista) assinou o artigo intitulado *Residência W. Gantois em Itapoã*, onde criticou fortemente os supostos formalismos de toda uma vertente da arquitetura moderna brasileira à qual a casa estaria vinculada (Andrade, 2011).

Tendo as fotos e a planta-baixa da casa como base para análise, percebemos que a sua organização espacial a classifica como um Pilotis Serviço. Ao que tudo indica, não havia nessa casa uma intenção de que o pilotis fosse uma área de convívio ou de permanência prolongada. Não se trata de um Pilotis Aéreo, pois sua maior área é diretamente apoiada sobre o solo, assim como não se trata de um Pilotis Mirante, pois este não foi adotado como resposta a uma topografia irregular. Além disso, não se trata de um Pilotis Varanda, por não estar diretamente vinculado a nenhum ambiente social interno.

Um corredor de circulação e uma escada enclausurada estabelecem a divisão entre o pilotis e o volume principal da casa. O acesso de veículos à

garagem (nos fundos) acontece através do pilotis, o que pode indicar o seu caráter de serviço. Para mais, o volume da escada (em pedra) impossibilita a continuidade visual e espacial entre o pilotis e a sala de estar (Figura 157).

Figura 157 – Casa Waldemar Gantois

Fonte: Andrade (2011).

Nesse projeto, o pavimento térreo livre não foi encarado como uma área de convívio, mas sim como um espaço secundário e transitório. Isso se confirma pelo fato de que, mesmo a garagem tendo sido locada nos fundos, o pilotis também era eventualmente utilizado para abrigo de veículos (Figura 158). Os Pilotis Serviço foram considerados exceção à regra dos pilotis brasileiros estudados, pelo fato de que somente quatro dos oitenta exemplos seguiram essas características.

Figura 158 – Casa Waldemar Gantois

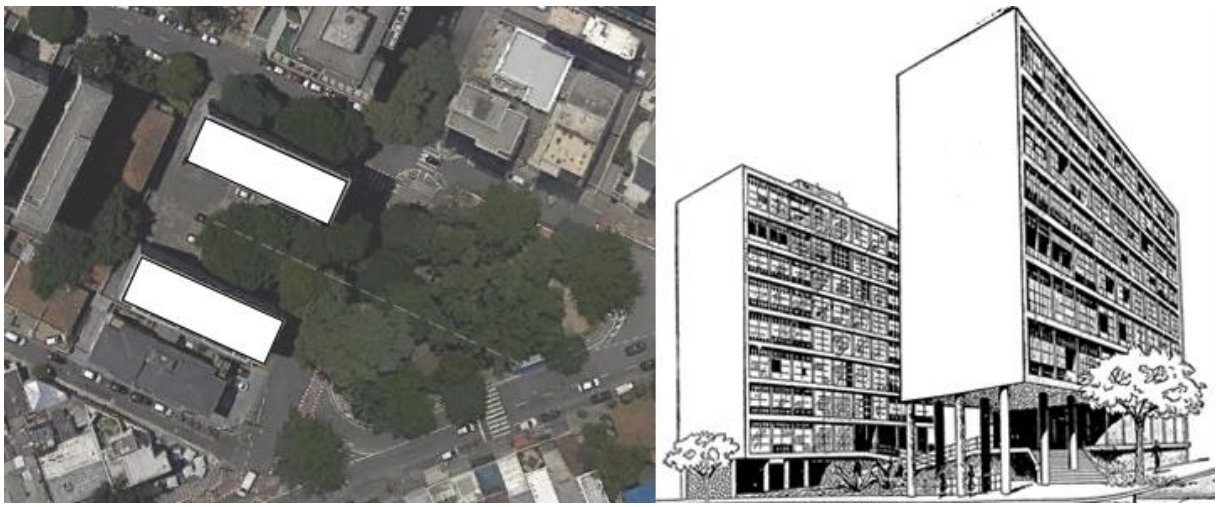
Fonte: Andrade (2011).

6.5 OBRAS-SÍNTESE DO PILOTIS PRAÇA

6.5.1 Edifício Louveira

O Edifício Louveira (1946), projeto de Vilanova Artigas, localizado na cidade de São Paulo (SP), é a nossa obra-síntese do Pilotis Praça. Situado em um terreno de esquina, com frentes para a Rua Piauí e a Praça Vilaboim, o edifício é composto por dois blocos paralelos. Os blocos são separados por um espaço de 20 metros e interligados externamente por uma rampa sinuosa localizada no jardim central, que estabelece uma relação de continuidade com a praça pública. Sua implantação confunde o espaço público com o privado, se apropriando da praça e, ao mesmo tempo, concedendo a ela um pouco do seu jardim (Figura 159).

Figura 159 – Implantação geral e croqui do Edifício Louveira



Fonte: Adaptada pela autora, a partir de Turchi (2015) e *Google Maps* (2024).

O pilotis, por onde se dá o acesso ao hall principal do edifício, reforça a relação interior-exterior. Destaca-se a presença de um pilar em localização pouco usual, bem no centro da escada de acesso à portaria (Figura 160). Essa foi uma escolha plástica e conceitual consciente do arquiteto, além de ser um recurso que destaca a estrutura e induz uma reflexão sobre o diálogo entre a forma e a função (Turchi, 2015). Os trechos ajardinados que se dispõem nas áreas de acesso e continuam no pilotis criam áreas agradáveis e convidativas aos moradores e transeuntes, além de promover a continuidade visual e a integração ao entorno (Figura 161).

Figura 160 – Pilotis do Edifício Louveira

Fonte: Turchi (2015).

Figura 161 – Pilotis do Edifício Louveira

Fonte: Kon (c2018).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com exceção da categoria Pilotis Serviço — que classifica somente 4 dos 80 exemplos de pilotis estudados e, portanto, não representa o todo —, os Pilotis Mirante, Pilotis Varanda, Pilotis Aéreo e Pilotis Praça são, ao mesmo tempo, diversos e comuns. De certo modo, essas quatro categorias se sobrepõem e se completam. Apesar de uma certa imposição de uma cartilha corbusiana, que indicava o que significava ser moderno, a hesitação quanto aos caminhos que a arquitetura deveria trilhar — debate em curso sobretudo na Europa — conheceu no Brasil uma outra variável: a da nacionalidade (Segawa, 1998).

Assim, se iniciou um paradoxo entre a busca por uma legitimação europeia e a possibilidade de criar um estilo nacional. Essa diferenciação entre os pilotis brasileiros e os pilotis corbusianos se mostrou evidente a partir das análises realizadas. Os arquitetos brasileiros estudados nessa dissertação demonstraram ter sido orientados por um profundo senso investigativo das premissas de Corbusier. Foram inúmeros testes, abstrações, decomposições e adaptações dos pilotis, propostos em primeira instância como um espaço de permanência e extroversão, que assumiu protagonismo, tanto nas casas quanto nos edifícios em altura. Le Corbusier, por outro lado, propôs os pilotis em seus projetos de maneira mais contida, explorando poucas variações de uso desse dispositivo arquitetônico. Essas diferenças de raciocínio podem ser observadas nos croquis do arquiteto (Figura 162).

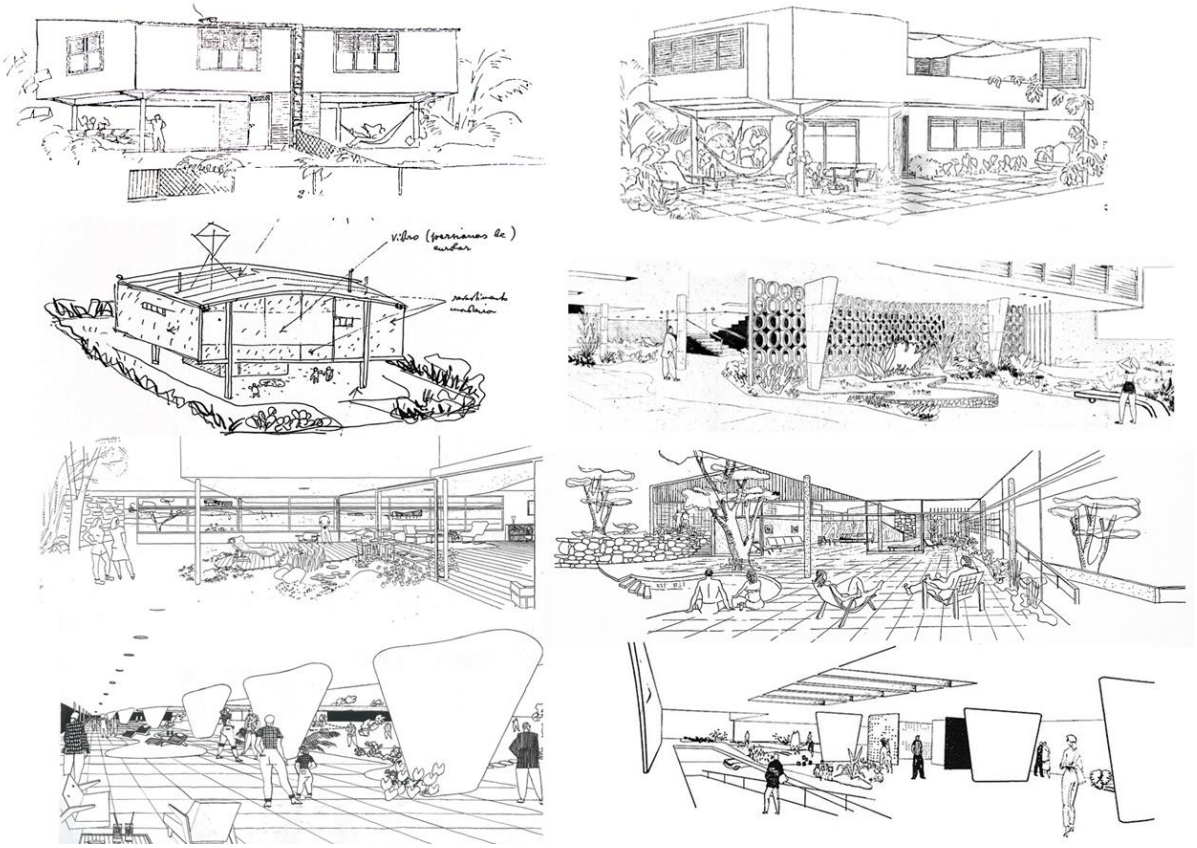
Figura 162 – Croquis de Le Corbusier para a Unidade de Habitação de Marselha e Villa Savoye

Fonte: Fondation Le Corbusier (c1963).

No croqui da Unidade de Habitação de Marselha, por exemplo, deduz-se que este não foi pensado para ser um espaço destinado à interação social. Neste projeto, as áreas de convivência foram locadas no terraço, de modo que Corbusier desenha as figuras humanas na área externa e não ocupando a área do pilotis. No caso da Villa Savoye, o croqui indica a intenção do pilotis de ser uma área destinada ao abrigo de veículos, além de embarque e desembarque, enquanto as atividades básicas cotidianas de habitação estão concentradas no pavimento superior.

Em contraponto, os croquis dos arquitetos brasileiros são registros de como eles propuseram seus pilotis, que se destacam por: serem espaços de sociabilidade, abertos e instaurados na tensão entre o interior e o exterior; proporcionar interação direta com a cidade e com as áreas de jardim; e, sobretudo, por seu potencial de estimular o convívio. Essa é a essência do pilotis brasileiro e tropical (Figura 163).

Figura 163 – Croquis de pilotis dos arquitetos brasileiros



Fonte: Autora (2024).

Os croquis selecionados como exemplo são de diferente arquitetos (Lucio Costa, Lina Bo Bardi, Acácio Gil Borsoi, Oscar Niemeyer, Sérgio Bernardes e Ulpiano Nunes Muniz), mas todos comunicam, de certa forma, que seus pilotis foram pensados para ser um espaço dos hábitos cotidianos, um ambiente de informalidade.

Ao estudar alguns pilotis brasileiros, concluímos que, o estilo moderno nacional se manifestou por meio de uma "tropicalização" do pilotis corbusiano, consequente das reinterpretações dos arquitetos brasileiros que atribuíram ao pilotis um caráter do nosso modo de vida. Supomos que a "brasilidade" é o que faz desses projetos, embora tão diversos, serem reconhecíveis como projetos modernos brasileiros.

Os resultados da dissertação nos conduziram a uma nova hipótese: é na indeterminação que se encontram a(s) brasilidade(s), o(s) moderno(s) e a(s) pluralidade(s) possíveis como identidade nacional. Porém, a caracterização do que é essa brasilidade na arquitetura moderna não está somente no entendimento dos projetos, mas dentro de valores sociais, culturais e políticos. Estes extrapolam a proposta delimitada pela presente pesquisa, mas se mostram como um possível desdobramento e uma nova possibilidade de investigação.

Os fatores e as condições determinantes para a originalidade brasileira são incontáveis: seus povos, suas ancestralidades, a arte, a música, a cultura, o cenário político, o processo de industrialização, etc. Sendo assim, toda uma atmosfera foi decisiva para que a brasilidade pudesse se desenvolver e se manifestar no campo da arquitetura moderna. As premissas de Le Corbusier indicavam o caminho para a "modernidade", mas o Brasil foi além: sua arquitetura se apoiou em símbolos nacionais que foram primordiais para que ela fosse como foi.

Em face do exposto, compreender os desdobramentos do pilotis no Brasil nos mostrou que a forma como os arquitetos brasileiros trabalharam esse dispositivo em muito se diferenciou do modelo corbusiano. Eles

desenvolveram elementos e princípios de projeto preconizados por Corbusier com uma leveza peculiar, sem esgotar as fontes de inspiração (Comas, 2002). Isso nos permite deduzir que o pilotis no Brasil virou um símbolo, se tornando uma “tradição inventada”; ou seja, um conjunto de práticas que foram abertamente aceitas. Essas práticas visam inculcar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição (Hobsbawm, 2022).

E se o pilotis foi tão abertamente aceito, foi porque o Brasil apresentou condições favoráveis e intrínsecas, que podem justificar a sua forte recorrência de norte a sul do país. Para os brasileiros, é natural estar no espaço exterior, por uma série de justificativas: culturais, climáticas, de interação social, entre outras. Diante disso, a “brasilidade” nos possibilitou encontrar pontos semelhantes que aproximam esses pilotis (de inspirações diversas) em todas as partes do país. Esses pontos estão apoiados em uma herança ancestral, relacionada aos hábitos e ao modo de ser brasileiro.

REFERÊNCIAS

ABRAHIM, Roger. **Poesia na floresta**: a obra do Severiano Porto no Amazonas. Manaus: Reggo Edições, 2014.

ALMEIDA, Marcos Leite. **As casas de Oscar Niemeyer - 1935-1955**. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5252. Acesso em: 21 jun. 2024.

ANDRADE, Nivaldo V. Fontes insuspeitas: os desafios da pesquisa sobre a residência moderna baiana. *In*: SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO DE ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO, 2., 2011, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

ANELLI, Renato; GUERRA, Abilio; KON, Nelson. **Rino Levi, arquitetura e cidade**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001.

ANELLI, Renato; Suzuki, Marcelo (org.). **Casa de vidro, arquiteta Lina Bo Bardi**: plano de gestão e conservação. São Paulo: Instituto Bardi Casa de Vidro, 2019.

ARANHA, Maria Beatriz de Camargo. **A obra de Rino Levi e a trajetória da arquitetura moderna no Brasil.** 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-29032010-153615/publico/Tese.pdf. Acesso em: 21 jun. 2024.

AVLU. *In*: GLOSBE. [*S. l.*], c2024. Disponível em: https://pt.glosbe.com/tr/pt/avlu. Acesso em: 29 maio 2024.

BARDI, Lina Bo. Case Sui Trampoli. **Domus**, Milan, n. 195, p. 14-15, mar. 1944.

BARDI, Lina Bo. Casa na Bahia. **Habitat**, [*s. l.*], n. 8, p. 16-17, 1952.

BARDI, Lina Bo. Edifício Bortilotte. **Habitat**, [*s. l.*], n. 21, 1955.

BOESIGER, W.; STONOROV, O. (ed). **Le Corbusier et Pierre Jeanneret**: oeuvre complete, 1910-1929. Zurich: d'Architecture, 1929.

BONDUKI, Nabil. **Affonso Eduardo Reidy**. Lisboa: Editorial Blau, 2000.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CAMPINAS, Felipe. Obras de Lúcio Costa, casas de Thiago de Mello estão abandonadas no AM. **Amazonas Atual**. Manaus, 22 jul. 2023. Disponível em: https://amazonasatual.com.br/obras-de-lucio-costa-casas-de-thiago-de-mello-estao-abandonadas-no-am/. Acesso em: 13 mar. 2024.

CASA DA ARQUITECTURA. [*S. l.*], c2021. Disponível em: https://casadaarquitectura.pt/pt/. Acesso em: 22 jun. 2024.

CASAS BRASILEIRAS. [*S. l.*], c2017. Disponível em: http://www.casasbrasileiras.arq.br/. Acesso em: 19 maio 2024.

COHEN, Jean-Louis. **Le Corbusier 1887-1965**: lirismo da arquitetura na era da máquina. Tradução: Francisco Paiva. Boléo, Singapura: Taschen, 2007.

COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e tradição clássica**: ensaios sobre arquitetura, 1980-1987. Tradução: Christiane Brito. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Precisões brasileiras**: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10898. Acesso em: 22 jun. 2024.

COSTA, Lucio. **Lucio Costa**: registro de uma vivência. 2. ed. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

COTRIM, Márcio. **Vilanova Artigas**: casas paulistas. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2017.

CURTIS, William J. R. **Arquitetura moderna desde 1900**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

D'ANDREA, Rafael Moreira. **Edifício Araucária**. [2020a]. 1 fotografia. Disponível em: https://refugiosurbanos.com.br/casas-predios/edificio-araucaria/. Acesso em: 7 jan. 2024.

D'ANDREA, Rafael Moreira. **Edifício Gravatá**. [2020b]. 1 fotografia. Disponível em: https://refugiosurbanos.com.br/casas-predios/edificio-gravata/. Acesso em: 7 jan. 2024.

ESPINOZA, José Carlos Huapaya; VASCONCELOS, Clara Demettino Castro. Lygia Fernandes: uma arquiteta modernista. *In*: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 13.,

2019, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2019. Disponível em: https://docomomobase.ufba.br/sites/docomomobase.ufba.br/files/lygia.pdf. Acesso em: 21 jun. 2024.

FAGUNDES, Ângela Cristiane. **Emil Bered**: e o edifício de apartamentos modernos em Porto Alegre, 1950-1980. 2022. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/236514. Acesso em: 21 jun. 2024.

FERRAZ, M. C. (org). **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 1993.

FLÁVIO, Lúcio. Catetinho - o Palácio de Tábuas. **Agência Brasília**. Brasília, DF, 8 ago. 2019. Disponível em: https://agenciabrasilia.df.gov.br/2019/08/08/catetinho-o-palacio-de-tabuas/. Acesso em: 19 maio 2024.

FONDATION LE CORBUSIER. [*S. l.*], c1963. Disponível em: https://www.fondationlecorbusier.fr/. Acesso em: 20 dez. 2023.

FRACALOSSI, Igor. Clássicos da arquitetura: Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho) / Affonso Eduardo Reidy. **ArchDaily**. [*S. l.*], 2 dez. 2011. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-12832/classicos-da-arquitetura-conjunto-residencial-prefeito-mendes-de-moraes-pedregulho-affonso-eduardo-reidy. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRACALOSSI, Igor. Uma das primeiras obras de Oscar Niemeyer: a Residência Herbert Johnson. **ArchDaily**. [*S. l.*], 15 dez. 2015. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/778815/uma-das-primeiras-obras-de-oscar-niemeyer-a-residencia-herbert-johnson. Acesso em: 18 set. 2023.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER. Rio de Janeiro, c1988. Disponível em: https://www.oscarniemeyer.org.br/. Acesso em: 22 jun. 2024.

GIEDION, Sigfried. **Espaço, tempo e arquitetura**: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOODWIN, Philip Lippincott. **Brazil builds**: architecture new and old, 1652-1942. New York: The Museum of Modern Art, 1943.

GOROVITZ, Matheus; FERREIRA, Marcílio Mendes. **A invenção da superquadra**. 2. ed. Brasília, DF: IPHAN, 2020.

GUIMARÃES, Marcos. A paisagem através da arquitetura. O edifício Niemeyer em Belo Horizonte. **Arquitextos**, São Paulo, ano 14, n. 161.01, out. 2013. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.161/4910. Acesso em: 21 jun. 2024.

GUIMARÃES, Maria Cristina F. B. **Patrimônio moderno e delito**: duas casas de Affonso Eduardo Reidy. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://proarq.fau.ufrj.br/teses-e-dissertacoes/957/patrimonio-moderno-e-delito-duas-casas-de-affonso-eduardo-reidy. Acesso em: 21 jun. 2024.

HECK, Márcia. **Casas modernas cariocas [1930-1965]**. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5250. Acesso em: 21 jun. 2024.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2022.

KON, Nelson. **Nelson Kon**: imagens da arquitetura brasileira. [*S. l.*], c2018. Disponível em: https://www.nelsonkon.com.br/. Acesso em: 19 maio 2024.

KUGEL, Seth. In Brazil, a jungle home. **The New York Times**. [*S. l.*], 6 Apr. 2010. Disponível em: https://www.nytimes.com/2010/04/07/greathomesanddestinations/07gh-brazil.html. Acesso em: 7 jan. 2023.

L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. Paris: Archipress & Associés, n. 18, p. 73, 1948.

LE CORBUSIER. Trois rappels à MM les architectes. **Revista L'Espirit Nouveau**, Paris, n. 4, p. 457-470, 1 janv. 1920. Disponível em: https://passerelles.essentiels.bnf.fr/fr/image/24d5780e-2ea4-4200-8569-ca08db9d9288-trois-rappels-mm-architectes-le-corbusier. Acesso em: 21 jun. 2024.

LE CORBUSIER. **Precisões**: sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2004a. (Coleção Face Norte).

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LE CORBUSIER. **A viagem do oriente**. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

LOGGIA. *In*: OXFORD Languages. [*S. l.*], c2024. Disponível em: https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/. Acesso em: 19 maio 2024.

MACIEL, Josinaide Silva Martins. **Olhar aproximado para as residências Souza Freire e Hora Oliveira**: bens modernistas de interesse cultural. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20823?locale=pt_BR. Acesso em: 21 jun. 2024.

MARCATO, Guilherme. **Edifício Prudência**. [2023]. 1 fotografia, color. Disponível em: https://refugiosurbanos.com.br/casas-predios/edificio-prudencia/. Acesso em: 19 maio 2024.

MARQUES, Sonia; NASLAVSKY, Guilah. Eu vi o modernismo nascer... foi no Recife. **Arquitextos**, São Paulo, ano 11, n. 131.02, abr. 2011. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.131/3826. Acesso em: 21 jun. 2024.

MELO, Marieta Dantas Tavares de. **Acácio Gil Borsoi**: arquitetura residencial paraibana. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Centro de Tecnologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/310. Acesso em: 21 jun. 2024.

MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

MINGLIANI, Audrey. Clássicos da arquitetura: Edifício Guaimbê / Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro. **ArchDaily**. [*S. l.*], 13 ago. 2014. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/625444/classicos-da-arquitetura-edificio-guaimbe-paulo-mendes-da-rocha-e-joao-eduardo-de-gennaro. Acesso em: 19 maio 2024.

MIRANTE. *In*: DICIONÁRIO online de português. [*S. l.*], c2024. Disponível em: https://www.dicio.com.br/mirante/. Acesso em: 20 fev. 2024.

MÖRSCH, Emil. **Le béton armé**: étude théorique et pratique. Paris: Ch. Béranger, 1909.

MOTIF. *In*: ETYMONLINE. [*S. l.*], c2024. Disponível em: https://www.etymonline.com/pt/word/motif. Acesso em: 15 ago. 2023.

NASLAVSKY, Guilah. **Arquitetura moderna em Pernambuco 1951-1972**: as contribuições de Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim. 2004. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

OLIVEIRA, Nathalia Cantergiani Fagundes de. **Depois do pilotis**: novas relações de permeabilidade na arquitetura brasileira. 2021. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230395. Acesso em: 21 jun. 2024.

PAULA, Rebeca Domiciano de. Edifício Anchieta: formalizando memórias e patrimonializando a arquitetura moderna. **Revista Cadernos de Pesquisa da Escola da Cidade**, [*s. l.*], n. 7, p. 57-69, 2019. Disponível em: https://ojs.escoladacidade.org/index.php/cadernos/article/view/189. Acesso em: 21 jun. 2024.

PEREIRA, Claudio Calovi. **Os irmãos Roberto e a arquitetura moderna no Rio de Janeiro (1936-1954)**. 1993. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52585. Acesso em: 21 jun. 2024.

PEREIRA, Maíra Teixeira. **As casas de Lina Bo Bardi e os sentidos de habitat**. 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/16420. Acesso em: 21 jun. 2024.

PETROSINO, Maurício Miguel. **João Batista Vilanova Artigas – residências unifamiliares**: a produção arquitetônica de 1937 a 1981. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-16032010-090950/pt-br.php. Acesso em: 21 jun. 2024.

REVISTA ACRÓPOLE. São Paulo: FAUUSP, 1938-1971. ISSN 2359-5361. Disponível em: http://www.acropole.fau.usp.br/. Acesso em: 22 jun. 2024.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. **Arquitetura em transe**: Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Lina Bo Bardi: nexos da arquitetura brasileira pós-Brasília [1960-85]. 2007. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-31102013-112303/pt-br.php. Acesso em: 21 jun. 2024.

SANTOS, Cecília Rodrigues; PEREIRA, Margareth da Silva. **Le Corbusier e o Brasil**. São Paulo: Tessela, 1987.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1998.

TELLES, Sophia S. Lucio Costa: monumentalidade e intimismo. *In*: GUERRA, Abilio (org.). **Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira**: parte 2. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2010. p. 173-206.

TURCHI, Thiago Pacheco. **Artigas e o Ed. Louveira**: edifícios residenciais e a verticalização de São Paulo na obra de Vilanova Artigas. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/19366. Acesso em: 21 jun. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. **Acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação**. Rio de Janeiro, c2024. Disponível em: https://npd.fau.ufrj.br/index.php. Acesso em: 22 jun. 2024.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. **Arquivo Arquitetura**. c2024. Disponível em: https://arquivoarquitetura.com/001/. Acesso em: 22 jun. 2024.

VARANDA. *In*: OXFORD Languages. [*S. l.*], c2024. Disponível em: https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/. Acesso em: 19 maio 2024.

VIDAL, Celma Chaves Pont. Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960. **Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n. 8, p. 145-191, 2008. Disponível em: https://fauufpa.org/wp-content/uploads/2015/03/camilo-sc3a1-porto-de-oliveira.pdf. Acesso em: 21 jun. 2024.

VILELA JÚNIOR, Adalberto José. **A casa na obra de João Filgueiras Lima, Lelé**. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

VOGT, Adolf Max. **Le Corbusier, the noble savage**: toward an archeology of modernism. Cambridge: MIT Press, 1998.

XAVIER, Alberto (org.). **Arquitetura moderna brasileira**: depoimento de uma geração. São Paulo: Pini; Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura; Fundação Vilanova Artigas, 1987.

APÊNDICE A – PLANILHA GERAL E REDESENHO DOS PILOTIS

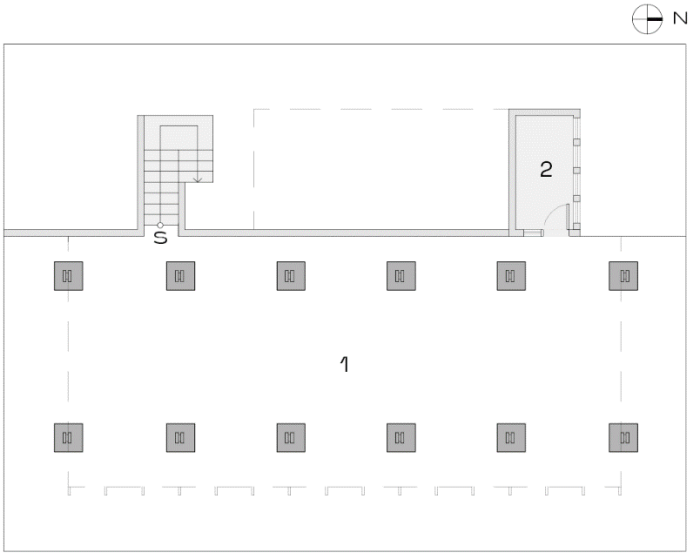
PILOTIS UNIFAMILIARES						
	Nº	PROJETO	ARQUITETO	LOCAL	ANO	CATEGORIA
NORTE	1	Casa do Cafundó	Severiano Mário Porto	Manaus/AM	1963	○ PILOTIS MIRANTE (1)
	2	Casa Thiago de Mello	Lucio Costa	Barreirinha/AM	1978	● PILOTIS AÉREO (1)
	3	Casa Schuster	Severiano Mário Porto	Manaus/AM	1978	● PILOTIS AÉREO (2)
NORDESTE	4	Casa Herbert Johnson	Oscar Niemeyer	Fortaleza/CE	1942	● PILOTIS AÉREO (3)
	5	Casa Waldemar Gantois ⓘ	Antônio de Almeida Rebouças	Salvador/BA	1952	● PILOTIS SERVIÇO (1)
	6	Casa Ernani de Souza Freire	Walter Freire Barros	Aracaju/SE	1953	● PILOTIS VARANDA (1)
	7	Casa João Paulo de Miranda Neto ⓘ	Lygia Fernandes	Maceió/AL	1953	● PILOTIS VARANDA (2)
	8	Casa Pompeu Maroja	Acácio Gil Borsoi	João Pessoa/PB	1954	● PILOTIS VARANDA (3)
	9	Casa José Lira ⓘ	Lygia Fernandes	Maceió/AL	1955	● PILOTIS VARANDA (4)
	10	Casa Luciano Costa Júnior	Acácio Gil Borsoi	Recife/PE	1955	● PILOTIS AÉREO (4)
	11	Casa Cassiano R. Coutinho	Acácio Gil Borsoi	João Pessoa/PB	1956	● PILOTIS VARANDA (5)
	12	Casa Austregésilo de Freitas	Acácio Gil Borsoi	João Pessoa/PB	1958	● PILOTIS VARANDA (6)
	13	Casa Joaquim Augusto	Acácio Gil Borsoi	João Pessoa/PB	1958	● PILOTIS VARANDA (7)
C. OESTE	14	Palácio do Catetinho	Oscar Niemeyer	Brasília/DF	1956	● PILOTIS AÉREO (5)
	15	Casa para o Ministro do Estado	João Filgueiras Lima	Brasília/DF	1965	● PILOTIS AÉREO (6)
	16	Casa José da Silva Netto	João Filgueiras Lima	Brasília/DF	1973	● PILOTIS AÉREO (7)
SUL	17	Casa João Luiz Bettega	Vilanova Artigas	Curitiba/PR	1953	● PILOTIS SERVIÇO (2)
	18	Casa José Barbosa	Ernani Vasconcellos	Curitiba/PR	1955	● PILOTIS VARANDA (8)
	19	Casa Niclewicz	Vilanova Artigas	Curitiba/PR	1978	● PILOTIS VARANDA (9)
SUDESTE	20	Chácara Coelho Duarte ⓘ	Lucio Costa	Rio de Janeiro/RJ	1930	○ PILOTIS MIRANTE (2)
	21	Vila Monlevade	Lucio Costa	Monlevade/MG	1934	○ PILOTIS MIRANTE (3)
	22	Casa sem dono 01 ⓘ	Lucio Costa	Não construída	1934	● PILOTIS VARANDA (10)
	23	Casa sem dono 03 ⓘ	Lucio Costa	Não construída	1934	● PILOTIS AÉREO (8)
	24	Casa Henrique Xavier	Oscar Niemeyer	Não construída	1936	● PILOTIS AÉREO (9)
	25	Casa na Urca ⓘ	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro/RJ	1936	● PILOTIS SERVIÇO (3)
	26	Casa Vital Brasil	Álvaro Vital Brasil	Rio de Janeiro/RJ	1940	○ PILOTIS MIRANTE (4)
	27	Casa Barão de Saavedra	Lucio Costa	Petrópolis/RJ	1942	● PILOTIS AÉREO (10)
	28	Casa do Arquiteto na Lagoa ⓘ	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro/RJ	1942	○ PILOTIS MIRANTE (5)
	29	Casa Francisco Peixoto	Oscar Niemeyer	Cataguases/MG	1943	● PILOTIS VARANDA (11)
	30	Casa Prudente de Morais Neto ⓘ	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro/RJ	1943	● PILOTIS VARANDA (12)
	31	Casa Gustavo Capanema Filho ⓘ	Oscar Niemeyer	Não construída	1947	● PILOTIS VARANDA (13)
	32	Casa '1947'	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro/RJ	1947	● PILOTIS VARANDA (14)
	33	Casa Mário Taques Bittencourt	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1949	● PILOTIS VARANDA (15)
	34	Casa do Arquiteto	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1949	● PILOTIS VARANDA (16)
	35	Casa de Campo George Hime ⓘ	Henrique Mindlin	Petrópolis/RJ	1949	○ PILOTIS MIRANTE (6)
	36	Casa de Heitor Almeida ⓘ	Vilanova Artigas	Santos/SP	1949	● PILOTIS VARANDA (17)
	37	Casa de Julian Czapski	Vilanova Artigas	Sumaré/SP	1949	○ PILOTIS MIRANTE (7)
	38	Casa do Morumbi	Lina Bo Bardi	São Paulo/SP	1951	○ PILOTIS MIRANTE (8)
	39	Casa Oswaldo Bratke	Oswaldo Bratke	São Paulo/SP	1951	○ PILOTIS MIRANTE (9)
	40	Casa em Jacarepaguá	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro/RJ	1952	○ PILOTIS MIRANTE (10)
	41	Casa Antonio Ceppas	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro/RJ	1952	● PILOTIS VARANDA (18)
	42	Casa de Olivo Gomes	Rino Levi	São José dos Campos/SP	1954	○ PILOTIS MIRANTE (11)
	43	Casa de Geraldo Baptista ⓘ	Olavo Redig de Campos	Petrópolis/RJ	1954	○ PILOTIS MIRANTE (12)
	44	Casa em Belo Horizonte ⓘ	Eduardo Mendes Guimarães Jr.	Belo Horizonte/MG	1954	● PILOTIS AÉREO (11)
	45	Casa Jadir de Souza ⓘ	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro/RJ	1954	● PILOTIS VARANDA (19)
	46	Casa de Lauro S. Carvalho ⓘ	Henrique Mindlin	Petrópolis/RJ	1955	○ PILOTIS MIRANTE (13)
	47	Casa Olga Baeta	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1956	● PILOTIS VARANDA (20)
	48	Casa Gilberto Ferraz da Silva	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro/RJ	1956	● PILOTIS VARANDA (21)
	49	Casa na praia	Lina Bo Bardi	Não construída	1957	● PILOTIS AÉREO (12)
	50	Casa Saldanha Werneck	Marcelo e Milton Roberto	Rio de Janeiro/RJ	1959	● PILOTIS VARANDA (22)
	51	Casa em Itaipava	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro/RJ	1959	● PILOTIS AÉREO (13)
	52	Casa do Arquiteto	Paulo Mendes da Rocha	São Paulo/SP	1964	● PILOTIS AÉREO (14)
	53	Casa Mario Masetti	Paulo Mendes da Rocha	São Paulo/SP	1969	● PILOTIS AÉREO (15)
	54	Casa James Francis King	Paulo Mendes da Rocha	São Paulo/SP	1972	● PILOTIS AÉREO (16)
	55	Casa Alfred Gunther Domschek	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1973	● PILOTIS VARANDA (23)
	56	Casa Maria Elisa e Helena Costa	Lucio Costa	Rio de Janeiro/RJ	1979	● PILOTIS SERVIÇO (4)

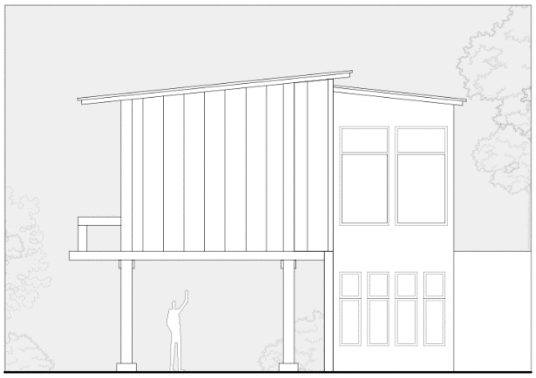
OBS: Nos projetos sinalizados com ⓘ foram localizadas somente as plantas-baixas, e nos sinalizados com ⓝ nenhum desenho arquitetônico foi localizado.

PILOTIS MULTIFAMILIARES						
	Nº	PROJETO	ARQUITETO	LOCALIZAÇÃO	ANO	CATEGORIA
NORTE	57	Edifício São Miguel ⓝ	Agenor P. de Carvalho	Belém/PA	1957	PILOTIS AÉREO (17)
	58	Edifício Felícia ⓝ	Alcyr Meira	Belém/PA	1964	PILOTIS AÉREO (18)
NORDESTE	59	Edifício Califórnia	Acácio Gil Borsoi	Recife/PE	1953	PILOTIS VARANDA (24)
	60	Ed. Banco Hipotecário Lar Brasileiro	Acácio Gil Borsoi	Recife/PE	1954	PILOTIS AÉREO (19)
	61	Edifício Bortilotte ⓝ	Antônio de Almeida Rebouças	Salvador/BA	1955	PILOTIS PRAÇA (1)
	62	Edifício Acaiaca	Delfim Amorim	Recife/PE	1957	PILOTIS AÉREO (20)
C. O	63	Bloco F 308 Sul	Marcelo Campello et al	Brasília/DF	1960	PILOTIS PRAÇA (2)
	64	Bloco I 105 Sul	Hélio Uchôa	Brasília/DF	1960	PILOTIS PRAÇA (3)
SUL	65	Edifício Linck	Emil Bered	Porto Alegre/RS	1952	PILOTIS VARANDA (25)
	66	Edifício Redenção ⓘ	Emil Bered	Porto Alegre/RS	1954	PILOTIS VARANDA (26)
SUDESTE	67	Edifício Anchieta ⓘ	Marcelo e Milton Roberto	São Paulo/SP	1941	PILOTIS VARANDA (27)
	68	Edifício Prudência ⓘ	Rino Levi	São Paulo/SP	1944	PILOTIS PRAÇA (4)
	69	Edifício Louveira	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1946	PILOTIS PRAÇA (5)
	70	Conjunto Pedregulho	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro/RJ	1947	PILOTIS MIRANTE (14)
	71	Edifício Dona Fátima e Finúsia ⓘ	Marcelo e Milton Roberto	Rio de Janeiro/RJ	1947	PILOTIS AÉREO (21)
	72	Conjunto Governador Kubitschek	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte/MG	1952	PILOTIS AÉREO (22)
	73	Edifício Niemeyer	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte/MG	1952	PILOTIS AÉREO (23)
	74	Parque Guinle	Lucio Costa	Rio de Janeiro/RJ	1954	PILOTIS MIRANTE (15)
	75	Edifício Solar ⓘ	Ulpiano Nunes Muniz	Belo Horizonte/MG	1957	PILOTIS AÉREO (24)
	76	Edifício Guaimbê	Paulo Mendes da Rocha	São Paulo/SP	1962	PILOTIS AÉREO (25)
	77	Edifício Gravatá	Rino Levi	São Paulo/SP	1964	PILOTIS AÉREO (26)
	78	Edifício Normandie ⓝ	Roberto Félix Veronese	Florianópolis/SC	1964	PILOTIS AÉREO (27)
	79	Edifício Araucária	Rino Levi	São Paulo/SP	1965	PILOTIS AÉREO (28)
	80	Conjunto CECAP Guarulhos	Vilanova Artigas	Guarulhos/SP	1967	PILOTIS PRAÇA (6)

OBS: Nos projetos sinalizados com ⓘ foram localizadas somente as plantas-baixas, e nos sinalizados com ⓝ nenhum desenho arquitetônico foi localizado.

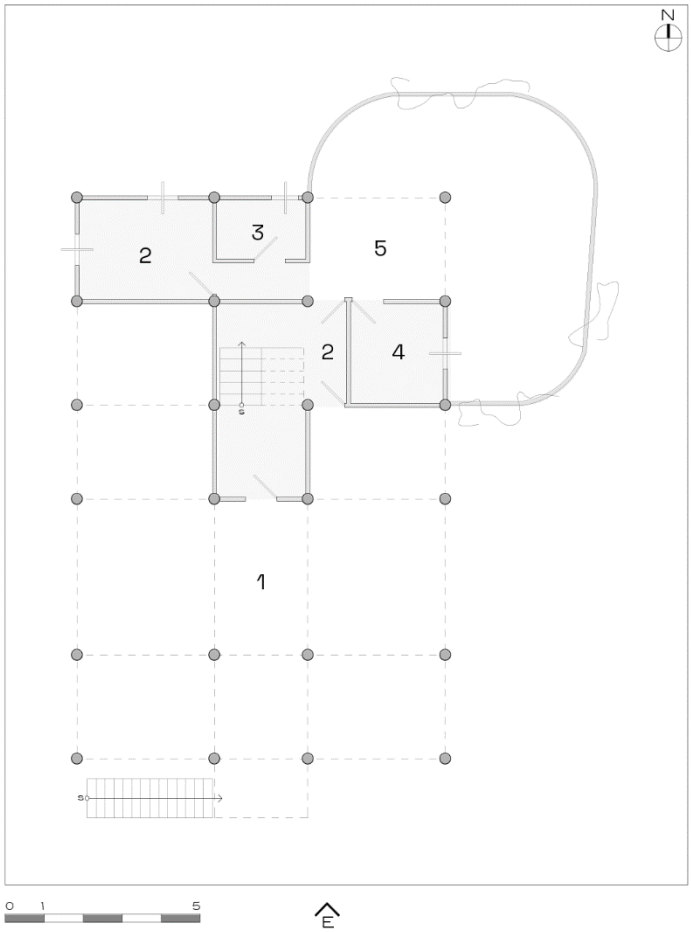
REDESENHOS					
PILOTIS UNIFAMILIARES					
1	Casa do Cafundó	Severiano Mário Porto	Manaus/AM	1963	PILOTIS MIRANTE (1)





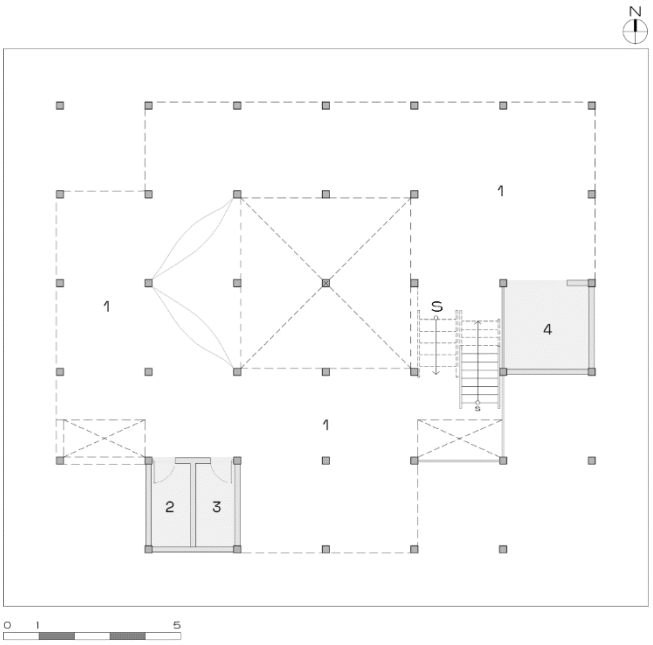
LEGENDA
1. Pilotis
2. Banheiro

2	Casa Thiago de Mello	Lucio Costa	Barreirinha/AM	1978	PILOTIS AÉREO (1)

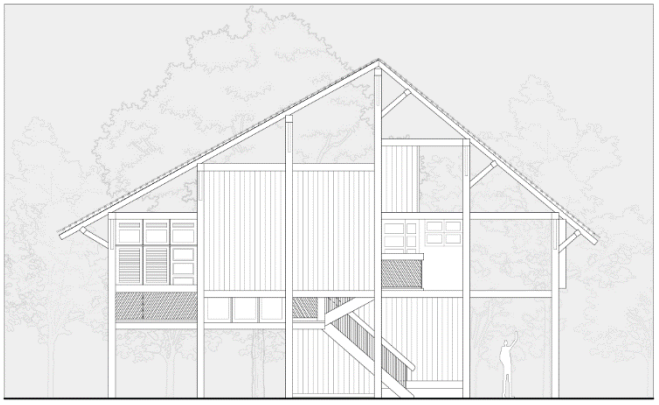


LEGENDA
1. Pilotis
2. Depósito
3. Banheiro
4. Sala
5. Área de serviço

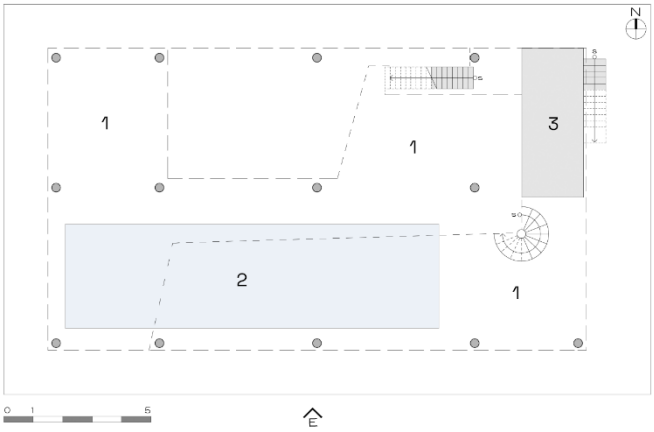
3	Casa Schuster	Severiano Mário Porto	Manaus/AM	1978	PILOTIS AÉREO (2)

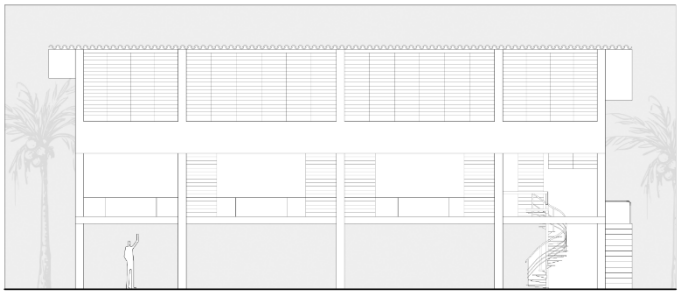


LEGENDA
1. Pilotis
2. Banheiro
3. Depósito
4. Cozinha



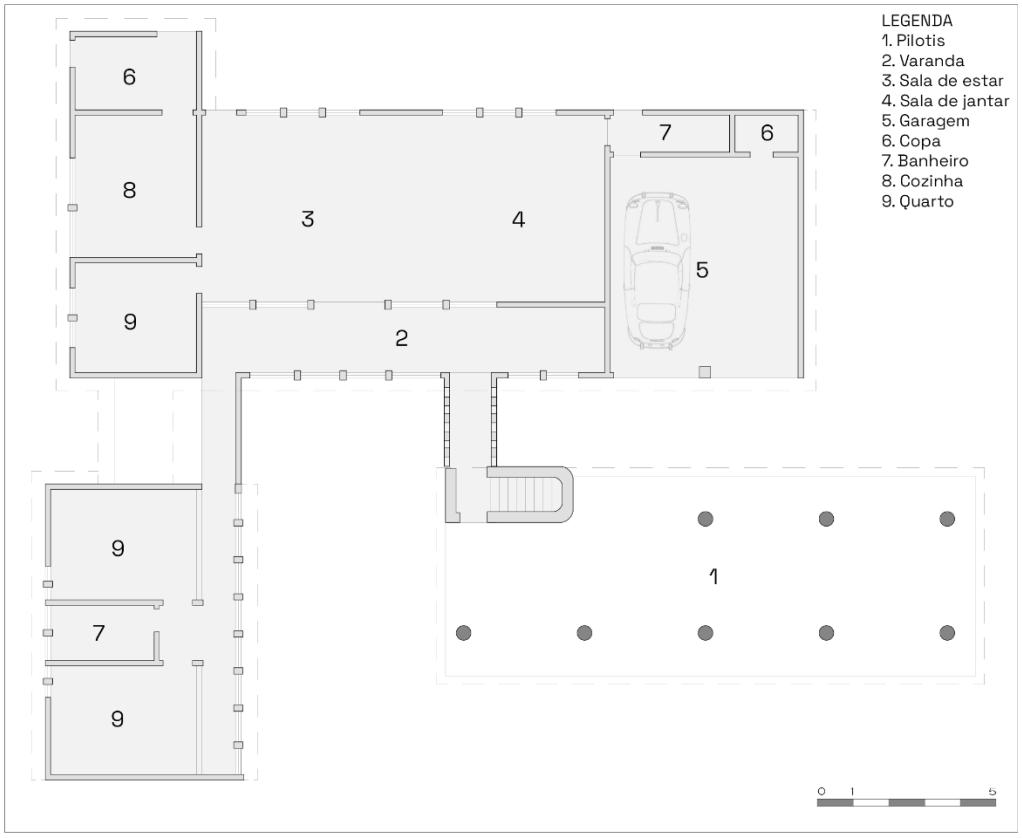
4	Casa Herbert Johnson	Oscar Niemeyer	Fortaleza/CE	1942	PILOTIS AÉREO (3)



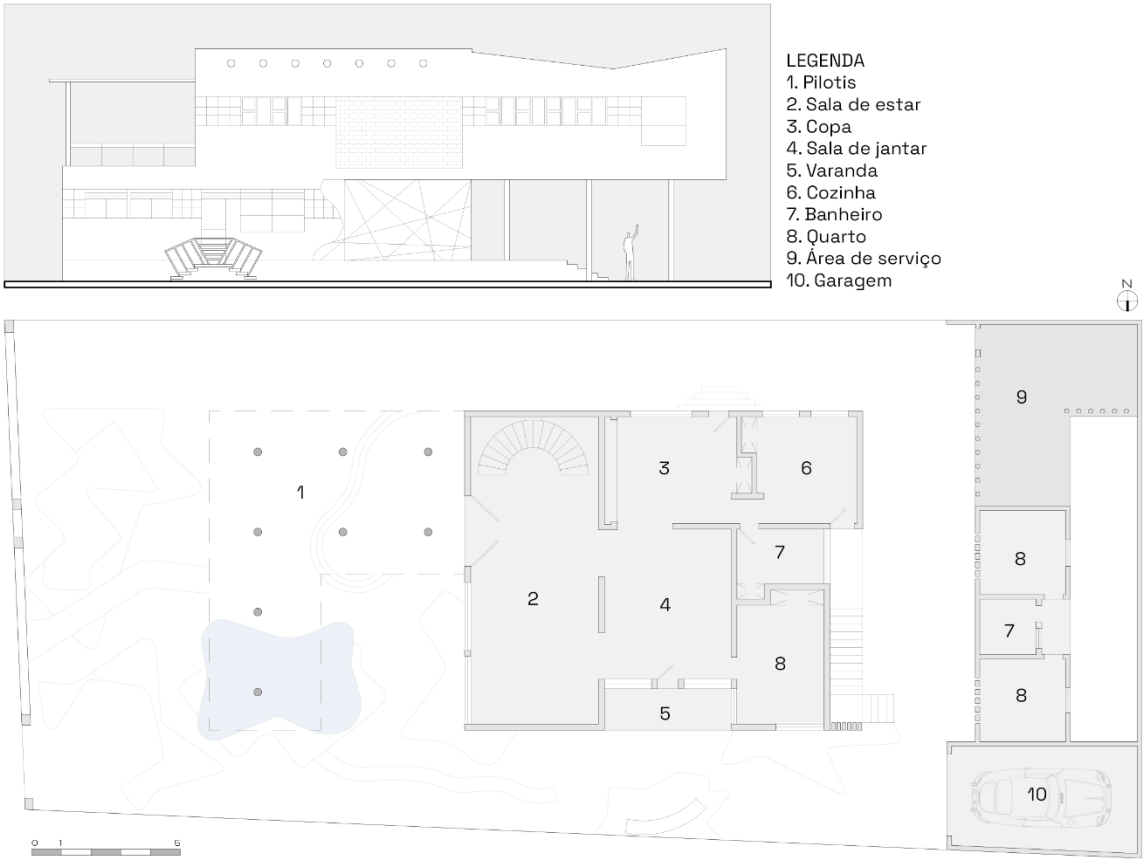


LEGENDA
1. Pilotis
2. Piscina
3. Área de serviço

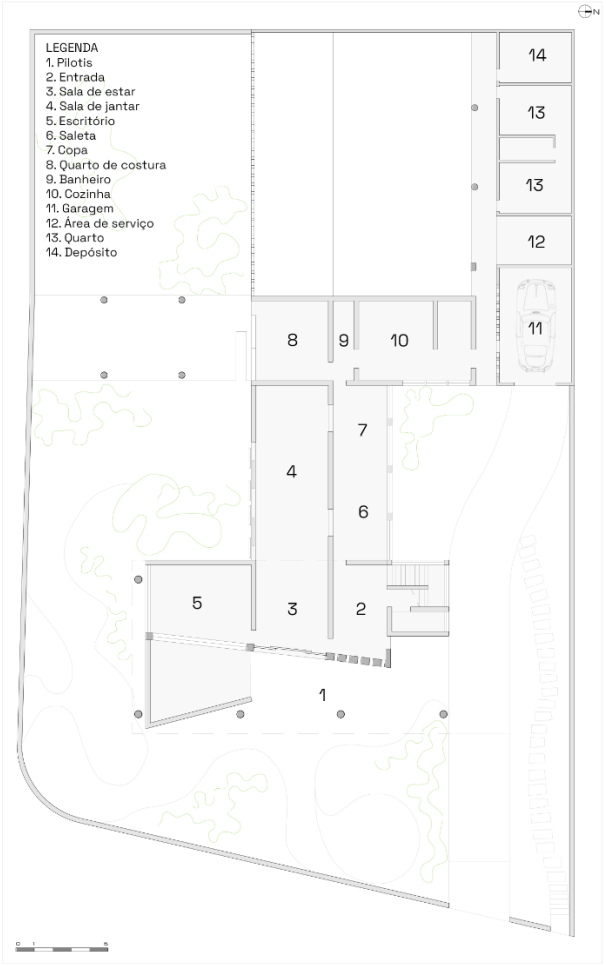
5	Casa Waldemar Gantois	Antônio de Almeida Rebouças	Salvador/BA	1952	PILOTIS SERVIÇO (1)



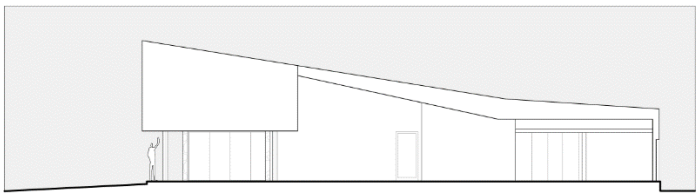
6	Casa Ernani de Souza Freire	Walter Freire Barros	Aracaju/SE	1953	PILOTIS VARANDA (1)

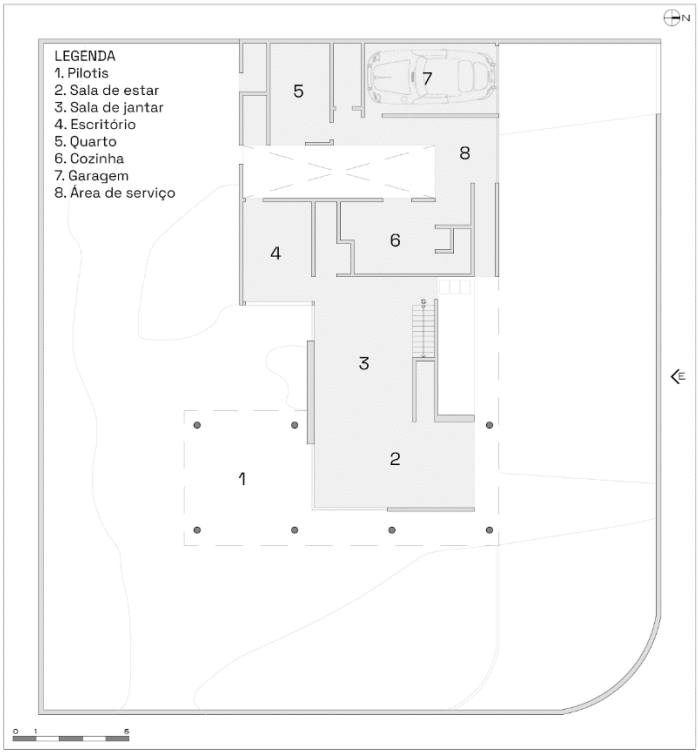


7	Casa João Paulo de Miranda Neto	Lygia Fernandes	Maceió/AL	1953	PILOTIS VARANDA (2)

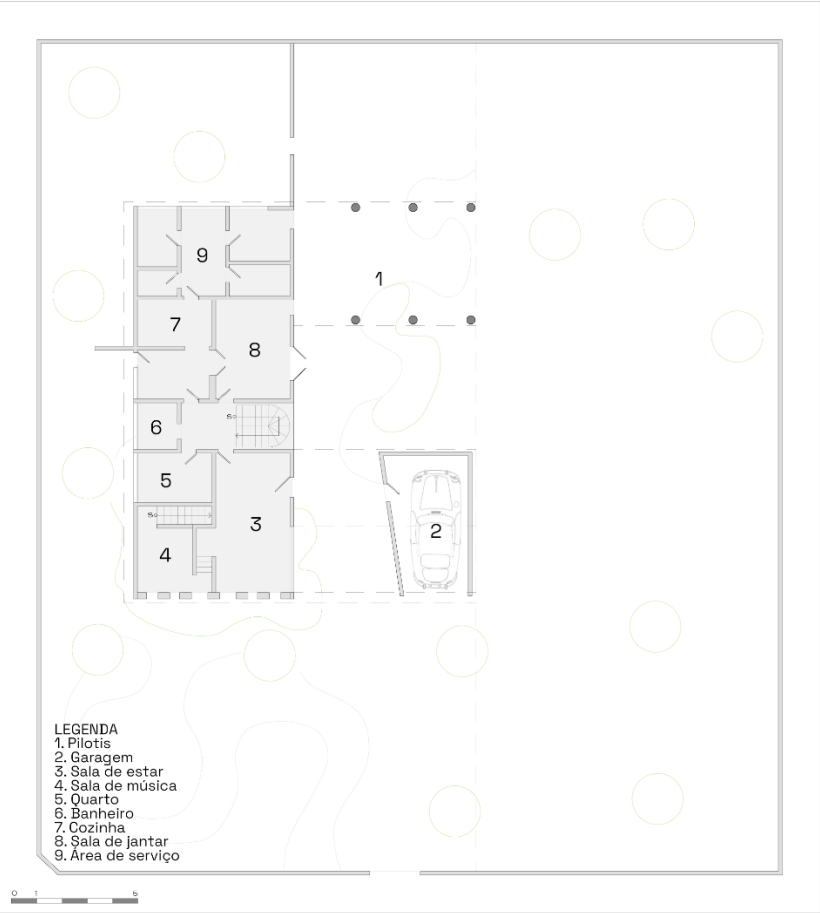


8	Casa Pompeu Maroja	Acácio Gil Borsoi	João Pessoa/PB	1954	PILOTIS VARANDA (3)

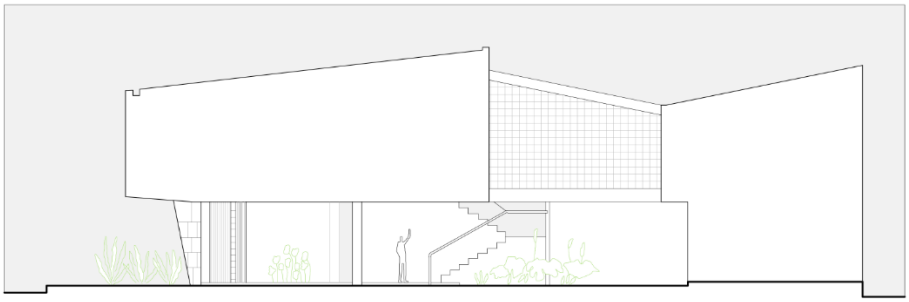




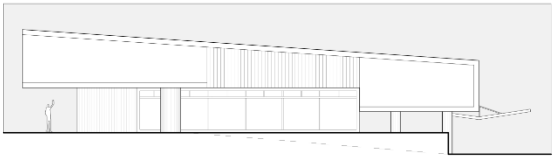
9	Casa José Lira	Lygia Fernandes	Maceió/AL	1955	PILOTIS VARANDA (4)



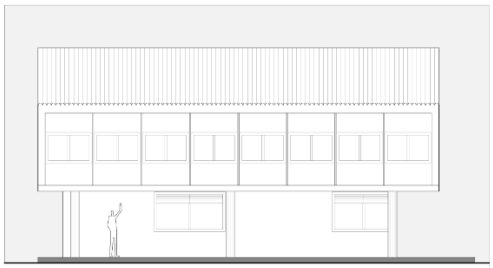
10	Casa Luciano Costa Júnior	Acácio Gil Borsoi	Recife/PE	1955	PILOTIS AÉREO (4)



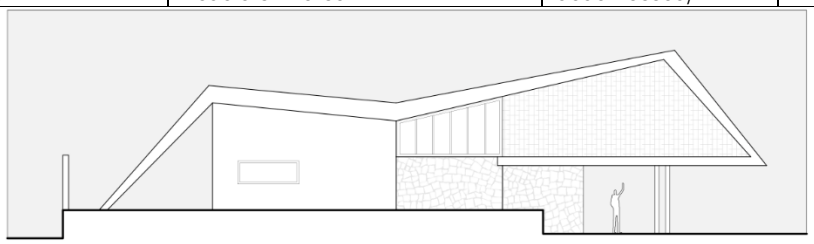
11	Casa Cassiano R. Coutinho	Acácio Gil Borsoi	João Pessoa/PB	1956	PILOTIS VARANDA (5)



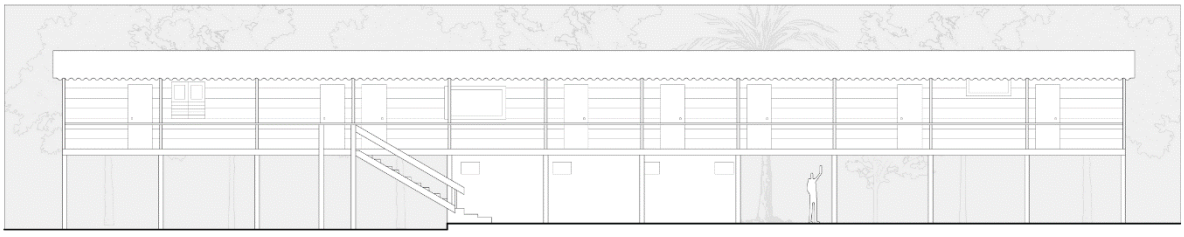
12	Casa Austregésilo de Freitas	Acácio Gil Borsoi	João Pessoa/PB	1958	PILOTIS VARANDA (6)

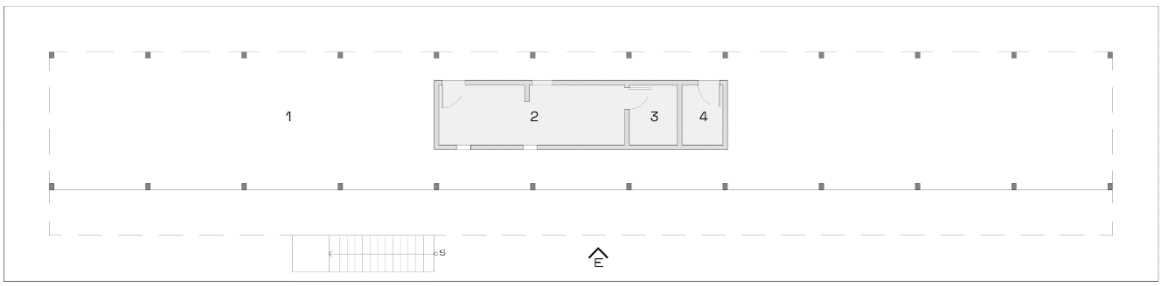


13	Casa Joaquim Augusto	Acácio Gil Borsoi	João Pessoa/PB	1958	PILOTIS VARANDA (7)



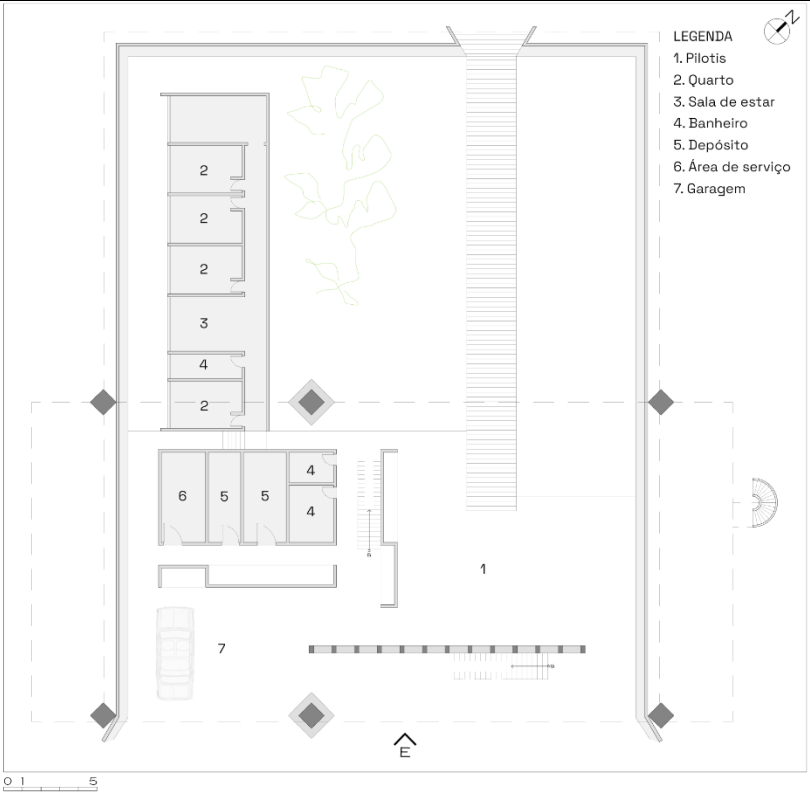
14	Palácio do Catetinho	Oscar Niemeyer	Brasília/DF	1956	PILOTIS AÉREO (5)

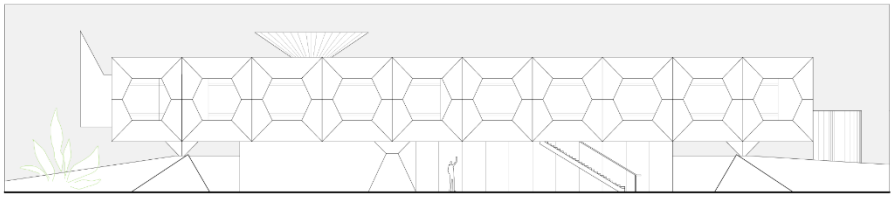




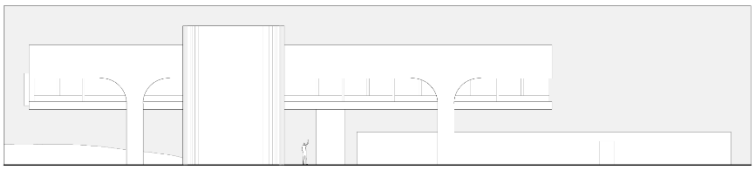
LEGENDA
1. Pilotis
2. Despensa
3. Depósito
4. Banheiro

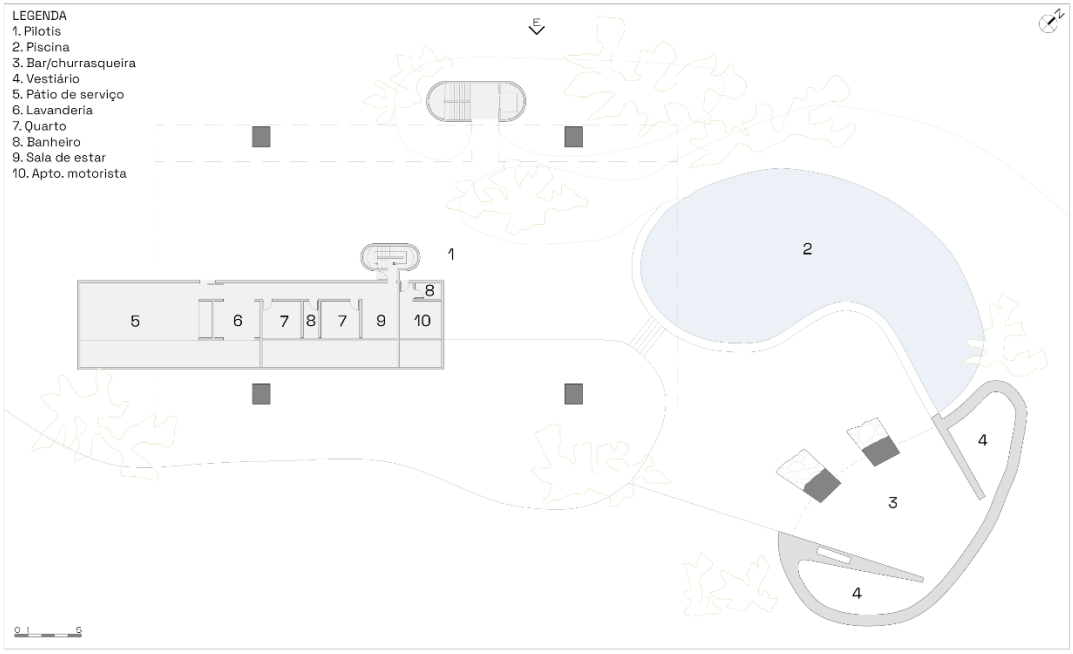
15	Casa para o Ministro do Estado	João Filgueiras Lima	Brasília/DF	1965	PILOTIS AÉREO (6)



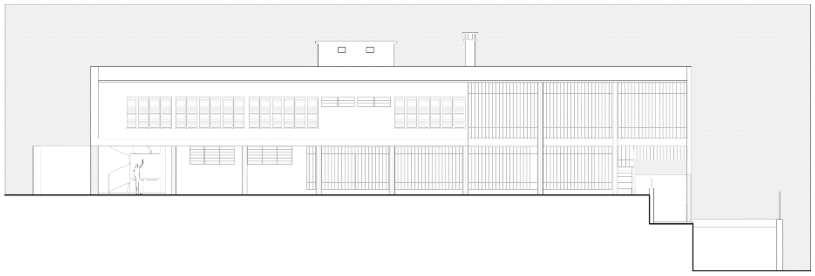


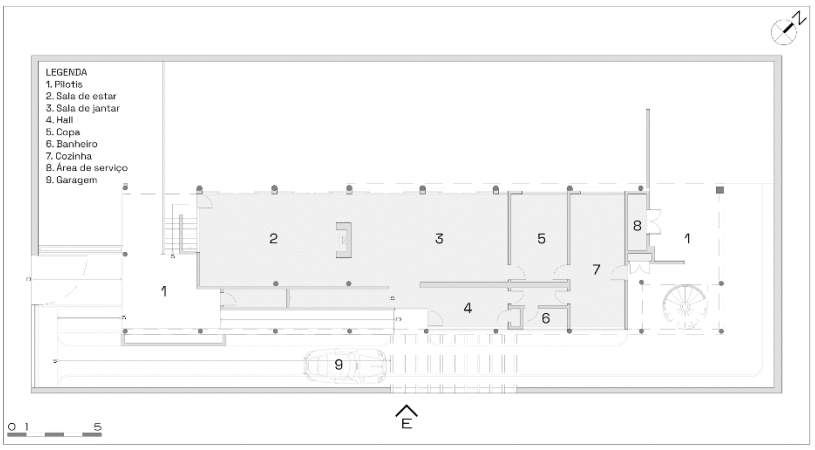
16	Casa José da Silva Netto	João Filgueiras Lima	Brasília/DF	1973	PILOTIS AÉREO (7)



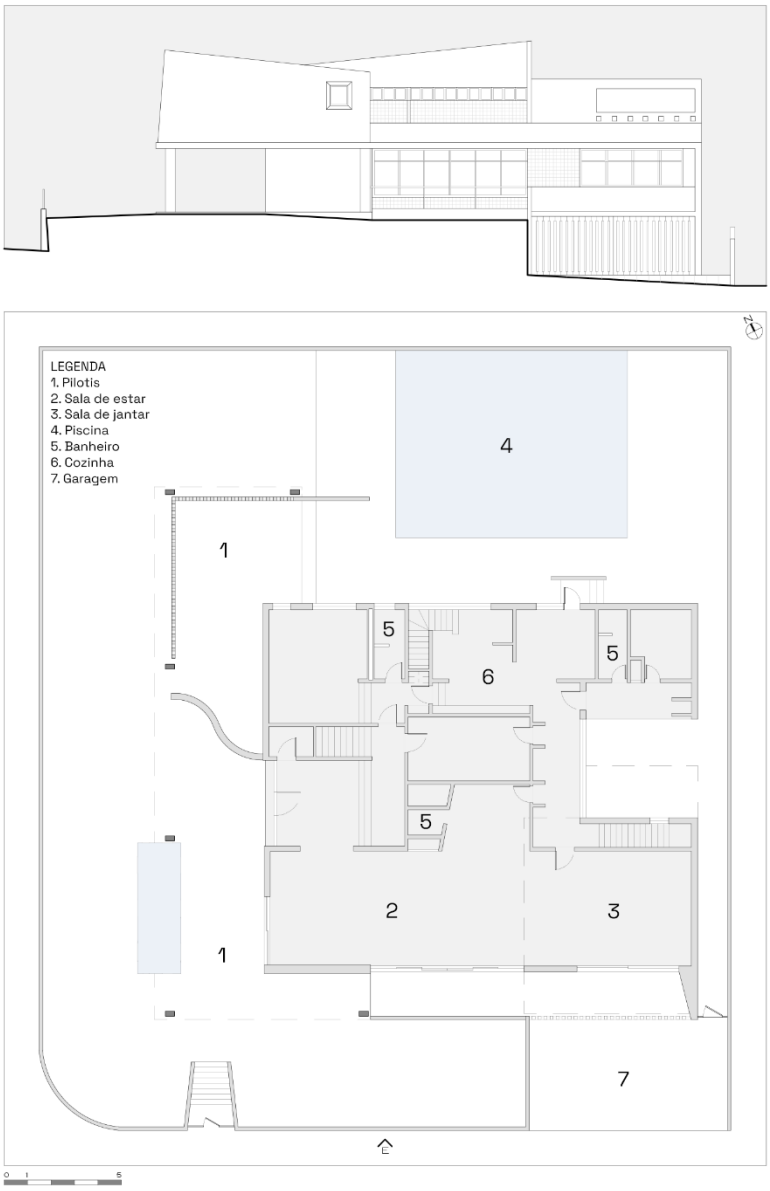


17	Casa João Luiz Bettega	Vilanova Artigas	Curitiba/PR	1953	? PILOTIS SERVIÇO (2)

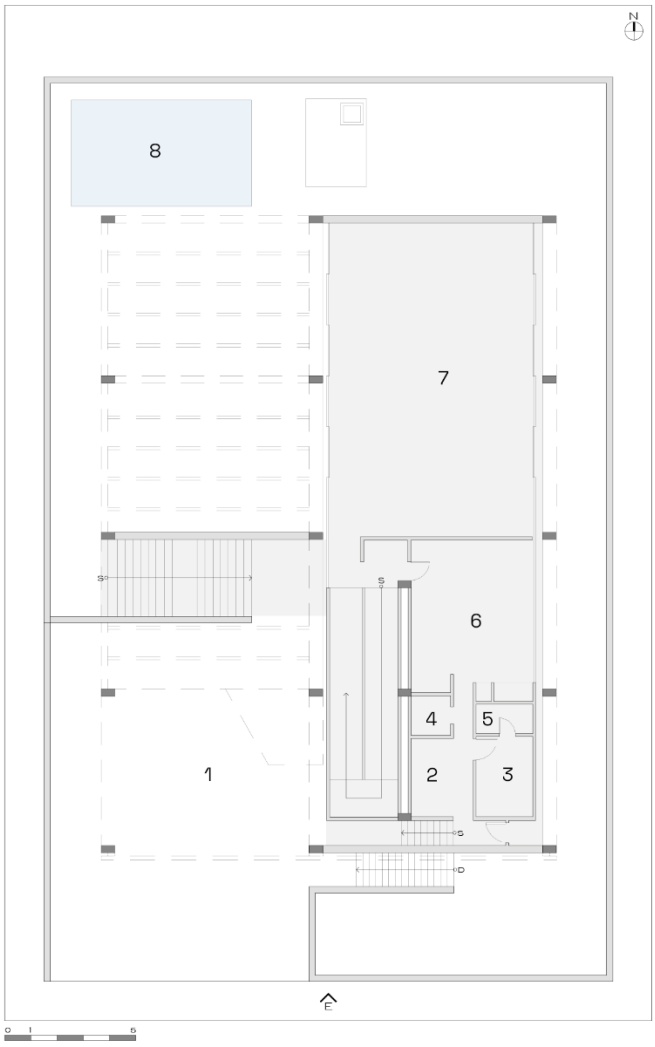


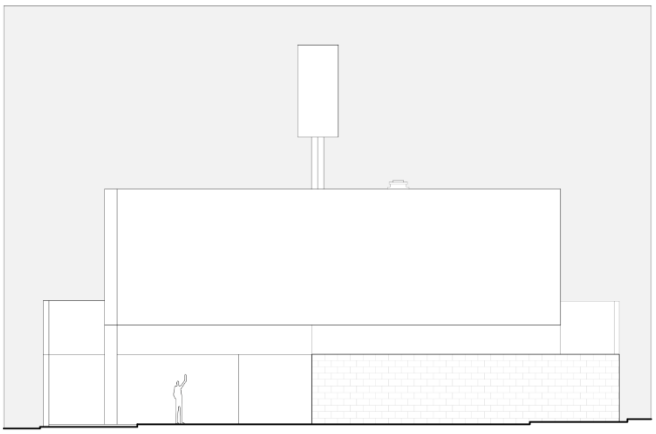


18	Casa José Barbosa	Ernani Vasconcellos	Curitiba/PR	1955	PILOTIS VARANDA (8)



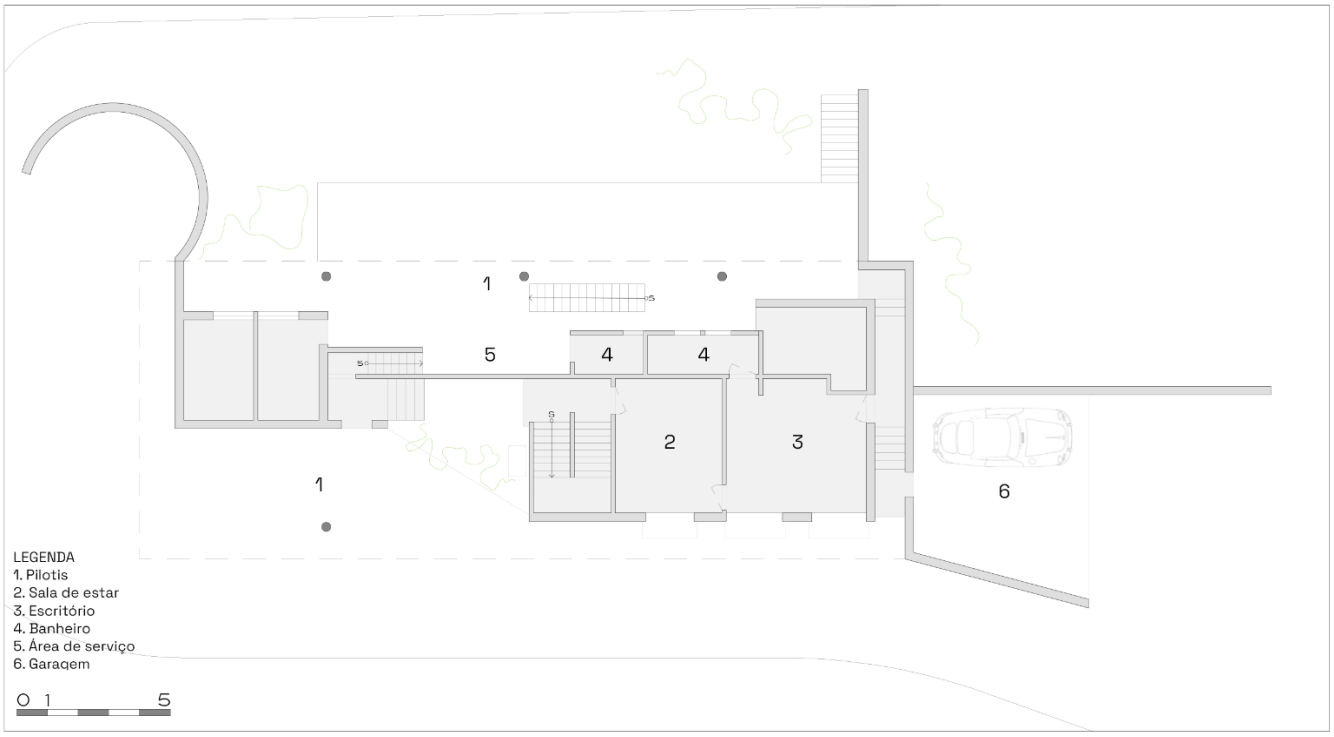
19	Casa Niclewicz	Vilanova Artigas	Curitiba/PR	1978	PILOTIS VARANDA (9)



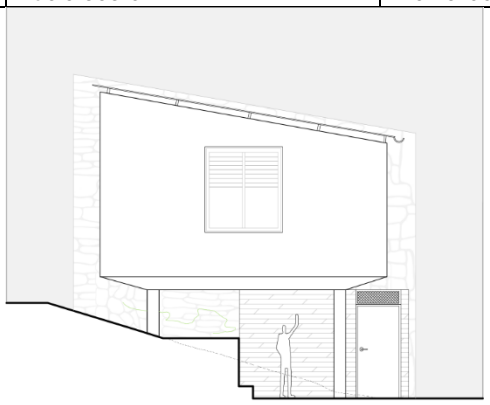


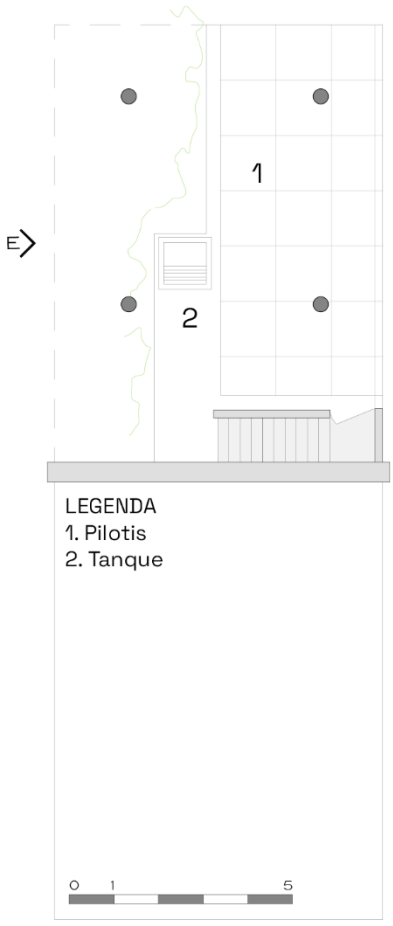
LEGENDA
1. Pilotis
2. Área de serviço
3. Quarto
4. Despensa
5. Banheiro
6. Cozinha
7. Sala de estar
8. Piscina

20	Chácara Coelho Duarte	Lucio Costa	Rio de Janeiro/RJ	1930	PILOTIS MIRANTE (2)



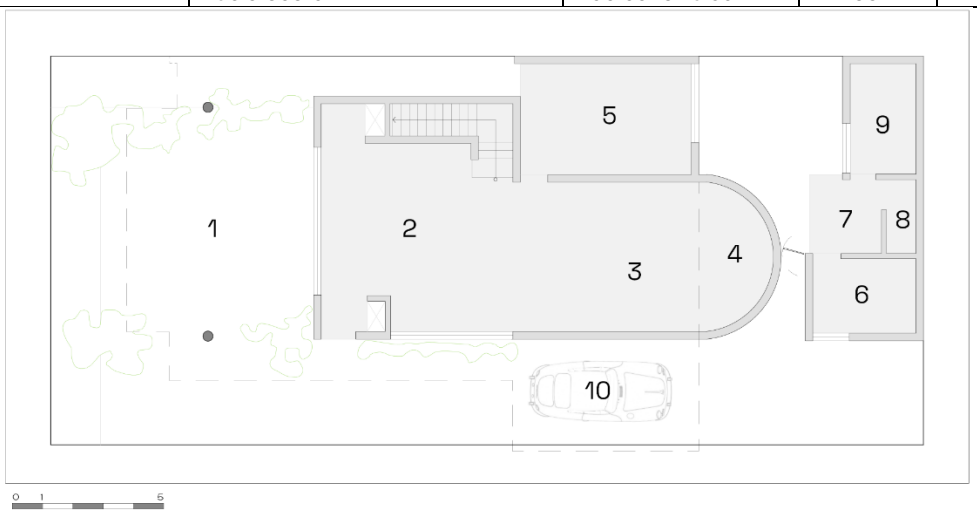
21	Vila Monlevade	Lucio Costa	Monlevade/MG	1934	PILOTIS MIRANTE (3)





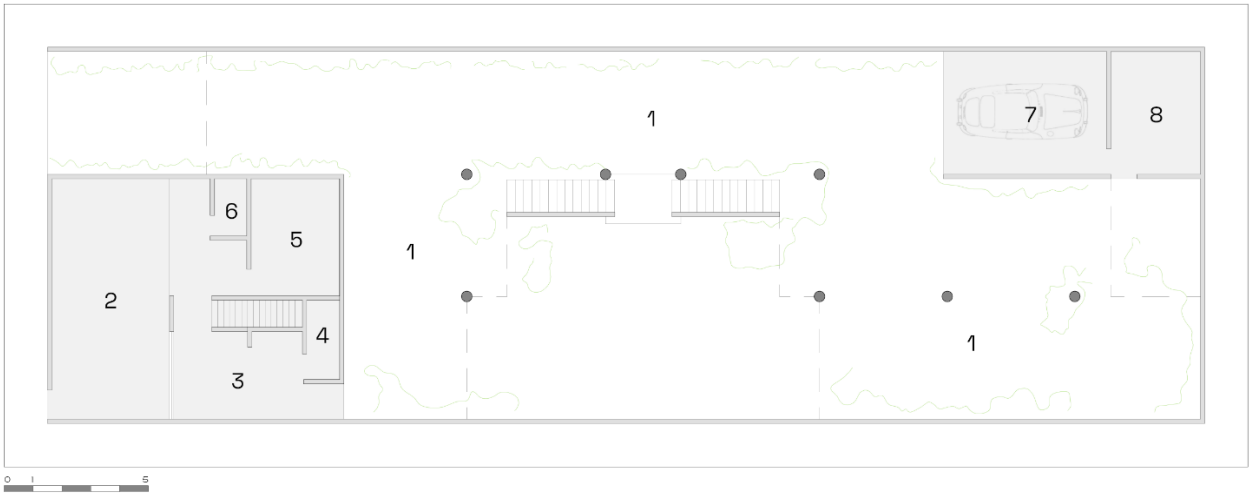
22	Casa sem dono 01	Lucio Costa	Não construída	1934	PILOTIS VARANDA (10)

LEGENDA
1. Pilotis
2. Sala de estar
3. Sala de jantar
4. Terraço
5. Cozinha
6. Quarto
7. Área de serviço
8. Banheiro
9. Área comum

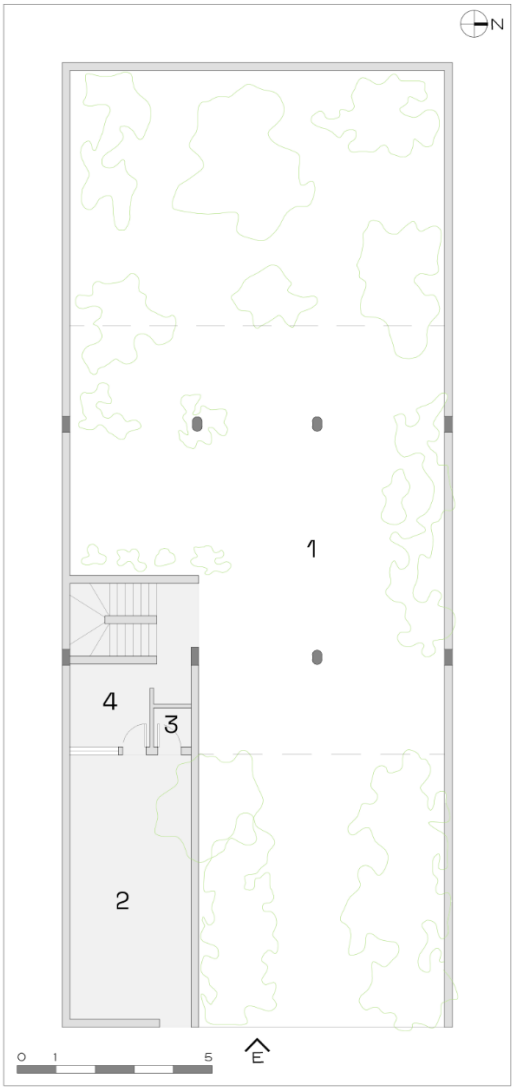


23	Casa sem dono 03	Lucio Costa	Não construída	1934	PILOTIS AÉREO (8)

LEGENDA
1. Pilotis
2. Área de serviço
3. Cozinha
4. Despensa
5. Quarto
6. Banheiro
7. Garagem
8. Depósito

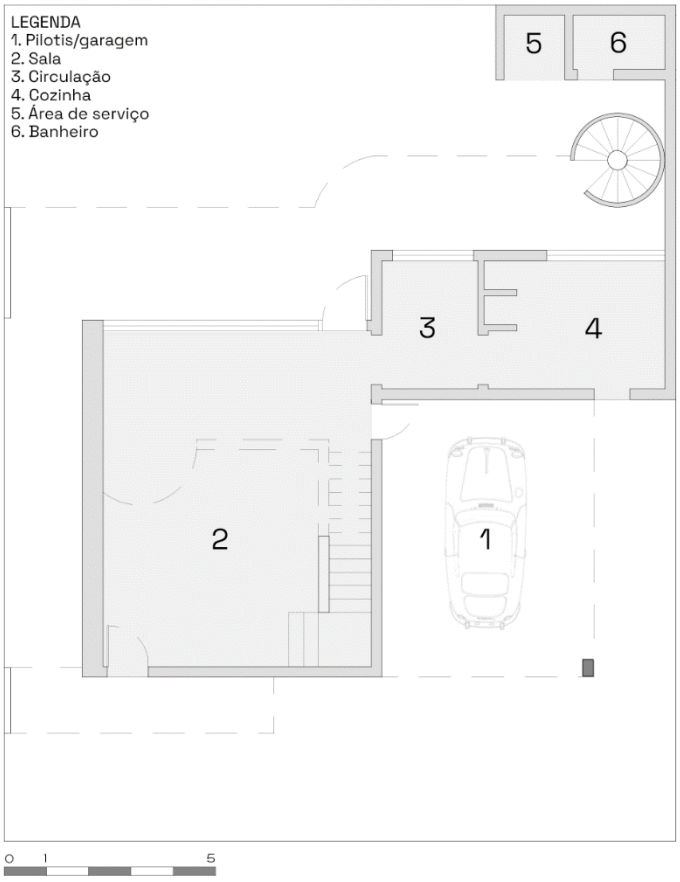


24	Casa Henrique Xavier	Oscar Niemeyer	Não construída	1936	PILOTIS AÉREO (9)

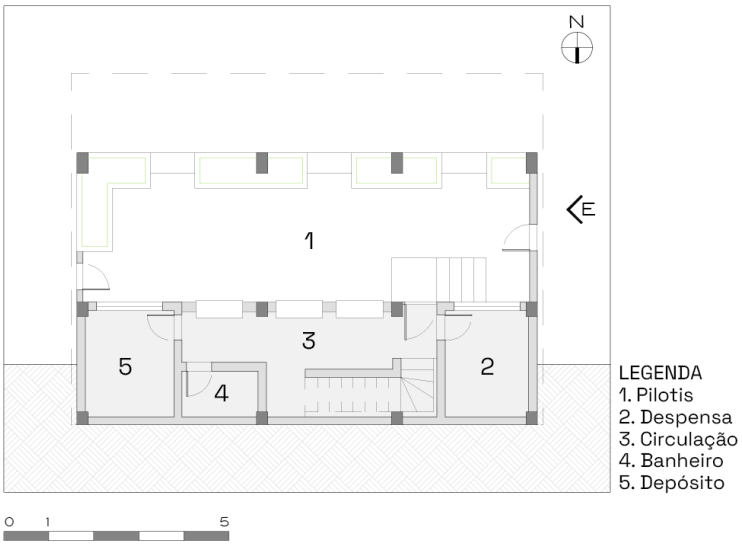


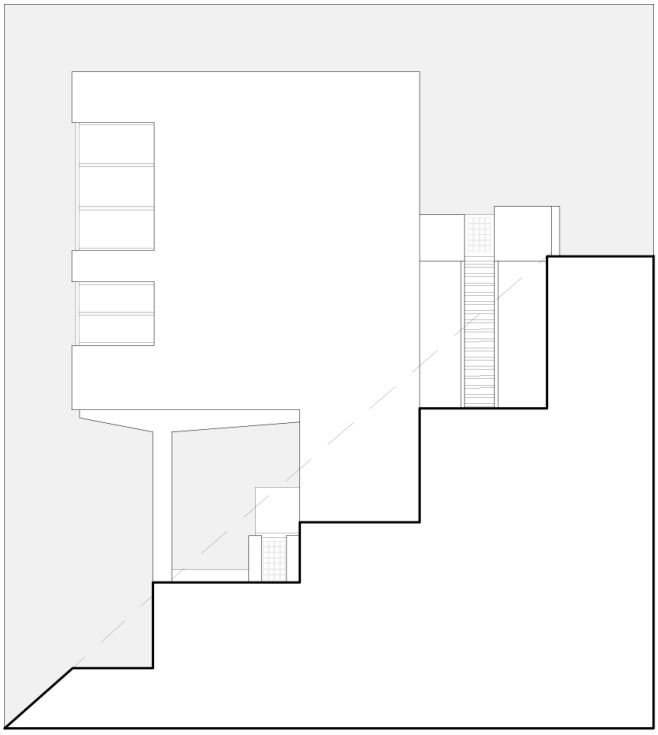
LEGENDA
1. Pilotis
2. Área de serviço
3. Banheiro
4. Hall

25	Casa na Urca	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro/RJ	1936	PILOTIS SERVIÇO (3)

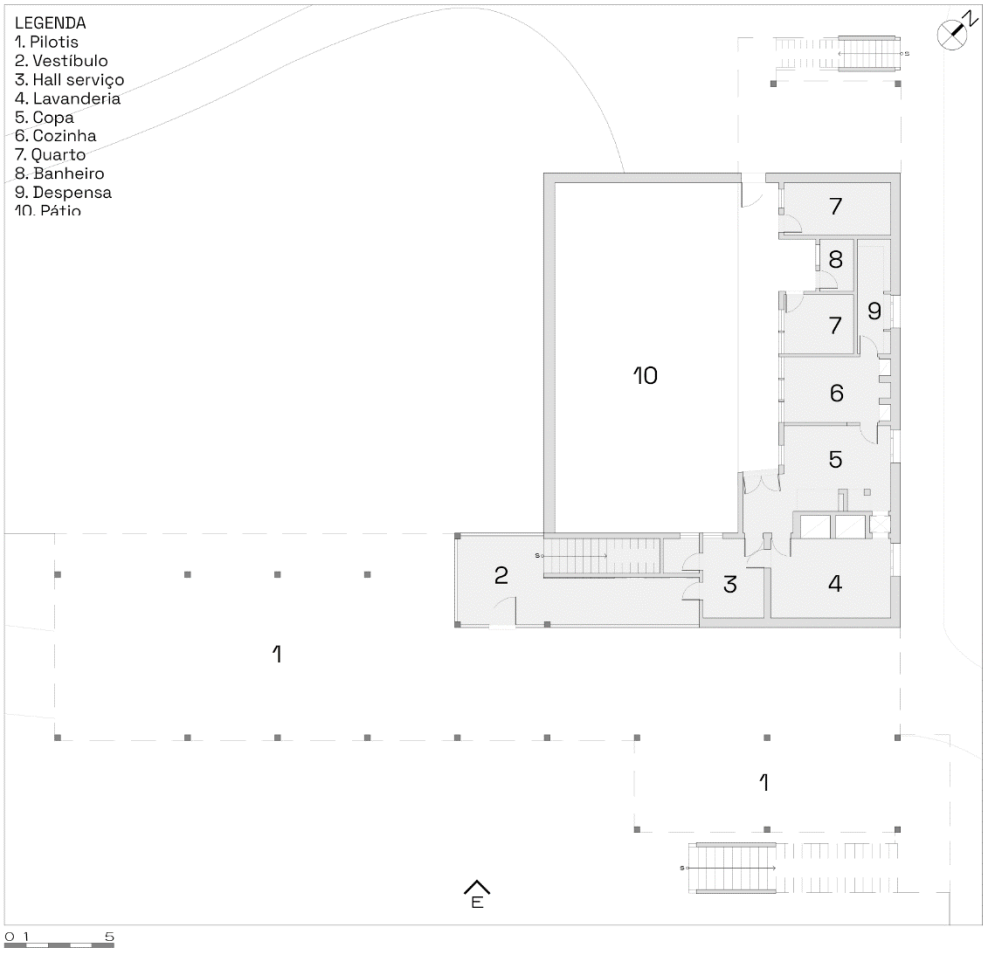


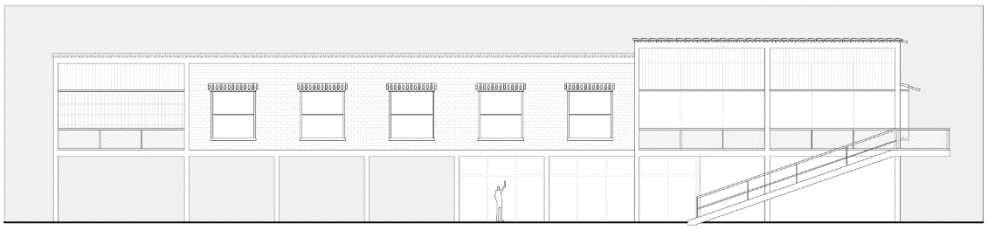
26	Casa Vital Brasil	Álvaro Vital Brasil	Rio de Janeiro/RJ	1940	PILOTIS MIRANTE (4)



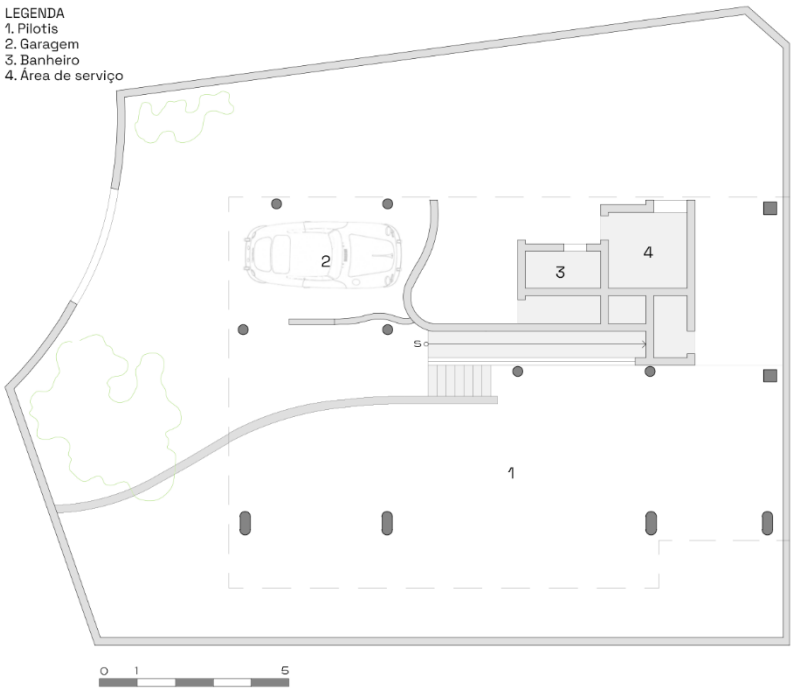


27	Casa Barão de Saavedra	Lucio Costa	Petrópolis/RJ	1942	PILOTIS AÉREO (10)

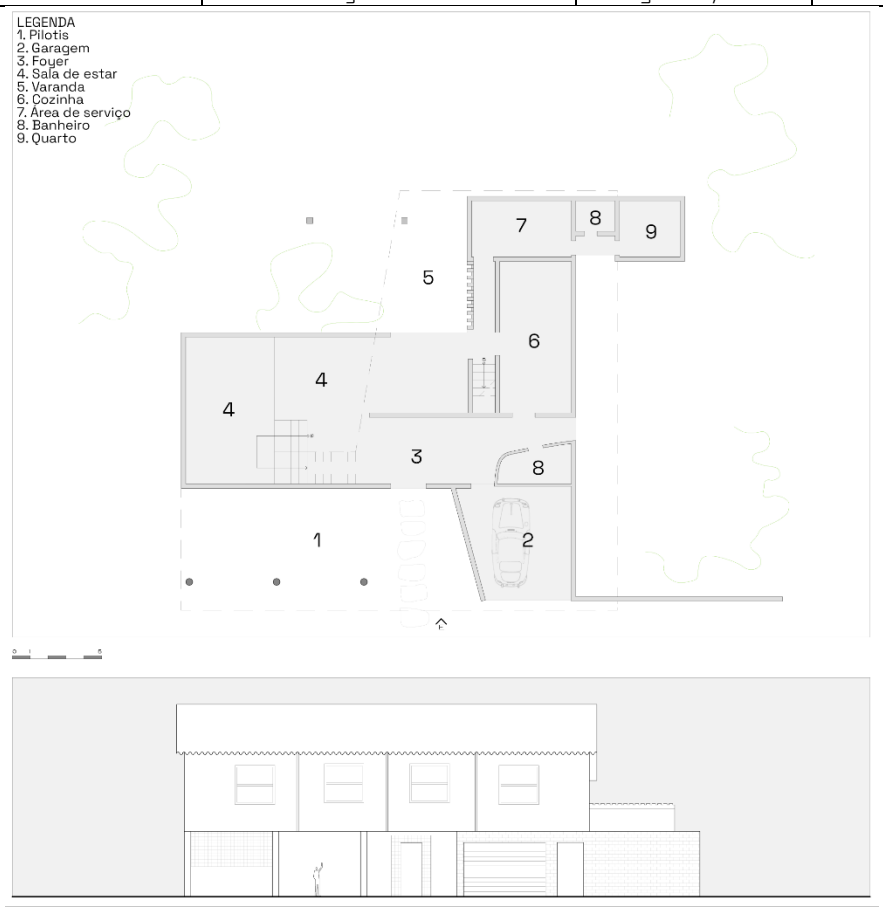




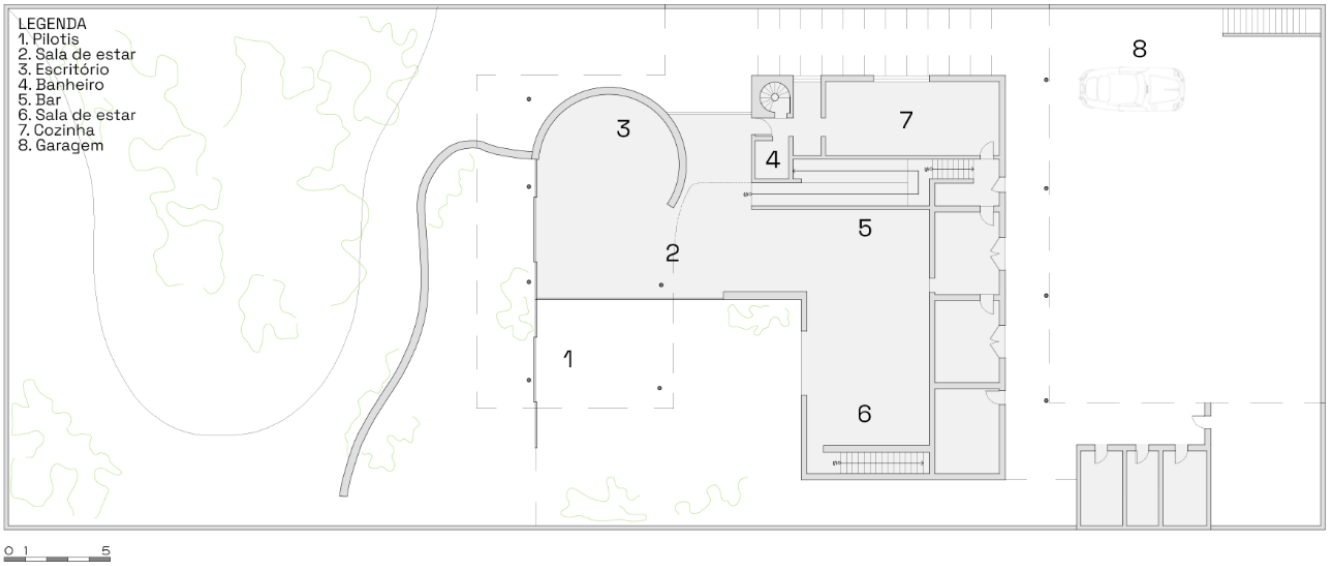
28	Casa do Arquiteto na Lagoa	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro/RJ	1942	PILOTIS MIRANTE (5)



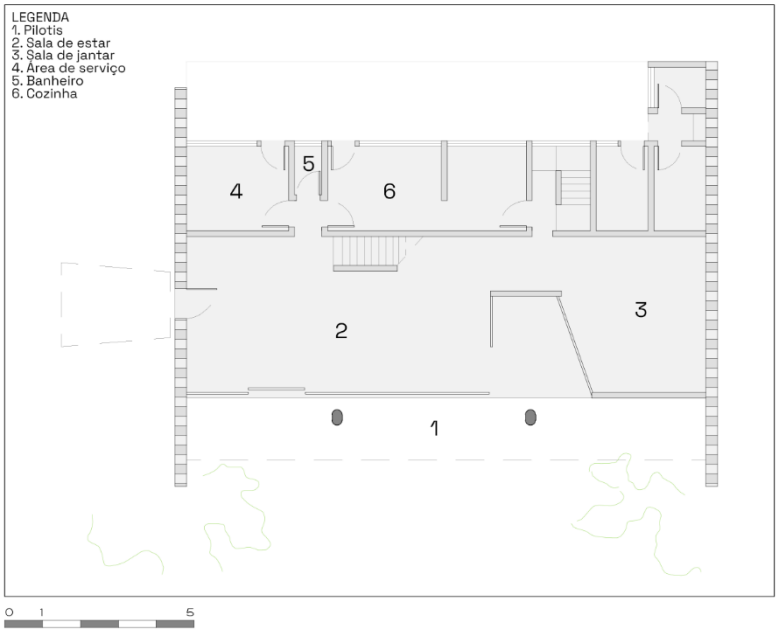
29	Casa Francisco Peixoto	Oscar Niemeyer	Cataguases/MG	1943	PILOTIS VARANDA (11)



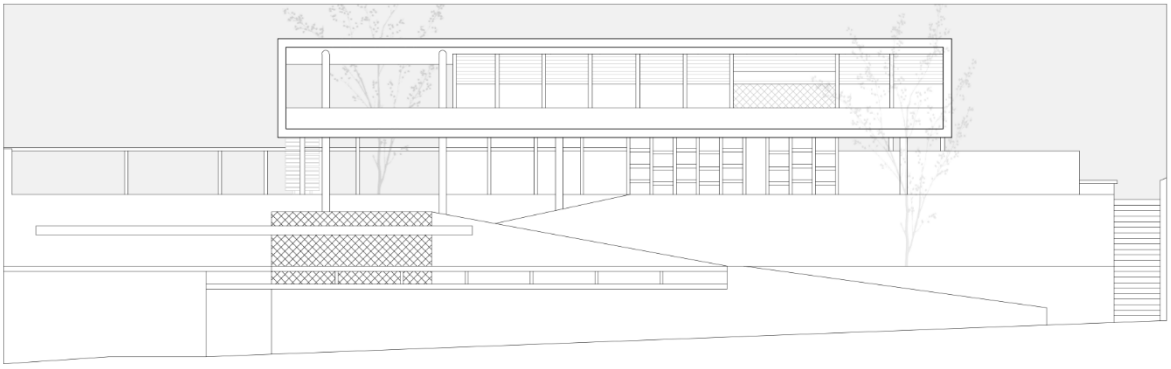
30	Casa Prudente de Morais Neto	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro/RJ	1943	PILOTIS VARANDA (12)

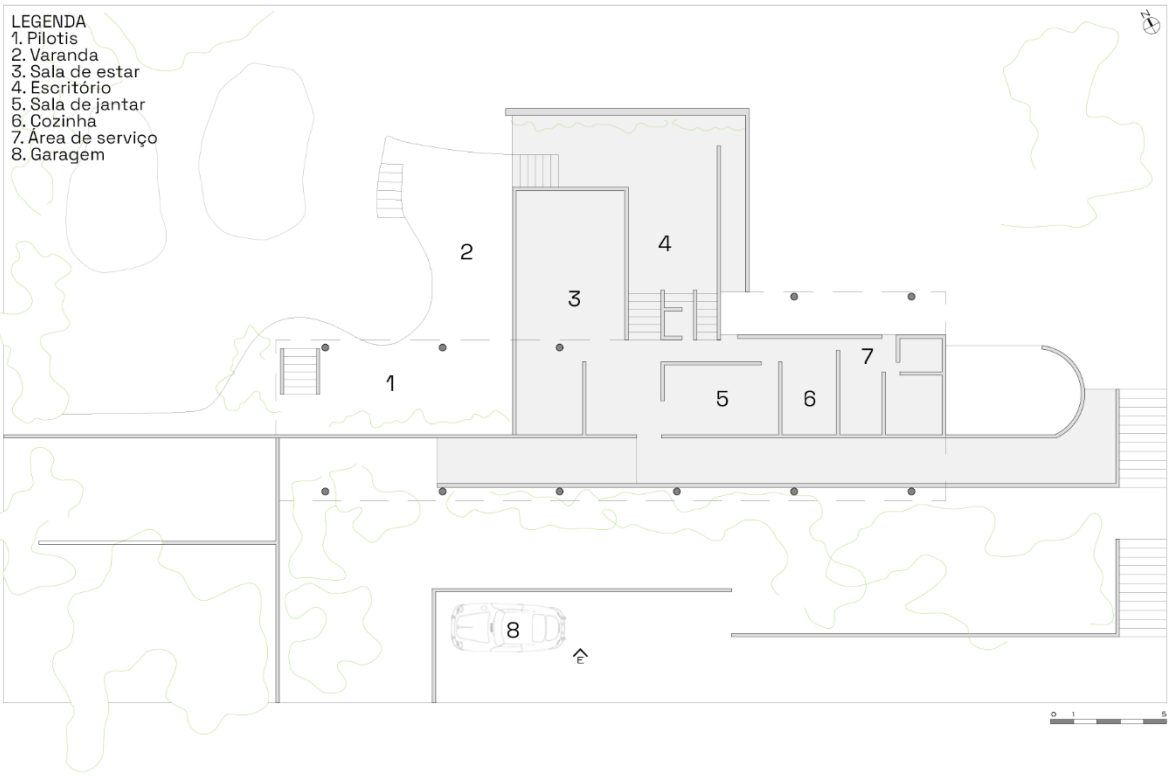


31	Casa Gustavo Capanema Filho	Oscar Niemeyer	Não construída	1947	PILOTIS VARANDA (13)

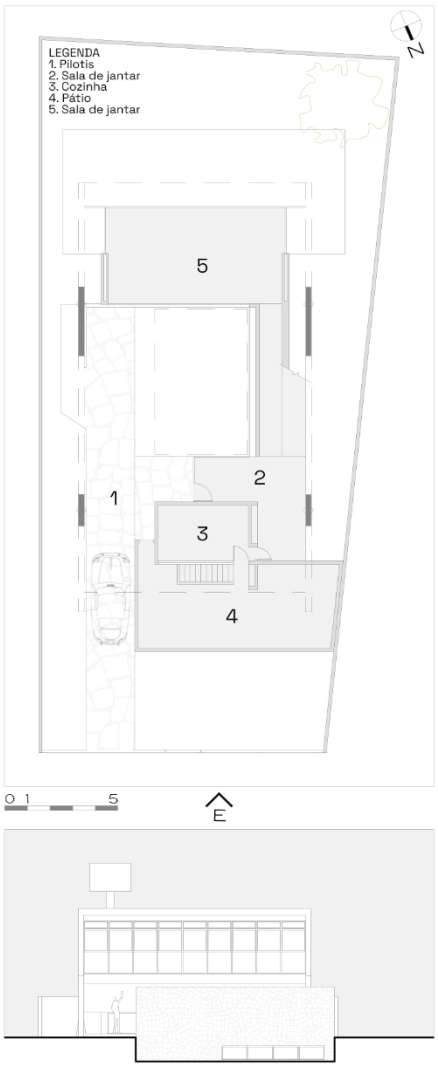


32	Casa '1947'	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro/RJ	1947	PILOTIS VARANDA (14)

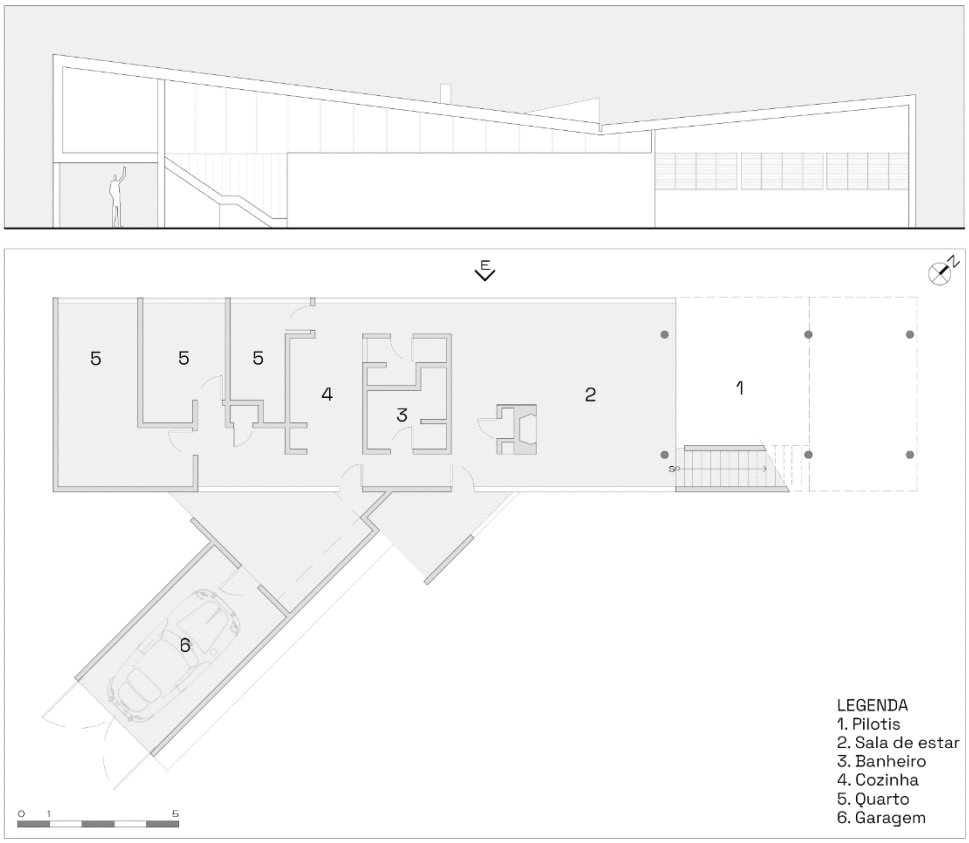




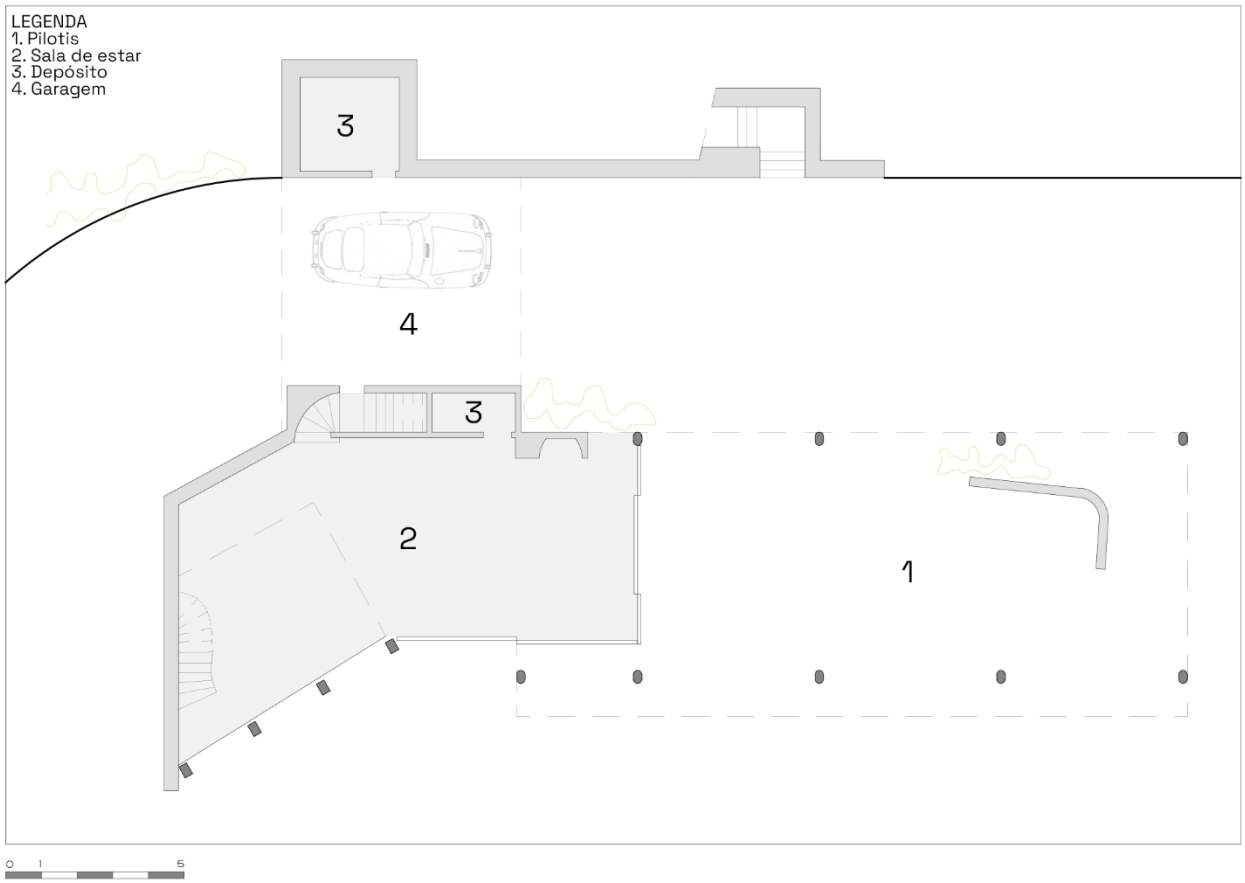
33	Casa Mário Taques Bittencourt	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1949	PILOTIS VARANDA (15)



34	Casa do Arquiteto	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1949	PILOTIS VARANDA (16)

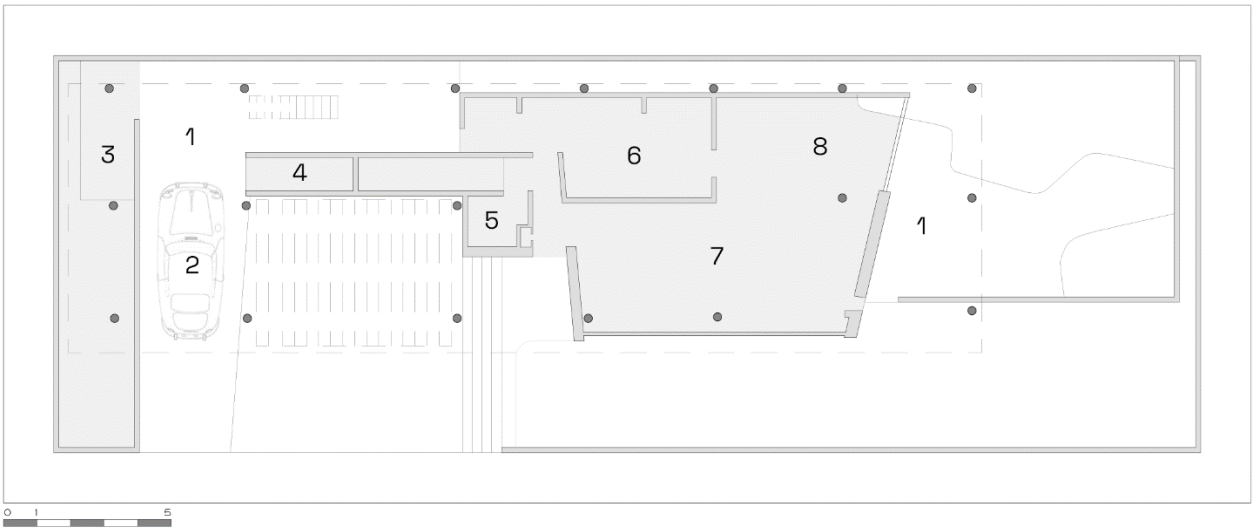


35	Casa de Campo George Hime	Henrique Mindlin	Petrópolis/RJ	1949	PILOTIS MIRANTE (6)

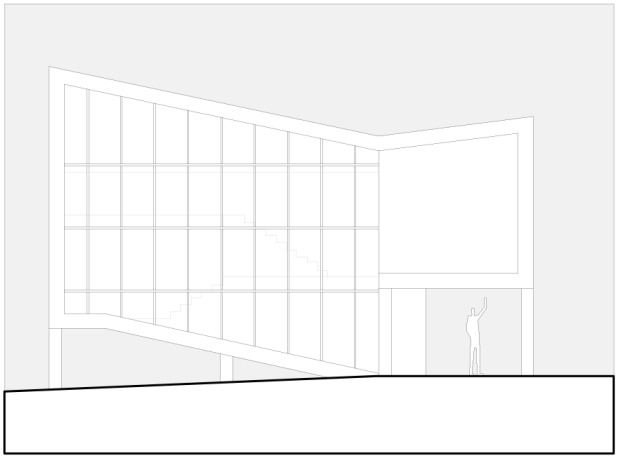


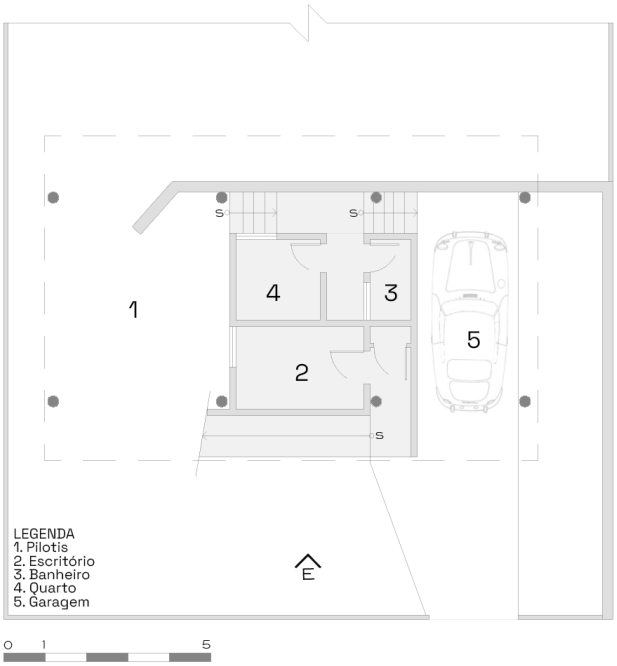
36	Casa de Heitor Almeida	Vilanova Artigas	Santos/SP	1949	PILOTIS VARANDA (17)

LEGENDA
1. Pilotis
2. Garagem
3. Área de serviço
4. Depósito
5. Banheiro
6. Cozinha
7. Sala de estar
8. Sala de jantar

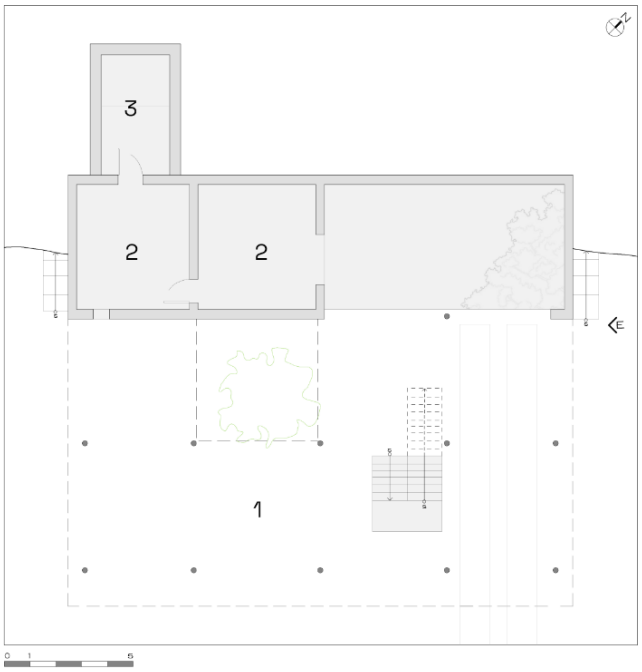


37	Casa de Julian Czapski	Vilanova Artigas	Sumaré/SP	1949	PILOTIS MIRANTE (7)



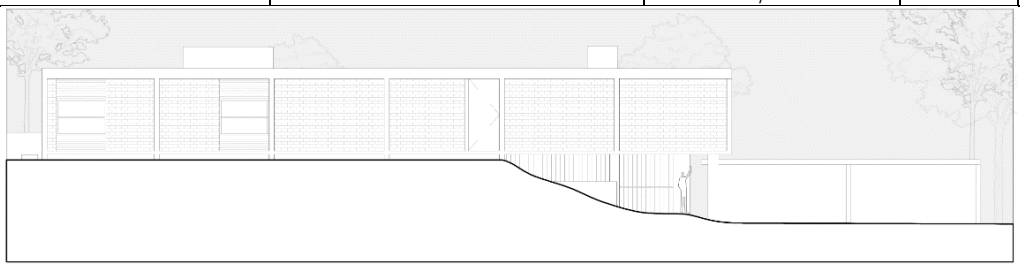


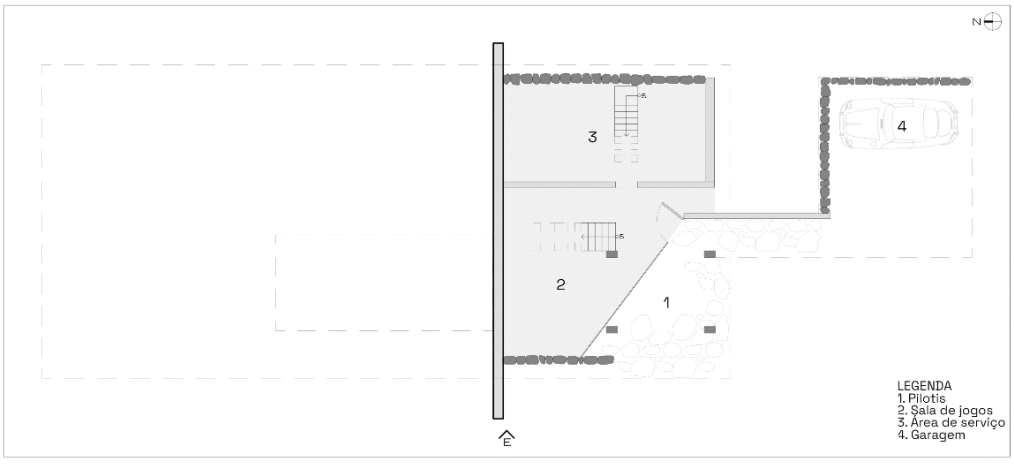
38	Casa do Morumbi	Lina Bo Bardi	São Paulo/SP	1951	PILOTIS MIRANTE (8)



LEGENDA
1. Pilotis
2. Depósito
3. Casa de máquinas

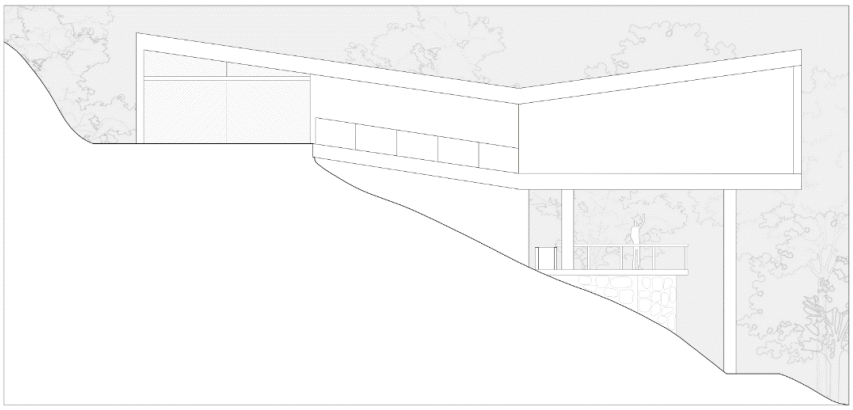
39	Casa Oswaldo Bratke	Oswaldo Bratke	São Paulo/SP	1951	PILOTIS MIRANTE (9)

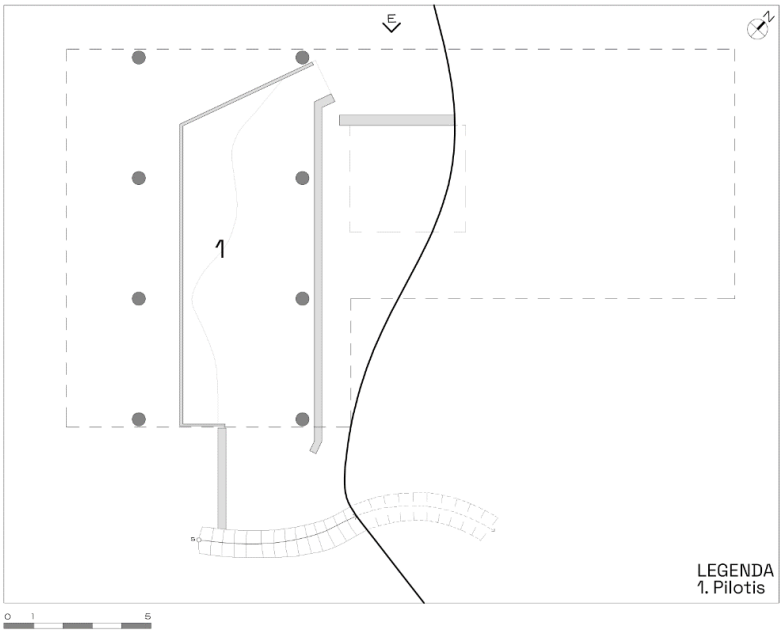




LEGENDA
1. Pilotis
2. Sala de jogos
3. Área de serviço
4. Garagem

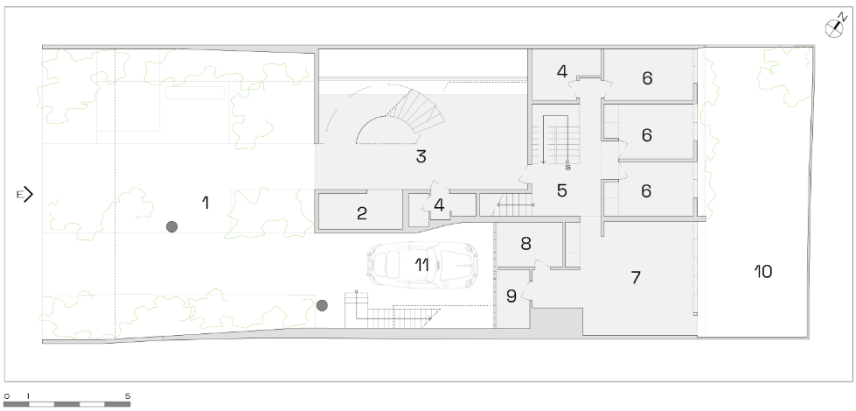
40	Casa em Jacarepaguá	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro/RJ	1952	PILOTIS MIRANTE (10)

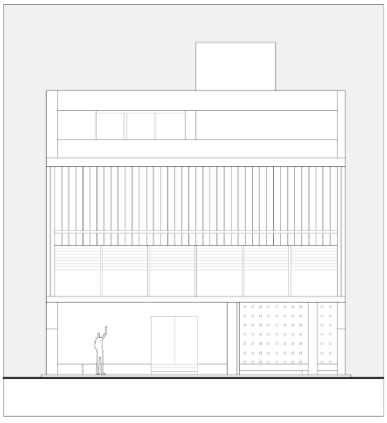




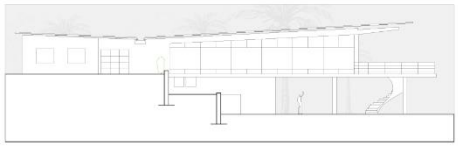
41	Casa Antonio Ceppas	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro/RJ	1952	PILOTIS VARANDA (18)

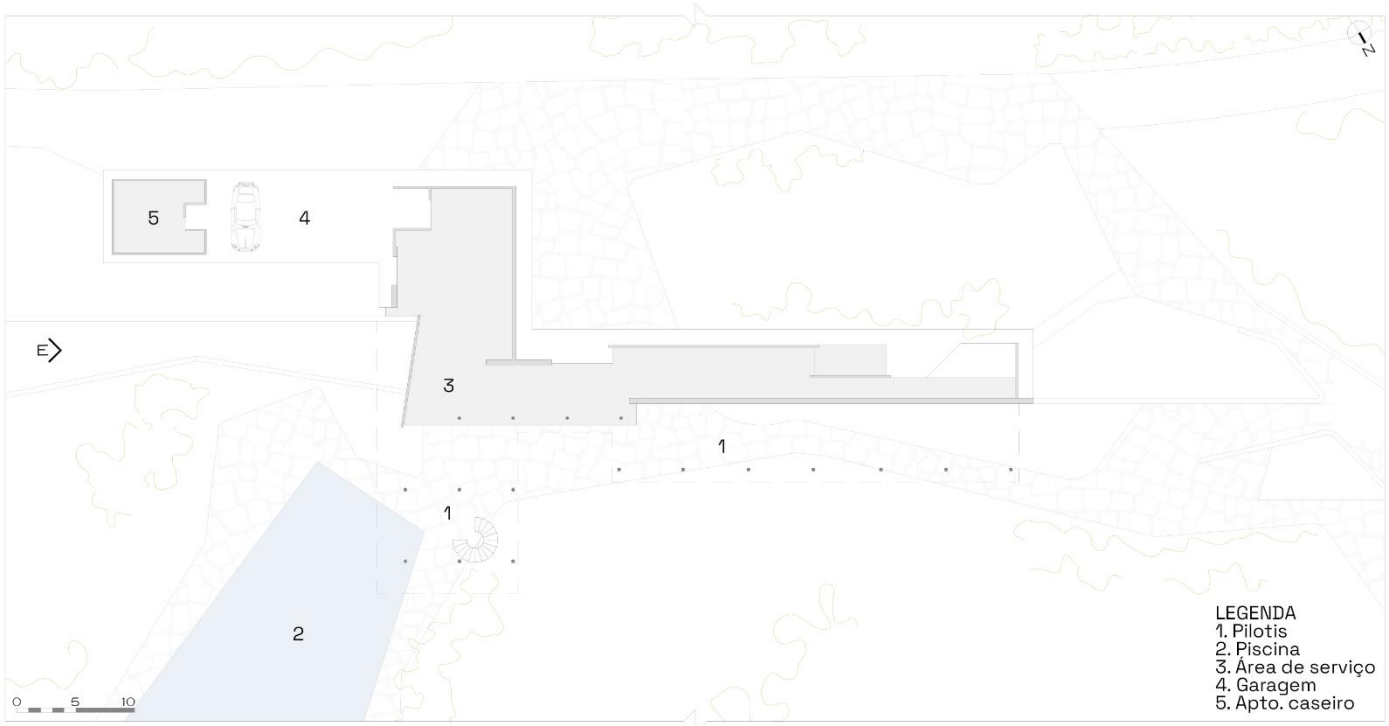
LEGENDA
1. Pilotis
2. Elevador
3. Hall
4. Banheiro
5. Hall de serviço
6. Quarto
7. Lavaderia
8. Despensa
9. Adega
10. Pátio
11. Garagem



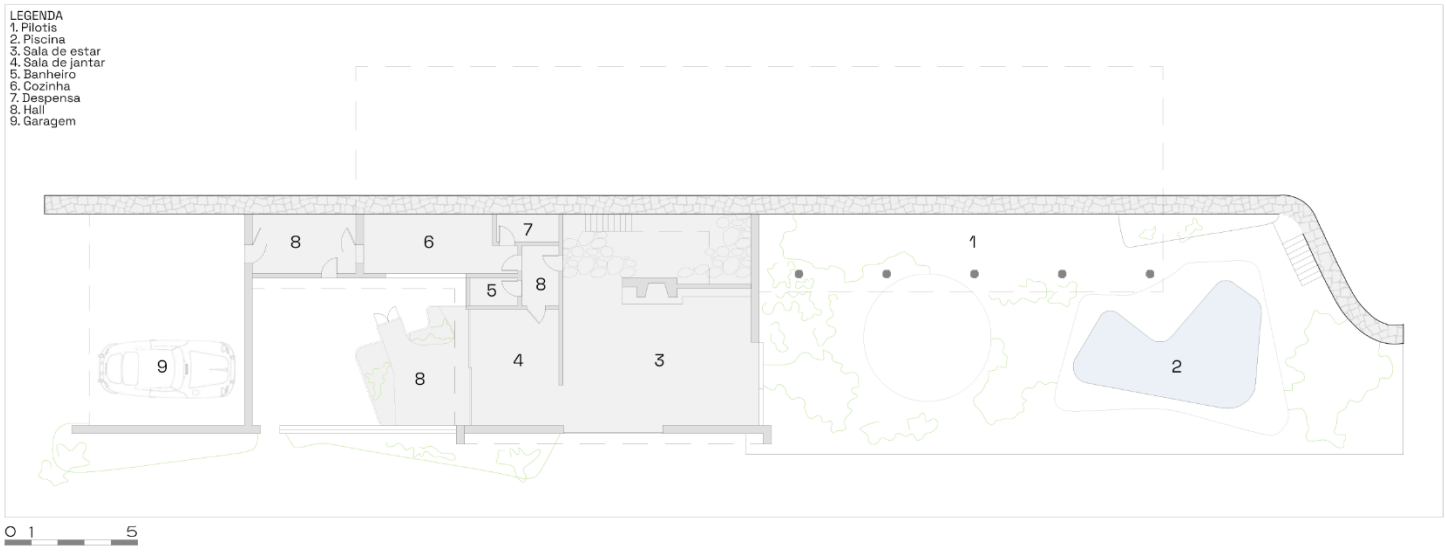


42	Casa de Olivo Gomes	Rino Levi	São José dos Campos/SP	1954	PILOTIS MIRANTE (11)

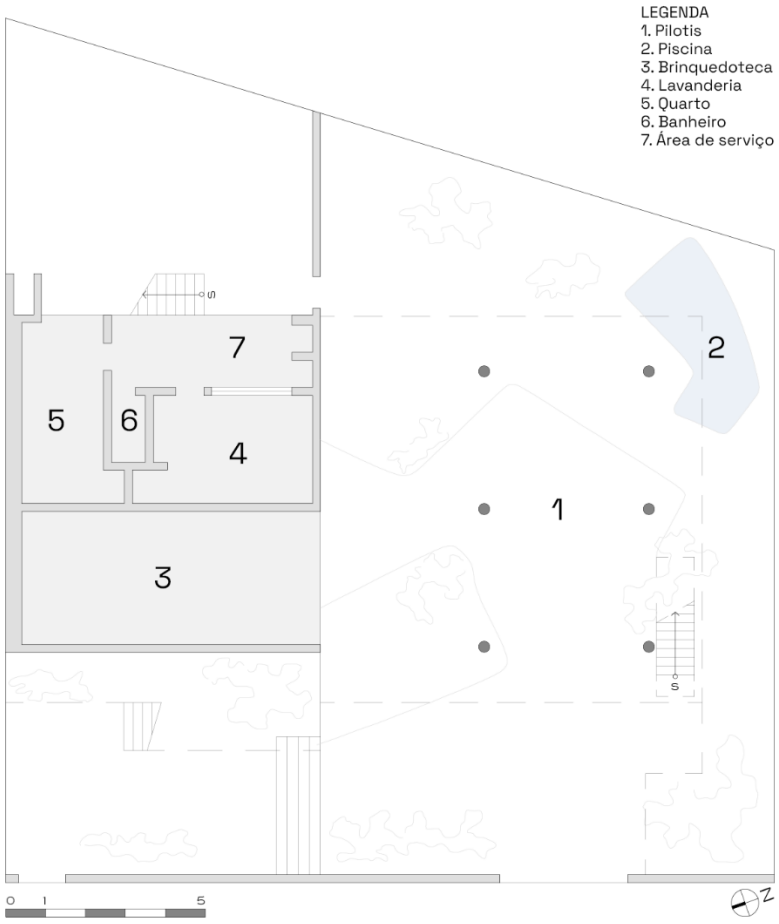




43	Casa de campo de Geraldo Baptista	Olavo Redig de Campos	Petrópolis/RJ	1954	PILOTIS MIRANTE (12)

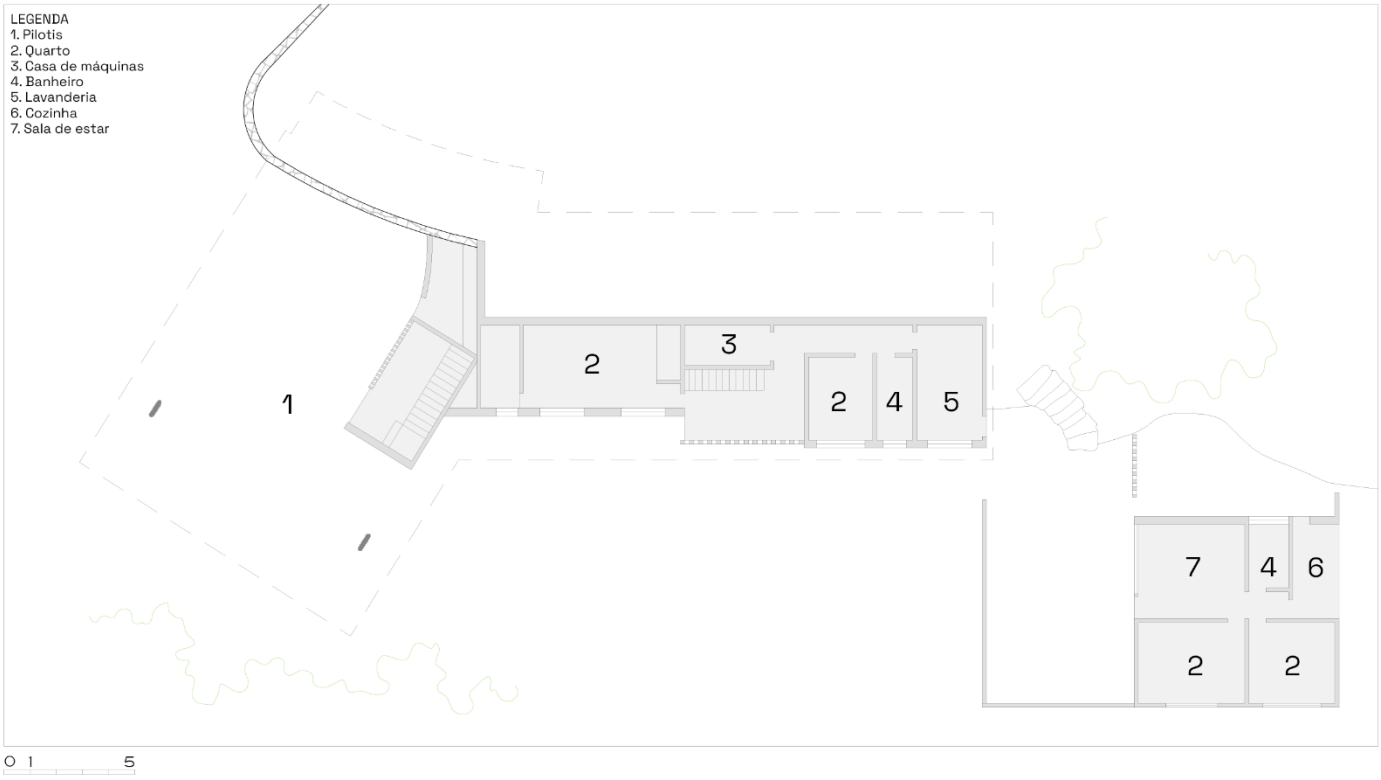


44	Casa em Belo Horizonte	Eduardo Mendes Guimarães Jr.	Belo Horizonte/MG	1954	PILOTIS AÉREO (11)

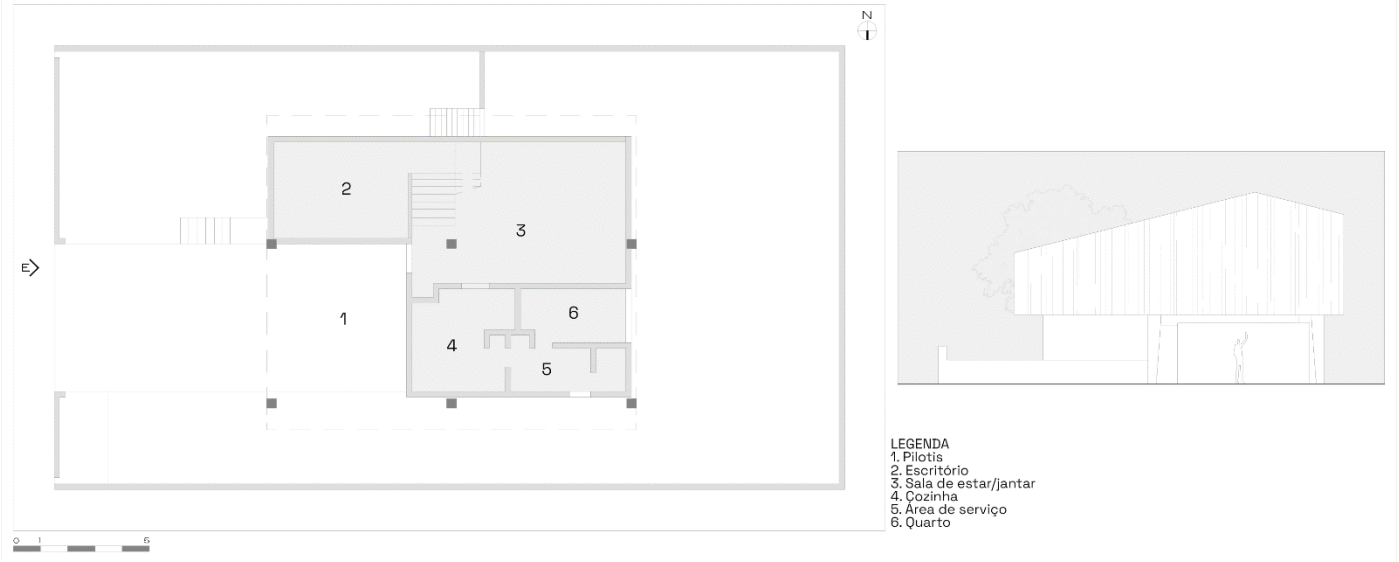


45	Casa Jadir de Souza	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro/RJ	1954	PILOTIS VARANDA (19)

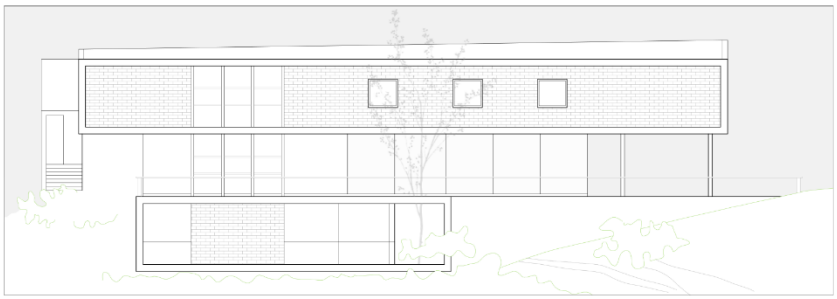
46	Casa de campo de Lauro S. Carvalho	Henrique Mindlin	Petrópolis/RJ	1955	PILOTIS MIRANTE (13)

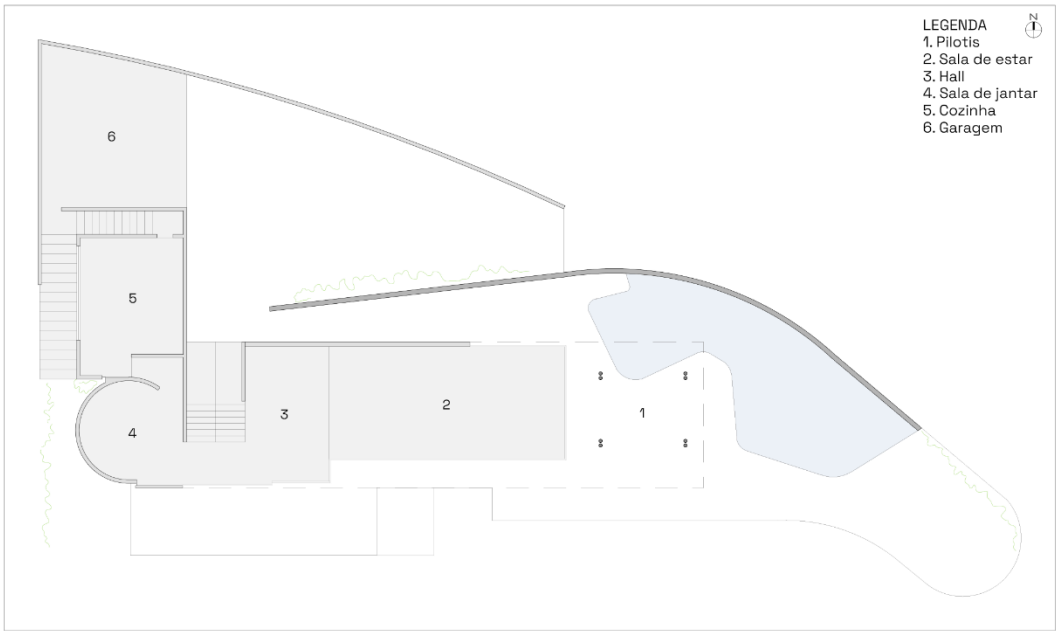


47	Casa Olga Baeta	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1956	PILOTIS VARANDA (20)

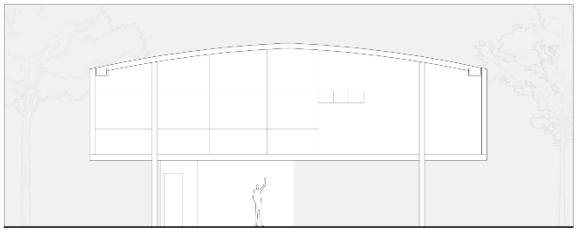


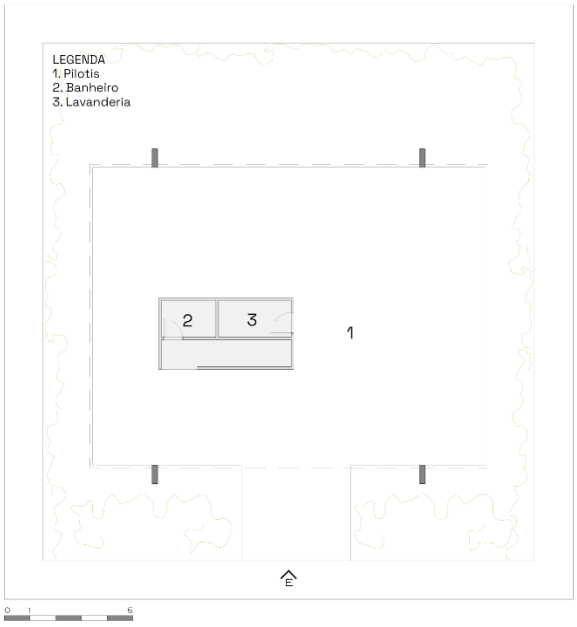
48	Casa Gilberto Ferraz da Silva	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro/RJ	1956	PILOTIS VARANDA (21)





49	Casa na praia	Lina Bo Bardi	Não construída	1957	PILOTIS AÉREO (12)

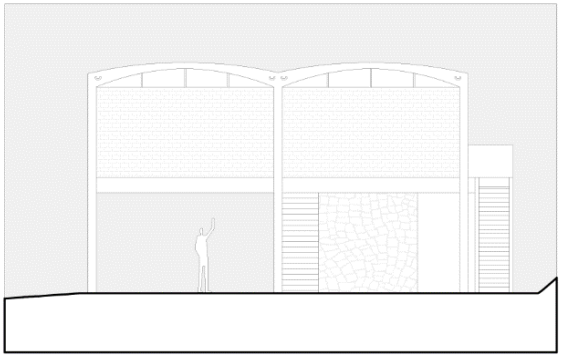


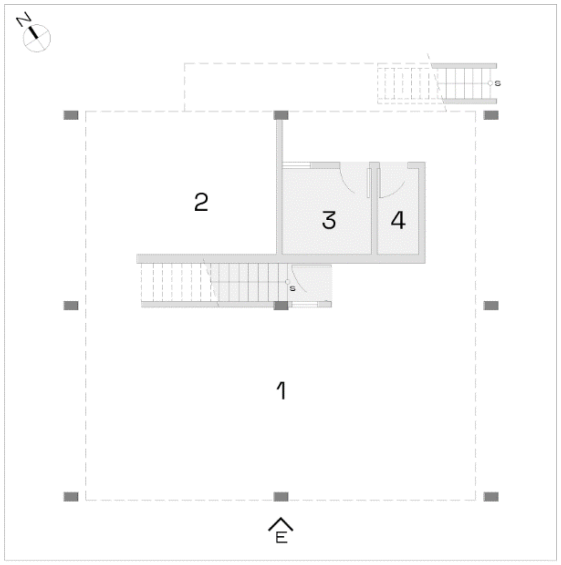


50	Casa Saldanha Werneck	Marcelo e Milton Roberto	Rio de Janeiro/RJ	1959	PILOTIS VARANDA (22)

LEGENDA
1. Pilotis
2. Garagem
3. Churrasqueira
4. Banheiro
5. Bicicletário
6. Quarto
7. Área de serviço
8. Depósito
9. Ateliê
10. Lavanderia

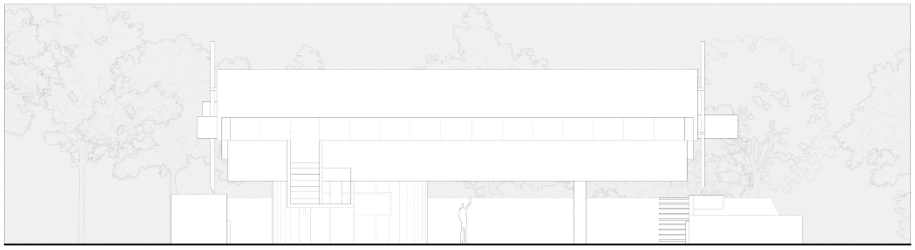
51	Casa em Itaipava	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro/RJ	1959	PILOTIS AÉREO (13)

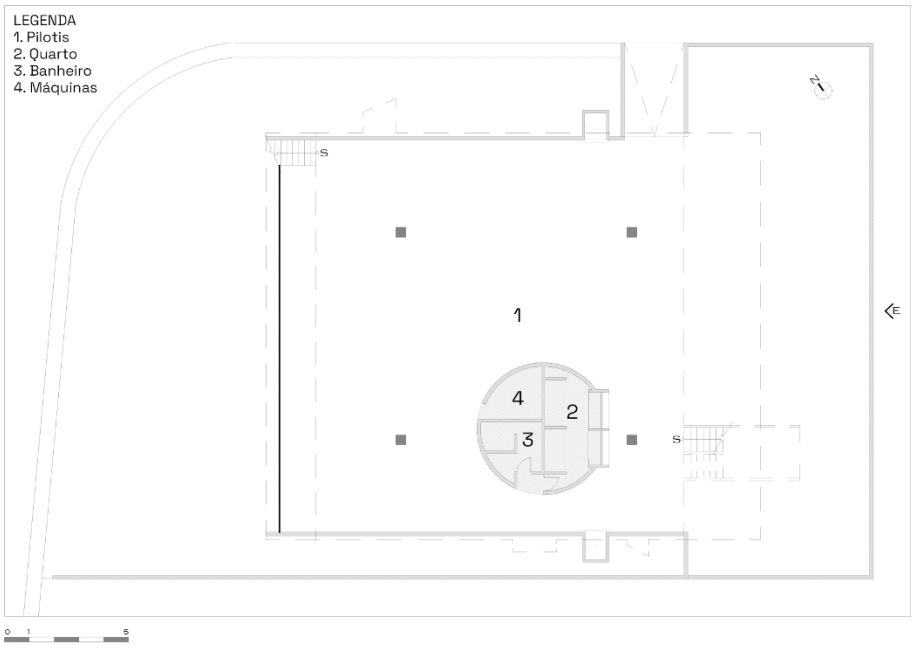




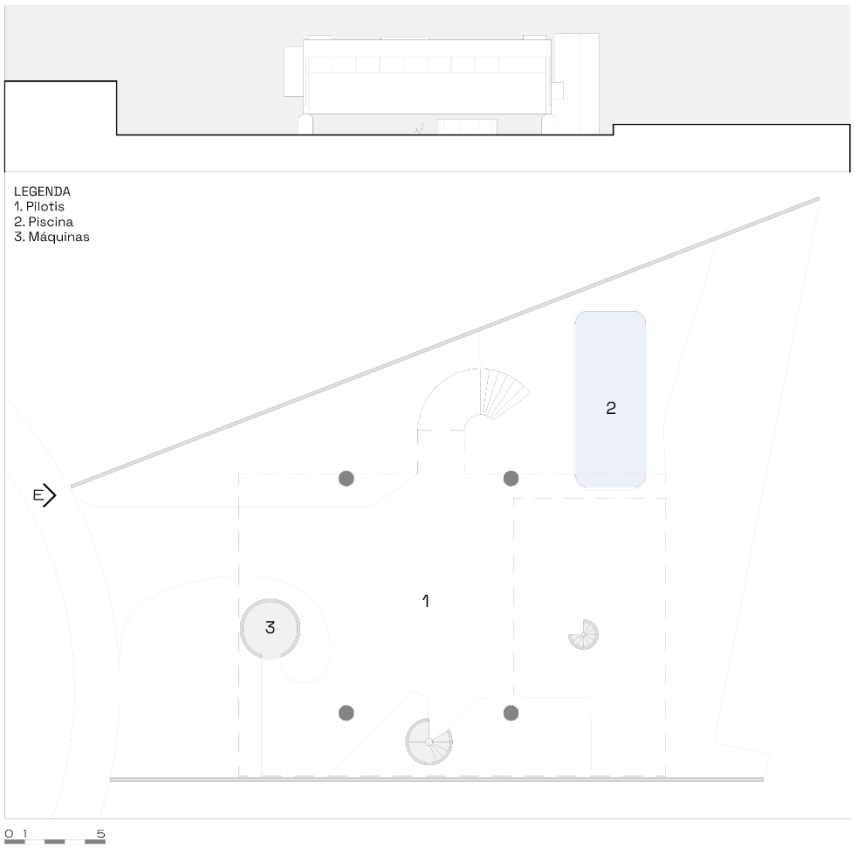
LEGENDA
1. Pilotis
2. Garagem
3. Quarto
4. Banheiro

52	Casa do Arquiteto	Paulo Mendes da Rocha	São Paulo/SP	1964	PILOTIS AÉREO (14)

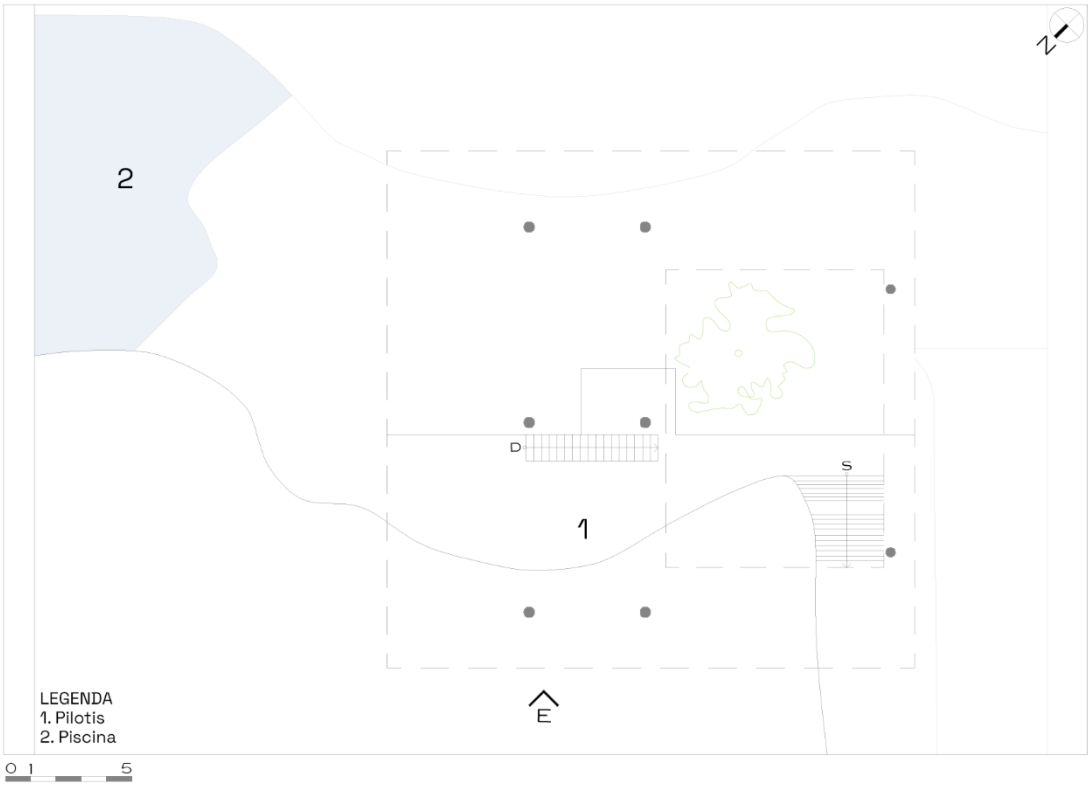




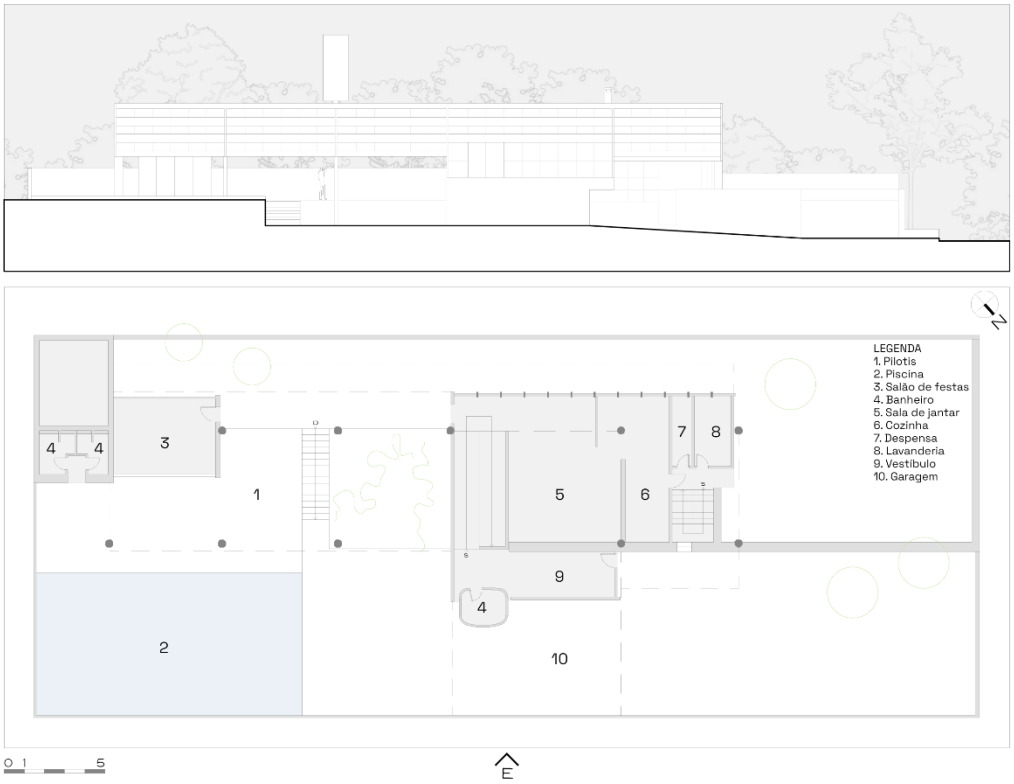
53	Casa Mario Masetti	Paulo Mendes da Rocha	São Paulo/SP	1969	PILOTIS AÉREO (15)



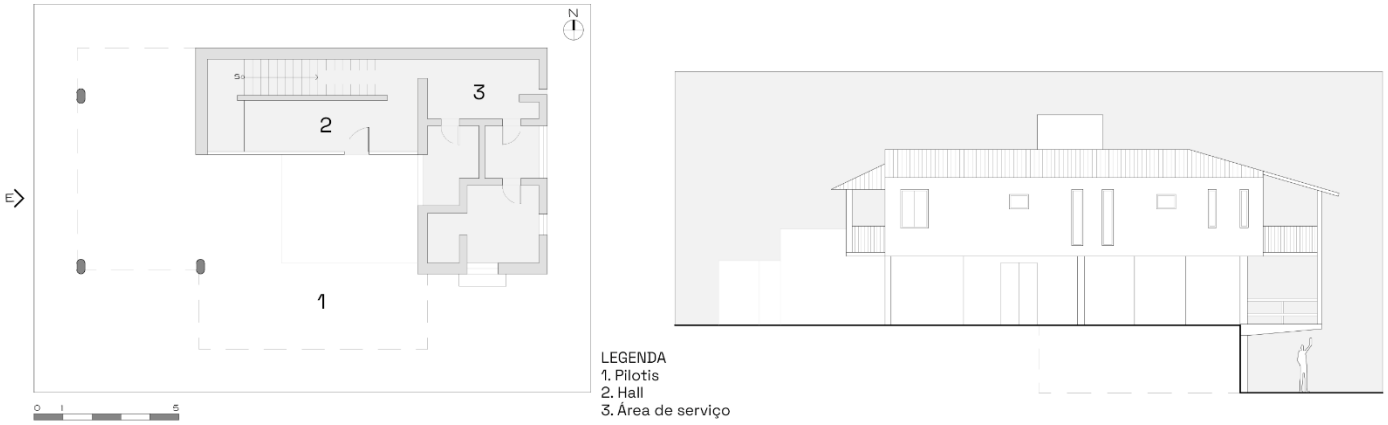
54	Casa James Francis King	Paulo Mendes da Rocha	São Paulo/SP	1972	PILOTIS AÉREO (16)



55	Casa Alfred Gunther Domschek	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1973	PILOTIS VARANDA (23)



56	Casa Maria Elisa e Helena Costa	Lucio Costa	Rio de Janeiro/RJ	1979	PILOTIS SERVIÇO (4)



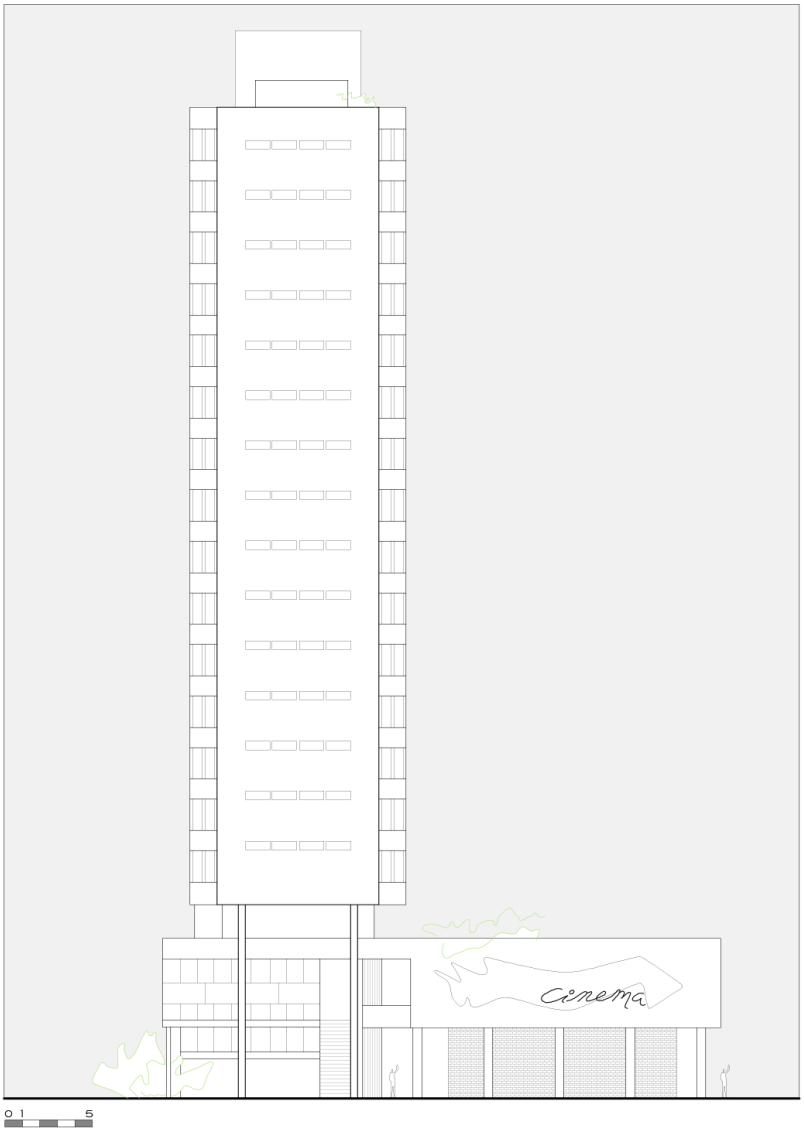
57	Edifício São Miguel ⓝ	Agenor P. de Carvalho	Belém/PA	1957	PILOTIS AÉREO (17)

Nenhum desenho arquitetônico foi localizado.

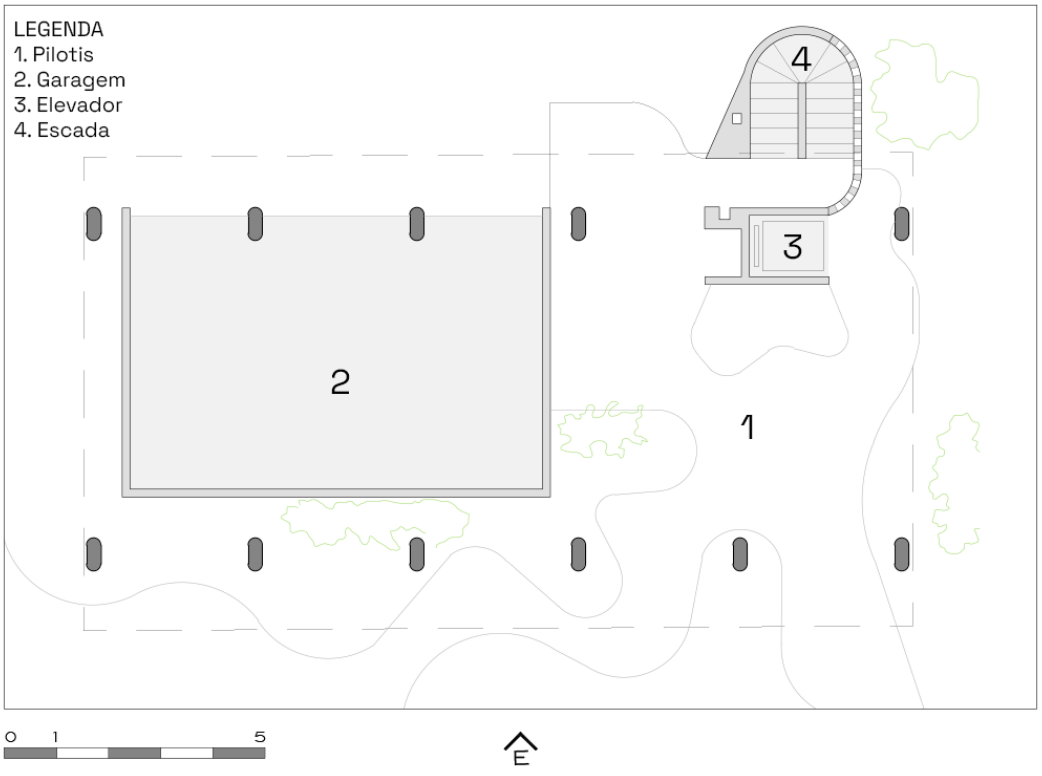
58	Edifício Felícia ⓝ	Alcyr Meira	Belém/PA	1964	PILOTIS AÉREO (18)

Nenhum desenho arquitetônico foi localizado.

59	Edifício Califórnia	Acácio Gil Borsoi	Recife/PE	1953	PILOTIS VARANDA (24)



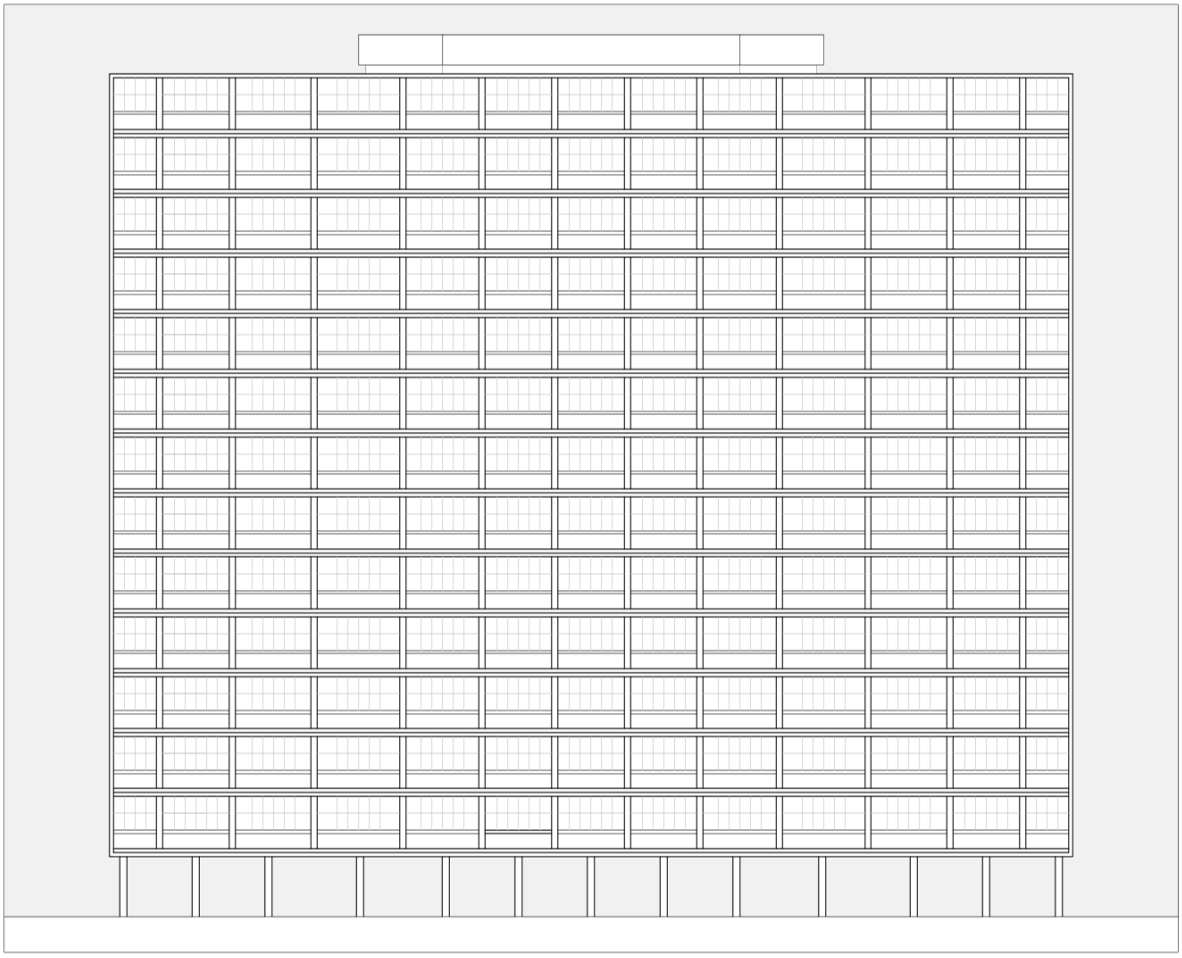
60	Ed. Banco Hipotecário Lar Brasileiro	Acácio Gil Borsoi	Recife/PE	1954	PILOTIS AÉREO (19)

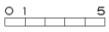


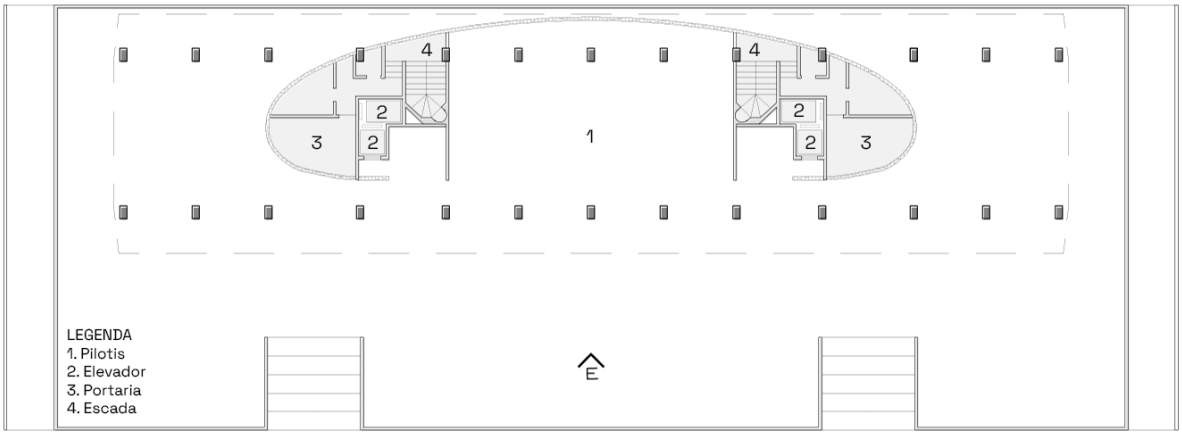
61	Edifício Bortilotte ⓝ	Antônio de Almeida Rebouças	Salvador/BA	1955	PILOTIS PRAÇA (1)

Nenhum desenho arquitetônico foi localizado.

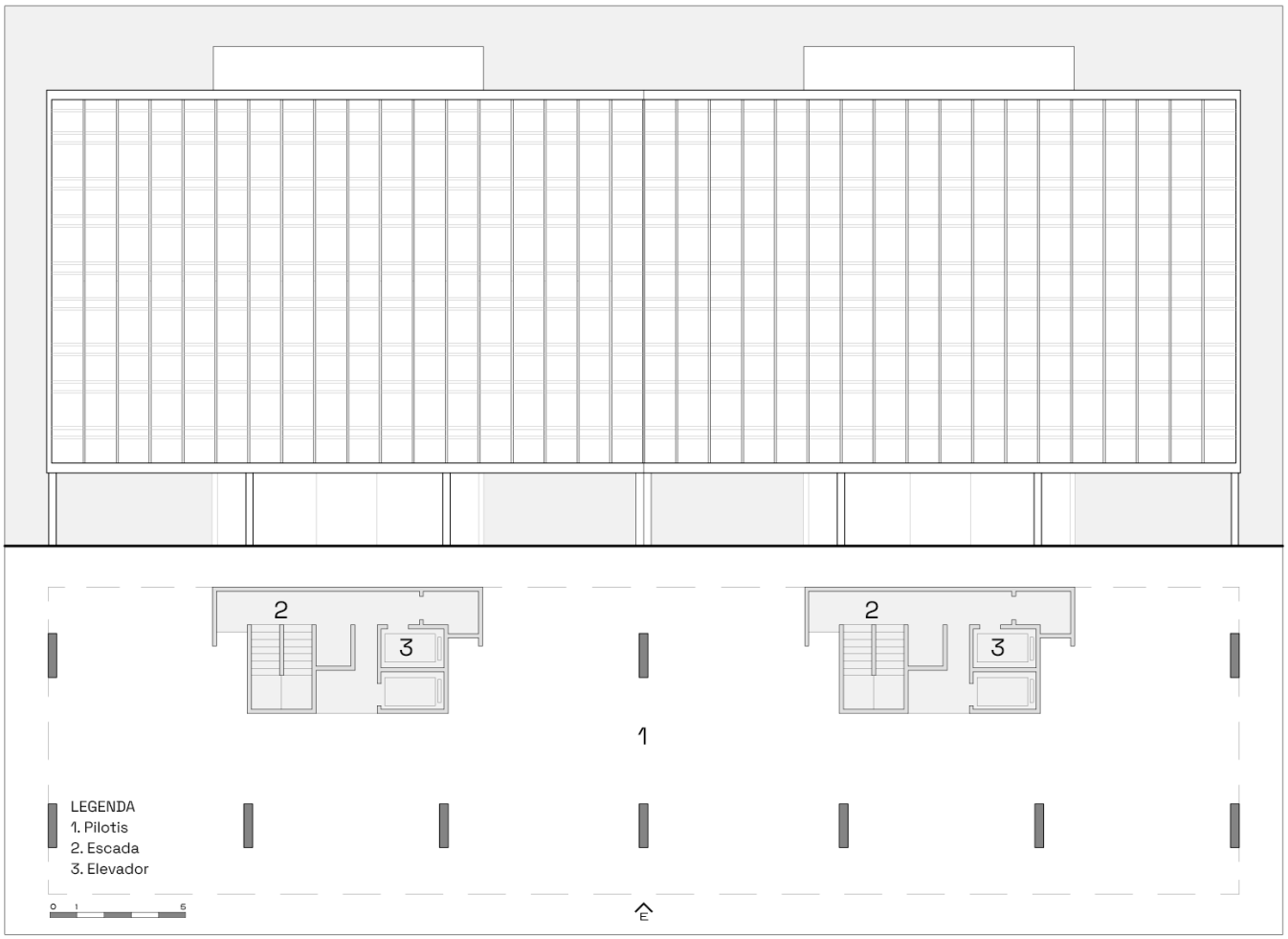
62	Edifício Acaiaca	Delfim Amorim	Recife/PE	1957	PILOTIS AÉREO (20)



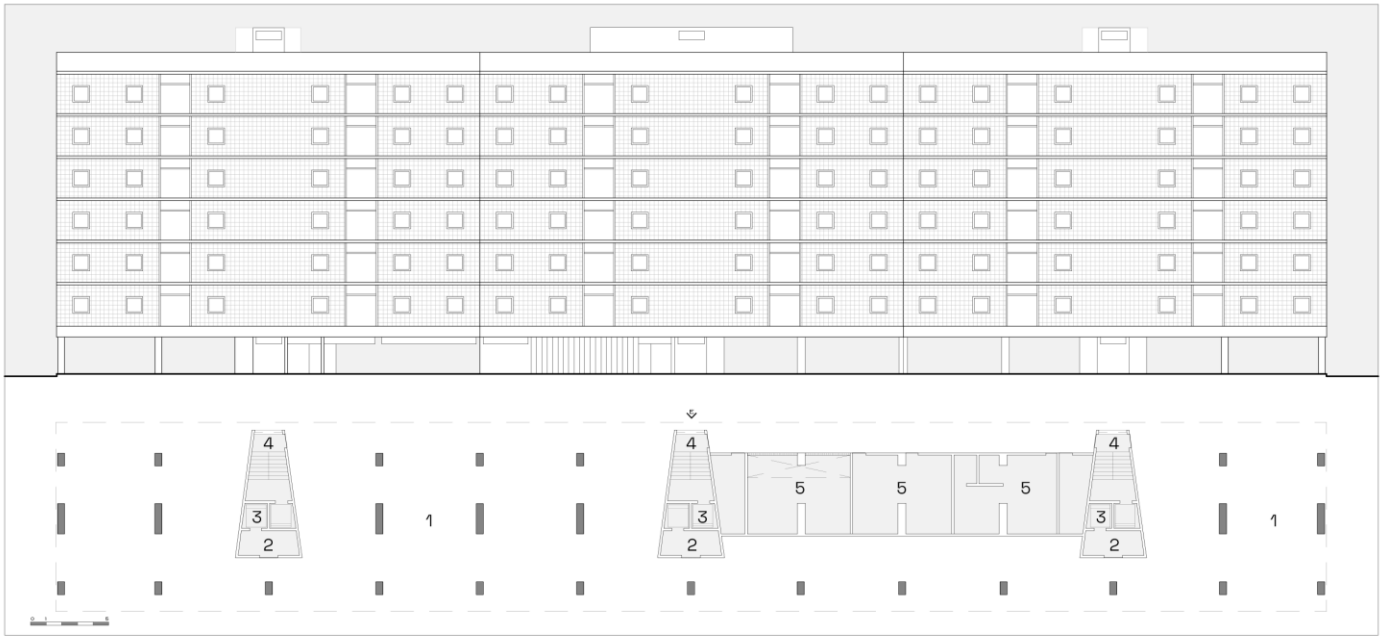




63	Bloco F 308 Sul	Marcelo Campello et al	Brasília/DF	1960	PILOTIS PRAÇA (2)

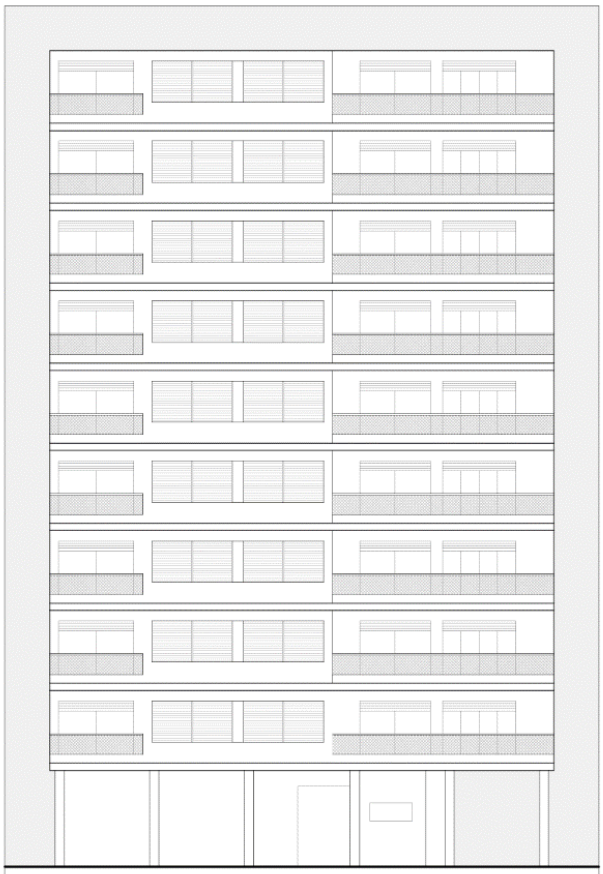


64	Bloco I 105 Sul	Hélio Uchôa	Brasília/DF	1960	PILOTIS PRAÇA (3)



LEGENDA
1. Pilotis
2. Hall
3. Elevador
4. Escada
5. Área de serviço

65	Edifício Linck	Emil Bered	Porto Alegre/RS	1952	PILOTIS VARANDA (25)

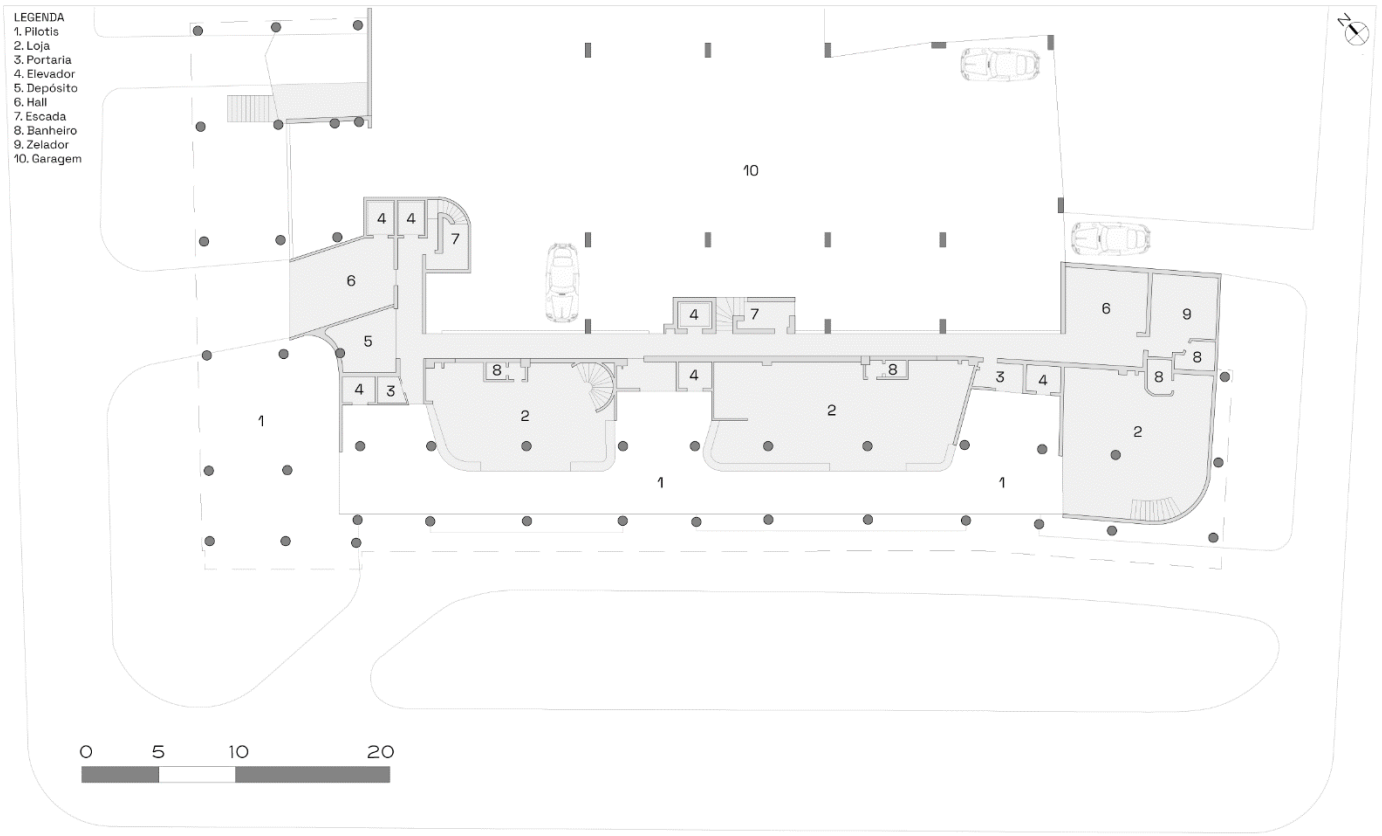


LEGENDA
1. Pilotis
2. Portaria
3. Depósito
4. Banheiro
5. Elevador
6. Hall
7. Quarto
8. Cozinha
9. Gabinete
10. Closet
11. Sala de estar
12. Sala de jantar

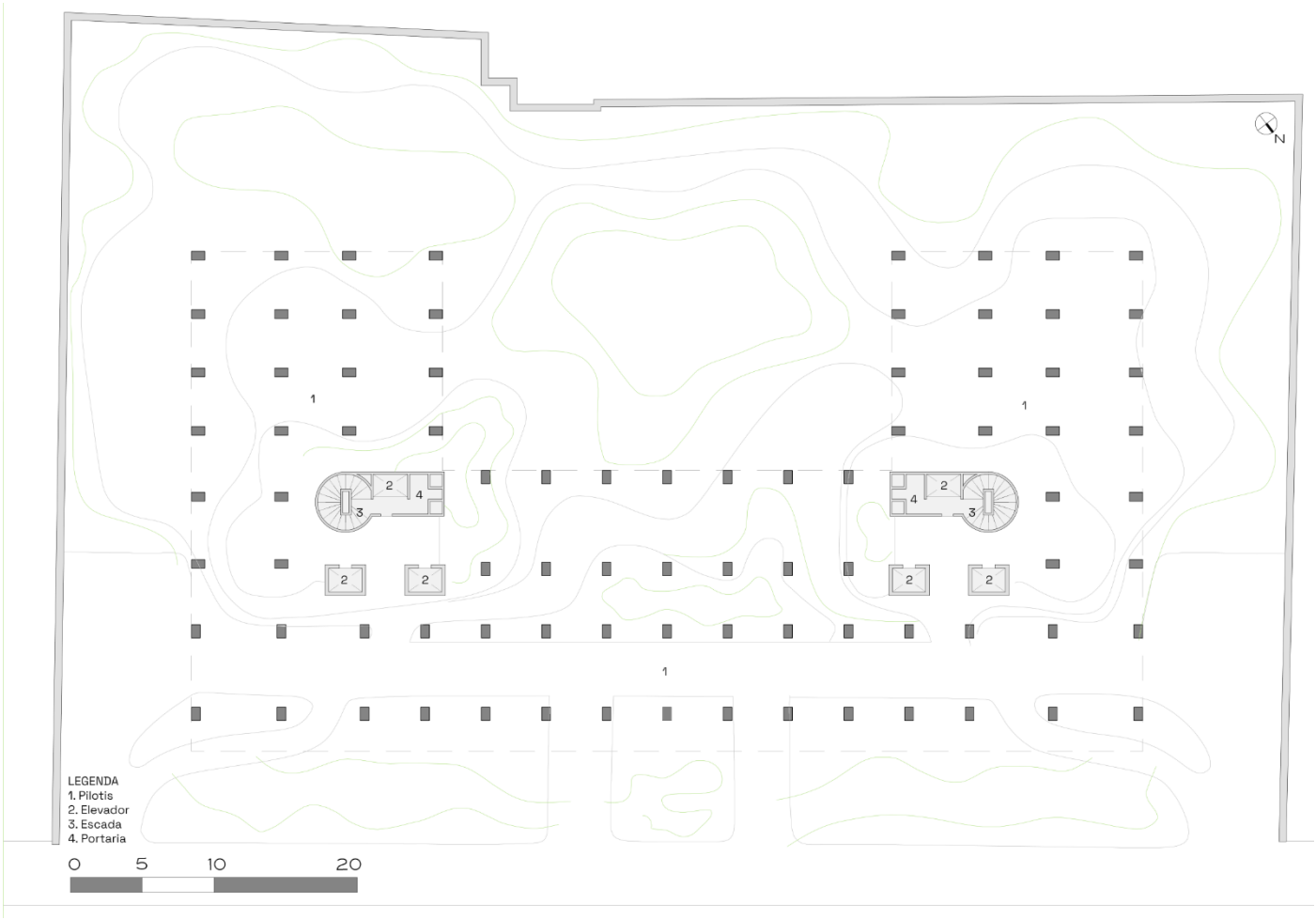
66	Edifício Redenção ⓘ	Emil Bered	Porto Alegre/RS	1954	PILOTIS VARANDA (26)

LEGENDA
1. Pilotis
2. Hall
3. Portaria
4. Zelador
5. Loja
6. Área de serviço

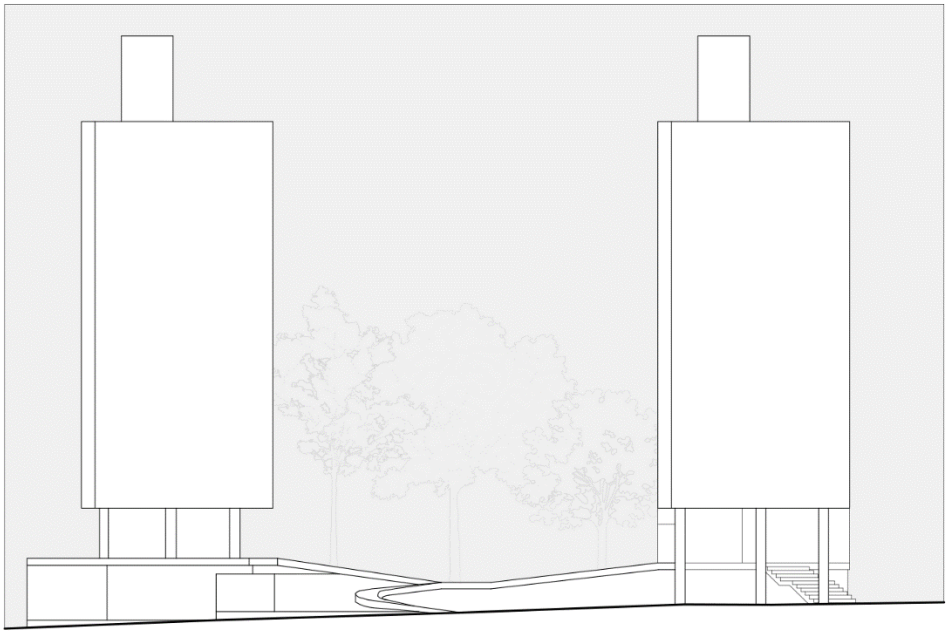
67	Edifício Anchieta ⓘ	Marcelo e Milton Roberto	São Paulo/SP	1941	PILOTIS VARANDA (27)

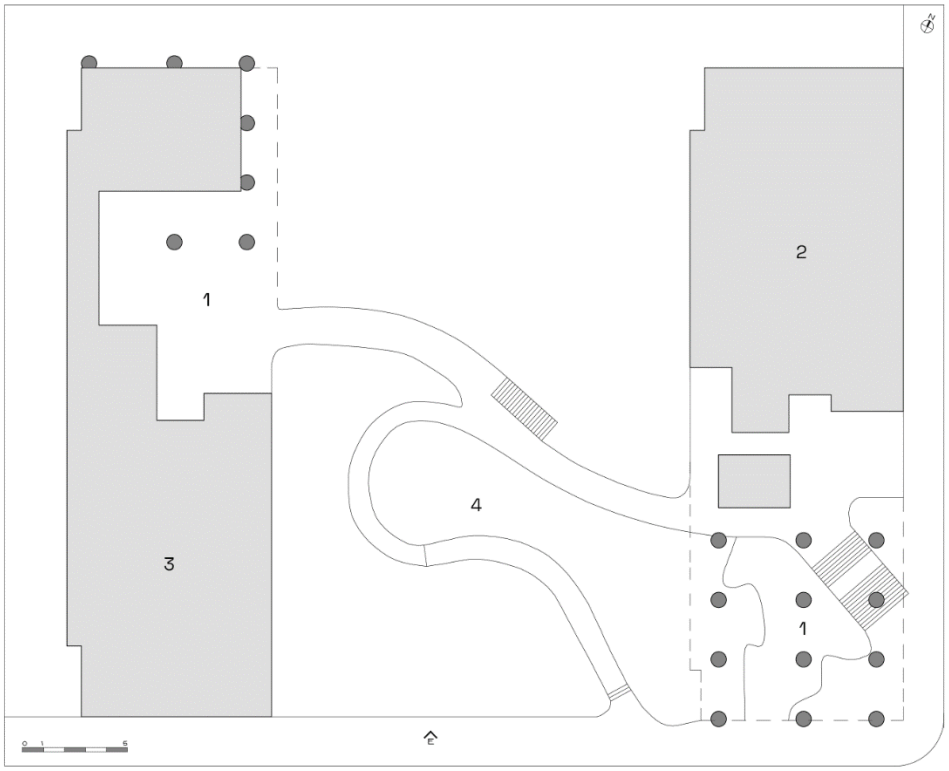


68	Edifício Prudência ⓘ	Rino Levi	São Paulo/SP	1944	PILOTIS PRAÇA (4)



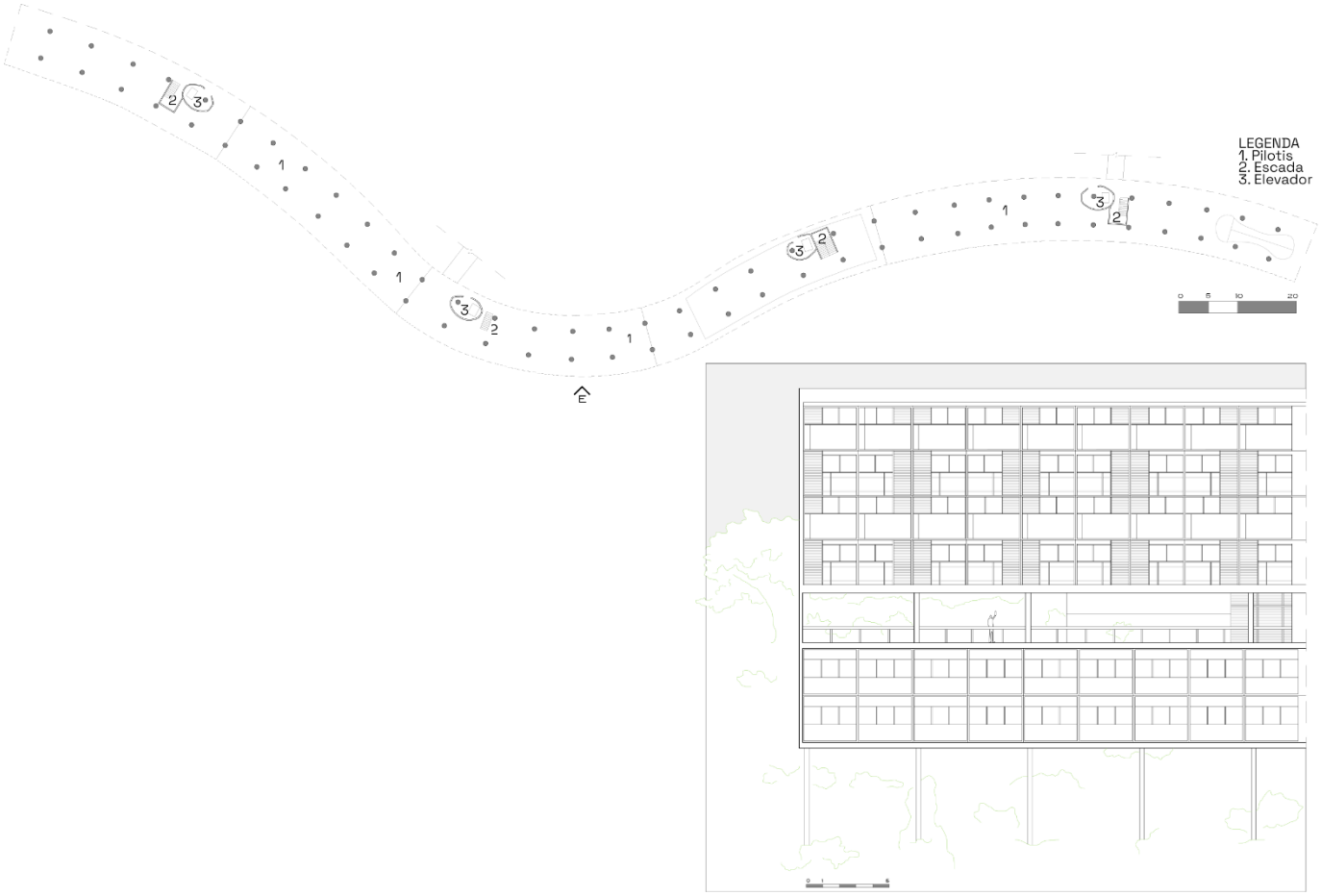
69	Edifício Louveira	Vilanova Artigas	São Paulo/SP	1946	PILOTIS PRAÇA (5)





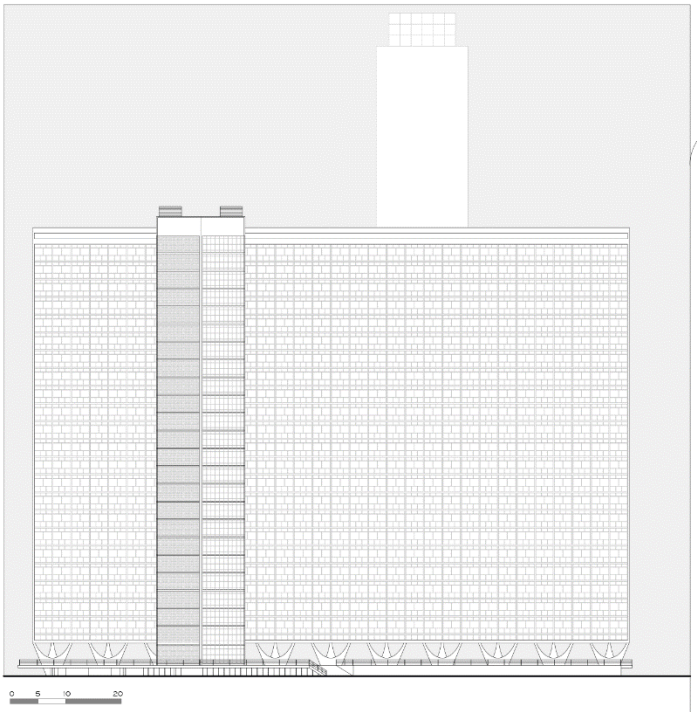
LEGENDA
1. Pilotis
2. Bloco 1
3. Bloco 2
4. Praça

70	Conjunto Pedregulho	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro/RJ	1947	PILOTIS MIRANTE (14)

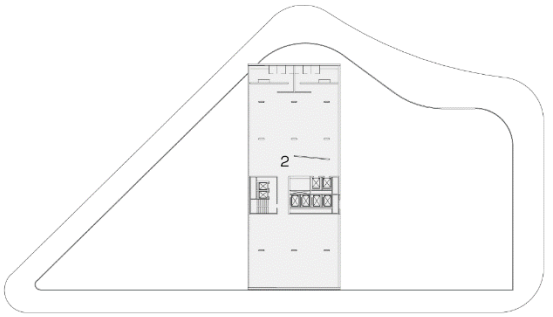


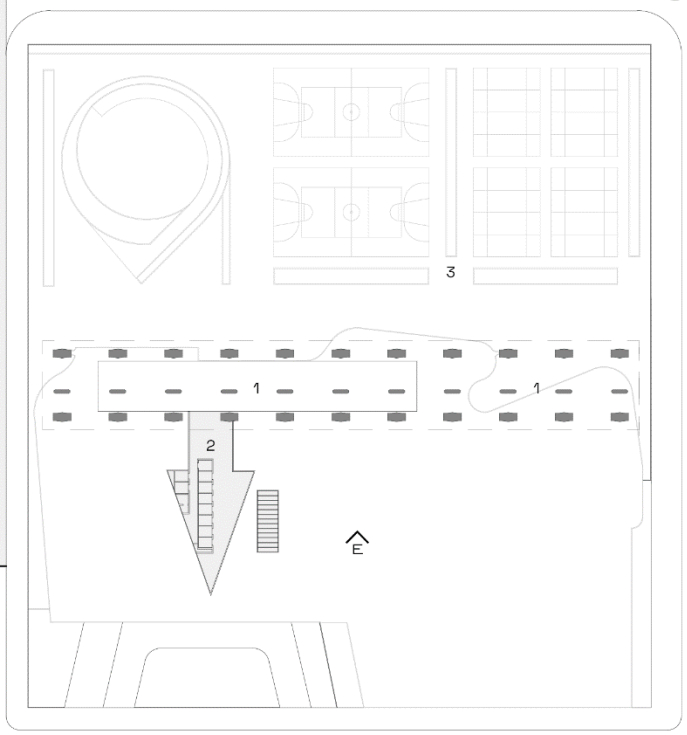
71	Edifício Dona Fátima e Finúsia ⓘ	Marcelo e Milton Roberto	Rio de Janeiro/RJ	1947	PILOTIS AÉREO (21)

72	Conjunto Governador Kubitschek	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte/MG	1952	PILOTIS AÉREO (22)

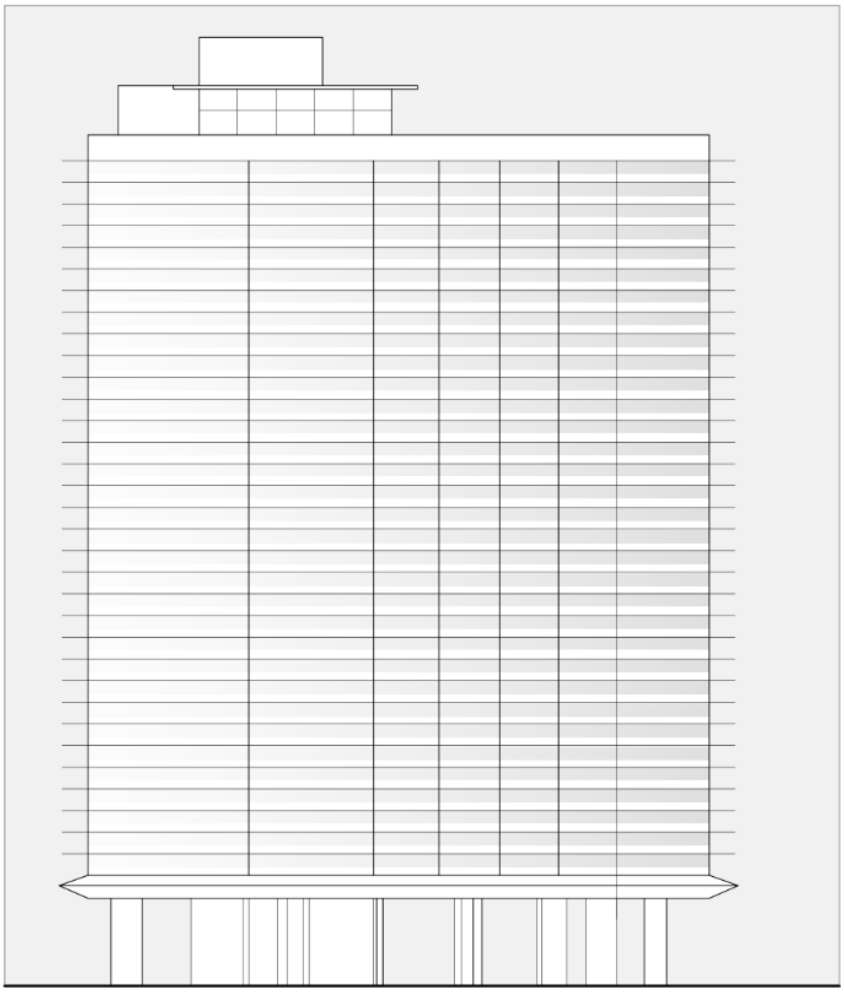


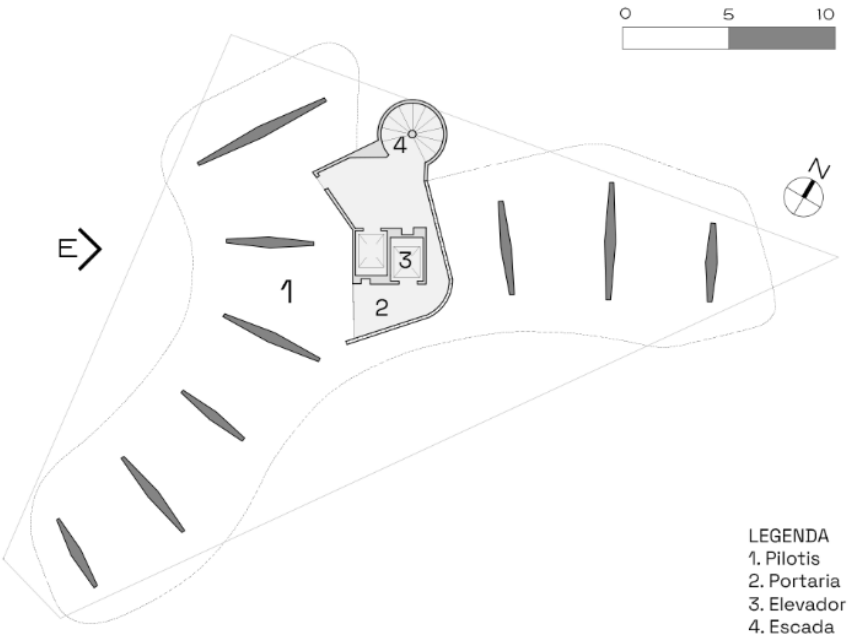
LEGENDA
1. Pilotis
2. Hall/elevadores
3. Quadras



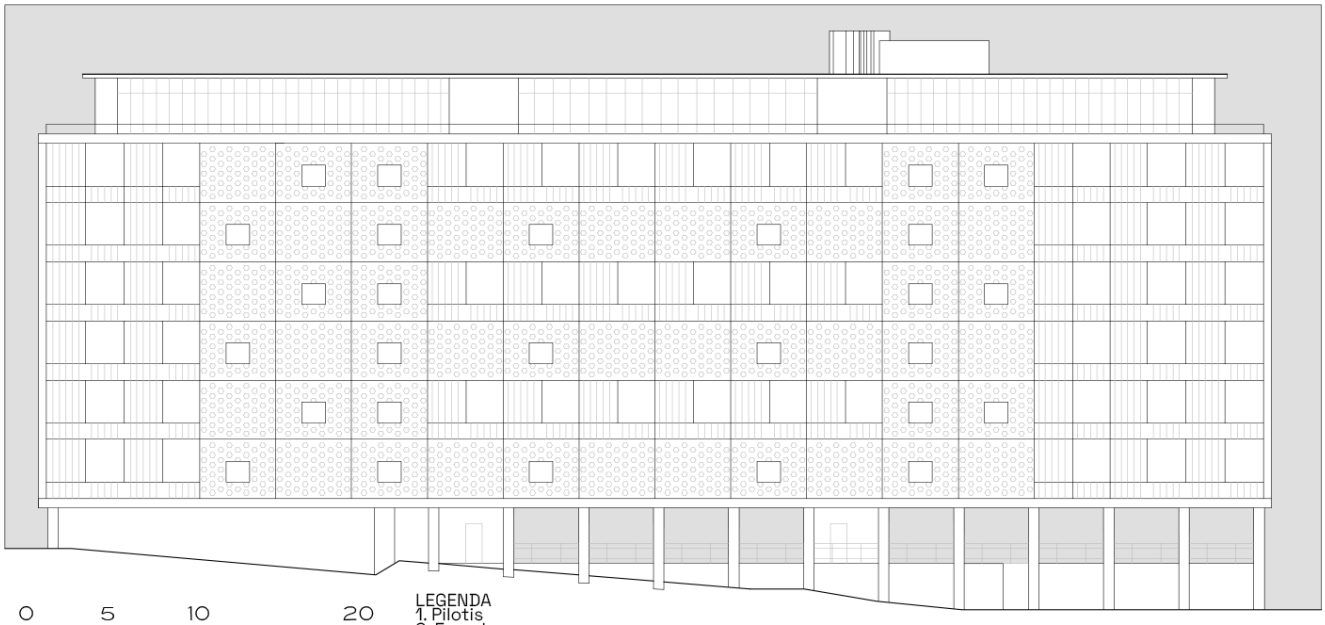


73	Edifício Niemeyer	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte/MG	1952	PILOTIS AÉREO (23)



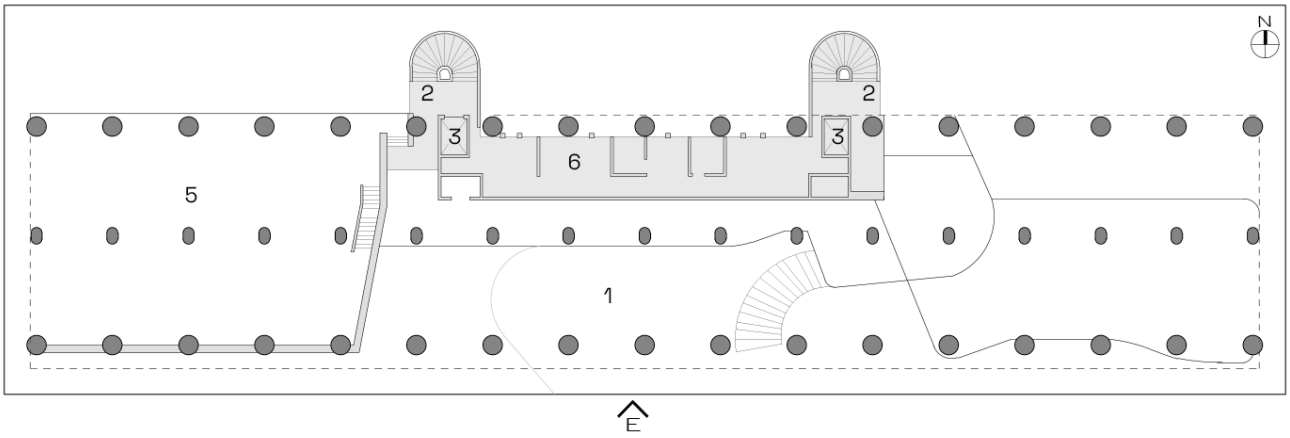


74	Parque Guinle	Lucio Costa	Rio de Janeiro/RJ	1954	PILOTIS MIRANTE (15)

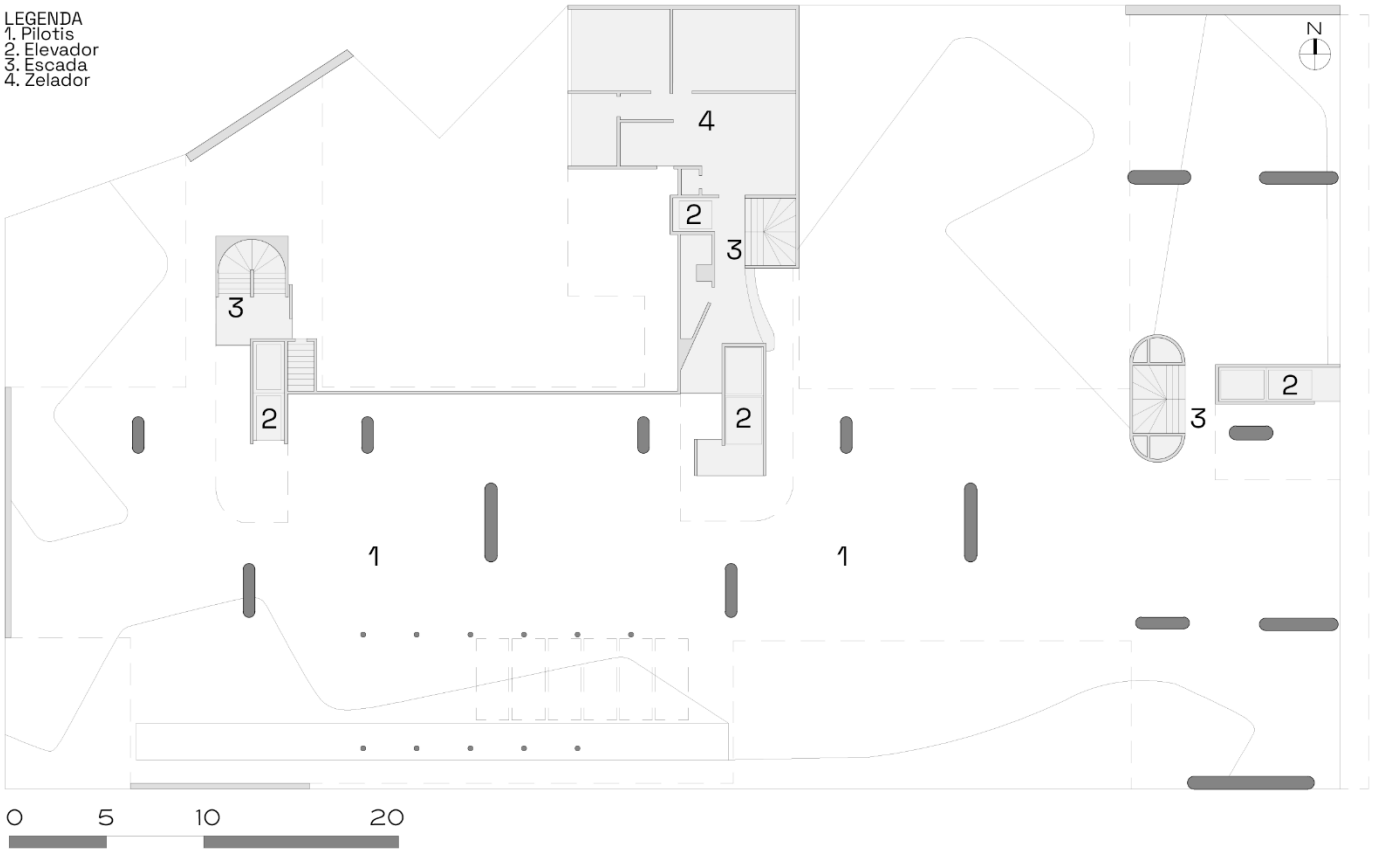


0 5 10 20

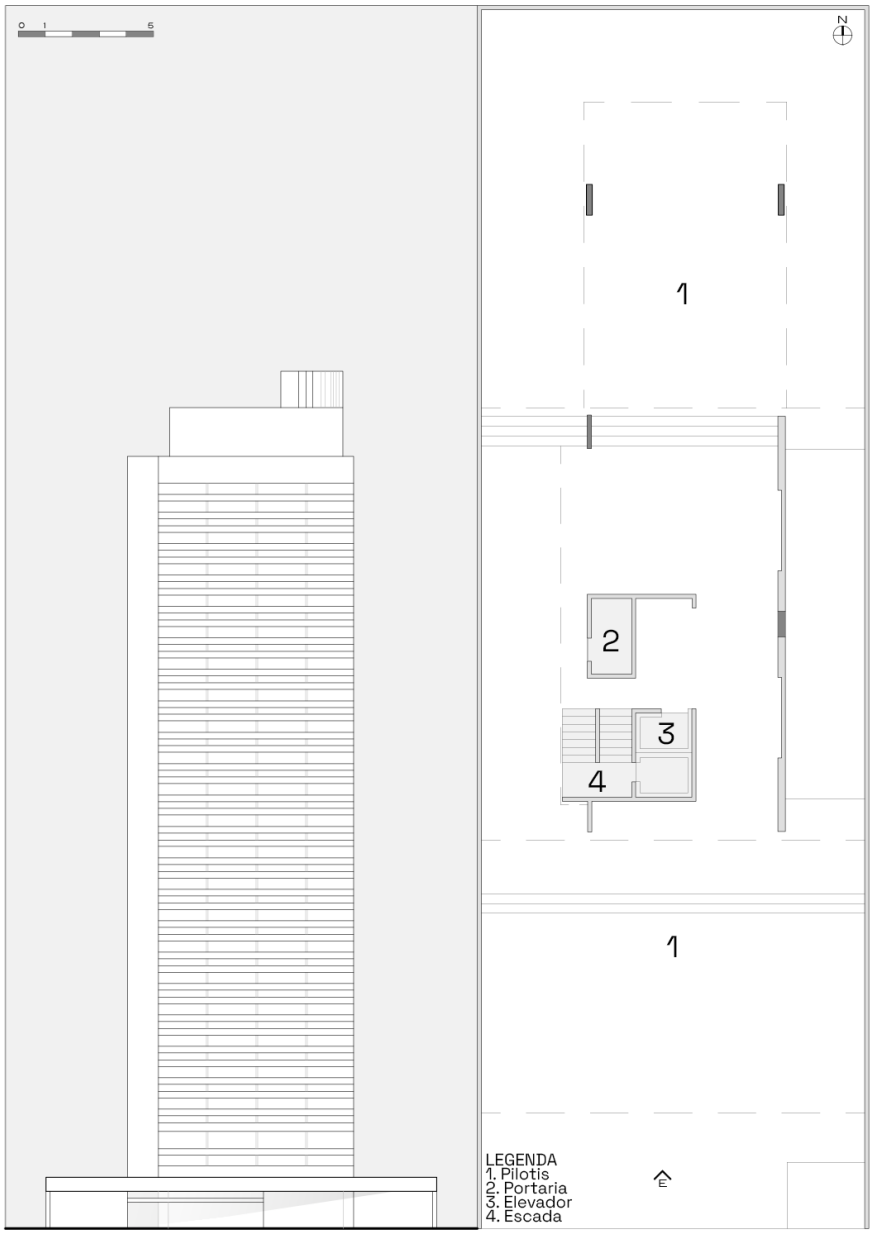
LEGENDA
1. Pilotis
2. Escada
3. Elevador
4. Área de serviço
5. Garagem



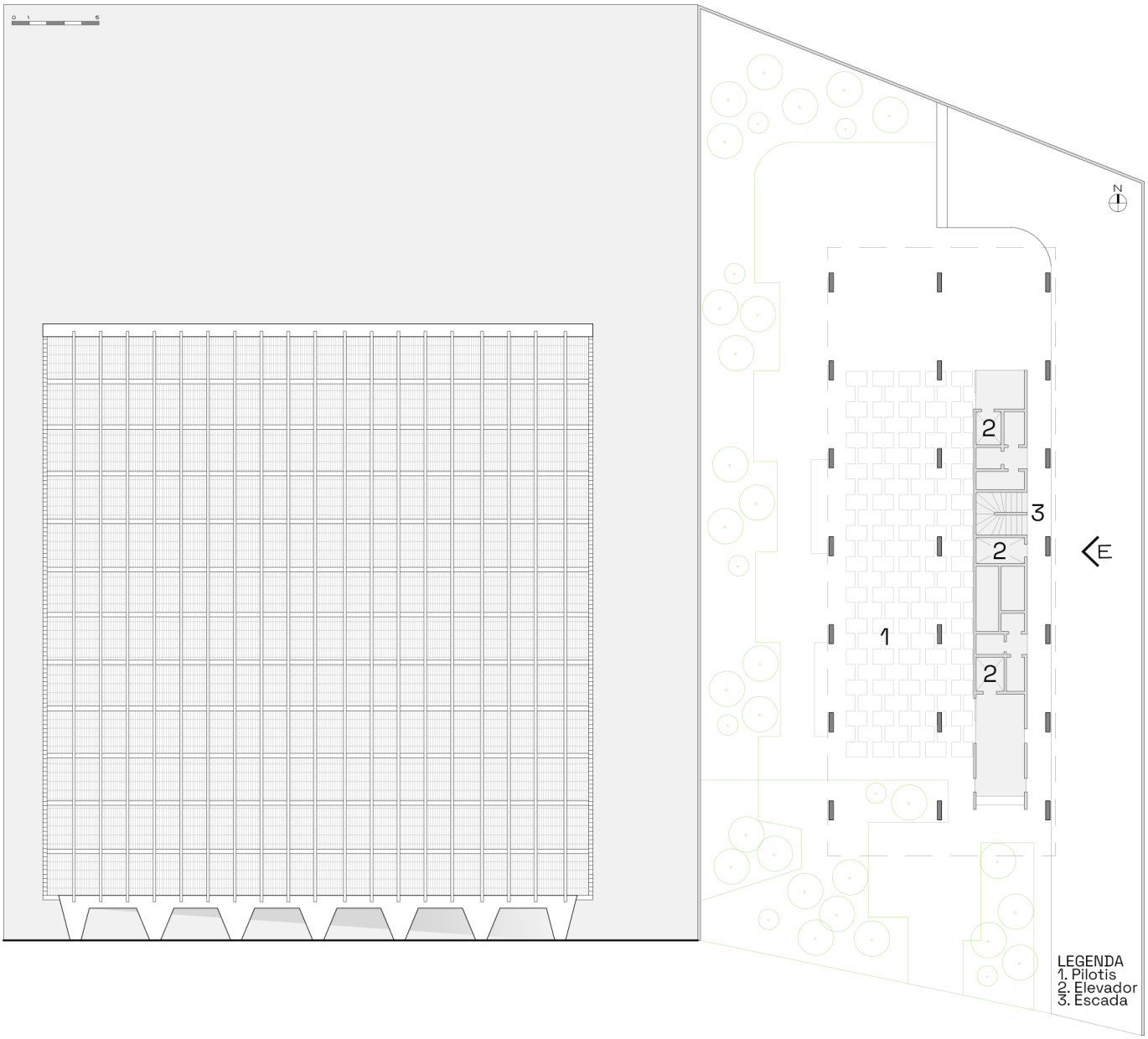
75	Edifício Solar ⓘ	Ulpiano Nunes Muniz	Belo Horizonte/MG	1957	PILOTIS AÉREO (24)



76	Edifício Guaimbê	Paulo Mendes da Rocha	São Paulo/SP	1962	PILOTIS AÉREO (25)



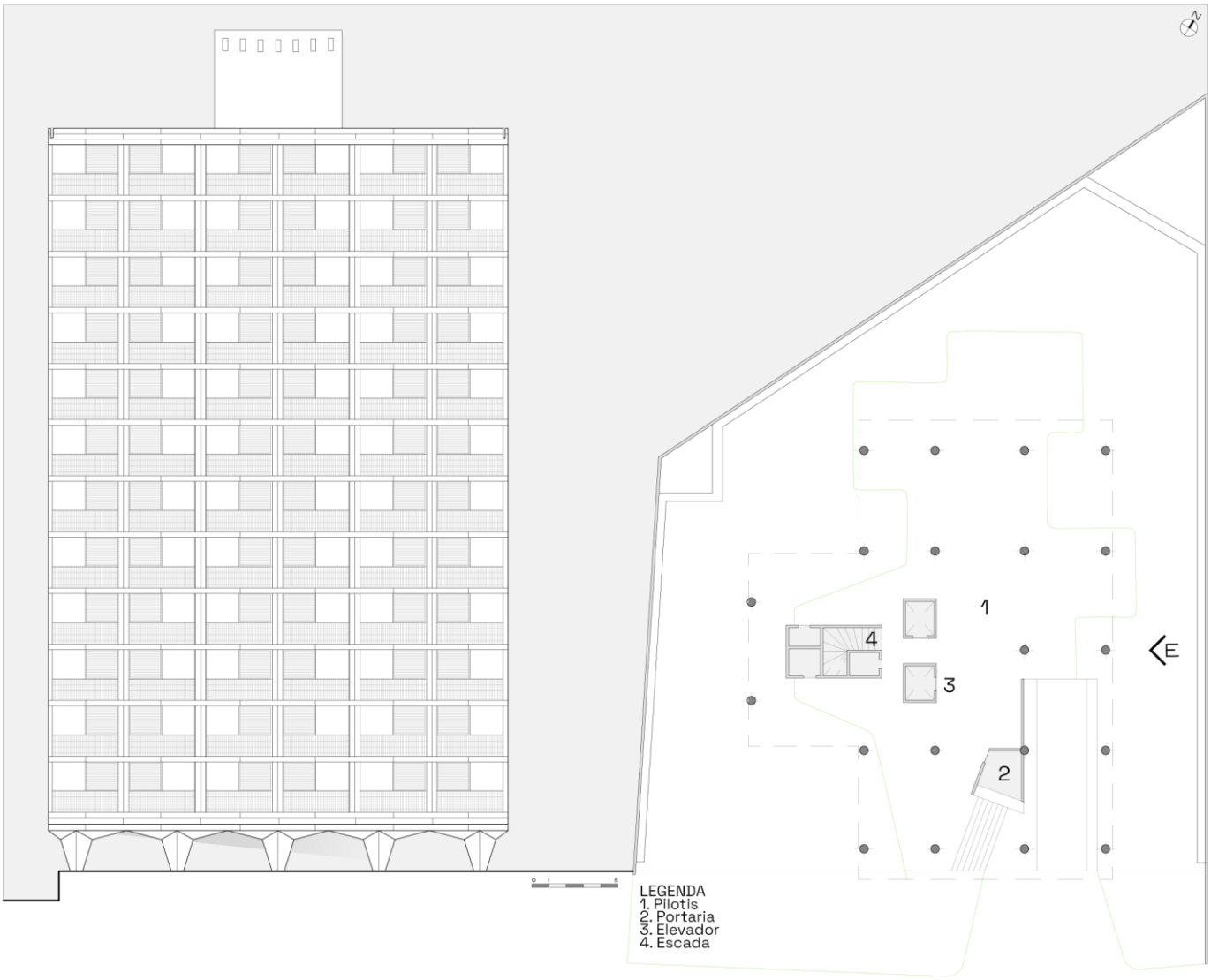
77	Edifício Gravatá	Rino Levi	São Paulo/SP	1964	PILOTIS AÉREO (26)



78	Edifício Normandie ⓝ	Roberto Félix Veronese	Florianópolis/SC	1964	PILOTIS AÉREO (27)

Nenhum desenho arquitetônico foi localizado.

79	Edifício Araucária	Rino Levi	São Paulo/SP	1965	PILOTIS AÉREO (28)



80	Conjunto CECAP Guarulhos	Vilanova Artigas	Guarulhos/SP	1967	PILOTIS PRAÇA (6)